

JADD SANTANA LIMA

O USO DIDÁTICO DA FÁBULA



ARARAQUARA – S.P.
2023

JADD SANTANA LIMA

O USO DIDÁTICO DA FÁBULA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Celeste Consolin Dezotti

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – S.P.
2023

L732u Lima, Jadd Santana
O uso didático da fábula / Jadd Santana Lima. -- Araraquara,
2023
222 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Maria Celeste Consolin Dezotti

1. fábula. 2. didático. 3. esópica. 4. prólogo. 5. fabulistas. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da
Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras,
Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Impacto esperado desta pesquisa na sociedade

Esperamos que esta dissertação possa contribuir com a comunidade científica ao sistematizar os usos mais relevantes do gênero fábula com fins didáticos desde a instituição desse gênero até os nossos dias. Dessa maneira, as novas informações sobre o gênero e seu contexto de produção, descobertas por meio do estudo sobre o viés de uma das finalidades da fábula, poderão servir como alavancas para novas pesquisas e aprofundamento do tema tanto na área de Letras quanto na de Educação. Soma-se a isso a análise e valorização de um conjunto de pesquisas brasileiras de professores-pesquisadores sobre o trabalho com o gênero em de sala de aula.

Como impacto social, desejamos que os resultados desta pesquisa possam colaborar para a continuação da propagação e popularização do gênero fábula no âmbito do ensino, de modo a auxiliar na reflexão sobre o uso do gênero em sala de aula, contribuindo assim com uma prática de ensino-aprendizagem cada vez mais consciente sobre as fábulas. Além disso, este estudo pode proporcionar uma maior visibilidade a alguns fabulistas e seus respectivos textos não tão populares dentre o cânone literário.

JADD SANTANA LIMA

O USO DIDÁTICO DA FÁBULA

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários

Linha de pesquisa:
Teorias e Crítica da Narrativa
Orientadora:
Profª. Drª. Maria Celeste Consolin Dezotti
Bolsa: CNPq

Data da defesa: 30 / 05 / 2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Professora Drª Maria Celeste Consolin Dezotti
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Membro Titular: Professora Drª Eliane Quinelato
Must University - Miami/Flórida.

Membro Titular: Professor Dr Márcio Natalino Thamos
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que contribuem para a existência, propagação, estudo, ensino das fábulas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da Vida, que infundiste em meu coração o desejo de conhecer a Verdade cada vez mais e, assim, conhecê-Lo, amá-Lo e segui-Lo por meio da busca por conhecimento e pela realização de Sonhos, os quais colocaste em meu coração, como a realização deste Mestrado na Unesp/Araraquara.

À Nossa Senhora, que como verdadeira pedagoga me estendeu sua mão e percorreu todo este caminho comigo, instruindo-me e me livrando de todo o mal a cada passo, sem permitir que eu me afastasse de seu filho Jesus.

À minha família, que me desafiou a estudar nas circunstâncias mais difíceis na vida e por sempre terem me dito que o estudo era o bem mais precioso, o qual ninguém poderia tirar de mim.

À minha orientadora professora Dr^a Maria Celeste Consolin Dezotti por toda sua dedicação à pesquisa, ao ensino e à transmissão de conhecimento, por ter desbravado o caminho das fábulas permitindo que muitos pesquisadores, professores e alunos pudessem ter acesso a esse universo maravilhoso. Por ter espalhado sementes de humildade, empatia, respeito, responsabilidade nos Estudos Clássicos de modo a permitir que frondosas árvores nascessem nos terrenos dos cursos de Letras de nosso país, gerando como frutos profissionais inspiradores e apaixonados pelo que fazem. Muito obrigada, em especial, por todo carinho e acolhida desde o nosso primeiro contato, por ter acreditado em mim e confiado que eu conseguiria chegar até aqui. Por toda disposição e prontidão durante o processo de orientação não apenas deste trabalho, mas de toda caminhada no Mestrado. Por ter sido um porto seguro ao longo desta pesquisa, cujos desafios foram enfrentados com prudência e discernimento. A palavra gratidão tem seu sentido alargado ao ser associado a ti de modo a não caber nestas páginas.

Ao professor Dr. Luiz Carlos André Mangia Silva por ser um dos frutos da árvore frondosa que alimenta o gosto pelo saber e nutre com esperança novos acadêmicos na certeza que é possível ser um bom profissional, competente, inspirador e apaixonado pelo que faz, de modo a conciliar tudo isso com leveza, tornando a vida mais bela. Em particular, agradeço-o por ter me apresentado o apaixonante caminho das Letras Clássicas, pela amizade e incentivo para que eu não desistisse das minhas convicções e preferências, por não ter poupado esforços para me instruir e orientar durante o período da graduação na Universidade Estadual de Maringá até que eu conseguisse chegar à Pós-Graduação na Unesp/Araraquara.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de Mestrado, processo nº 130822/2021-3, a qual custeou meus gastos financeiros de modo a assegurar minha permanência e acesso à universidade e minha dedicação exclusiva a essa pesquisa durante o período de vigência do benefício.

Ao professor Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira por ter visto algo além na minha proposta de projeto. Muito obrigada pela sua insistência que resultou no formato que esta pesquisa tomou. Agradeço também pelas aulas na graduação que respeitaram

minha particularidade como aluna e me permitiram adentrar no mundo da Antiguidade Clássica.

À professora Dr^a Eliane Quinelato, cujos trabalhos sobre a figuratividade nas fábulas tanto me ajudaram a compreender o universo imagético deste gênero. Muito obrigada por sua dedicação acadêmica e profissional, em especial, por abrilhantar este trabalho com seus comentários e orientações e por ter aceitado o convite para compor a banca avaliadora.

Ao professor Dr. Márcio Natalino Thamos por todo conhecimento transmitido durante as aulas de graduação e pós-graduação na Unesp/Araraquara, por mostrar a beleza da Literatura Latina e seu verdadeiro valor e importância na constituição do ser humano. Muito obrigada pelas conversas, sugestões e por ter aceito o convite para compor a banca avaliadora.

À professora Dr^a Cássia Regina Coutinho Sossolote, cuja caminhada acadêmica eu já ouvia falar com louvor desde a minha graduação. Obrigada por desenvolver pesquisas no âmbito do ensino e das fábulas, em especial, por ter aceitado o convite para compor a banca avaliadora e por enriquecer este trabalho com seus comentários e recomendações durante o exame de qualificação.

Ao professor Dr. Luiz Gonzaga Marchezan por todo aprendizado durante as aulas da disciplina de pós-graduação “Procedimentos narrativos e discursivos do conto” e pelos comentários e direcionamentos durante o exame de qualificação.

À professora Dr^a Elizabete Sanches Rocha pela ministração da disciplina de pós-graduação “Teatro e Dramaturgia: faces e interfaces” e por tornar seus alunos atores na construção do conhecimento com respeito, dignidade e valorização à vida.

À professora Dr^a Karin Volobuef por ensinar com amor a disciplina de pós-graduação “Ficção Científica: a literatura de ideias”, muito obrigada por ter desconstruído preconceitos e ter construído o mais belo que a literatura pode expressar.

A todos meus professores que transmitiram seus conhecimentos e contribuíram para a minha formação. Por sua dedicação ao ensino e à formação de seres humanos melhores. De modo especial, àquelas pessoas que com sua simplicidade e sabedoria foram verdadeiras mestras, independente do grau de instrução ou tipo de contato, influenciaram-me direta ou indiretamente em minha trajetória de modo que eu me tornasse uma pessoa cada vez mais humana e solidária.

Aos meus colegas de graduação e pós-graduação pela companhia, discussões em aula, troca de informações e compartilhamentos de ideias e conhecimentos.

Aos funcionários da Biblioteca da FCLAr, cuja dedicação, profissionalismo e amor tornam a biblioteca do *campus* da Unesp/Araraquara um lugar acolhedor, um ambiente agradável para estudar e um grande formador de memórias prazerosas. Muito obrigada por incentivarem os alunos a estudar cada vez mais, por promoverem o gosto pela busca das diferentes formas de conhecimento. Por não pouparem esforços para ajudar em nossas pesquisas, familiarização com o *campus* da FCLAr e com a cidade de Araraquara.

Aos demais prestadores de serviços do *campus* da Unesp/Araraquara, em especial, aos funcionários das equipes de limpeza, cuja educação e zelo colaboram diariamente na manutenção do campus proporcionando-nos um ambiente limpo e agradável para estudar e aos funcionários do Restaurante Universitário, cujo carinho e empatia nutrem os futuros profissionais formados por esta instituição de modo a nos inspirar a não permitir que as adversidades da vida nos impeça de oferecer um trabalho de qualidade.

Ao Luciano Cássio Ramos Rais, Lírio de São José que ganhei durante este período, o qual se tornou companheiro de trajetória, cujos sonhos compartilhamos.

Ao querido padre Paulo Felipe dos Santos, padre que transmite à beleza da poesia por meio de seu sorriso, por ter enxergado a conclusão desta etapa muito antes que eu. Muito obrigada pela sua amizade, conselhos, orações e apoio.

A minha psicóloga Silvia Helena Altoé Brandão por sua generosidade e profissionalismo. Por ter cuidado da minha saúde mental e me preparado para os desafios desta fase. Por ter sido a primeira pessoa a verdadeiramente vibrar pela minha aprovação no processo seletivo do Mestrado.

A todos que acreditaram no meu potencial e confiaram no meu trabalho a ponto de me perguntarem se eu já tinha concluído minha pós-graduação *stricto sensu* antes mesmo de eu ter ingressado.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente com este trabalho e fase que vivi, meu muito obrigada!

“[...] Sei que há um lugar pra mim
Sei que há um rio pra atravessar
Nos campos que não têm fim
Há sonhos melhores pra sonhar [...].”

Trecho da música “Estrangeiro”
(ROSSI; FARO, 2020)

RESUMO

A fábula é um gênero discursivo, cujas personagens desempenham ações alegóricas. Ela é formada por três discursos: o narrativo, o moralizante e o metalinguístico. O discurso narrativo conta por meio de imagens uma história figurativizada. Já o moralizante apresenta uma lição de moral e o discurso metalinguístico tem as funções de unir os discursos anteriores e expressar a força ilocutória do gênero. Este tipo de narrativa é oriundo da tradição oral, estando presente ao longo do tempo em diferentes culturas. Um aspecto comum entre fábulas de diferentes épocas e sociedades é o seu uso com propósito didático. Sendo assim, esta pesquisa tem o objetivo de verificar como as fábulas eram utilizadas na educação desde as sociedades antigas até o cenário brasileiro atual. Desta forma, apresentamos uma visão geral sobre o gênero, suas características e seu uso didático na Antiguidade Clássica, na Idade Média, no Renascimento e no Brasil Colônia até os nossos dias. A fim de investigar o que alguns fabulistas afirmam sobre as fábulas, analisamos alguns prólogos de coleções fabulísticas. O aporte teórico é baseado nos estudos de Adrados (1979, 1985), Dezotti (1999, 2017, 2018, 2020), Esteban (1994), Fisher (1987), Lima (1984), Marrou (1969), Nunes (1979), Provenzo Jr. (1976) entre outros. Também se incorpora à pesquisa o levantamento e comentário das dissertações do Mestrado Profissionalizante, disponibilizadas na plataforma Sucupira, sobre o trabalho com fábulas em sala de aula no Brasil. Dentre os resultados obtidos destacam-se a contribuição da finalidade didática para a propagação e formação do gênero, a importância do trabalho com fábulas no ensino e a utilização de textos de diferentes fabulistas em cenário nacional.

Palavras – chave: fábula; didático; esópica; prólogo; fabulistas.

ABSTRACT

The fable is a discursive genre, whose characters perform allegorical actions. It is formed by three discourses: the narrative, the moralizing and the metalinguistic. The narrative discourse tells a figurative story through images. The moralizer, on the other hand, presents a moral lesson and the metalinguistic discourse has the functions of uniting the previous discourses and expressing the illocutionary force of the genre. This type of narrative comes from the oral tradition, being present over time in different cultures. A common aspect among fables from different times and societies is their use for didactic purposes. Therefore, this research aims to verify how fables were used in education from ancient societies to the current Brazilian scenario. In this way, we present an overview of the genre, its characteristics and its didactic use in Classical Antiquity, in the Middle Ages, in the Renaissance and in Colonial Brazil until the present day. In order to investigate what some fabulists say about fables, we analyzed some prologues of fabulistic collections. The theoretical contribution is based on studies by Adrados (1979, 1985), Dezotti (1999, 2017, 2018, 2020), Esteban (1994), Fisher (1987), Lima (1984), Marrou (1969), Nunes (1979), Provenzo Jr. (1976) among others. The survey and commentary on the Professional Master's dissertations, available on the Sucupira platform, on working with fables in the Brazilian classroom, are also incorporated into the research. Among the results obtained, the contribution of the didactic purpose to the propagation and formation of the genre, the importance of working with fables in teaching and the use of texts from different fabulists in the national scenario stand out.

Keywords: fable; didactic; aesopic; prologue; fabulists.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ocorrências dos fabulistas nas coleções de livros didáticos do PNLD 2002-2008	112
Quadro 2 – Quantidade de coleções do PNLD 2002-2008 com textos de Monteiro Lobato e quantidade de fábulas desse autor	112
Quadro 3 – Títulos de algumas das fábulas produzidas pelos alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas à distância da Universidade Estadual do Ceará/ Universidade Aberta do Brasil (UECE/UAB)	146
Quadro 4 – Título das dissertações do Mestrado Profissional	149
Quadro 5 – Relação das fábulas e fabulistas utilizados nos produtos pedagógicos das dissertações do Mestrado Profissional	218

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Capa do livro “Fábulas” (1910) de João Kopke.	80
Figura 2	– Primeira página do capítulo XXVI do livro “O Latim do Ginásio para a Terceira Série”	93
Figura 3	– Exemplo de página em que aparece uma fábula de Fedro como exercício de tradução	95
Figura 4	– Página com as atividades sobre a fábula “De uitiiis hominum”	98
Figura 5	– Páginas da seção “Navegar na Leitura”	101
Figura 6	– Segunda página da Seção “Ler para compreender”	102
Figura 7	– Seção “Aprender sempre”	105
Figura 8	– Seção “Navegar na leitura”	107
Figura 9	– Primeira página da seção “Aprender sempre”	110
Figura 10	– Imagem de algumas abas do aplicativo “Histórias Infantis para Ler”	122
Figura 11	– Tela de celular mostrando a fábula “O Leão e o Rato”	123
Figura 12	– Tela de celular mostrando a fábula “A Raposa e o Corvo”	124
Figura 13	– Tela de celular mostrando a fábula “O Cervo e o Seu Reflexo”	125
Figura 14	– Tela de celular mostrando a fábula “O Elefante e o Coelho”	125
Figura 15	– Tela com as opções de fábulas do aplicativo “No mundo das fábulas”	126
Figura 16	– Tela com o final da fábula “A Formiga e a Pomba”	127
Figura 17	– Tela mostrando a aba Atividades com as opções de jogos	128
Figura 18	– Tela com o jogo “Letras Baralhadas” da fábula “A Cigarra e a Formiga”	129
Figura 19	– Tela com o jogo “Questionário” da fábula “A Cigarra e a Formiga”	130
Figura 20	– Tela com o “Jogo de Correspondência” da fábula “A Formiga e a Pomba”	130
Figura 21	– Tela com o jogo “Encaixar as Letras” da fábula “A Cigarra e a Formiga”	131
Figura 22	– Tela com o jogo “Descobre as diferenças” da fábula “A Cigarra e a Formiga”	131
Figura 23	– Tela com o jogo “Formar palavras” da fábula “A Cigarra e a Formiga”	132
Figura 24	– Tela com o “Jogo das Formas” da fábula “A Cigarra e a Formiga”	132
Figura 25	– Tela com o jogo “Quantos são?” da fábula “A Tartaruga e os Patos”	133

Figura 26 – Tela inicial do aplicativo “Histórias Infantis” com as opções de histórias	134
Figura 27 – Tela com a imagem do vídeo e exercício da fábula “A Formiga e o Gafanhoto”	135
Figura 28 – Página Inicial do site “Fábulas e Contos”	137
Figura 29 – Página do site “Fábulas e Contos” mostrando a seção “Fábulas”	138
Figura 30 – Página Inicial do blog “Era uma vez...”	140
Figura 31 – Página Inicial do blog “Fábulas Sonhadas”	141
Figura 32 – Menu “Fábulas” com o submenu “Panchatantra” selecionado	142
Figura 33 – Relação de todos os capítulos do livro “O Latim do Ginásio para a Terceira Série” com o título das fábulas de Fedro abordadas e os respectivos tópicos gramaticais	216
Figura 34 – Continuação da relação de todos os capítulos do livro “O Latim do Ginásio para a Terceira Série” com o título das fábulas de Fedro abordadas e os respectivos tópicos gramaticais	216
Figura 35 – Continuação da relação de todos os capítulos do livro “O Latim do Ginásio para a Terceira Série” com o título das fábulas de Fedro abordadas e os respectivos tópicos gramaticais	217

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	FÁBULA: UM GÊNERO DIDÁTICO POR ESSÊNCIA	21
3	FÁBULA: UM GÊNERO COM USO DIDÁTICO	41
3.1	Na Antiguidade Greco-Romana	42
3.2	Na Antiguidade Indiana	53
3.3	Na Idade Média e Renascimento	57
4	A FÁBULA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	70
4.1	Dos primórdios até a BNCC	71
4.2	A fábula nos livros didáticos brasileiros	91
4.3	A fábula na era digital	115
4.3.1	<i>Podcasts</i>	116
4.3.2	<i>Aplicativos e jogos para smartphones</i>	121
4.3.3	<i>Sites e blogs</i>	136
4.4	A fábula no Ensino Superior	142
4.4.1	A fábula em minicurso de evento científico	144
4.4.2	A fábula nas Ciências Biológicas	145
4.4.3	A fábula no processo seletivo de vestibular	147
4.4.4	Pesquisas do Mestrado Profissional: propostas de ações interventivas com fábulas	148
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
	REFERÊNCIAS	162
	ANEXO A	175
	ANEXO B	216
	ANEXO C	218

1 INTRODUÇÃO

As fábulas são narrativas oriundas da tradição oral, presentes em diferentes culturas. Elas são popularmente conhecidas por seu caráter breve, por apresentar animais como personagens e, principalmente, por transmitir uma lição de moral. Embora essas sejam as características mais lembradas sobre esses textos, há outros aspectos que também são importantes na sua constituição enquanto gênero.

O gênero fábula apresenta um enunciador que narra uma situação, cujos argumentos são construídos por imagens alegorizadas a fim de ilustrar um ensinamento moralizante de modo a persuadir seu enunciatário. Sendo assim, há uma finalidade didática implícita nesta situação discursiva. Tal propósito manifesta-se tanto no fato de transmitir uma lição de moral, quanto na forma e conteúdo deste discurso.

Provenzo Jr (1976) comenta que, geralmente, o estilo didático da fábula ensina por meio das ações de suas personagens alegorizadas sobre algum comportamento que deve ser imitado ou evitado pelo seu destinatário. Além disso, a temática das fábulas envolve aspectos relacionados aos conflitos da vida, cujas imagens narrativas revelam o resultado de determinados comportamentos e ações.

Além do ensinamento de aspectos da fábula enquanto texto narrativo, elas “ensinam a reflectir, a resolver contradições, enigmas, conflitos e dilemas, ensinam a ponderação, o esforço, o trabalho, a autonomia, a perspicácia e as virtudes intelectuais.” (PEREIRA, 2003, p. 29). Em outras palavras, elas nos colocam em contato com situações, verdades e conflitos da vida humana que, às vezes, buscamos evitar, mas por meio da sua narrativa alegórica somos persuadidos a refletir ou adotarmos determinadas posturas.

Desse modo, este trabalho tem como principal objetivo investigar o uso da fábula com fim didático desde seus primeiros registros enquanto gênero até os nossos dias. Para alcançarmos este propósito, traçamos alguns objetivos específicos como observar as principais características que compõem as fábulas e como elas podem contribuir para instituição do gênero e da finalidade didática; analisar as informações fornecidas pelos fabulistas nos prólogos de suas coletâneas a fim de sabermos mais sobre o gênero fábula e verificar, sob a perspectiva histórica, as possíveis relações entre educação e o gênero fábula nas tradições da Antiguidade Greco-Romana, Indiana, no período da Idade Média e Renascimento e no Brasil.

Justificamos este trabalho devido ao fato de que as fábulas estão presentes em materiais didáticos desde a Antiguidade Clássica até o Brasil contemporâneo. Dessa forma, percebemos a necessidade de investigar o que faz a fábula ser tão utilizada ao longo dos séculos para fins didáticos. Por isso, buscamos associar os estudos teóricos sobre o gênero com a sua aplicabilidade educacional em diferentes cenários, para esboçarmos um panorama de seu uso com essa finalidade e compreendermos as possíveis relações entre educação e fábula.

Além disso, a fábula é um dos gêneros didáticos recomendados por documentos oficiais brasileiros, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular, doravante), para ser usada em salas de aula. Assim, se faz necessário verificar como as fábulas estão sendo trabalhadas nos processos de ensino-aprendizagem e como este trabalho está relacionado com os estudos sobre o gênero. Desse modo, pretendemos contribuir com os resultados desta pesquisa para uma prática cada vez mais consciente sobre o uso do gênero em sala de aula.

Como procedimento metodológico, nossa pesquisa é qualitativa, pois visa analisar de modo indutivo o uso da fábula para fins didáticos, de modo a descrever a relação entre a constituição deste tipo de narrativa enquanto gênero e seu propósito didático. Para isso, realizamos um levantamento bibliográfico com informações sobre educação, materiais didáticos, gênero fábula, suas características e origem, fabulistas etc. Optamos por esse procedimento técnico, pois ele nos permite o acesso às informações de um longo período e de um vasto espaço, como é o caso do estudo da fábula em diferentes culturas desde aproximadamente o século VI a.C. até o século XXI d.C..

Além disso, foi necessário utilizarmos o método histórico que, segundo Lakatos e Marconi (1994, p. 107):

[...] consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram a sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.

Consideramos este método mais adequado para compreendermos a relação entre a finalidade didática e a constituição do gênero fábula ao longo dos séculos. Vale ressaltar que, em relação a definição da fábula enquanto gênero, adotamos a abordagem discursiva enunciativa, pois resgata o significado etimológico da palavra

“fábula”, cuja acepção latina é o verbo *fari*, ou seja, falar. Desse modo, a fábula é um discurso por meio de um ato de fala. Além disso, essa concepção teórica considera todas as partes da situação comunicativa, dentre elas a finalidade do gênero, objeto de investigação desta pesquisa. Dessa maneira, nos baseamos principalmente nos estudos de Lima (1984, 2018) e Dezotti (1999) sobre a forma da fábula, pois consideramos a fábula como um gênero discursivo formado por três subunidades que se articulam de modo a constituir este tipo de texto como um gênero.

Antes de estudarmos o uso didático da fábula, faz-se necessário conhecermos este tipo de texto para, então, compreendermos o porquê ele tem a finalidade didática. Desse modo, no capítulo “Fábula: um gênero didático por essência”, abordamos sob o viés enunciativo o gênero fábula e suas características que evidenciam seu caráter didático. Também analisamos os prólogos presentes nas Coleções de Fábulas de Fedro (I d.C.) e Bábrio (I d.C.) a fim de coletar informações sobre este tipo de narrativa segundo seus fabulistas. A escolha desses textos justifica-se por serem uma interessante fonte de dados a respeito do gênero, do contexto de produção e recepção etc., ou seja, apresentam informações sobre o contexto discursivo de circulação das fábulas. Além disso, esses fabulistas são de grande importância na história da consolidação da fábula como gênero autônomo. Com isso, conseguimos verificar como esse gênero didático por essência começou a adquirir uso didático.

Com a propagação da fábula por meio de sua finalidade didática, relatamos, no capítulo seguinte denominado “Fábula: um gênero com uso didático”, a relação entre a difusão e propagação do gênero em análise e seu uso com fins didáticos. Para isso, fizemos um percurso histórico pontuando alguns exemplos do uso de fábulas em âmbito educacional ao longo dos anos. Na Antiguidade Greco-Romana, veremos que a fábula fazia parte de materiais didáticos desde a escola primária até as escolas de retórica. Por ser utilizada para fins didáticos, houve um grande interesse em estudar e produzir este gênero, como nos mostram as produções dos autores dos *progymnasmata*.

Provenzo Jr (1976) afirma que as fábulas refletem os valores ensinados por uma determinada cultura. Elas fazem parte da tradição literária mundial, estão inseridas em diferentes culturas e podem ter sido utilizadas na educação de diferentes povos, tanto na tradição greco-romana quanto em regiões da Índia, África Central e Setentrional, Pérsia, Síria, Indonésia, China, Coréia etc.

Ainda neste capítulo veremos que mesmo com algumas diferenças, a fábula na Antiguidade Indiana também desempenhou função didática, de modo a pertencer ao gênero *nitiçastra* como veremos na seção “2.2 Na Antiguidade Indiana”. Já na Idade Média e, posteriormente, no Renascimento a fábula continuou fazendo parte do rol de textos que compunham os materiais didáticos; é principalmente nesse período que perceberemos que essa finalidade da fábula contribuiu para sua propagação e perpetuação do gênero. Desse modo, é válido observarmos o que os fabulistas Aviano e La Fontaine disseram sobre o gênero em seus prólogos. Aviano porque suas fábulas foram muito utilizadas nos materiais didáticos da Idade Média e La Fontaine por seu resgate das tradições clássica e indiana das fábulas e suas contribuições para a renovação do gênero. Além de sua importância para a Literatura Infanto-juvenil universal e, conseqüentemente, o uso de seus textos em materiais didáticos.

O capítulo “A fábula na educação brasileira” narra a relação entre a fábula e ensino desde o início da educação no Brasil até os nossos dias, em que o gênero é recomendado em documentos oficiais da educação brasileira como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Neste capítulo, veremos como a fábula é utilizada atualmente nos processos de ensino-aprendizagem tanto no nível básico quanto no Ensino Superior. Para isso, ilustramos com alguns exemplos de como as fábulas são abordadas nos atuais livros didáticos brasileiros de diferentes níveis de ensino, nas ferramentas digitais como *podcasts*, aplicativos de celular, *sites*, *blogs*, os quais podem ser usados como fontes de pesquisas ou recursos para o ensino em sala de aula. Por fim, comentamos algumas pesquisas-ação envolvendo fábulas desenvolvidas por estudantes dos Programas de Pós-Graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras na modalidade Mestrado Profissional, a fim de esboçar um panorama do uso pedagógico da fábula no Brasil no período entre 2017 e 2021.

O uso pedagógico desse gênero ao longo dos anos, de acordo com Provenzo Jr (1976), permite definir algumas experiências relacionadas à infância, como processos de ensino e aprendizagem de leitura, escrita, formação de consciência crítica e aquisição de valores. Desse modo, a última subseção “3.4.4 Pesquisas do Mestrado Profissional: propostas de ações interventivas com fábulas” exemplifica essas experiências relacionadas à infância e até mesmo a adultos em fase de alfabetização. Perceberemos que esses trabalhos de professores-pesquisadores, que desenvolveram sequências didáticas e outras intervenções pedagógicas utilizando

fábulas são importantes, pois retratam dados atuais da relação fábula e ensino, por exemplo, estratégias e metodologias para a abordagem do gênero em sala de aula, a utilização do gênero para o desenvolvimento de habilidades e aprendizagem de outros conteúdos, as fábulas e fabulistas mais adotados neste contexto etc.

2 FÁBULA: UM GÊNERO DIDÁTICO POR ESSÊNCIA

A palavra “fábula” tem origem no verbo latino *fari, fatus*, que significa falar, dizer, exprimir (PORTELLA, 1983). Seu significado etimológico nos indica o que é este tipo de texto, ou seja, a fábula é um discurso.

Sob a perspectiva enunciativa, consideramos a fábula como um ato de fala concretizado por meio de uma narrativa ficcional (DEZOTTI, 2018, p. 24). Para isso, há um enunciador que transmite um ensinamento moral para um enunciatário por meio da enunciação de uma história ficcional.

Desse modo, a fábula enquanto gênero discursivo, segundo Lima (1984), é composta pela articulação de três discursos: o narrativo ou figurativo, o moralizante ou interpretativo e o metalinguístico. A título de exemplo, identificaremos na fábula esópica “A Andorinha e a Gralha” cada um dos discursos.

Uma andorinha competia em beleza com uma gralha, quando esta lhe retrucou, dizendo: “Mas sua beleza floresce na estação da primavera, enquanto meu corpo continua resistente também no inverno!”.

A fábula mostra que *um corpo resistente é melhor que uma bela aparência.* (ESOPO, 2013, p. 14).

O discurso narrativo está escrito com formatação normal, já o discurso moralizante está destacado em itálico e o metalinguístico enfatizado em negrito. O conjunto destas três subunidades discursivas compõe a forma da fábula. O discurso figurativo é a base da narrativa fabulística, sem ele não há fábula. Já o discurso metalinguístico é responsável pela conexão entre a subunidade figurativa e a subunidade temática. E, na subunidade temática, encontramos o ensinamento moralizante.

Elucidaremos o esquema discursivo deste tipo de narrativa devido à importância desse aspecto para a instauração da fábula enquanto gênero. Pois, a presença do discurso moralizante pode ser considerada um critério para distinção da fábula de outros gêneros.

O discurso narrativo é a parte que contém a história em si. Ele é construído por meio de figuras, por isso, também é denominado como figurativo.

O discurso figurativo na fábula é composto por uma narração mínima com uma intriga elementar que se resume em uma única ação que diferencia o estado inicial do final (VIEIRA, 2003), ou seja, há um núcleo dramático motivado pelo jogo das paixões

humanas. Nas palavras de Marchezan (2003, p. 232) “A narrativa da fábula consiste na proposta de um argumento, ao lado de uma conclusão.”, ou seja, na fábula de Fedro (I, 26) “A Raposa e a Cegonha” temos o argumento construído pelo exemplo da raposa não ter sido uma boa anfitriã e ter deixado a cegonha passar fome; logo, quando a cegonha retribui a cortesia do jantar, faz que a raposa não consiga alcançar o alimento servido, ou seja, a cegonha não retribuiu apenas o jantar, mas a atitude maldosa da raposa. A conclusão da fábula é expressa pela voz da cegonha “Cada um deve sofrer, com resignação, aquilo de que deu o exemplo.” (FEDRO, I, 26).

Para Duarte (2003), o discurso narrativo da fábula tem a finalidade de mediar as transformações históricas do contrato firmado no discurso, isto é, ele expressa realidades sociais, verdades presentes nas diversas relações da sociedade por meio de sua narrativa fictícia e alegórica. O discurso narrativo seria o responsável por preparar o destinatário para receber passivamente a mensagem do enunciador por meio do discurso moralizante.

O discurso narrativo é o discurso principal da fábula. Ele é autossuficiente, ou seja, completo. É o único discurso que não pode faltar ou estar implícito para que o texto seja considerado como uma fábula. Lima (1984) afirma que tanto o texto moralizante quanto o metalinguístico podem não estar materializados na fábula, mas o discurso narrativo é o elemento indispensável para a realização desse tipo de narrativa.

Por sua vez, o discurso moralizante, independente de vir antes ou depois da narrativa, é importante para a constituição da fábula como gênero, pois recupera o esquema discursivo da narrativa, ou seja, ele retoma virtualmente o percurso figurativo do discurso narrativo, atualizando-o de modo a compor o tema da fábula.

Na fábula esópica “A Andorinha e a Gralha” (2013), o discurso moralizante apresenta o tema de um corpo resistente ser mais útil do que a boa aparência, ou seja, a resistência foi figurativizada pela gralha e a bela aparência, pela imagem da andorinha. Neste exemplo, a lição de moral recuperou o esquema discursivo da narrativa. Isso aconteceu por meio do discurso metalinguístico que revelou a força ilocutória da fábula, a qual é “mostrar” por meio da narrativa figurativizada da andorinha e da gralha o tema da superioridade da utilidade em relação à beleza.

Como vimos, é o discurso moralizante que fornece ao enunciatário a chave de leitura sobre o discurso figurativo de acordo com a intenção de seu enunciador. Desse

modo, o enunciador ao fixar um sentido indica qual é a verdade subliminar expressa na parte narrativa evitando, assim, desvios interpretativos.

Outra função do discurso moralizante é marcar o texto fabulístico no tempo e no espaço, pois é formulado de acordo com os aspectos culturais de uma determinada sociedade, refletindo seus valores, comportamentos etc.

Dezotti (1999) afirma que de acordo com a posição que o discurso moralizante ocupa em relação ao discurso narrativo, chamado de *mythos* pelos retores antigos, pode ser denominado como *promítio*, quando o discurso moralizante antecede o discurso narrativo ou *epimítio*, se o discurso interpretativo vier depois do narrativo.

Além disso, o discurso moralizante pode estar implícito ou explícito. Para Dezotti, M. (2018), a presença ou ausência desse discurso reflete a escolha autoral de seu enunciador, que pode considerar o discurso narrativo com recursos suficientes para sua interpretação ou que seu enunciatário possui competência interpretativa que dispense a presença obrigatória de um caminho inicial de interpretação do discurso figurativo por meio da moral ou, então, deixar ao enunciatário a tarefa de interpretar livremente a narrativa segundo as possibilidades do texto.

Vale ressaltar que a ausência do promítio ou epimítio reforça a necessidade de interpretação por parte do leitor. A respeito dos epimítios, Morgan (2007) afirma que nem todas as fábulas apresentam esta estrutura seja porque nunca a possuíram ou porque no processo de transmissão foi excluída.

Assim como o discurso moralizante, o metalinguístico, segundo Dezotti (1999), é importante para a concretização das propriedades discursivas do gênero. Pois, é o discurso metalinguístico que aponta a estrutura enunciativa da fábula.

Esse discurso é responsável, segundo Lima (1984), por evidenciar a presença da instância da enunciação, ou seja, é a marca linguística da presença do ato de fala do narrador/fabulista no texto. Isso geralmente é introduzido por meio de uma fórmula metalinguística, que informa a intencionalidade de seu enunciador. Além disso, ele expressa a força ilocutória da ação linguística, a qual pode ser *mostrar, ensinar, advertir, aconselhar* etc.

No caso da fábula esópica “A Andorinha e a Gralha” (2013), esse discurso indica que a força ilocutória é mostrar o que é melhor, nesse caso a resistência. Em lições de moral que adotam a estrutura “Para homem ambicioso a fábula é oportuna”¹,

¹ Cf. ANEXO A – “A Cadela que carregava carne” (ESOPO, 2013).

o leitor é orientado sobre o tipo de pessoa que deve ouvir esta fábula, ou seja, no acordo discursivo fica evidenciado quem é seu destinatário por meio da conjunção “para”. Neste exemplo, o destinatário da fábula esópica “A Cadela que carregava carne” (2013) são os indivíduos ambiciosos.

Nas fábulas anônimas gregas, de acordo com Dezotti (1999), o fabulista utilizava-se de uma construção formular de fácil memorização. A mais comum era “A fábula mostra que”. Às vezes, esta estrutura “a fábula mostra” ficava implícita, sendo o discurso moralizante introduzido apenas pela conjunção integrante “que”, pois o locutor supunha que seu destinatário era competente o suficiente para deduzir a parte omitida².

Lima (1984) comenta que esse discurso pode ser expresso apenas pela palavra “moral” em destaque e seguida por dois pontos, como na fábula “O Lobo e o Cordeiro”³ (1973) de Millôr Fernandes. Observa também que muitas vezes o discurso metalinguístico pode não estar concretizado linguisticamente e, nesses casos, ele é constituído pela mudança de entonação da fala que se opera na reprodução oral da fábula, quando se passa da narrativa para a moralidade. Tal mudança pode ser observada na narração da fábula “#44 – Os Dois Burrinhos” no episódio 44 do *podcast* “Fábula Falada” (2022).

Além do componente da enunciação, outro fator importante para a instauração da fábula são as características de tipificação. As personagens das fábulas são caricaturais, isto é, representam tipos humanos como o vaidoso, o humilde, o orgulhoso, o ganancioso, o sapateiro, a viúva, o artesão entre outros.

Para compreendermos como as personagens corroboram com a construção do discurso da fábula, adotamos a perspectiva enunciativa do discurso. Sob esse viés Lima (1984) considera o critério de actorialização⁴ para agrupar as personagens da fábula. Desse modo, neste gênero discursivo há personagens não-humanos e humanos. As personagens não-humanas atuam apenas no discurso narrativo; em geral, são animais antropomorfizados ou outros seres desempenhando ações humanas. Já as personagens humanas podem atuar no discurso narrativo e são as únicas que atuam no discurso moralizante.

² Cf. ANEXO A – “O Leão e o Onagro” (ESOPO, 2013).

³ Cf. ANEXO A – “O Lobo e o Cordeiro” (FERNANDES, 1973, p. 21).

⁴ De acordo com Fiorin (1996), a actorialização é uma das propriedades discursivas relacionadas à categoria de pessoa. No ato discursivo há um “eu” (ator) que enuncia e designa um “tu” como enunciatário.

As personagens não-humanas geralmente são personificadas, ainda que possam responder por ações não-humanas, tais atos alegorizam ações de seres humanos. A título de exemplo, temos a fábula esópica “O Javali e a Raposa”⁵ (2013). Embora o javali e a raposa sejam personagens antropomorfizadas, o javali continuou afiando as suas presas para estar pronto se fosse preciso se defender de algum caçador, ou seja, suas ações são típicas do próprio animal, afiar as presas, contudo ele é a figurativização de um homem prevenido.

Já as personagens humanas atuam no discurso moralizante dessa fábula, cuja lição de moral é “A fábula ensina que devemos cuidar com antecedência dos preparativos contra os perigos” (ESOPO, 2013, p. 277), ou seja, quem realiza essa ação virtual são os seres humanos, no texto referidos por meio do pronome pessoal oculto “nós”.

Por meio da actorialização, podemos notar que o discurso narrativo apresenta marcas enuncivas⁶ do discurso, por exemplo, personagens que não fazem parte do momento da enunciação da fábula. Já os discursos metalinguístico e moralizante possuem marcas enunciativas. É por meio do mecanismo de embreagem que o enunciador retoma o esquema narrativo atualizando-o. Isso pode ser comprovado na última fábula mencionada, por meio das marcas do discurso enunciativo como o uso da primeira pessoa (“nós”) e o verbo conjugado no tempo da enunciação (“devemos cuidar”). Assim, percebemos que é um ser humano atuando nesta parte da fábula.

Quando as personagens humanas atuam no discurso narrativo, em geral elas sofrem o processo de desumanização, ou seja, sua individualidade desaparece, sendo mencionadas apenas características gerais relacionadas a determinada categoria. Tal processo, segundo Lima (1984), resulta em uma caricatura, um tipo humano indicado pela profissão, título ou cargo. Isso pode ser representado pelo uso de adjetivação, nome próprio pitoresco, apelido ou adjetivo substantivado, como podemos observar na fábula esópica “O Avaro”⁷ (2013), cujas personagens são um servo, seu patrão avarento e uma pessoa que viu o patrão chorando pelo roubo de seu tesouro.

⁵ Cf. ANEXO A – “O Javali e a Raposa” (ESOPO, 2013).

⁶ O discurso enunciativo apresenta marcas linguísticas do momento da enunciação. Há a instauração de um enunciador, eu (actante), produzindo um enunciado aqui (espaço) e agora (tempo). Já no discurso enuncivo, há o apagamento das marcas da enunciação por meio da instauração do enunciado. O elemento actante é o pronome ele, o tempo é não-concomitante ao momento da enunciação e o espaço não tem seu valor determinado pelo espaço do enunciador na enunciação (FIORIN, 2008).

⁷ Cf. ANEXO A – “O Avaro” (ESOPO, 2013).

Nas fábulas, podemos afirmar que o uso das marcas enuncivas e enunciativas do discurso são estratégias retóricas adotadas por um enunciador experiente que se coloca no discurso em posição de uma espécie de conselheiro a fim de transmitir uma mensagem que ensine algo ao seu enunciatário. Desse modo, a fábula tem em sua essência a característica didática. Prova disso é que as fábulas são oriundas da memória cultural; sendo assim, fazem parte do rol de textos difundidos inicialmente por meio da oralidade, geralmente, dos mais velhos aos mais jovens.

Esse caráter didático da fábula fez que esse tipo de narrativa fosse abordado pelo filósofo Aristóteles (séc. IV a.C.) em sua obra *Retórica* (II, 20)⁸. Para Aristóteles, a fábula era uma espécie de prova retórica denominada como *exemplum*, ou seja, ela poderia ser usada como instrumento de persuasão na oratória.

Aristóteles (*Ret.*, II 1394a) explica que as provas retóricas dependem da demonstração, que pode ser feita por meio de *entimemas* ou por meio de *exemplum*. O *entimema* é um silogismo retórico baseado na verossimilhança de suas premissas. Ele é desenvolvido a partir daquilo que é aceitável pelo público, ou seja, ele é de nível público, provável e apresentado.

Assim como o *entimema*, o *exemplum* para Aristóteles (*Ret.*, II, 1393a) é uma prova comum a todos os gêneros (judicial, deliberativo ou epidíctico). Aristóteles considera dois tipos de *exemplum*: o primeiro é aquele que narra fatos anteriores, ou seja, acontecimentos de caráter histórico; já o segundo, é inventado pelo próprio orador, os exemplos inventados podem ser parábolas, como os ditos socráticos, ou fábulas, esópicas ou líbicas.

Aristóteles (*Ret.*, II, 1393b) cita dois exemplos de fábulas que foram utilizadas como prova retórica. A primeira é contada por Estesícoro aos cidadãos de Hímera, cidade da atual região da Sicília, que tinham eleito Fálaris como estrategista⁹ com plenos poderes e queriam dar-lhe uma escolta pessoal. Observe a fábula:

[...] um cavalo tinha um prado só para si, mas chegou um veado e estragou-lhe o pasto; o cavalo, querendo então vingar-se do veado, perguntou a um homem se o podia ajudar a punir o veado. O homem consentiu, com a condição de lhe pôr um freio e o montar armado com dardos. Feito o acordo, o homem montou o cavalo e este, em vez de

⁸ Vale lembrar que Aristóteles divide a retórica em quatro partes: *pisteis* (*inventio*), *taxis* (*dispositio*), *lexis* (*elocutio*) e *hypocrisis* (*actio*). A *inventio* é o estabelecimento das provas, a *dispositio* é a ordem, distribuição dessas provas ao longo do discurso, a *elocutio* é a formalização verbal dos argumentos e a *actio* é a encenação do argumento por meio de um orador a um determinado público.

⁹ O estrategista era um representante eleito pelo povo e responsável pelas questões militares e financeiras.

se vingar, tornou-se escravo do homem. «Assim também vós», disse ele, «acautelai-vos, não vá acontecer que, querendo vingar os vossos inimigos, venhais a sofrer a sorte do cavalo; já tendes o freio ao eleger um estrategista pleno de poderes; se lhe dais uma guarda pessoal e permitis que vos monte, então sereis escravos de Fálaris.» (*Ret.*, II, 1393b).

Nesta fábula vemos que Estesícoro criou uma narrativa alegórica para advertir os cidadãos de Hímera sobre as consequências de munir uma liderança escolhida no ímpeto para se vingar dos inimigos. Aqui a fábula foi utilizada como prova retórica com a finalidade de deixar o discurso mais persuasivo.

O outro exemplo de prova retórica utilizado por Aristóteles é a história que Esopo contou aos habitantes de Samos durante o julgamento de uma pena capital sobre um demagogo¹⁰; observe a narrativa:

[...] uma raposa, ao atravessar um rio, foi arrastada para um precipício e, não podendo de lá sair, aguentou durante muito tempo, além ser atormentada por numerosas carraças agarradas à pele. Um ouriço que andava por ali, ao vê-la, aproximou-se compadecido e perguntou-lhe se queria que lhe tirasse as carraças; mas a raposa não lho permitiu. E como o ouriço lhe perguntasse porquê, ela respondeu: «porque estas já estão fartas de mim e sugam-me pouco sangue; se as tiras, outras virão esfomeadas e sugar-me-ão o sangue que me resta». «Também no vosso caso, homens de Samos», disse Esopo, «este homem não vos prejudicará mais (porque já é rico); mas, se o matais, outros virão, pobres, que vos hão-de roubar e esbanjarão o que vos resta.» (*Ret.*, II, 1393b-1394a).

A construção da prova retórica por meio desta fábula foi realizada por meio de imagens: a raposa figurativiza os cidadãos de Samos, as carraças representam o demagogo e o ouriço é a alegoria daqueles que estão julgando o caso. Esopo utiliza-se dessa narrativa para mostrar a sua audiência as consequências do julgamento se fosse aplicada a pena capital. Em outras palavras, esta fábula foi adotada para persuadir seu destinatário sobre o modo adequado a se proceder na situação em questão.

Aristóteles (*Ret.*, II 1394a) recomenda a utilização de fábulas nos discursos públicos, pois é mais fácil inventar este tipo de narrativa do que achar um fato histórico que sirva de *exemplum* para cada situação discursiva.

Aristóteles foi o primeiro a indicar as características da fábula para os teóricos posteriores defini-la. Nesta época, havia muitas fábulas anônimas circulando na

¹⁰ De acordo com Leite e Dezotti (2019), o demagogo é aquele que conduz o povo, uma espécie de representante popular.

Antiguidade Clássica. Posteriormente, tais textos foram atribuídos a Esopo, escravo grego que viveu por volta do séc. VI a.C. e que foi fundamental na propagação do gênero. Segundo Malta (2017, p. 9):

A “história esópica” era, efetivamente, um breve relato ilustrativo, uma pequena cena dramática a partir da qual se podia tirar alguma lição ou reflexão, sendo em seu contexto original aproveitada dentro de narrativas maiores (históricas ou fictícias) e discursos em geral.

De acordo com esse autor, os compiladores de fábulas e estudiosos atribuíam a Esopo todo tipo de histórias com viés moralizante transmitidas oralmente. Assim, devemos entender o epíteto “pai da fábula” que a tradição lhe atribui como homenagem ao seu papel de divulgador de fábulas, e não propriamente como autor desses textos.

Essas fábulas da Antiguidade Clássica, de acordo com Adrados (1979), foram reunidas pela primeira vez por volta do ano 300 a.C. Esta compilação foi realizada pelo retor Demétrio de Falero, o qual era discípulo de Aristóteles. Seu objetivo era que a “Coletânea de Fábulas Esópicas” funcionasse como manual de referência para prática de oradores. Todas as coleções futuras de fábulas, segundo Adrados (1985), advieram dessa, tanto as anônimas helenísticas quanto as bizantinas.

Diferentes critérios foram adotados para a compilação das fábulas em coletâneas. Contudo, algo que é comum entre as coleções antigas de fábulas de um mesmo autor é o fato de os textos serem introduzidos por um prólogo escrito pelo fabulista. Esses textos introdutórios apresentam importantes informações sobre o gênero fábula, seus autores e contexto de produção.

Os prefácios das obras da Antiguidade, segundo Lucas Dezotti (2018), têm como características apresentarem informações sobre o próprio processo de composição, influências, concepções de escrita etc. Nos prólogos¹¹ “o poeta faz a crítica de sua própria poesia, expondo seu programa poético e comentando aspectos da produção e da recepção de seus textos.” (DEZOTTI, 2020, p. 159). Desse modo, esses textos são metaliterários, ou seja, apresentam informações e reflexões sobre os textos do gênero literário contidos na coleção que principia.

¹¹ Vale ressaltar que, segundo Bezerra (2006), o termo prólogo pode ser utilizado como sinônimo de prefácio; ambos são gêneros introdutórios que apresentam características em comum e cuja semelhança na composição textual inviabiliza a distinção entre eles.

O prólogo do Livro I de Fedro¹² é metalinguístico, ou seja, apresenta as características das fábulas que o sucedem. Observe:

O autor Esopo inventou este gênero
que eu poli com versos senários.
É duplo o dote deste livrinho: porque causa o riso
e porque orienta com conselho a vida do homem prudente.
Se alguém, porém, quiser criticar, 5
porque as árvores falam, não somente os bichos,
lembre-se de que nós brincamos com fábulas inventadas (FEDRO,
Pro. I)¹³.

O primeiro aspecto destacado por Fedro é a afirmação de que ele não é o criador deste tipo de narrativa de modo a atribuir o mérito a Esopo, como pode ser conferido no v. 1.

Ainda no início deste prólogo, podemos observar que o fabulista menciona a métrica que ele utilizou ao compor suas narrativas em verso, a qual é o verso senário iâmbico. Para entendermos melhor como funciona este metro, observe este trecho retirado do prólogo I da coletânea de Fedro:

fīctīs | iōcā | rī || nōs | mēmīnē | rīt fā | būlīs¹⁴
1 2 3 4 5 6

(FEDRO, *Pro.*, I, v. 7 apud AMARANTE, 2015, p. 156).

Este verso pode ser traduzido como “lembre-se de que nós brincamos com fábulas inventadas”. Aqui Fedro utilizou o verso senário iâmbico. Chama-se senário por apresentar seis pés. Um pé é a unidade rítmica do poema, isto é, uma medida ou um conjunto de sílabas com vários tempos. Cada pé é separado pelo símbolo (|). Já o termo iâmbico refere-se ao tipo de pé, no caso o iambo ou jambo (∪ —), formado por uma sílaba breve (∪) e uma longa (—). No verso mencionado podemos observar que o senário iâmbico não é puro, ou seja, apresenta variações entre sílabas breves e longas em seus primeiros cinco pés. No primeiro, terceiro e quinto pés há um espondeu (— —), no segundo e sexto pés um jambo (∪ —), e no quarto há um tribaco (∪ ∪ ∪).

¹² O gênero fábula começou a ganhar autonomia a partir do fabulista latino Fedro (séc. I d.C.). Ele compôs cerca de 120 fábulas distribuídas em cinco livros.

¹³ Utilizamos a tradução dos prólogos de Fedro realizada por José Dejalma Dezotti. Disponível em: “Fábulas esópicas”. Edição digital organizada por Lucas Consolin Dezotti. Araraquara: s.n., (2023). DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7763266>. Acesso em 23.mar.2023.

¹⁴ “fictis ioca ri nos memine rit fa bulis” (FEDRO, *Pro.*, I, v. 7 apud AMARANTE, 2015, p. 156).

Uma informação importante que podemos extrair deste prólogo é sobre as finalidades do fabulista com suas fábulas, as quais são *divertir e guiar a vida*, conforme podemos observar no terceiro e quarto versos. O primeiro propósito, Fedro busca alcançar por meio do estilo de seu texto. Já para o segundo, ele procura transmitir sábios conselhos.

Outra informação interessante é que Fedro afirma que suas narrativas fabulísticas são histórias fictícias e, por isso, não devem ser censuradas, pois o autor utiliza-se do recurso da personificação de suas personagens para fazer gracejos por meio de suas fábulas como pode ser observado no último verso deste prólogo.

Essa menção ao tipo de personagens em suas fábulas conduz alguns estudiosos a presumir que há fábulas que foram perdidas ao longo dos anos e não compuseram sua coletânea como conhecemos atualmente. Pois, nos cinco volumes da coletânea, não há árvores como personagens, o que causa um certo estranhamento a Champlin (2005), pois o fabulista afirma haver um certo tipo de personagem que a coletânea que chegou até nós não contempla. Isso mostra a possibilidade dessa coletânea ser fragmentária e resultar de uma preferência dos copistas e compiladores por fábulas com animais antropomorfizados como personagens.

Champlin (2005) comenta que além dos manuscritos que compõem os cinco livros da coletânea de fábulas de Fedro, há trinta e duas fábulas selecionadas por Niccolo Perotti no século XV que não constam dessa tradicional coletânea, mas que são atribuídas a Fedro por alguns pesquisadores. Champlin (2005) afirma que essa seleção de Perotti é importante, pois as narrativas apresentam personagens diferentes dos animais antropomorfizados estando mais condizente com o que o fabulista afirmou ao final do prólogo do primeiro livro.

Agora, vamos observar o prólogo do Livro II de Fedro:

O gênero de Esopo é constituído de exemplos;
 e, através das fábulas, não se busca nenhuma outra coisa
 a não ser corrigir-se o erro dos mortais
 e aguçar seu diligente talento.
 Portanto, seja qual for o modo lúdico de narrar, 5
 desde que capte o ouvido e conserve o seu propósito,
 é recomendado pelo conteúdo, não pelo nome do autor.
 Sem dúvida, mantereí com todo o cuidado o costume do velho;
 mas se eu tiver vontade de intercalar algo,
 para que a variedade dos ditos deleite os sentidos, 10
 eu gostaria, leitor, que aceitasses de bom grado,

contanto que a brevidade compense esse favor.
E para que a sua recomendação não seja prolixa,
escuta por que debes negar aos ambiciosos
e oferecer aos modestos até mesmo o que não solicitaram 15 (Fedro,
Pro., II).

Fedro, ao afirmar que as fábulas são compostas por exemplos, deixa implícito o conceito aristotélico de que este gênero pertence ao *exemplum* retórico. O fabulista também amplia o propósito do gênero ao afirmar nos versos 2-7 que a principal meta dessas narrativas, independente de qual seja o tema, é transmitir uma lição de moral de modo a censurar os vícios e incentivar as virtudes humanas. Fedro ainda completa dizendo que atingir esta finalidade é mais importante do que o fato de quem é o autor da narrativa.

Fedro ao dirigir-se ao seu destinatário explica-lhe que embora suas fábulas sigam a estrutura esópica, ele acrescentou algumas palavras a fim de agradar ao seu público-alvo como afirma nos versos 9-11. Apesar disso, o autor afirma ter mantido o caráter breve do gênero (Cf. v. 12). Por isso, o fabulista apela ao seu enunciatário para ser compreensivo com suas narrativas e inovações.

Vale destacar que este é o único prólogo em que Fedro encerra com uma lição de moral: “escuta por que debes negar aos ambiciosos e oferecer aos modestos até mesmo o que não solicitaram” (FEDRO, *Pro*, II, vv. 14-15). Dorado (2005) afirma que o discurso moralizante do segundo prólogo serve de promítio para a primeira fábula deste livro, intitulada “O Novilho, o Leão e o Salteador”¹⁵ (FEDRO, II, 1). Embora o discurso moralizante do prólogo combine com o discurso narrativo desta fábula, há após a parte narrativa o seguinte epimítio: “A virtude sempre é recompensada”.

Observemos agora o prólogo do Livro III de Fedro:

Fedro para Eutico.
Se desejas ler os livrinhos de Fedro,
convém, Eutico, que estejas desocupado dos negócios,
para que teu espírito livre sinta a força do poema.
“Mas”, dizes, “o teu talento não vale tanto assim,
para que se perca um instante de minhas obrigações”. 5
Então não há motivo para que seja tocado por tuas mãos
o que não é conveniente para ouvidos ocupados.
Talvez dirás: “Virão alguns dias de folga,
que, estando eu de espírito livre, me chamarão ao estudo”.
Irás então preferir, eu pergunto, ler estas bagatelas baratas 10
a dar atenção aos afazeres domésticos,
devotar teu tempo aos amigos, dedicar-se à tua esposa,

¹⁵ Cf. ANEXO A - “O Novilho, o Leão e o Salteador” (FEDRO, II, 1).

relaxar teu espírito, dar descanso ao corpo,
para desempenhar com mais vigor o teu rotineiro ofício?
Deves mudar o propósito e o tipo de vida, 15
se cogitas transpor o umbral das Musas.
Eu, que minha mãe deu à luz no cimo do monte Píero,
onde a venerável Mnemosine, nove vezes fecunda,
gerou para Júpiter Tonante o coro das artes,
apesar de ter nascido quase que nessa mesma escola, 20
e de ter eliminado do fundo do coração a preocupação de ter
e de ter me dedicado, não sem o favor de Palas, a esta vida,
sou, todavia, recebido desdenhosamente no grupo.
O que achas que acontece com aquele que busca,
com todo o desvelo, acumular grandes riquezas, 25
antepondo o doce lucro ao douto trabalho?
Mas, seja o que for, como disse Sinon,
quando era conduzido ante o rei de Dardânia,
escreverei o livro terceiro no estilo de Esopo,
dedicando-o à tua honra e méritos. 30
Se o leres, me alegrarei; caso contrário,
os pósteros certamente terão com que se divertirem.
Agora, por que foi inventado o gênero das fábulas
vou ensinar sucintamente. A escravidão subjugada,
por não ousar dizer o que queria, 35
transferiu para as fabulazinhas os próprios sentimentos
e iludiu a acusação com gracejos fictícios.
E eu fiz do atalho dele uma estrada
e pensei mais coisas do que ele deixara,
escolhendo algumas para a minha desgraça. 40
E se houvesse outro acusador que não o Sejano,
se houvesse outra testemunha e, enfim, outro juiz,
eu confessaria ser merecedor de tão grandes males,
e não mitigaria a minha dor com esses remédios.
Se alguém errar em sua suspeita 45
e tomar para si o que for comum a todos,
estupidamente desnudará a consciência de seu espírito.
Com este, não obstante, eu gostaria de me desculpar:
pois não é minha intenção apontar indivíduos,
mas mostrar a própria vida e os costumes dos homens. 50
Dirá talvez alguém que eu prometo uma coisa difícil.
Se pôde o frígio Esopo, se pôde o cita Anácarsis
criar uma fama eterna com seu talento,
eu, que estou mais perto da letrada Grécia,
por que abandonarei num sono indolente a honra da pátria, 55
quando a nação trácia conta os seus autores,
e Apolo é pai de Lino, a Musa é mãe de Orfeu,
que moveu as pedras com seu canto e domou as feras
e conteve os ímpetos do Hebro com um suave remanso?
Portanto, fica longe daqui, inveja, para não gemeres em vão, 60
uma vez que me é devida a glória habitual.
Induzi-te a ler; peço que me dês uma opinião
sincera com tua conhecida franqueza (Fedro, *Pro.*, III).

O prólogo do terceiro livro diferencia-se dos anteriores por utilizar a estrutura de diatribe, isto é, um monólogo em que o autor insinua o que seu interlocutor vai

dizer. Além disso, há o fato de o fabulista identificar seu destinatário como Eutico. Gonçalves (1957) supõe que Eutico, nome que vem do grego *Euthyches*, fosse um funcionário de Augusto que permaneceu no emprego de dar audiências às pessoas durante o governo de Tibério.

Fedro deixa pressuposto que seu amigo Eutico não tinha tempo para descansar. Pois, no início deste prólogo, Fedro recomenda ao amigo reservar um tempo para poder aproveitar a leitura de seus versos.

Em seguida, o fabulista supõe dois possíveis pensamentos de Eutico a respeito de sua sugestão e apresenta a defesa de seu ponto de vista. O primeiro seria que não vale a pena transferir o tempo dedicado aos negócios para a leitura de poesia, o que Fedro argumenta que não é digno quem prioriza o trabalho em excesso em detrimento de aproveitar os deleites da leitura. O segundo pensamento é ler as fábulas nas férias, porém Fedro, ao questionar essa possibilidade, enumera uma série de atividades duvidando que Eutico realmente fosse destinar um tempo de suas férias para ler ao invés de cuidar de suas inúmeras ocupações. Fedro chega a comentar que é necessário mudar de objetivos e atitude se Eutico quiser mesmo ler poesias.

Champlin (2005) explica que no terceiro prólogo, Fedro comenta que a poesia é um trabalho árduo, por isso, não servirá para Eutico relaxar em suas férias ao lê-la, pois ele só pensa em dinheiro, a não ser que ele mude de atitude. Além disso, o fabulista afirma que mesmo ele próprio sendo dedicado à poesia, não dar tanta importância ao dinheiro e ter nascido na mesma região das Musas inspiradoras das artes, não é valorizado e mal pode frequentar o templo.

Com base nas informações contidas nesse prólogo, Champlin (2005) questiona a classe social a que pertenceria o fabulista Fedro. Para isso, ele menciona o trecho “Mas, seja o que for, como disse Sinon¹⁶,/ quando era conduzido ante o rei de Dardânia,/ escreverei o livro terceiro no estilo de Esopo,/ dedicando-o à tua honra e méritos.” (FEDRO, *Pro.*, III, vv. 27-30). Neste trecho, Fedro ao mencionar Sinon utiliza a estrutura¹⁷ “seja como for” (*quodcumque fuerit*), expressão usada por Virgílio¹⁸. Isso mostra um certo conhecimento erudito.

¹⁶ Alusão a Sinon, personagem da *Eneida* de Virgílio (Cf. II, 77ss.) que, ao se dirigir ao rei troiano Príamo, conta algumas mentiras e convence os troianos a trazer para dentro da cidade o Cavalo de Madeira. Esta ação acarretará a destruição de Tróia.

¹⁷ “*Sed iam quodcumque fuerit, ut dixit Sinon, [...]*” (Fedro, *Pro.*, III, v. 27).

¹⁸ “*Cuncta equidem tibi, Rex, fuerit quodcumque, fatebor [...]*” (VIRGÍLIO, *En.* II, 77).

No verso 30, Fedro expressa sua dívida literária com Esopo, ou seja, ele deixa evidente que suas fábulas em versos foram influenciadas pelas fábulas esópicas.

Para Champlin (2005), assim como Sinon era um grego disfarçado, Fedro pode ter sido um romano¹⁹ falso liberto. Ao final do terceiro prólogo, Fedro apresenta uma explicação para a criação do gênero fábula (Cf. vv. 33-37), a qual é uma forma de dar voz para aqueles que carecem de liberdade, em outras palavras, ele faz uma alusão ao fato de Esopo ter sido um escravo que se utilizou das fábulas para dizer verdades, as quais nem sempre eram bem aceitas se contadas de modo explícito.

Em relação ao nome de Sejano que aparece no verso 41, Dorado (2005) alerta que não seria adequado considerarmos que seja uma referência a Sejano, ministro de Tibério. Primeiro porque não sabemos de qual desgraça o fabulista é acometido e, segundo, porque Fedro não faria uma alusão direta ao seu possível perseguidor no prólogo, sendo que o fabulista se utiliza da linguagem alegórica de suas fábulas para denunciar a tirania do governo de sua época.

Agora, vamos verificar o prólogo do Livro IV de Fedro:

O poeta para Particulão
 Como eu tivesse decidido pôr fim à minha obra
 no intuito de que ficasse matéria suficiente para outros,
 condenei em meu calado coração o meu propósito.
 Pois se há alguém desejoso de tal título,
 como ele adivinhará que coisas eu omiti, 5
 para que ele deseje entregá-las à fama,
 quando cada um tem sua concepção de espírito
 e seu próprio estilo? Portanto, não foi uma leviandade,
 mas uma sólida razão que me deu motivo de escrever.
 Por isso, Particulão, já que és cativado pelas fábulas, 10
 (as quais chamo de “esópicas” e não “de Esopo”,
 visto que ele mostrou poucas e eu apresento muitas,
 e me valho do gênero antigo, mas com temas novos),
 vais ler este quarto livrinho todo, quando tiveres tempo.
 Se a malignidade quiser denegri-lo, 15
 desde que não possa imitá-lo, é lícito que o denigra.
 O louvor já foi obtido por mim, porque tu e outros
 iguais a ti citais minhas palavras em vossos escritos,
 e julgais minha obra digna de longa memória.
 E eu não desejo o aplauso dos iletrados 20 (FEDRO, *Pro.*, IV).

¹⁹ A menção a Júpiter no terceiro prólogo conduz Champlin (2005) a pensar que Fedro seja romano. Pois, o culto mais importante de Júpiter era realizado no templo localizado no Monte Capitólio, em Roma (BRANDÃO, 2008).

No início deste prólogo, Fedro comenta em finalizar seu trabalho com o objetivo de deixar algum tipo de influência aos futuros fabulistas, porém muda de ideia ao reconhecer que cada um tem seu modo de pensar e estilo.

O fabulista expõe a Particulão que deu continuidade aos seus livros de fábula não por capricho, mas por determinação. Fedro explica que seus textos são no estilo esópico, mas com novos temas (vv. 10-14). Além disso, menciona o fato de talvez Esopo ter inventado poucas fábulas; desse modo, o fabulista latino considera-se superior por ter criado mais textos. Essa alusão a Esopo reforça aos pesquisadores que Esopo foi responsável pela propagação do gênero, pois muitos textos que lhe são atribuídos não possuem identificação autoral.

Ao final deste prólogo fica claro que Particulão dedica-se mais à leitura de poesia que Eutico, por isso tem o direito de criticar ou censurar as fábulas. Em ambos os prólogos Fedro reclama de seus detratores. Gonçalves (1957) presume que Particulão seja um liberto do imperador Cláudio. Já Dezotti (2020) afirma que ele era um escritor, pois Fedro afirma ter atingido a glória, uma vez que suas palavras foram mencionadas nos escritos de Particulão (cf. vv. 17-20). Ainda sobre os versos 17-20, podemos observar que Fedro enfatiza que o importante é ser valorizado por aqueles que apreciam a literatura; sendo assim, conforma-se com o fato de Particulão e outros letrados fazerem citações de suas palavras.

Por fim, observemos o prólogo do Livro V de Fedro:

Se eu tiver intercalado aqui e ali o nome de Esopo,
a quem já há muito retribuí tudo o que lhe devia,
fica sabendo que é por causa de sua autoridade:
assim fazem, em nosso tempo, certos artistas
que encontram um preço maior para suas novas obras, 5
se escreveram Praxíteles em seu mármore,
Mirão em sua prata polida, Zêuxis em seu quadro.
A tal ponto a inveja mordaz mais favorece
a falsa antiguidade do que as boas coisas atuais.
Mas já sou levado para uma fabulazinha de tal exemplo 10 (FEDRO,
Pro., V).

Fedro utiliza um argumento de comparação para justificar a inserção do nome de Esopo em suas fábulas. Desse modo, ele compara sua alusão ao fato de alguns artistas, para valorizarem o preço de sua obra, gravarem o nome de Praxíteles, Mirão ou Zêuxis²⁰. Ao referir-se ao prestígio de Esopo, Fedro não apenas agrega valor a sua

²⁰ Praxíteles era um famoso escultor grego (séc. IV a.C.), o qual esculpiu a estátua de “Afrodite de Cnido”. Mirão (séc. V a.C.) também era um escultor grego, cujo trabalho mais famoso é a estátua “O

obra, mas identifica o tipo de suas narrativas, ou seja, fábulas esópicas de modo a reforçar o que já tinha dito nos prólogos anteriores.

Champlin (2005) comenta que a referência a Esopo na obra de Fedro pode ser uma espécie de *alter ego*. Fedro o imita e faz alusão ao nome do fabulista grego seja como personagem como podemos verificar na fábula “Esopo a certo homem sobre o bom êxito dos maus”²¹ (FEDRO, II, 3), seja como narrador em “As rãs pediram um rei”²² (FEDRO, I, 2). Do ponto de vista discursivo, Fedro ao delegar o papel de enunciador da fábula a Esopo, utiliza-se do processo de debreagem como estratégia retórica.

Este prólogo possui a particularidade de ter uma estrutura de exemplo retórico. Em outras palavras, é apresentada uma situação com um fato, uma máxima e um argumento. O fato é o dos artistas para aumentar o valor de sua obra fazem alusão a Praxíteles, Mirão ou Zêuxis (Cf. vv. 4-7). A máxima encontra-se nos versos 8-9: “A tal ponto a inveja mordaz mais favorece/ a falsa antiguidade do que as boas coisas atuais” e o tipo de argumento retórico escolhido é o *exemplum*. Neste caso, Fedro anuncia que contará uma fábula (Cf. v. 10) para ilustrar tal fato. Desse modo, a fábula “O rei Demétrio e o poeta Menandro”²³ (FEDRO, V, 1) é o primeiro texto de seu último livro. Em síntese, esta narrativa conta quando Demétrio governava tiranicamente sobre Atenas, todos iam até sua presença para bajulá-lo, dentre eles o comediógrafo Menandro. Ao vê-lo Demétrio julgou-o indigno de estar em sua presença devido a sua aparência afeminada, mas quando soube que se tratava do poeta famoso, logo mudou de opinião.

Em suma, em seu último prólogo, Fedro traz um discurso moralizante a respeito da preferência pela imitação de algo de renome em detrimento das inovações, ou seja, são mais valorizadas as obras que são invejadas, copiadas, como as falsas obras dos artistas citados do que a criação de algo inovador.

Como podemos observar, Fedro menciona Esopo em todos os seus prólogos de modo a demonstrar que seus poemas são inspirados nas narrativas esópicas. Isso mostra tanto a sua dívida literária com a tradição grega quanto reafirma o estilo e características dos textos de sua coletânea.

discóbolo”. Já Zêuxis era um pintor famoso na antiguidade (séc. V a.C.) que usava tons fortes e majestosos.

²¹ Cf. ANEXO A - “Esopo a certo homem sobre o bom êxito dos maus” (FEDRO, II, 3).

²² Cf. ANEXO A - “As rãs pediram um rei” (FEDRO, I, 2).

²³ Cf. ANEXO A - “O rei Demétrio e o poeta Menandro” (FEDRO, V, 1).

Fedro parece indicar uma possível preocupação com a recepção de sua obra. Isso é ressaltado pela escolha dos enunciatários de seus prólogos, todos eles representados por pessoas adultas. No primeiro prólogo, de acordo com Dezotti (2020), Fedro pressupõe que o destinatário seja um leitor indeterminado; já no segundo, é denominado pelo substantivo “leitor”, ou seja, em ambos os casos a pessoa já passou pelo período escolar em que se aprende a ler. O terceiro prólogo de Fedro é dedicado a Eutico, um possível leitor adulto, pois apresenta vários afazeres. O prólogo do quarto livro é dedicado ao escritor Particulão, uma pessoa com uma profissão. Por fim, no quinto prólogo o fabulista dirige-se a um leitor indeterminado.

Vale ressaltar que, as narrativas de Fedro só vieram a ganhar edições específicas a partir do século XVIII, como as edições de Salvador Faulí (Valencia, 1774) e a de Antonio Sancha (Madrid, 1787), que segundo Esteban (1994), são coletâneas em língua espanhola para o ensino inicial de gramática.

Até a época de Fedro, as fábulas eram predominantemente voltadas para o público adulto. Os primeiros registros de fábulas destinadas ao público infanto-juvenil são a partir da obra de Bábrio²⁴. Acrescenta-se a isso o fato de tais registros também marcarem o início de uma nova função para este gênero de caráter didático, no caso, seu uso em âmbito didático. Segundo Facal (1985), as narrativas de Bábrio começaram a ser conhecidas por meio de alusões em materiais didáticos como os “*Hermeneumata*” de Pseudo Dositeo (207 d.C.), o qual apresenta duas fábulas de Bábrio e resume outras, e o manuscrito *Tabulae Assendelftiana*, encontrado em Palmira em 272 d.C., no qual há citações de versos de Bábrio em exercícios escolares de um jovem estudante. Esses dois materiais didáticos do século III d.C. podem ser considerados como a prova do início do uso didático da fábula, ou seja, a utilização de um gênero que já tinha em sua essência o didatismo, mas que até então, não era utilizado oficialmente no âmbito educacional.

Bábrio ao escrever em grego fábulas em verso também teve grande importância na consolidação das fábulas enquanto gênero autônomo. Atualmente são conhecidas 143 fábulas babrianas. Elas estão agrupadas em dois livros, cada um introduzido por um prólogo.

De acordo com Dezotti (2020), os prólogos de Bábrio se destinam ao filho do rei Alexandre, denominado como Branco. Tal informação faz os estudiosos deduzirem

²⁴ Fabulista de origem romana que viveu por volta do século I d.C. (DEZOTTI, 2020).

que Bábrio viveu na corte do rei Alexandre da Cilícia, região da Síria. Devido a sua formação intelectual, ele teria ficado responsável pela instrução helenística nesta corte. Sendo assim, vamos observar o primeiro prólogo de Bábrio:

De homens justos era a primeira raça,
 ó Branco meu filho, à qual chamam áurea,
 depois dela, dizem, houve outra, argêntea;
 e a terceira, seguinte, somos nós, férrea.
 No tempo da áurea também os demais viventes 5
 voz articulada possuíam e conheciam falas
 tais quais nós nos dizemos uns aos outros,
 e suas praças eram nos centros dos bosques.
 Palestravam pinheiro e folhas de loureiro,
 peixe nadador conversava com nauta amigo 10
 e pardais se entendiam bem com o lavrador.
 Tudo brotava da terra, que nada pedia em troca,
 entre mortais e deuses havia camaradagem.
 Podes conferir e saber que assim eram as coisas
 recorrendo a Esopo, o velho sábio que nos 15
 comunicou fábulas em musa livre;
 dessas cada uma floreei com minha bagagem
 e agora vou-te expor um favo melífero de lótus:
 de acerados iambos afeminei ásperas parcelas (BÁBRIO, *Pro.*, I)²⁵.

Bábrio, ao citar o mito das raças presente na obra “Os Trabalhos e os Dias” de Hesíodo (1996), contextualiza o nascimento da fábula como poesia própria da Idade de Ouro conforme pode ser verificado no primeiro verso. O tempo da fábula é descrito como um período harmônico em que todos os seres se comunicavam (Cf. vv. 5-13). Outra informação importante que podemos extrair desse trecho é a identificação do destinatário deste prólogo por meio do vocativo “ó Branco meu filho” (Cf. v. 2). Branco era um príncipe, do qual acredita-se que Bábrio teria sido instrutor de cultura helenística.

Assim como Fedro, Bábrio afirma em seu prólogo que se inspirou nas fábulas de Esopo para escrever as suas narrativas em verso, conforme podemos observar os versos 15-16. Além da alusão à sabedoria de Esopo, o fabulista comenta o fato de Esopo ter difundido a fábula em *musa livre*, ou seja, em prosa.

Além disso, podemos observar que Bábrio se considera o criador da fábula esópica em verso, renovando dessa forma o gênero. Vale ressaltar que a forma da

²⁵ Utilizamos a tradução dos prólogos de Bábrio realizada por Maria Celeste Consolin Dezotti. Disponível em: “Fábulas esópicas”. Edição digital organizada por Lucas Consolin Dezotti. Araraquara: s.n., (2023). DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7763266>. Acesso em 23.mar.2023.

fábula em versos já era utilizada por seu quase contemporâneo Fedro e foi muito seguida por fabulistas posteriores como Aviano e La Fontaine.

Por meio do recurso sinestésico, Bábrio convida seu enunciatário a desfrutar de suas narrativas, as quais ele expõe como “um favo melífero de lótus” (v. 14), ou seja, ele inspirado pelas fábulas esópicas, escreveu suas narrativas em versos iâmbicos, assim como Fedro, adornando-as de modo agradável de acordo com a situação comunicativa.

Vamos observar agora o segundo prólogo de Bábrio:

Fábulas, aliás, ó filho do rei Alexandre,
são invenção de antigos homens sírios,
que viveram outrora no tempo de Nino e Belo.
O primeiro, dizem, que as contou a filhos de gregos
foi o sábio Esopo; também aos líbios contou 5
fábulas Cibisses. Mas eu em renovada musa
apresento o mitiampo: com cabresto de ouro
equipei-o, como a um cavalo hoplita.
Tendo sido eu o primeiro a abrir passagem,
outros adentraram, e de musas mais doutas 10
produzem poemas semelhantes a enigmas,
versados em nada além do que eu conheço.
Eu, ao contrário, fabulo em linguagem clara,
e dos iambos os dentes não agudizo;
antes, os agulhões eu temperei bem e amansei, 15
e, pela segunda vez, é para ti o canto deste livro (BÁBRIO, *Pro.*, II).

Bábrio escreveu suas fábulas visando ao público infanto-juvenil. Ao observarmos seu segundo prólogo podemos verificar que o próprio autor declara que as escreveu em uma linguagem clara para serem compreendidas pelo filho do rei Alexandre. Dezotti (2020) mostra que o termo grego *paî*, utilizado no primeiro verso, indica que o destinatário desse prólogo não é qualquer criança, mas uma criança com quem o fabulista mantinha uma certa relação afetiva.

Há uma sugestão com a leitura deste prólogo de que Bábrio explica para Branco o que são as fábulas, sua origem e características, ou seja, este prólogo tem a especificidade de instruir seu destinatário sobre o gênero. Segundo Dezotti (2020), Bábrio, ao determinar o filho do rei como seu enunciatário, coloca-se na posição de educador, tutor e, dessa forma, instaura o aspecto pedagógico que acompanha a fábula através dos tempos.

Bábrio afirma que ele é “o primeiro a abrir passagem,/ outros adentraram, e de musas mais doutas/ produzem poemas semelhantes a enigmas” (vv. 9-11). Facal (1958) explica que na literatura grega, ele foi o pioneiro em escrever fábulas em verso,

mas na latina o mérito cabe a Fedro (I d.C.)²⁶. Aqui também temos a indicação do aspecto enigmático da fábula, que aparece em alguns textos como *ainos*, ou seja, o desafio de descobrir a verdade subliminar da narrativa figurativizada.

Outra informação que merece destaque é que Bábrio afirma que os sírios são os inventores da fábula. Tal afirmação pode ser comprovada por meio das descobertas arqueológicas, as quais mostram que as fábulas já eram conhecidas pela cultura mesopotâmica.

Também o início deste prólogo sugere uma transmissão oral das fábulas. Pois, Bábrio afirma que Esopo as transmitiu aos filhos dos gregos e Cibisses, aos líbios. A respeito de Cibisses, Facal (1985) afirma que não há registro sobre esta personalidade.

Uma das grandes contribuições de Bábrio para o gênero fábula, de acordo com Dezotti (2020), é a criação do *tetrastikhón*, ou seja, fábulas condensadas em uma quadra de versos iâmbicos, as quais podem ser consideradas como microfábulas, por exemplo, a fábula “O Lagarto e a Cobra”²⁷ (BÁBRIO, 2018). Também, deve-se a Bábrio o primeiro registro em grego das fábulas em versos.

Neste capítulo vimos a essência didática da fábula até o surgimento do seu uso didático com os textos de Bábrio. No próximo capítulo, veremos alguns exemplos do uso didático da fábula em alguns períodos e culturas.

²⁶ As nebulosas informações biográficas de que dispomos a respeito desses dois fabulistas somadas ao fato de que, mesmo contemporâneos, um não faz referência ao outro, dão margem a indagações: quem foi de fato Fedro? quem foi de fato Bábrio? Se Fedro era mesmo anterior a Bábrio, como explicar que este reivindique para si a condição de primeiro autor de fábulas em versos? Não há dados consistentes para uma resposta definitiva.

²⁷ Cf. ANEXO - “O Lagarto e a Cobra” (BÁBRIO, 2018).

3 FÁBULA: UM GÊNERO COM USO DIDÁTICO

As fábulas da tradição clássica não foram criadas com o propósito de serem utilizadas como material escolar. Porém, ao analisarmos as fábulas de Bábrio, por exemplo, podemos observar que a forma e o conteúdo suscitam um exercício literário, pois a ausência de epimítios²⁸ em alguns textos induz o leitor a extrair o discurso moralizante da narrativa, ou seja, buscar a chave interpretativa no discurso figurativo.

Essa e outras características dos textos de Bábrio, segundo Dezotti (2020), construíram um contexto pedagógico para a fábula, o que resultou em uma ampla aceitação de sua obra para fins didáticos. A título de exemplo temos o “Papiro Amherst 26” (séc. III-IV) que contém fábulas babrianas traduzidas para o Latim. Neste caso, eram utilizadas por um aluno grego que estava aprendendo latim (ADAMS, 2003). Além desse documento, Morgan (2007) comenta sobre a existência de papiros com fábulas escritas, os quais eram utilizados na educação egípcia. Isso mostra que as fábulas faziam parte do ensino, de modo que podemos considerá-la como um gênero de essência didática que também era usado com fins didáticos, ou seja, em âmbito escolar.

Ao longo deste capítulo observaremos como a fábula foi utilizada na educação em diversos contextos. Veremos que na Antiguidade Greco-Romana ela esteve presente nos três níveis de ensino: no início da vida escolar, ela era um dos primeiros textos com que uma criança tinha contato no aprendizado da leitura; depois, nos estudos secundários, era uma das composições que os jovens faziam durante seus exercícios dos *progymnasmata*; e, no ensino mais avançado, a fábula era trabalhada como prova retórica a ser utilizada por oradores adultos em seus discursos.

Em seguida, verificaremos que a fábula na tradição indiana também se manifestou como um gênero didático, denominado *nitiçāstra*, o qual era um tipo de tratado com conteúdos técnicos voltados para a formação de futuros governantes.

Também investigaremos como o uso didático da fábula nas escolas medievais e na Europa renascentista permitiu a sobrevivência do gênero de modo a preservar vários textos antigos até nós. Duas coletâneas de fábulas que tiveram um considerável uso didático na educação medieval e renascentista foram, respectivamente, a “Coleção de Fábulas” de Aviano (séc. IV d.C.), e a obra “Fábulas” (1668) do francês

²⁸ Um exemplo de fábula de Bábrio sem epimítio é “O Asno em pele de leão” (Cf. Anexo A).

Jean de La Fontaine (séc. XVI). Devido a essa importância, verificaremos o que esses fabulistas falam sobre o gênero fábula no prefácio de suas obras.

3.1 Na Antiguidade Greco-Romana

O cidadão da Antiguidade Clássica, de acordo com Duarte (2003), considerava a fábula como uma atividade educativa e formativa que contribuía para a formação do caráter humano. Dessa forma, as fábulas faziam parte de todo o processo de aprendizagem.

As fábulas eram utilizadas, segundo Esteban (1994), em atividades de leitura-escrita, gramaticais e retóricas, podendo ser instrumento utilizado pelo mestre, gramático ou retor no ensino moral, no desenvolvimento da sagacidade, na elaboração de discursos ou como atividade prazerosa.

Anterior ao período da Paidéia²⁹ a criança passava por um processo formativo não sistematizado. Ela era criada pelas mulheres do seu círculo de convivência, ou seja, sob os cuidados maternos e, nas famílias mais ricas, as aias ou amas-de-leite auxiliavam nesse processo de criação.

De acordo com Marrou (1969), as aias podiam ser escravas ou mulheres libertas que impunham a disciplina moral à criança, contribuía com o processo de aquisição da linguagem e ensinavam as boas maneiras e a tradição cultural. Elas eram responsáveis pelos primeiros contatos dos pequenos com a música por meio de cantigas de acalanto e com a literatura por meio de narrativas com animais como personagens, como as fábulas esópicas, histórias de bruxas, mitos e lendas.

Com a necessidade de a criança frequentar a escola primária, surge a figura do *pedagogo*, um escravo que tem a responsabilidade de acompanhar a criança durante o trajeto escolar, protegê-la dos perigos do percurso e, com isso, ensinar boas maneiras e formar seu caráter e sua moralidade (MARROU, 1969). Alguns pedagogos, ao acompanharem a criança às aulas, conseqüentemente, adquiriam um certo conhecimento de modo indireto.

²⁹ Segundo Marrou (1969), no período helenístico, a Paidéia (*paidéia*) é o resultado de tudo que contribui para a educação de um ser humano, como os anos escolares da criança, o conhecimento cultural, o ensino das virtudes, as experiências de vida, ou seja, a Paidéia é uma espécie de educação humanística.

Na escola primária, a criança aprendia com um instrutor o conhecimento científico e a leitura. Segundo Marrou (1969), o processo consistia em atividades de leitura das letras do alfabeto, das sílabas, das palavras até chegar nas sentenças e textos. As práticas de leitura estavam relacionadas com a recitação, ou seja, também era exigido do aluno a memorização. Inicialmente utilizavam-se listas de palavras isoladas, frases de uma linha e breves textos como as fábulas de Bábrio.

A partir do momento que a criança tem domínio sobre a leitura e escrita, de acordo com Marrou (1969), ela avança para os estudos literários secundários, cujo objetivo era um estudo aprofundado dos poetas e de outros escritores clássicos. A partir do século I a.C., segundo Marrou (1969), além do estudo literário dos poetas passou-se a ensinar também nas escolas secundárias a técnica, ou seja, a sistematização dos elementos da língua, o que denominamos atualmente como gramática. Neste período escolar, os alunos faziam exercícios de morfologia e também de composição literária, isto é, redação. Um dos exercícios realizados pelo estudante era a escrita de uma fábula. O adolescente escutava ou lia uma pequena fábula e em seguida redigia uma breve e simples narração sobre essa.

Por causa disso, as escolas secundárias também podiam ser chamadas de escolas de gramática. Os exercícios de composição literária, os quais eram fundamentais para que os alunos dessem prosseguimento nos estudos retóricos, eram tão frequentes que motivaram o aparecimento de manuais de exercícios preparatórios de retórica., denominados *progymnasmata*.

Em geral, esses exercícios eram de tradução, variação, narração³⁰ entre outros. As fábulas eram um dos tipos de exercícios de composição que faziam parte dos *progymnasmata*: geralmente o aluno ouvia a fábula em verso e tinha que reproduzi-la em prosa.

Vale destacar que, de acordo com Fisher (1987), até o século I d.C. não havia distinção entre os textos de fábulas usados nas escolas e os lidos pelo público em geral. Este cenário começa a mudar a partir do século III d.C. quando gramáticos e retóricos começam a compor fábulas em prosa para suprir algumas necessidades educacionais. A título de exemplo, temos as quarenta fábulas em grego escritas pelo

³⁰ Os exercícios de tradução consistiam em transcrever um texto de uma língua para outra. Já os de variação poderiam ser, por exemplo, passar uma frase do singular para o plural, escrever um mesmo trecho sob diferentes perspectivas. A narração consistia em resumos e análises de argumentos narrativos.

retor Aftônio no século IV d.C., as quais foram elaboradas para serem usadas pelos alunos dele.

Algumas dessas fábulas usadas por gramáticos e retóricos nos *progymnasmata*, de acordo com Esteban (1994), podem ser encontradas no *Corpus Fabularum* de Hausrath (1970), o qual reúne cerca de 600 fábulas. Esta obra é importante, porque nos permite observar algumas características do gênero fábula em seu uso escolar.

Houve na Antiguidade Clássica muitos autores de manuais com estes tipos de exercícios, porém poucos chegaram até nós, dentre os quais destacam-se Téon, Hermógenes e Aftônio.

Élio Téon³¹ é autor da obra "*Progymnasmata*". Este manual apresenta uma introdução seguida por dez capítulos. Cada capítulo aborda um tipo de exercício como fábula (*mythos*), relato (*diégema*)³², cría (*chreía*)³³, lugar comum (*koinòs topos*)³⁴, encômio e vitupério (*enkómion kai psógos*)³⁵, comparação (*sýnkrisis*)³⁶, prosopopeia (*prosopopoíia*)³⁷, descrição (*ékphrasis*)³⁸, tese (*thésis*)³⁹ e lei (*nómos*)⁴⁰. Com base na enumeração dos exercícios propostos por Téon na introdução de sua obra, Martínez (1991) afirma que esta obra nos chegou incompleta, pois falta parte do exercício sobre a lei e mais cinco tipos de exercícios: leitura (*anágnosis*), audição (*akrósis*), paráfrase (*paráphrasis*), elaboração (*exergasía*) e réplica (*antírresis*).

Téon (*Prog.* 3) define a fábula⁴¹ como *mýthos estin lógos pseudés eikonízon alétheian*, isto é, "um discurso ficcional que constitui imagem de uma verdade" (apud VAN DIJK, 1997, p. 408), ou seja, uma narrativa cujos acontecimentos são mentirosos, pois foram inventados, porém apresentam uma correspondência com a realidade do enunciatário.

³¹ De acordo com Martínez (1991), Téon foi um retórico do século I d.C.. Ele é o autor dos *progymnasmata* de maior destaque devido ao fato de ter sido o primeiro e ter influenciado seus sucessores.

³² O relato é a exposição de um fato que aconteceu ou que consideram ter acontecido.

³³ A cría é um dito ou ação que expõe algo útil.

³⁴ O lugar comum é a ampliação de um fato conhecido, pois já foi demonstrado.

³⁵ O encômio é o elogio das qualidades comuns ou individuais.

³⁶ A comparação é o fato de traçar um paralelo entre duas coisas, qualidades ou defeitos.

³⁷ A prosopopeia é a imitação das características do discurso de uma personagem.

³⁸ A descrição é a exposição da representação de algo, seus detalhes.

³⁹ A tese é o exame de um fato observável.

⁴⁰ A proposta de lei é a elaboração de uma regra como na prática judiciária.

⁴¹ "Una fábula es una composición falsa que simboliza una verdad; pero es preciso saber que el examen de ahora no versa sobre todo tipo de fábulas, sino sobre esas a las que después de su exposición les añadimos el dicho gnómico, del que la fábula es un símbolo. Hay ocasiones, sin embargo, en que tras exponer el dicho gnómico vamos introduciendo las fábulas" (TÉON, *Prog.* 73).

As fábulas são classificadas por Téon segundo o critério de origem da narrativa expresso ou não no texto; por exemplo, se na narrativa houver a expressão “um homem líbio”, essa fábula será classificada como líbia, ou se houver a identificação do enunciador, essa narrativa receberá o nome desse, como a fábula classificada como esópica porque há a expressão “Esopo disse...”. Textos nos quais não há identificação da origem são considerados como esópicos.

O retórico ressalta que a identificação como esópica não está relacionada ao fato de Esopo ter criado o gênero ou as histórias, pois outros autores antecessores a ele já usavam esse tipo de narrativa como Homero, Hesíodo, Arquíloco etc., sendo Esopo o responsável não pela criação, mas pela propagação das fábulas. Neste caso, o uso do adjetivo *esópicas* teria valor equivalente aos adjetivos *sáfico* para a poesia ou *aristofânico* para o teatro⁴².

Téon comenta que os poetas antigos utilizavam o termo *ainos* para referir-se à fábula; este uso está mais relacionado ao sentido enigmático. Porém outros autores utilizavam também o termo *mythos*, o qual pode ser considerado um tipo de *logos* (discurso). Esta variação de usos pode ser encontrada na obra “Fédon” do filósofo Platão que para designar a fábula, ora utiliza o termo *mythos*⁴³, ora o termo *logos*⁴⁴.

Sobre a composição da fábula, Téon propõe os seguintes exercícios⁴⁵: primeiro a exposição oral e declinação da fábula, depois o relacionamento dessa narrativa com alguma situação aplicável. Em seguida, são propostas atividades de ampliação e redução desse tipo de narrativa. Depois, é verificada a possibilidade de acréscimo de uma máxima ou, se o retor já tiver apresentado uma moral, o aluno deverá criar ou

⁴² Se llaman «esópicas» en general, no porque Esopo fuera el primero en inventar las fábulas (pues Homero, Hesíodo, Arquíloco y algunos otros que han sido anteriores a él, es evidente que las conocen y, es más, Conis de Cilicia, Turo de Síbaris y Cibiso de Libia son mencionados por algunos como compositores de fábulas), sino porque Esopo se sirvió de ellas más abundantemente y con mayor habilidad; al igual que un metro se llama aristofaneo, sáfico, alcaico y así sucesivamente, no porque se piense que estos poetas han sido los únicos o los primeros en inventar los metros, sino porque los emplearon en mayor medida (TÉON, *Prog.* 74).

⁴³ “Parece-me, mesmo, que Esopo, se nisso tivesse pensado, teria composto uma fábula a esse respeito [...]” (*Kaí moi dokeí, éphe, ei enenóesen autà Aisopos, mython àn sunthenai, [...]*) (PLATÃO, *Fed.*, 60c).

⁴⁴ “[...] a propósito dessas tuas composições, em que transpuseste para o metro cantado os contos de Esopo e o hino a Apolo [...]” ([...] *ón pepoíekas ènteínas toús tou Aisopou lógous kai tò eis tòn Apóllo prooímion [...]*) (PLATÃO, *Fed.*, 60d).

⁴⁵ Así pues, el ejercicio consiste en lo siguiente: exponemos, en efecto, la fábula, la «declinamos» y la enlazamos a un relato, la alargamos y la abreviamos, y es posible también añadirle algún dicho gnómico como epílogo o, por el contrario, exponiendo antes algún dicho gnómico, combinar con él una fábula que le vaya bien. E incluso, además de esto, refutamos y confirmamos (TÉON, *Prog.*, 75).

relacionar uma fábula com o discurso moralizante. Por fim, o aluno deve posicionar-se refutando ou confirmando o exposto.

Téon afirma que a elocução da fábula, ou seja, sua leitura feita pelo retor deve ser simples, natural e clara. Para isso, menciona o início da fábula “O Falcão e o Rouxinol” de Hesíodo (1996) como modelo elegante de começar uma fábula.

Em relação à atividade de declinação, Téon explica que é uma forma de exercitar os casos gramaticais, em especial o acusativo. Desse modo, sugere o exercício de propor uma expressão em um caso e solicitar ao aluno que mude para outro. Já a atividade de relacionar a fábula com alguma situação pode ocorrer de dois modos: o retor propõe a fábula e o aluno relaciona-a com algum contexto ou o retor propõe a situação e o aluno precisa encontrar uma fábula adequada a essa proposta.

Téon utiliza como recurso nos exercícios de ampliação, a descrição dos elementos da narrativa como o lugar e ampliar as prosopopeias da fábula. No caso dos exercícios de redução, a estratégia é parecida, mas ao invés de acrescentar, eram retiradas as descrições e outros elementos que não fossem essenciais.

Epílogar era a atividade proposta por Téon para acrescentar uma lição de moral a uma fábula ou o processo inverso, o aluno poderia criar ou relacionar uma fábula existente a uma moral oferecida pelo retor. Téon explica que a partir de uma narrativa podem ser criados diferentes epílogos, isto é, lições de moral, isso dependerá do foco adotado. Também é possível criar várias narrativas a partir de um mesmo epílogo. Para exemplificar este tipo de exercício retórico, poderíamos escolher a narrativa esópica “A Cigarra e a Formiga”, cuja história conta a respeito de uma cigarra que divertia-se cantando durante o verão, enquanto uma formiga trabalhava para armazenar mantimentos para o inverno. Quando chegou a época do frio, a cigarra não tinha alimento armazenado e não conseguia encontrar comida, então pede um pouco de comida para a formiga, mas essa se recusa a ajudá-la. Podemos criar os seguintes epílogos: “Quem trabalha não dança na dificuldade” se quisermos valorizar a atitude da formiga ou “As artes não são incentivadas na vida”, se defendermos o comportamento da cigarra e reprovarmos a atitude da formiga. Outro exemplo seria a partir da moral “Bons ventos não fazem um marinheiro” criarmos uma história cuja personagem se considerava bom em algo, mas nunca havia enfrentado uma situação prática e, quando veio o desafio, essa personagem foge ao invés de encará-lo.

Os exercícios de refutação e confirmação de Téon partem do pressuposto de que o autor da fábula afirma que escreveu coisas falsas e impossíveis, mas

verossímeis e úteis. Desse modo, o aluno deve demonstrar que os fatos são inverossímeis e inúteis, comprovando sua argumentação. Para isso, deve apresentar um proêmio e a fábula. Em seguida, a argumentação de modo a criar um argumento para cada aspecto refutado. Para auxiliar no desenvolvimento da argumentação, Téon explica os principais lugares de argumentação⁴⁶ que podem ser usados para refutar as partes da fábula. São eles: a ambiguidade, a inverossimilhança, a inadequação, a imperfeição, a redundância, a novidade, a contradição, a disposição, a inconveniência, a desigualdade e a falsidade.

Como estratégias a serem adotadas após a correção da composição, Téon recomenda usar o processo de recapitulação se o aluno apresentar muitas e boas refutações e confirmações. Mas, se ele apresentar poucas ou mal elaboradas, deve-se recorrer aos procedimentos discursivos como a ironia, a amplificação, a redução, a digressão entre outros.

Dentre as fábulas citadas por Téon temos a do flautista presente em Heródoto (I, 141), a de “O Falcão e o Rouxinol” de Hesíodo (*Tr.* 202-212) e a fábula sobre o cachorro que carregava um pedaço de carne na boca e ao ver sua imagem refletida no rio, teve uma atitude ambiciosa e acabou se afogando⁴⁷.

Já no século II d.C., segundo Morgan (2007), o retórico Hermógenes⁴⁸ priorizou as fábulas em seus estudos retóricos (*progymnasmata*), pois considerava que elas poderiam auxiliar no desenvolvimento do pensamento de seus alunos.

Para Hermógenes (*Prog.*, 1), a fábula é uma narrativa falsa, mas útil às circunstâncias da vida⁴⁹. Hermógenes (*Prog.*, 2) comenta que os antigos já utilizavam a fábula como os poetas Hesíodo e Arquíloco⁵⁰.

Além dos exercícios retóricos apresentados por Téon com a fábula, Hermógenes aborda a sentença e a refutação, essa que é a invalidação de um tema proposto e a confirmação seu oposto, ou seja, a consolidação desse tema e aquela é um enunciado que pode desencorajar ou encorajar algo.

⁴⁶ Cf. TÉON, *Prog.*, 77.

⁴⁷ Cf. TÉON, *Prog.*, 76.

⁴⁸ De acordo com Martínez (1991), Hermógenes era originário de Tarso, região da Cilícia, atual Turquia. Sua obra “*Progymnasmata*” nos chegou fragmentada. Atualmente conhecemos doze exercícios sobre as seguintes composições: fábula, relato, chria, sentença, refutação e confirmação, lugar comum, encômio, comparação, etopeia, descrição, tese e proposta de lei.

⁴⁹ “[...] consideran que es falsa, pero totalmente útil para alguna de las circunstancias de la vida [...]” (HERMÓGENES, *Prog.*, 3)

⁵⁰ “Es evidente que también los antiguos la utilizaron: Hesíodo, al contar la del ruiseñor, y Arquíloco, la de la zorra” (HERMÓGENES, *Prog.*, 2).

Hermógenes (*Prog.*, 1-2) recomenda o uso da fábula na instrução dos jovens, pois ele acredita que a fábula ajuda a enobrecer o espírito, ou seja, a fábula pode contribuir na formação do caráter⁵¹.

Para Hermógenes (*Prog.*, 1), a fábula era classificada segundo seu inventor. Dessa forma, elas podiam ser líbias – inventadas por um líbio, sibaríticas – de criação de uma pessoa de Síbaris, ciprias – se o inventor fosse de Chipre etc. Contudo, todas eram consideradas como esópicas devido ao fato de Esopo tê-las usado em suas conversas.

Percebe-se aqui níveis diferentes de classificação da fábula entre Téon e Hermógenes. Enquanto Téon adota como critério a origem do contador, Hermógenes considera a localização geográfica do fabulista. Além disso, Téon considera como fábulas esópicas aquelas sem identificação de origem ou que mencionam Esopo. Já para Hermógenes todas as fábulas são esópicas, mas diferenciam-se quanto ao inventor.

Hermógenes caracteriza a fábula como algo falso e útil para a vida, cuja inverossimilhança está marcada pela atribuição de características humanas a personagens antropomorfizadas⁵². Em relação à lição de moral, essa pode vir no começo ou ao final do texto. Além disso, ele afirma que a fábula deve ser exposta de modo agradável e pode ser utilizada como exemplo retórico pelos oradores⁵³.

Um dos exercícios retóricos proposto por Hermógenes é a ampliação e redução de uma fábula. Para isso, o autor cita duas estratégias de como aumentar a extensão da composição: detalhar elementos da narrativa e criar discursos para as personagens. Após isso, exemplifica narrando de modo reduzido uma narrativa sobre a decisão dos macacos fundarem uma cidade e, em seguida, desenvolve a fábula mostrando a aplicação das estratégias mencionadas⁵⁴.

⁵¹ Juzgan conveniente acercar en primer lugar la fábula a los jóvenes, porque puede dirigir sus espíritus hacia lo más noble. Consideran, pues, oportuno modelarlos cuando aún son tiernos (HERMÓGENES, *Prog.*, 1-2).

⁵² “Dan de ella una descripción como la que sigue: consideran que es falsa, pero totalmente útil para alguna de las circunstancias de la vida, y además sostienen que ha de ser verosímil. ¿Cómo podría ser verosímil? Si asignamos a los personajes las características que les son propias, por ej.: alguien compite por la belleza, a ése que se le presente como un pavo real; hay que atribuir a alguien cierta sabiduría, entonces que sea presentado como una zorra; si imitan las acciones de los hombres, entonces que sean propuestos los monos” (HERMÓGENES, *Prog.*, 3).

⁵³ “La moraleja, que muestra la utilidad derivada de la fábula, unas veces será colocada al comienzo, otras al final. Es evidente que también los oradores la utilizaron a modo de ejemplo.” (HERMÓGENES, *Prog.*, 5).

⁵⁴ Cf. HERMÓGENES, *Prog.*, 3-4.

Élio Festo Aftônio foi um retor grego que viveu entre os séculos III e IV d.C.. Além de compor seus *progymnasmata*⁵⁵, ele produziu quarenta fábulas para uso didático. Tal produção, de acordo com Esteban (1994), é fundamental para o uso nos *progymnasmata* e nas escolas renascentistas do século XVI.

A origem da fábula para Aftônio (*Prog.*, 1) são os poetas antigos, porém sua lição de moral é advinda do uso pelos oradores⁵⁶. Ao afirmar que a fábula é uma composição falsa que representa uma verdade, Aftônio (*Prog.*, 2) concorda com Téon (*Prog.*, 3)⁵⁷. Já em relação à classificação das fábulas, ele segue a de Hermógenes (*Prog.*, 1-2), isto é, considera todas como esópicas.

A novidade em Aftônio são os gêneros da fábula⁵⁸. Adotando o critério racionalidade, esses gêneros podem ser *logikón* (verbal), *ethikón* (moral) ou *miktón* (mista). A fábula verbal ou *logikós* (racional) é a que possui seres humanos desempenhando a ação, ou seja, seres racionais. Já o gênero moral ou *álogo* (irracional) engloba todos os seres irracionais, os quais na narrativa imitam o caráter dos seres humanos. Por fim, a fábula mista mescla os dois tipos anteriores.

Aftônio (*Prog.*, 2-3) também explica a forma como a moral pode ser encontrada nessa composição: *promýthion* (promítio) e *epimýthion* (epimítio), essa após a narrativa e aquela antes da narrativa da fábula⁵⁹.

Como exemplo prático de composição, Aftônio (1991) narra a fábula “A Cigarra e as Formigas”⁶⁰, cuja moral exorta aos jovens que não querem trabalhar.

As escolas de retórica e, conseqüentemente, o uso das fábulas em seus estudos contribuíram para as primeiras definições e caracterização do gênero fábula. Além disso, de acordo com Marchezan (2003), deve-se a esses estudos a considerável quantidade de narrativas fabulísticas parafraseadas e o estudo do modelo argumentativo nas fábulas.

⁵⁵ Aftônio apresenta quatorze exercícios de retórica de modo claro e conciso. Em geral, segue a estrutura de apresentar uma descrição teórica da composição seguida por um exemplo prático.

⁵⁶ “La fábula procede de los poetas, pero [1] ha resultado también común en los oradores a causa de la moraleja que contiene.” (AFTÔNIO, *Prog.*, 1).

⁵⁷ “Una fábula es una composición falsa que simboliza una verdad” (AFTÔNIO, *Prog.*, 2).

⁵⁸ “De las fábulas, unas son verbales, otras morales y otras mixtas. Así pues, son verbales aquellas en las que se representa a un hombre realizando algo; son morales las que imitan el carácter de los seres sin facultad de hablar³, y mixtas las formadas a partir de ambos elementos, la carencia de palabra y la facultad de hablar⁴” (AFTÔNIO, *Prog.*, 2).

⁵⁹ “A la moraleja, en función de la cual se dispone la fábula, la llamarás promitio si la colocas delante; epimitio, en cambio, si la pones al final” (AFTÔNIO, *Prog.*, 2-3).

⁶⁰ Cf. ANEXO – “Fábula moral de las hormigas y de las cigarras que exhorta a los jóvenes al trabajo” (AFTÔNIO, *Prog.*, 3).

O uso da fábula nos exercícios retóricos, de acordo com Esteban (1994), foi importante desde a Antiguidade Clássica até o Humanismo Renascentista. Isso pode ser verificado por meio da menção da fábula em obras como a “Retórica” de Aristóteles, “Retórica a Herênio” de Cícero, os Manuais de Gramática e Retórica da Antiguidade Greco-Romana e os “*Progymnasmata*” de Aftônio.

Em relação a Roma, Fisher (1987) afirma que é difícil datar o início do uso das fábulas no ensino romano. Considera-se a menção feita por Quintiliano⁶¹ aos exercícios retóricos dos *progymnasmata*, os quais contêm fábulas, nas escolas romanas do século I d.C. Além disso, sob a perspectiva da retórica⁶², Quintiliano refere-se às fábulas no primeiro e no quinto livro da *Instituição oratória*⁶³.

Quintiliano recomenda o trabalho com fábulas para que as crianças romanas aprendam a falar e a escrever em grego, uma vez que essas histórias são próximas das narrativas oralizadas que ouviam de suas amas de leite o que faz que as fábulas se tornem mais familiares e, assim facilitem o aprendizado. Observe o trecho:

2. Assim, que aprendam bem as fábulas de Esopo, que estão muito próximas das histórias das nutrizas, a contá-las com linguagem correta e sem qualquer exagero e, em seguida, exigir por escrito a mesma sobriedade de estilo: primeiramente, deslindar os versos, depois interpretá-los com a substituição por palavras sinônimas e logo, com mais audácia, montar paráfrases tanto abreviando como embelezando, até onde for permitido pela ideia do poeta (QUINTILIANO, *Inst. Or.*, I, IX, 2)⁶⁴.

Neste excerto, podemos observar que Quintiliano sugere como pode ser realizado o trabalho com fábulas para os aprendizes. Primeiro, o mestre deve contá-las usando a linguagem adequadamente. Depois, pedir aos alunos para escrevê-la no mesmo tom em que a fábula foi narrada. Em seguida, é proposta uma análise dos versos de modo a observar a semântica dos vocábulos e substituí-los por sinônimos. Por último, realizar um exercício de parafrasear podendo ampliar ou reduzir a narrativa desde que seja mantida a ideia do fabulista. Este trecho também nos permite inferir o

⁶¹ Ele foi um retor oficial pago pelo Estado que viveu no século I d.C..

⁶² De acordo com Barthes (2005), a retórica de Quintiliano influenciou o fabulista La Fontaine, o dramaturgo Racine entre outros escritores.

⁶³ *Instituição oratória (De institutione oratória)* é uma obra composta por doze livros de modo a contribuir com a formação do orador a partir da infância. Os dois primeiros livros são tratados sobre a educação no nível primário e secundário e os demais sobre o ensino de retórica.

⁶⁴ QUINTILIANO, Marcos Fábio. **Instituição oratória**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Tomo I. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

uso didático de fábulas em versos nessa época. Facal (1985) deduz que Quintiliano esteja referindo-se às fábulas de Bábrio ou a de um de seus imitadores.

Quintiliano comenta também a respeito da invenção do gênero e de sua finalidade persuasiva, veja:

19. Também as fábulas, que são geralmente conhecidas como sendo da autoria de Esopo, embora a origem delas não provenha dele (uma vez que seu autor primeiro parece ser Hesíodo), costumam arrastar os espíritos sobretudo dos rústicos e dos incultos, que ouvem com mais simplicidade o que é imaginário e, levados pelo prazer, facilmente aderem àquilo que lhes dá satisfação: se de fato ainda Menênio Agripa, segundo se conta, apaziguou a plebe com aquela conhecida fábula da revolta dos membros humanos contra o ventre (QUINTILIANO, *Inst. Or.*, V, XI, 19)⁶⁵.

Neste trecho, Quintiliano oferece duas informações importantes sobre as fábulas. A primeira é que Esopo não criou este tipo de história, cabendo o mérito, de acordo com Quintiliano, a Hesíodo. O segundo fato é que a fábula por meio de sua narrativa alegórica tem o poder de persuasão daqueles que tendem a não ser tão flexíveis ou apresentam baixa instrução. Quintiliano exemplifica esse aspecto ao mencionar a história de que Menênio Agripa, cônsul em 503 a.C., contou a fábula da revolta dos membros humanos contra o ventre a fim de persuadir os plebeus a voltarem a suas atividades em Roma durante a secessão dos plebeus em 494 a.C.

Com a continuação da leitura, podemos observar que elementos das fábulas, trechos ou até mesmo a fábula em sua forma encaixada eram utilizados por poetas antigos como é o caso em que Quintiliano cita a alusão à fábula feita por Horácio no verso: “O que a precavida raposa disse ao leão doente” (QUINTILIANO, *Inst. Or.*, V, XI, 20)⁶⁶.

Outra informação que podemos extrair da “Instituição oratória” é o registro dos termos usados por gregos e romanos para referir-se as fábulas. Quintiliano cita que os gregos usavam as palavras *áinon* e *aisopéius* e *lógus mythicús* e *libykús*. Já os romanos também empregavam o termo *apologationem* (apólogo).

O sistema educacional romano, de acordo com Fisher (1987), foi o que mais empregou a fábula. A Educação e o gênero em estudo estão intrinsecamente

⁶⁵ QUINTILIANO, Marcos Fábio. **Instituição oratória**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Tomo II. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

⁶⁶ Ibid.

relacionados, pois a fábula faz parte da estrutura, currículo, instrução e valores transmitidos pela educação romana.

Assim como na Grécia, havia três níveis de ensino em Roma: a escola primária, a escola secundária e o ensino superior⁶⁷. As fábulas foram empregadas em atividades nesses três níveis de ensino.

O currículo das escolas romanas, segundo Fisher (1987), buscava oferecer uma base conceitual e linguística para o desempenho de qualquer profissão. Para alcançar tal objetivo, eles adotavam como modo de conhecimento a observação, a autoridade e a razão. A observação consistia tanto em um julgamento estético quanto na concentração em aspectos de fenômenos. Já a autoridade era o conjunto de pensamentos, observações e experiências comprovadas pelo tempo e de grande valor. A autoridade estava relacionada com a terceira forma, a razão. Essa dependia do amadurecimento do ser. Por isso, era a forma de conhecimento predileta no ensino da filosofia, a qual era aprendida por indivíduos com certa idade.

Fisher (1987) explica que todos os autores e oradores estudados eram vistos como autoridades. O estudo de seus textos servia como exercício de distinção entre a linguagem comum e a elegante, essa preferível como meta e padrão pessoal. Esopo era considerado uma dessas autoridades, suas fábulas eram lidas pelas crianças com o intuito de aprender a separar o bom do mau comportamento. Além disso, as fábulas eram usadas nos exercícios de retórica.

Assim como nas escolas gregas, as fábulas faziam parte de exercícios de cópia, reescritura em forma condensada ou ampliada, além de ser um dos primeiros textos que as crianças aprendiam a ler.

Fisher (1987) afirma que é difícil identificar quando as fábulas começaram a fazer parte oficial do currículo escolar greco-romano. Contudo, sabe-se que desde o século I a.C., a fábula já estava inserida nos exercícios das escolas primárias e secundárias e na teoria retórica.

Prova disso são os “*Hermeneumata*” de Pseudo-Dositeu, que é um livro didático escrito possivelmente por um professor do *Ludus Litterarius* em 207 d.C. Este

⁶⁷ De acordo com Fisher (1987), a escola primária era a *Ludus Litterarius*, na qual a criança entre 5 e 7 anos começava a aprender noções de leitura, escrita e contagem. As escolas secundárias mais antigas, segundo Pereira (2002), das quais se têm registro são do século III a.C.. Elas eram conhecidas como *Schola Grammatici*. Nelas o mestre (*grammaticus*) ensinava as línguas grega e latina, pronúncia, semântica, conhecimentos históricos e sobre os poetas. Já o ensino superior tinha o caráter técnico de modo a preparar o jovem, por volta dos 15 a 18 anos, para algum ofício, como as escolas retóricas que formavam oradores.

livro apresenta textos em grego e latim, o que possibilitou a identificação da autoria das fábulas tanto de Fedro quanto de Bábrio.

Os “*Hermeneumata*”, segundo Fisher (1987), é a única fonte que indica o uso escolar das fábulas em verso de Fedro. Outra consideração a respeito deste livro didático antigo é que não há uma preocupação em respeitar a métrica das fábulas contidas nele, importando-se apenas com o espaço em que estão inseridas. Este fato sugere que as primeiras narrativas que as crianças liam eram em prosa e não em verso.

Sob a perspectiva aristotélica, os retóricos latinos usavam as fábulas como ilustração ou prova em suas práticas de oratória. A título de exemplo, o orador Cícero citou em “*Partitiones Oratoriae*” (aproximadamente 50 a.C.) que a fábula poderia ser usada como prova argumentativa. Fisher (1987) comenta que Cícero não utilizou a fábula em seus discursos, porém como foi educado em um sistema de ensino que a utilizava, tinha conhecimento da sua utilidade e recomendou seu uso ao seu filho por meio da obra “*Partitiones Oratoriae*”.

Apesar de que o principal objetivo do uso de fábulas pelas escolas retóricas era utilizá-las como exemplo ilustrativo no desenvolvimento do raciocínio discursivo, segundo Duarte (2013), sua leitura fazia que esse propósito inicial fosse transcendido ao gerar divertimento ao seu leitor.

3.2 Na Antiguidade Indiana

Dentre as tradições mais importantes de fábulas para a humanidade está a tradição de fábulas indiana. Embora o nosso objetivo priorize a tradição da Antiguidade Clássica, é válido destacar alguns aspectos sobre as fábulas indianas.

Nos manuais de literatura sânscrita, segundo Vargas (2018), as fábulas estão abrigadas no gênero *nitiçāstra*, que é um tipo de tratado que reúne conteúdos relacionados a conduta, ou seja, elas pertencem a um gênero de caráter didático, técnico.

De acordo com Vargas (1991), a primeira coletânea de fábulas indianas é o “*Pañcatantra*”, também conhecido como “Os cinco tratados em forma de histórias”, cuja autoria é atribuída a Kautilya. Desta forma, o *Pañcatantra*

descreve as matérias relacionadas à vida prática: economia, administração, técnicas diversas e sobretudo política. O *Pañcatantra*

é, na verdade, um conjunto de modelos que um brâmane, Visnuçarman, utiliza para que, no espaço de seis meses, os filhos de um rei possam adquirir sabedoria (VARGAS, 1991, p. 45).

Como podemos observar, o “Pañcatantra”⁶⁸ é uma espécie de manual com conteúdo prático e importante para se administrar um reino. Ele era utilizado na educação dos futuros governantes. Seu método permitia sua aplicação em seis meses de modo a preparar os filhos dos reis a agir com sabedoria.

O “Pañcatantra” é composto por cinco livros independentes, intitulados: “I. A desunião de amigos; II. A aquisição de amigos; III. A história do corvo e da coruja; IV. A perda do bem adquirido; e V. A ação inconsiderada” (VARGAS, 2018, p. 132). As fábulas do primeiro livro apresentam os dois chacais protagonistas que trarão inimizade entre o rei, figurativizado pelo leão, e o ministro de confiança do rei, representado pelo touro. O segundo livro apresenta fábulas que valorizam a união e a ajuda mútua. Já o terceiro livro descreve os meios que um guerreiro deve aprender para escolher o soldado mais adequado na hora da guerra. O quarto livro adverte os homens para que ajam com prudência e lucidez. Por fim, o quinto livro traz as consequências daqueles que agem precipitadamente e com imprudência.

Nesta síntese da temática do “Pañcatantra” podemos observar que as imagens das fábulas contribuem para a transmissão do conhecimento e valores necessários para um aprendiz tornar-se uma liderança em seu reino. Sua finalidade didática é cumprida por meio de narrativas com personagens atrativos, cujas ações alegóricas são envolventes de modo a persuadir/instruir seu enunciatário e capacitá-lo para os desafios da vida.

Segundo Vargas (2018), outra importante coleção de fábulas indianas é o “Hitopadeça”, que significa “Instrução útil” atribuída a Narayana (séc. X d.C.). Esta coletânea é formada por 46 fábulas organizadas em quatro livros. Um dos aspectos em comum entre essas coletâneas indianas é que ambas apresentam o brâmane Visnuçarman como narrador. Outra característica é que as duas têm a finalidade de contribuir com a educação dos filhos do rei. Além disso, 25 narrativas do “Hitopadeça” são oriundas do “Pañcatantra”.

⁶⁸ O “Pañcatantra” é um conjunto de textos em sânscrito compilados por volta do século I d.C.. Segundo Vargas (1991), uma das coleções mais antigas que se tem conhecimento do “Pañcatantra” é a que foi organizada por ordem do rei da Pérsia Khosru Anushirvan em pehlevi, um sistema de escrita persa, no século VI d.C.. A partir desta coleção originou-se a versão siríaca “Karataka e Damanaka” (570 d.C.) e a árabe “Calila e Dimna” (750 d.C.), ambas são conhecidas por esse nome em alusão aos dois chacais protagonistas chamados Karataka e Damanaka.

As fábulas das coletâneas indianas possuem a peculiaridade de possuírem preâmbulos e introdução, além de serem encaixadas umas nas outras compondo os tratados. A função do preâmbulo e da introdução é anunciar o argumento abordado e o enredo da fábula principal. Há uma instância que serve tanto de título para a fábula seguinte, quanto de constituição de sua moralidade (VARGAS, 1991).

Outra característica apontada por Vargas (1991) sobre as fábulas indianas é a intencionalidade do fabulista, a qual é claramente revelada para seu público, o que torna o argumento mais aceitável por esse. A intertextualidade com outros gêneros como provérbios, máximas, epopeias, textos filosóficos, contos e romances também é uma marca forte neste tipo de fábula. A respeito das personagens alguns animais antropomorfizados chegam até a receberem um nome (VARGAS, 1991).

Embora haja várias histórias nessas coletâneas de fábulas indianas, de acordo com Vargas (2018), há uma só ação, cada história apresenta um aspecto diferente a respeito do tema focalizado na ação. Ao mesmo tempo que o discurso narrativo figurativiza o discurso moralizante, pode haver nessas fábulas conteúdos que questionam essa lição de moral, de modo a valorizar a esperteza, inteligência e perspicácia (VARGAS, 2018). Em outras palavras, o brâmane Visnuçarman ao narrar as fábulas com provérbios e ditos populares como lição de moral, mostra que essas leis formuladas pelas convenções sociais se distanciam da realidade.

Há um maior resgate da situação de enunciação nas fábulas indianas, tanto por meio do discurso direto quanto por expressões dialógicas com o ouvinte/leitor de modo a engajá-lo na narrativa. Observe esta fábula indiana “Os macacos e o pássaro”:

Em uma região montanhosa, havia um bando de macacos. Certa vez, no tempo do inverno, eles não encontravam conforto de modo nenhum; feridos pela queda da chuva destruidora, seus corpos tremiam com o sopro irritante do vento. Por isso, alguns deles, tendo colhido frutos *guñjá*, que se assemelham a faíscas de fogo, passaram a soprar os frutos, desejosos de obter calor. Então o pássaro chamado Sucimukha, percebendo o esforço deles, disse ao bando:

“Puxa! Vocês são todos uns tolos. Essas faíscas não são brasas, são frutos *guñjá*. Para que essa canseira em vão? Não é assim que se dará a proteção contra o frio. Vocês devem procurar na floresta algum lugar livre do vento, uma caverna ou um vale na montanha. Além do mais, já se avista uma ruidosa nuvem”.

Então um deles, um velho macaco, disse ao pássaro:

“Ei, por que essa preocupação de sua parte? Você deve afastar-se, pois se diz: *Aquele que é sábio, que deseja o bem-estar de si mesmo, não deve dirigir-se ao jogador vencido, que foi interrompido várias vezes em seu trabalho.* E, ainda: *Aquele que é tolo, que se dirige ao*

caçador em sua angústia inútil ou ao simplório, que permanece na desgraça, alcança a ruína”.

O pássaro, sem dar atenção ao que ouvia, pôs-se a dizer aos macacos repetidamente:

“Ora, por que a angústia em vão?”.

Como de modo nenhum ele parasse de falar, um macaco, já zangado por cansar-se sem necessidade, agarrou-o pelas duas asas, arremessou-o contra uma rocha e, assim, ele morreu.

Por isso eu digo:

Um pedaço de madeira que não pode ser dobrado não se dobra; o uso da navalha não tem efeito em uma rocha; não se ensina a quem não quer ser discípulo.

E, ainda:

Instrução aos tolos certamente leva à raiva, não à tranquilidade; o leite bebido pelas serpentes apenas aumenta seu veneno.

E, além disso:

Conselho não deve ser dado a ninguém, seja quem for; um pássaro de bom ninho passou a ser um sem casa por causa do macaco tolo.

Damanaka perguntou:

“Como foi isso?”

Karataka contou: (VARGAS, 2018, p. 146-147).

Esta fábula faz parte do primeiro livro do Pañcatantra, cuja temática é a desunião de amigos. Dentro do contexto da narrativa moldura em que as personagens leão e touro estão se odiando, o chacal Karataka narra esta história para ilustrar que a desavença entre os amigos não traz nenhum benefício. Além da extensão um pouco maior que as fábulas da tradição clássica greco-romana, nota-se um maior detalhamento dos elementos da narrativa, como a denominação do pássaro como Sucimukha.

Os trechos em itálicos mostram o discurso moralizante composto por vários ditados da sabedoria popular indiana. Além disso, podemos observar as marcas do discurso enunciativo por meio dos verbos conjugados no presente, o uso da primeira pessoa do singular como em “Por isso eu digo” (VARGAS, 2018, p. 147).

A característica dialógica também pode ser observada nessa fábula por meio das falas do macaco e do pássaro, as quais revelam a atitude preocupada desse e a angústia daquele. Além disso, enunciados do tipo “Como foi isso?” expressam o dialogismo entre o enunciador e o enunciatário.

Também podemos notar nesta fábula a presença dos três discursos. O figurativo por meio da história do bando de macacos e o pássaro, o moralizante expresso nos quatro ditados populares e o metalinguístico na expressão "Por isso eu digo".

Ao final desta fábula podemos observar que a última parte do discurso moralizante serve tanto para expor o tema da fábula narrada quanto para introduzir o assunto da próxima fábula. Desse modo, o enunciatório Damanaka figurativiza o ouvinte/leitor ao perguntar como esse assunto aconteceu. Assim como em algumas fábulas Fedro delega Esopo como enunciador, temos aqui novamente pelo recurso da debreagem, o enunciador fazendo isso com Karataka, o qual narrará a próxima fábula.

3.3 Na Idade Média e Renascimento

A educação no período medieval, segundo Nunes (1986), pode ser dividida em dois períodos, muito próximos cronologicamente da divisão entre Alta Idade Média (séc. V d.C. ao XV d.C.) e Baixa Idade Média (séc. X d.C. ao XV d.C.). O primeiro período inicia-se em 476 d.C. e se estende até 1150 d.C.. Já o segundo período é marcado pelo surgimento das universidades no século XII até o final da Idade Média (séc. XV).

Uma das principais diferenças do ensino no período Clássico Greco-Romano para o Medieval é que na educação clássica era necessário que os estudantes frequentassem diferentes escolas para cada disciplina. Já na educação medieval, surgem os locais de instrução, onde eram ensinadas todas as disciplinas, ou seja, as Artes Liberais sob a perspectiva religiosa.

As escolas do medievo, de acordo com Nunes (1979), eram estabelecimentos educacionais pertencentes à Igreja e, portanto, de caráter público. Possuíam vários mestres sob o mesmo ideal religioso, cujas matérias eram organizadas e inspiradas pela instrução religiosa.

Nesta época, a escola cristã organizou-se com base na divisão do clero em secular e regular. O clero secular vivia nas cidades e estava organizado em nível paroquial e episcopal. Na escola paroquial⁶⁹ os meninos aprendiam a ler, calcular e cantar. Já na escola episcopal funcionava como uma espécie de seminário onde se ensinavam as Artes Liberais e as disciplinas religiosas.

⁶⁹ Vale ressaltar que, as escolas paroquiais incumbiam-se do ensino elementar e as episcopais do ensino mais aprofundado, o qual no final da Idade Média, contribuiu para a formação das primeiras universidades como estabelecimentos de ensino superior. Já as escolas monásticas continham tanto os estudos básicos quanto os avançados.

Um dos trabalhos importantes oriundos das escolas episcopais para o estudo das fábulas é o de Isidoro de Sevilha. Ele foi um bispo da região espanhola de Sevilha. Dentre sua obra, destacamos “Etimologias”, a qual no tópico 40 do Livro I, intitulado “Sobre a fábula”, aborda a origem e etimologia da fábula, assim como a diversidade de seus objetivos.

Além disso, Isidoro comenta sobre a possibilidade de Alcmeon de Cretona ser o criador das fábulas, porém o prestígio coube a Esopo por ter se destacado entre os gregos em seu uso. Ele também diferencia as fábulas esópicas das líbicas, nessas as personagens são humanos conversando com animais e vice-versa e naquelas as personagens são animais, vegetais ou seres inanimados dialogando entre si.

Pereira (2003) afirma que, por meio da abordagem de Isidoro de Sevilha sobre a fábula, é possível observar a relação entre a fábula e a tradição religiosa, a qual destaca seu aspecto ficcional em oposição ao mundo real, isto é, a fábula é utilizada como sinônimo de tudo aquilo que é inventado.

Além disso, neste contexto da educação medieval, a fábula era vista como algo que permitia o acesso à verdade de modo velado, discreto, enigmático. Nas palavras de Morais (2003, p. 14):

Assim, a *fabula* é entendida quer como o elemento que permite o acesso à verdade por ser seu canal imprescindível, embora perecível, quer, por outro lado, como algo que veda o acesso gratuito aos mistérios – aquilo a que os teólogos e filósofos medievais chamaram o «véu», mais precisamente o *integumentum* ou *involucrum* –, preservando o carácter secreto da verdade e o seu elemento de enigma.

Em outras palavras, no mundo cristão a verdade é Deus, sendo esse apresentado por meio dos mistérios da fé, os quais devem ser acreditados de forma dogmática pelos adeptos dessa religião. Desse modo, a fábula por meio de sua narrativa inventada pode transmitir os valores cristãos por meio de sua lição de moral, ou seja, sua ficcionalidade permite que seu interlocutor tenha contato com a realidade por meio de sua narrativa enigmática.

Por sua vez, o clero regular vivia nos mosteiros localizados nas zonas rurais. Nestes mosteiros formaram-se as escolas monásticas, também chamadas cenobíticas. A escola monástica tinha o objetivo de instruir literariamente e religiosamente os membros da congregação ou ordem religiosa.

Os monges, tanto mestres quanto alunos, foram importantes para que a fábula se propagasse e chegasse até nós, pois, eles atuaram tanto na cópia de manuscritos e compilação das narrativas fabulísticas de diferentes autores, quanto na tradução para diferentes línguas. Para exemplificar, Esteban (1994) comenta que alguns estudos atribuem a Maximus Planudius⁷⁰ a propagação da mais completa coletânea de fábulas esópicas para o Ocidente.

De acordo com Dezotti, L. (2018), os alunos após estarem alfabetizados e terem aulas de gramática, eles começavam a ter contato com narrativas, dentre essas as fábulas de Aviano⁷¹. Segundo esse autor, as fábulas eram utilizadas no ensino de escansão de versos, na recitação de poesia latina e na aprendizagem das lições de moral que veiculavam.

Uma das provas de que as fábulas de Aviano foram usadas como texto escolar nas escolas medievais, segundo Fisher (1987), é a edição do manuscrito de Erfurt realizada por Risse (1964). Neste manuscrito, há as quarenta e duas fábulas de Aviano, sendo que, cada fábula está acompanhada por um comentário o que pode sugerir a utilização das fábulas por meio da técnica exegética dos Padres da Igreja na instrução nas escolas medievais.

Dado esse cenário sobre o uso didático das fábulas de Aviano, vamos conferir por meio do prefácio algumas informações sobre suas fábulas e coletânea que possam ter sido importantes para a escolha de seus textos em âmbito escolar. Observe:

Teodósio, meu grande amigo:
 Enquanto eu decidia com que título literário preservar a memória de nosso nome, ocorreu-me a composição de fábulas, porque nelas se admite a falsidade, desde que bem elaborada, e a necessidade de verdade não é uma obrigação.
 Afinal, quemalaria de oratória ou de poesia contigo, se em ambos os gêneros literários superas tanto os áticos no conhecimento da cultura grega quanto os romanos na pureza do latim?
 Assim, saberás que o pioneiro na matéria foi Esopo, que, aconselhado pelo oráculo de Apolo de Delfos, criou histórias espirituosas para reforçar seus ensinamentos.
 Justamente por servirem de exemplo, tanto Sócrates inseriu fábulas em suas obras divinas quanto Horácio as empregou em sua poesia, já que elas, aparentando ser meras anedotas, trazem lições de vida.
 Bábrio, por sua vez, organizou dois volumes reescrevendo em iambos gregos, e Fedro distribuiu boa parte delas por cinco livrinhos.

⁷⁰ Monge que vivia em Constantinopla e mudou para a Itália em 1327 (ESTEBAN, 1994).

⁷¹ Fabulista que escrevia fábulas em latim por volta dos séculos IV-V d.C..

Quanto a mim, parti de um antigo conjunto de fábulas, escritas em latim modesto, para compor as 42 deste livro, tentando refazê-las em versos elegíacos.

Assim, tens em mãos uma obra para divertir o espírito, exercitar a inteligência, aliviar as inquietações e conhecer em segurança todo o arranjo do viver.

É claro que fazemos árvores falarem, feras reclamarem com humanos, aves discutirem, animais darem risada, para que até mesmo os seres inanimados possam dizer o que pensam, conforme a necessidade de cada um (AVIANO, 2018, p. 122-123).

Aviano inicia seu prefácio dedicando sua coletânea ao amigo Teodósio⁷². Tal informação auxilia os pesquisadores a identificar o período em que o fabulista viveu, pois, há poucas informações registradas sobre ele. De acordo com Dorado (2005), a maioria dos estudiosos acredita que Aviano viveu entre o final do século IV e início do século V.

O objetivo de Aviano era perpetuar o próprio nome, como podemos observar em:

Enquanto eu decidia com que título literário preservar a memória de nosso nome, ocorreu-me a composição de fábulas, porque nelas se admite a falsidade, desde que bem elaborada, e a necessidade de verdade não é uma obrigação (AVIANO, 2018, p. 122).

Aqui o fabulista indica que as fábulas servem como um instrumento que, por meio de uma narrativa mentirosa e bem elaborada, pode mascarar uma verdade. Vieira (2003) afirma que Aviano tinha o intuito de, por meio de suas fábulas, alertar as pessoas sobre o mundo e os costumes de seu tempo. Além dessa finalidade, o fabulista indica, no penúltimo parágrafo de seu prefácio, outros objetivos que podem ser alcançados com a leitura de seus textos, por exemplo, servir como entretenimento, como exercício intelectual, como atividade prazerosa ou na transmissão de ensinamentos sobre a vida.

Assim como Fedro e Bábrio, Aviano atribui a criação das fábulas a Esopo, explicando que esse a criou sob a inspiração de Apolo. Parece que Aviano mescla algumas informações lendárias sobre Esopo. Podemos relacionar alguns fatos biográficos nesta afirmação de Aviano. O primeiro fato é que Esopo foi um grande propagador do gênero na região da Grécia Antiga e, por isso, muitos o consideram como o “pai da fábula”. O segundo está relacionado ao primeiro, devido a isso, muitos

⁷² Ambrosio Macrobio Teodósio foi um gramático latino que escreveu “Saturninas” e “Comentário ao Sonho de Escipião”.

compiladores e estudiosos atribuíram a Esopo a autoria de várias fábulas anônimas da Antiguidade Clássica. O terceiro fato está relacionado ao destino da vida de Esopo. Dezotti, M. (2018) citando Heráclides do Ponto (séc. IV a.C.) comenta que Esopo foi acusado indevidamente de roubo de um vaso de ouro do templo de Apolo, localizado na cidade de Delfos. Por causa disso, foi condenado à morte, sendo jogado de um penhasco. Por fim, Aristóteles comenta na “Retórica” (*Ret.*, II, 1393a-1393b) algumas situações em que o fabulista utilizou as fábulas para transmitir algum ensinamento.

Aviano também comenta sobre o uso do gênero por alguns autores da Antiguidade Greco-Romana: “Justamente por servirem de exemplo, tanto Sócrates inseriu fábulas em suas obras divinas quanto Horácio as empregou em sua poesia, já que elas, aparentando ser meras anedotas, trazem lições de vida.” (AVIANO, 2018, p. 122). Aqui temos exemplos do uso dessas narrativas antes da fábula tornar-se um gênero autônomo. Platão em “Fédon” relata que Sócrates enquanto esperava sua morte na prisão, versificou algumas fábulas esópicas que vinham à memória (MALTA, 2017). Já Horácio faz alusões esópicas ou reproduz fábulas na íntegra ou abreviadas como “O Rato da cidade e o Rato do campo” (*Sat.*, 2.6.79-117) e “A Raposa e o Leão doente” (*Epist.*, 1.1.73-75).

Aviano segue em seu prólogo mencionando os fabulistas anteriores. Isso aponta-os como principal influência em sua escrita. Sobre Fedro, ele afirma que a coletânea desse fabulista está organizada em cinco livros. Já a respeito de Bábrio, ele comenta o fato de Bábrio ter composto fábulas em grego usando o iambo como metro.

Após isso, Aviano comenta sobre sua própria coleção de fábulas, como a quantidade de textos, o metro usado em seus versos e a inspiração em fabulistas anteriores.

Por último, o fabulista comenta os tipos de personagens que podemos encontrar em sua obra. A título de exemplo temos fábulas protagonizadas por animais como “O Burro vestido com pele de leão”⁷³; plantas, por exemplo, “O Pinheiro e o Espinheiro”⁷⁴; seres inanimados como em “As duas vasilhas”⁷⁵, seres humanos como em “Os Dois companheiros e a Ursa”⁷⁶. Tal variabilidade de personagens é descrito por Aviano (2018, p. 123):

⁷³ Cf. ANEXO A – “O Burro vestido com pele de leão” (AVIANO, 2018, p. 124).

⁷⁴ Cf. ANEXO A - “O Pinheiro e o Espinheiro” (AVIANO, 2018, p. 130).

⁷⁵ Cf. ANEXO A - “As duas vasilhas” (AVIANO, 2018, p. 128).

⁷⁶ Cf. ANEXO A - “Os Dois companheiros e a Ursa” (AVIANO, 2018, p. 127).

É claro que fazemos árvores falarem, feras reclamarem com humanos, aves discutirem, animais darem risadas, para que até mesmo os seres inanimados possam dizer o que pensam, conforme a necessidade de cada um (AVIANO, 2018, p. 123).

Com essa descrição de ações de suas personagens, podemos perceber que a temática de suas fábulas segue a tradição fabulística, como o tema da amizade abordado em “Os Dois companheiros e a Ursa” (AVIANO, 2018). Também podemos encontrar fábulas como “O Burro vestido com pele de leão” (AVIANO, 2018) cujo tema gira em torno de aceitar a natureza das coisas, ou o enaltecimento de valores em detrimento de aspectos físicos como pode ser observado em “O Pinheiro e o Espinheiro” (AVIANO, 2018).

O segundo período da educação na Idade Média está relacionado à restauração do comércio e, conseqüentemente, o desenvolvimento da vida urbana, o que resultou no aparecimento de novos tipos de escolas. Um desses tipos são as escolas municipais com professores leigos. Outro tipo são as escolas das corporações de ofícios, responsáveis pela capacitação profissional.

Também houve a laicização profissional nas escolas episcopais, isto é, muitos professores passaram cada vez mais a se dedicar à vida ao ensino ao invés do ministério sacerdotal. Isso gerou novas escolas filiadas às episcopais. Aos poucos, segundo Nunes (1986), a área das Artes Liberais deu origem às Faculdades de Artes, as quais ao adotarem as obras de Aristóteles no ensino superior passaram a ser chamadas de Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.

As fábulas eram utilizadas tanto nas Escolas de Gramática quanto nas Universidades no período medieval. Esteban (1994) exemplifica o uso da fábula no ensino superior mencionando o professor da Universidade de Salamanca Juan Alonso Benavente (1403-1463) que utiliza fábulas esópicas em sua obra “*Ars et doctrina studendi et docendi*”.

Outros exemplos do uso de fábulas no ensino superior, segundo Esteban (1994), são a edição em espanhol de Lorenzo Valla de 1438, a qual foi utilizada em material didático de Humanidades e a compilação de Nebrija e Simón Abril, adotada para uso universitário.

Esteban (1994) afirma que, as coleções de fábulas mais populares no medievo reuniam textos de Fedro (I d.C.), Bábrio (II d.C.), Aviano (IV-V d.C.) e Rômulo (VI d.C.). Porém, o uso didático privilegiou mais os textos de Aviano. De acordo com Dezotti, L. (2018), as escolas medievais optaram por utilizar as fábulas de Aviano como parte do

material didático, pois eram consideradas mais adequadas ao contexto da educação cristã. Além disso, seu estilo de versos facilitava a leitura por aprendizes. Vale ressaltar que, Aviano não produziu sua coletânea com propósitos didáticos, mas com o objetivo de entreter seu amigo Theodósio e para sua própria reputação literária (FISHER, 1987).

As fábulas de Fedro, de acordo com Esteban (1994), foram utilizadas nas escolas durante o período Medieval por meio de seus imitadores como Ticiano, Rômulo, Nilant, Anônimo Niveleti entre outros, ou seja, seus textos foram usados de modo indireto. Apesar da pouca adesão às fábulas de Fedro pelas escolas medievais, sua coletânea influenciou vários autores ao longo dos anos, por exemplo, o surgimento dos “*Isopets*”⁷⁷ na França no século X. Devido ao seu caráter moralizante, aos poucos essas histórias começaram a ser destinadas às escolas.

Em relação a Bábrio, há duas tradições de manuscritos do segundo período da Idade Média que contém suas fábulas. A primeira é o Codex Athous (século X) e a segunda são os Códices 397 da biblioteca Pierpoint Morgan (século X), Bodleianus (século XIII) e Vaticanus (século XV). Segundo Morgan (2007), a existência dessas coletâneas mostram a popularidade de Bábrio, uma vez que ele era considerado como um autor menor e que escrevia um gênero não canônico.

Sobre Aviano, Esteban (1994) afirma que, há registros de exercícios escolares de cópia de suas fábulas desde o século IX d.C. e de paráfrases em prosa ou verso a partir do século XII d.C.. Tal preferência pode ser justificada pelo seu estilo poético e às vezes retórico e pelas alterações na extensão, no tema, nos argumentos e versificação daqueles textos inspirados em Bábrio.

De acordo com Esteban (1994), nos manuscritos dos séculos IX-XIII d.C. podemos encontrar como textos escolares a “*Distichas Catonis*”⁷⁸ e as fábulas de Aviano. Ambas apresentam ensinamentos moralizantes e eram muito utilizadas nas escolas medievais, principalmente no ensino de latim e na prática de leitura nas Escolas de Gramática.

Esteban (1994) explica que a partir do século XIII d.C. a coletânea de fábulas de Aviano e a “*Distichas Catonis*” ajudaram a compor o “*Liber Catonianus*”, uma espécie de enciclopédia escolar do Humanismo monástico e escolástico. Há registros de seu uso nas Escolas de Gramática de Castellón, na Espanha em 1382.

⁷⁷ De acordo com Coelho (1991), os “*Isopets*” são narrativas de animais escritas em verso.

⁷⁸ “*Disticha Catonis*” é um material didático de autoria de Comodiano, mas atribuída a Catão, o Velho.

São vários os manuscritos que compõem o “*Liber Catonianus*”, também variam os autores que compõem essa enciclopédia escolar. A título de exemplo, no mosteiro gregoriano de San Martín da Escalada encontramos códices de Donato, Dísticos de Catón, Esopo, Lucano entre outros.

Em 1488, há em Lyon a impressão do “*Libri Minores*”, o qual reunia textos como “*Disticha Catonis*”, “*Fabulae*” (G. Anglicus), “*Egloga*” de Theodolus entre outros. O “*Libri Minores*” tinha cunho religioso e moralizante e era utilizado no ensino de gramática para as crianças. Esteban (1994) comenta que as fábulas de Esopo estavam presentes na edição “*De liberis educandis*” usada na Escola Palatina dos Reis Católicos, na Espanha.

As fábulas, segundo Esteban (1994), também foram utilizadas na educação do príncipe espanhol Juan. Isso pode ser verificado no “*Liber de educatione Johannis Serenissimi Principis*” (1507), o qual no seu segundo livro apresenta dois capítulos que abordam a fábula. Um capítulo trata sobre a seleção de fábulas para o ensino da fala para crianças e quais gêneros de fábulas eram mais adequados ao ensino segundo os filósofos. Já o outro aborda a respeito das fábulas que deveriam ser propostas aos príncipes quando esses começassem a falar e sobre o modo como eles devem estar acostumados com as verdades da fé.

Em relação a Coleção de fábulas de Rômulo, Esteban (1994) comenta que o nome da coleção designa um conjunto de aproximadamente 80 fábulas anônimas do século VI d.C. e não a um fabulista. Esta coletânea serviu de base para vários autores escolásticos tanto sob a perspectiva didática quanto ética e moral.

Dois fatores do final da Idade Média foram fundamentais para uma nova mudança na vida escolar. O primeiro é a propagação das ideias do Humanismo que fomentou a releitura de autores clássicos greco-romanos. O segundo é o surgimento da imprensa que permitiu o acesso às obras por meio da impressão e venda à baixo custo. Isso gerou uma mudança no método didático, pois o fato dos alunos poderem ter livros em sala ou em casa tornava-se desnecessário o conhecimento estar concentrado apenas no professor, que detinha acesso aos manuscritos, e, portanto, lia-os e os explicava aos alunos recorrendo a prática de memorização.

As escolas humanistas, de acordo com Nunes (1986), eram destinadas à educação das elites. Elas tinham como objetivo o desenvolvimento pleno da personalidade, para isso, era necessário a imitação dos Antigos nas diferentes expressões artísticas. Um indivíduo era considerado bem educado se tivesse boa

conduta, maneiras e capacidade composicional inspirados nos modelos greco-romanos.

Nos países católicos, surgiram instituições religiosas que se incumbiram da educação popular elementar. Destaca-se a educação promovida pelos jesuítas pertencentes a ordem católica Companhia de Jesus. As escolas jesuíticas, de acordo com Nunes (1986), ofereciam um ensino sólido em Letras e Ciências Matemáticas. Elas podiam ser frequentadas tanto pela elite quanto por alunos de camadas mais populares que apresentassem algum talento.

Neste contexto, as fábulas para os Retóricos do Humanismo, segundo Esteban (1994), têm as funções de entreter e instruir de modo a condenar a conduta humana corrupta. Isso pode ser observado, por exemplo, na coletânea francesa de fábulas de Jean de La Fontaine⁷⁹.

Este autor é importante tanto na propagação do gênero fábula na França quanto no mundo. Em 1668, La Fontaine publica “Fábulas” (*Fables choisies mises en vers*), uma coletânea com cento e vinte e quatro fábulas; dessas, uma centena segue a tradição esópica (ALCOFORADO, 2018).

Jean de La Fontaine buscou por meio dessa obra trazer alegria aos seus textos, ou seja, o fabulista buscou inovar tornando as fábulas mais encantadoras e agradáveis ao abordarem alguns assuntos. O fabulista francês justifica essa escolha em seu prefácio. Nas palavras desse autor: “Não se encontrarão aqui a elegância nem a extrema concisão que tornam Fedro recomendável: são qualidades acima do meu alcance.” (LA FONTAINE, 2005, p. 36). Como podemos observar neste excerto, La Fontaine não se considerava tão talentoso quanto o fabulista latino Fedro que escrevia suas fábulas também em versos, mas com elegância e brevidade.

A grande contribuição de La Fontaine para a tradição da fábula foi seu caráter inventivo. Ele se inspirou em fábulas de tradições antigas como a Clássica e a Indiana e as recriou de acordo com a sua época, escrevendo suas narrativas em versos e adornando-as de modo a torná-las mais prazerosas ao leitor francês. Nas palavras de La Fontaine (2005, p. 37):

⁷⁹ Segundo Alcoforado (2018), Jean de La Fontaine nasceu em 1621, em Château-Thierry, na França. Ele sempre foi um assíduo leitor desde a tradição greco-romana até os autores do século XVI. Esse hábito literário refletiu em sua produção fabulística, que foi inspirada em autores como Esopo, Fedro e Aviano.

E o que se pede hoje em dia: deseja-se novidade e alegria. Não chamo alegria o que provoca o riso; mas, um certo encanto, um ar agradável que se pode dar às espécies de assuntos, mesmo os mais sérios.

O fabulista explica neste trecho extraído do prefácio de sua obra o que ele denomina como alegria. Com isso, pode-se afirmar que um dos aspectos de sua inovação é uma abordagem prazerosa de assuntos delicados de sua época.

La Fontaine dedica sua coletânea de fábulas ao Grande Delfim e Monsenhor da França, Luís de França, filho de Luís XIV e Maria Teresa. Na época que La Fontaine criou suas fábulas, Luís de França era uma criança de aproximadamente seis anos, ou seja, estava em idade adequada para começar sua instrução. Desta forma, o fabulista francês escreve uma carta ao herdeiro do trono francês recomendando a leitura de fábulas, observe:

Ouso, MONSENHOR, apresentar-vos alguns ensaios. É um entretenimento conveniente aos vossos primeiros anos. Estais em uma idade em que o divertimento e os jogos são permitidos aos príncipes; porém ao mesmo tempo deveis dedicar alguns dos vossos pensamentos a reflexões sérias. Tudo isto se encontra nas fábulas que devemos a Esopo. A aparência é pueril, confesso-o; mas essa puerilidade serve como cobertura a verdades importantes (LA FONTAINE, 2005, p. 31, *grifo do autor*).

Neste trecho da carta, La Fontaine afirma que essa coleção de textos é divertida e poderá entreter o príncipe. Além disso, subtende-se a pertinência de uma aprendizagem envolvendo aspectos lúdicos às crianças com a mesma faixa etária do Delfim. Sendo assim, a leitura de fábulas é recomendada neste início do processo de aprendizagem da vida, pois elas apresentam um caráter lúdico, divertido, mas sem deixar de abordar assuntos sérios.

Ainda em sua carta a Luís de França, Jean de La Fontaine continua a comentar sobre o método de ensino utilizando fábulas:

Esopo encontrou uma arte singular fazendo-os juntar um ao outro: a leitura de seu trabalho espalha insensivelmente em uma alma as sementes da virtude, e a ensina a conhecer-se sem que ela se aperceba deste estudo, e enquanto crê fazer por completo outra coisa (LA FONTAINE, 2005, p. 32).

Aqui o fabulista comenta que a leitura das fábulas esópicas transmite virtudes de modo quase imperceptível, conforme se avança na leitura o leitor vai conhecendo os valores importantes para sua vida de modo a buscar inseri-los em sua vida cotidiana naturalmente. Em outras palavras, a leitura de fábulas de Esopo permite

uma aprendizagem de valores para viver-se bem em sociedade segundo os comportamentos e convicções almejados da época.

La Fontaine (2005) comenta que Platão recomendou o uso de fábulas para ensinar as crianças com a finalidade de que essas se acostumem com a sabedoria e a verdade. O fabulista afirma que as imagens das fábulas são como uma aparente brincadeira que trazem um sentido sólido; por isso, são adequadas ao processo cognitivo de aprendizagem das crianças. Ele ainda argumenta:

E como, pela definição do ponto, da linha, da superfície, e por outros princípios muito familiares, chegamos a conhecimentos com que se medem afinal o céu e a terra, assim também, pelo raciocínio e as conseqüências [sic] que se podem tirar destas fábulas, formam-se o julgamento e os costumes, toma-se a criatura capaz de grandes coisas (LA FONTAINE, 2005, p. 38).

Em outros termos, o raciocínio e as conseqüências das ações na fábula são ferramentas para o desenvolvimento do senso crítico, permitindo ao indivíduo ser um grande influenciador por meio da habilidade de persuasão das fábulas.

Entre o prefácio e as fábulas, La Fontaine apresenta um poema dedicado ao Delfim da França. Assim como o prefácio, este poema revela importantes aspectos sobre o gênero fábula. Observa-se:

A monsenhor, o Delfim
 Aqui canto os heróis dos quais Esopo é autor;
 Elenco de que a história é irreal mas de valor,
 Pois verdades contém que servem de lição.
 A qualquer ser dou voz, té os peixes falarão:
 Tem endereço a nós o que deles se ouvir;
 Recorro aos animais para os homens instruir.
 Rebento ilustre que és de um rei dos céus amado,
 Para o qual todo o mundo está de olhar voltado.
 Rei que curvar fazendo os maiores em glórias,
 Seus dias contará pelas suas vitórias.
 Um outro te dirá com voz mais poderosa
 Os feitos de avós teus, dos reis a ação virtuosa;
 Eu te vou entreter com leves aventuras,
 Nestes versos traçar mui rápidas pinturas;
 E se não conseguir o bem de te agradar,
 A honra ao menos terei de tal coisa tentar. (LA FONTAINE, 2005, p. 42).

No primeiro verso, encontramos a identificação do destinatário do poema, o qual é o Delfim da França, o mesmo que o fabulista dedica toda sua coletânea de fábulas.

La Fontaine em tom épico informa que contará histórias, cujas personagens foram criadas por Esopo. Já o terceiro verso apresenta o caráter ficcional do gênero, o qual, segundo o próximo verso, é de grande importância pois transmite lições por meio de verdades moralizantes.

O ensinamento das fábulas para La Fontaine (2005) vai muito além da lição de moral, pois essas narrativas apresentam características tanto de seres humanos quanto de animais por meio de imagens alegóricas que as associam. A esse respeito, La Fontaine (2005, p. 38) afirma:

Elas não são somente morais, fornecem ainda outros conhecimentos: as propriedades dos animais e seus diversos caracteres aí estão expressos; por conseguinte, os nossos também, pois que somos o resumo do que existe de bom e de mau nas criaturas irracionais.

O assunto, a escolha das personagens e os valores transmitidos refletem o conhecimento passado ao longo das gerações. Nas palavras de La Fontaine (2005, p. 39):

Assim essas fábulas são um quadro onde cada um de nós se encontra pintado. O que elas nos apresentam confirma as pessoas de idade avançada nos conhecimentos que a experiência lhes deu, e ensina às crianças o que é preciso que saibam.

Já nos versos “A qualquer ser dou voz, té os peixes falarão: / Tem endereço a nós o que deles se ouvir; / Recorro aos animais para os homens instruir.” (LA FONTAINE, 2005, p. 42), podemos observar o aspecto alegórico da fábula, o qual utiliza-se da personificação de animais e outros seres para transmitir uma verdade relacionada ao contexto do enunciário. Embora La Fontaine dedique sua coleção de fábulas a uma criança, o propósito de seus textos é instruir os adultos sobre as atitudes adequadas e os valores morais de sua época.

Em suma, La Fontaine por meio deste poema explica ao Delfim da França que narrará fábulas versificadas, cujas personagens são animais e outros seres que realizam ações inventadas. Tais narrativas transmitirão ao príncipe verdades sobre a vida e o instruirão sobre as virtudes e valores.

De acordo com Coelho (1991), Jean de La Fontaine ao escrever a fábula em verso para ser lida nos salões franceses elevou essa narrativa ao mais alto nível de poesia e a nutriu com o pensamento filosófico da época. Suas fábulas tinham a dupla

finalidade de divertir e instruir. Suas personagens antropomorfizadas eram alegorias da corte francesa.

Um dos resultados do Renascimento Europeu foi a melhora nos instrumentos e técnicas de navegação, o que propiciou as Grandes Navegações Marítimas do século XV. O processo de colonização do Brasil foi uma das consequências desse desenvolvimento técnico-científico. Como o Brasil foi dominado por Portugal, um país católico na época, o início do processo educacional brasileiro deu-se por meio das missões jesuíticas, as quais fundaram os primeiros colégios brasileiros. No próximo capítulo estudaremos sobre a educação no Brasil e veremos em que momento as fábulas começaram a fazer parte do ensino em nosso país.

4 A FÁBULA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A fábula e a Literatura Infantil estabelecem uma relação antiga e de benefício mútuo. De acordo com Dezotti (2017), por uma via temos a fábula presente tanto na literatura oral de diferentes culturas quanto no início da consolidação da Literatura Infantil em diferentes países. Por outra via, a Literatura Infantil contribui com a elasticidade da fábula, sua sobrevivência e popularização. No início da Literatura Infantil Ocidental e, também no caso brasileiro, o objetivo era a produção de livros para crianças com intuito pedagogizante, ou seja, as narrativas eram voltadas para a instrução, aparecendo muitas vezes em livros didáticos. Desse modo, buscava-se reunir histórias da tradição oral ou adaptar à linguagem da criança narrativas que inicialmente foram escritas para adultos. Este era o cenário perfeito para que a fábula compusesse o rol dos gêneros tradicionais de grande importância para a Literatura Infantil (RAMOS, 2003), pois, as narrativas fabulísticas já faziam parte da tradição popular, agora, elas contribuem para o desenvolvimento da Literatura Infantil.

Um dos resultados dessa via-dupla entre fábula e Literatura Infantil no Brasil é que, de acordo com Dezotti (2017), a inserção das fábulas nos materiais formativos brasileiros contribuiu para a formação de leitores competentes neste tipo de narrativa, estimulando o surgimento de novos fabulistas brasileiros. Desse modo, ao longo deste capítulo, citaremos alguns fabulistas cujas fábulas serviram para a formação geral da criança por meio da leitura prazerosa e/ou tiveram suas fábulas inseridas em materiais didáticos.

O gênero fábula no Brasil popularizou-se sob o rótulo de Literatura Infantil e, desse modo, está presente em muitos materiais didáticos voltados ao ensino de crianças e adolescentes. Porém, isso não significa que a fábula seja exclusiva para este público. Veremos alguns exemplos deste gênero produzido para jovens e adultos. Além disso, ela é muito utilizada como ferramenta de ensino em diferentes cursos no Ensino Superior, ou seja, este gênero é muito estudado por adultos sob diferentes perspectivas como ensino, aprendizagem e aplicação de teorias. Também encontramos neste nível de ensino algumas pesquisas que estudam a fábula enquanto gênero.

Na primeira seção, faremos um paralelo entre alguns momentos da educação brasileira e as principais manifestações da fábula na Literatura, desde o Brasil colonial

até os nossos dias, passando por alguns documentos que contribuiriam para seu uso efetivo em sala de aula.

Como reflexo das diferentes fases da educação brasileira, poderemos ver, na seção seguinte, alguns exemplos de como o gênero fábula foi abordado em livros didáticos de diferentes épocas e níveis de ensino. Com o desenvolvimento tecnológico, cada vez mais a educação utiliza-se de recursos e ferramentas do mundo digital. Desse modo, veremos em “3.3 A fábula na era digital” algumas expressões do gênero no âmbito virtual.

Em “3.4 A fábula no Ensino Superior”, dedicamo-nos a partilhar alguns exemplos de experiências na Educação Superior que utilizaram a fábula como ferramenta para o ensino de novos/outros conteúdos. Também mencionaremos algumas vivências que mostram a relação entre o gênero e o ensino-aprendizagem de adultos neste nível.

Por fim, destacamos alguns trabalhos realizados nos últimos cinco anos por alunos dos cursos de Mestrado Profissional. Estas pesquisas que abordam o gênero fábula mostram como a fábula pode ser um elo no processo de ensino-aprendizagem, de modo a relacionar o Ensino Superior à Educação Básica, os estudos teóricos sobre o gênero com a sua aplicabilidade em sala de aula.

4.1 Dos primórdios até a BNCC

A história da educação no Brasil, de acordo com Haidar (1986), começa em 1549, quando os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil durante o governo geral de Tomé de Souza. Nos primeiros séculos, o ensino público brasileiro estava sob a responsabilidade dos padres jesuítas, que fundaram várias escolas e colégios.

Este cenário começa a ser modificado a partir das reformas propostas pelo Marquês de Pombal. Dentre essas a expulsão dos jesuítas do território do Império Português, que incluía também a região da colônia brasileira. Com isso, a educação pública no Brasil passou das mãos dos padres jesuítas para o Estado, o que refletiu em uma mudança metodológica e na laicização do ensino.

Infelizmente, não encontramos registros de circulação de fábulas durante o período colonial brasileiro. É possível que elas fizessem parte das narrativas orais trazidas da metrópole portuguesa e transmitidas de geração em geração, assim como outras narrativas populares que compuseram o nosso folclore.

Já no Brasil Império, foi assegurada pela Constituição de 1824, a instrução primária gratuita a todos os cidadãos. Além disso, a carta-mor previa a criação de escolas e universidades pelo Estado. Haidar (1986) comenta que o Ato Adicional de 1834 distribuiu a responsabilidade sobre a oferta de ensino, cabendo aos Municípios da Corte propiciar os estudos primários e secundários e ao Poder Central ofertar o ensino superior. Esta lei também permitia aos municípios e províncias estabelecerem impostos para atender as necessidades da instrução pública desde que não interferissem no valor que deveria ser arrecadado para o Estado.

Segundo Haidar (1986), o ensino no Rio de Janeiro, capital do Brasil Império, sofreu a reforma Couto Ferraz em 1854, que inspirou uma mudança no ensino das demais províncias. Por meio do Decreto 1.331^o de 17 de fevereiro de 1854, o ministro do Império do Gabinete Paraná, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, regulamentou a Instrução Primária e Secundária⁸⁰ na capital imperial.

Em suma, o ensino público secundário estava organizado em colégios e liceus. Os liceus imitavam o estilo francês de um sistema seriado de ensino. As principais disciplinas eram Estudos Literários Clássicos e Modernos, Matemática, Ciências Físicas e Naturais, História e Geografia.

É neste cenário da educação no Brasil Império que temos registro de uma das nossas primeiras coletâneas de fábulas. A edição de Justiniano José da Rocha “Fábulas imitadas de Esopo à La Fontaine” publicada em 1852. Ela é uma coletânea de fábulas abasileiradas, a qual é composta por cento e vinte textos em prosa com objetivo pedagógico. Elas seguem a estrutura esópica de dois parágrafos, o primeiro com a parte narrativa e o segundo com a parte moralizante. A título de exemplo, temos a fábula “A Raposa e o Socó”⁸¹ de Justiniano Rocha que, utilizando a nomenclatura do autor, seria a imitação da fábula “A Raposa e a Cegonha”⁸² de Jean de La Fontaine. Em ambas as narrativas temos uma raposa convidando uma ave para fazer uma refeição, contudo a raposa serve em um recipiente em que a convidada não consegue comer. Por sua vez, a cegonha ou o socó vingam-se ao retribuir o convite, oferecendo à raposa uma refeição nas mesmas condições em que a convidada não consegue ter acesso ao alimento. Aqui o abasileiramento da fábula

⁸⁰ A principal mudança com essa reforma foi a divisão das escolas públicas primárias em 1^o e 2^o grau. Os estabelecimentos de ensino de 1^o grau eram responsáveis pela educação elementar e os de 2^o grau pelo ensino superior. As moças também começaram a ter acesso ao nível superior.

⁸¹ Cf. ANEXO A - “A Raposa e o Socó” (ROCHA, 2001, p. 24).

⁸² Cf. ANEXO A - “A Raposa e a Cegonha” (LA FONTAINE, 2005, p. 46-48).

ocorre por meio da personagem socó que é uma ave presente em quase todo território brasileiro e dos alimentos oferecidos pela raposa, o qual na fábula francesa é migas, um tipo de prato cujo alimento principal é pão amassado, e na fábula brasileira é sorda, prato da culinária brasileira feito com caldo de carne, farinha de mandioca e ovos. Já a ave oferece papas, alimento cremoso feito de farinha cozido na água ou leite, no texto francês e carne desfiada na versão brasileira. Esta obra foi adotada como livro de leitura pelas escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro em 1856, disputando espaço com as traduções das fábulas de La Fontaine (DEZOTTI, 2017).

Além da obra de Justiniano Rocha inspirada nas fábulas de La Fontaine, há, no século XIX, três traduções das fábulas de La Fontaine que se destacam. A primeira tradução das fábulas de La Fontaine foi realizada pelo português Francisco Manoel do Nascimento em 1839 e foi denominada como “Fábulas escolhidas de La Fontaine”. De acordo com Cardoso (2015), esta é uma edição bilingue francês-português, composta por vinte e duas fábulas e feita para circulação no Brasil. Outra tradução das fábulas francesas de La Fontaine foi feita pelo Barão de Paranapiacaba em 1883, a qual recebeu o título “Fábulas de La Fontaine”. Segundo Cardoso (2015), esta edição fazia parte da “Coleção Biblioteca Escolar” da Imprensa Nacional e era usada nas escolas de instrução primária. Em 1886, é publicada uma edição de “Fábulas de La Fontaine” traduzida por vários tradutores portugueses e brasileiros, dentre eles o escritor Machado de Assis. Esta edição apresenta ilustrações de Gustavo Doré. Vale ressaltar que, de acordo com Cardoso (2015), as fábulas de La Fontaine eram lidas nas escolas municipais da corte e faziam parte da biblioteca pessoal do Imperador Dom Pedro II.

O processo de abasileiramento da fábula esópica começou no período do romantismo brasileiro. Pois, a flexibilização da fábula para as adaptações culturais atendia as demandas de sua época como a busca pelo nacionalismo e a originalidade. Por isso, encontramos na Literatura Infantil Brasileira textos inspirados na tradição da Antiguidade Clássica ou em La Fontaine, mas com elementos da fauna e da flora brasileira, como a personagem da fábula “O Cão e a Máscara”⁸³ de Justiniano, ao invés da raposa de Esopo⁸⁴. Outro exemplo, é a fábula “A Cobra e o Gaturamo”⁸⁵ de

⁸³ Cf. ANEXO A – “O Cão e a Máscara” (ROCHA, 2001, p. 6).

⁸⁴ Cf. ANEXO A – “A Raposa e a máscara trágica” (ESOPO, 2013, p. 459).

⁸⁵ Cf. ANEXO A – “A Cobra e o Gaturamo” (NETTO, 1924, p. 13-14).

Coelho Netto apresenta animais da fauna brasileira como personagens. Esta narrativa faz alusão a fábula esópica “O Lobo e a Garça”⁸⁶.

Sob a estética do Romantismo, Anastácio Luís do Bomsucesso⁸⁷ foi um dos pioneiros do gênero fábula no Brasil. Ele publicou em 1860 a obra “Fábulas” composta por cerca de duzentas narrativas escritas em versos, distribuídas em dez livros.

As fábulas de Bomsucesso, de acordo com Santos (2001), podem ser caracterizadas pela manutenção da forma e estilo esópico, mas com poética e temática marcadas pela cultura brasileira. A título de exemplo, temos alguns animais da fauna brasileira como o sabiá, o gaturamo, o urubu, o papagaio, a preguiça, o sagui, o bem-te-vi, o tamanduá protagonizando narrativas que abordam questões como a escravidão, a política, as ferrovias⁸⁸ entre outros assuntos da época⁸⁹ (SANTOS, 2001).

Outras marcas apontadas por Santos (2001) sobre as fábulas de Bomsucesso é a presença de um narrador que expressa seus sentimentos e experiências. Além disso, seu discurso moralizante é preocupado com a exemplaridade e reforça a postura pragmática e retórica do fabulista ao aconselhar seu interlocutor a praticar boas ações. Em alguns casos, ele chega a utilizar o tom familiar ao dirigir-se ao seu interlocutor, por exemplo, “leitores queridos, caro leitor, bons leitores, amigo” (SANTOS, 2001, p. 68). Isso pode ser observado na fábula “O Burro e a Locomotiva”⁹⁰, cujo enredo apresenta como personagens um vagão de trem soberbo que tenta humilhar um burro de carga comparando-se a sua velocidade. Nesta fábula, Bomsucesso expressa sua opinião a respeito do comportamento das personagens, como pode ser observado no trecho:

Para alcançar os bens que a vida encerra
Não é bom, penso assim, ter a presteza
Do ligeiro wagon dos nossos dias;
Mas do manhoso burro
Não penseis que eu applaudo a vagareza” (BOMSUCCESSO, 1860, p. 28).

Além disso, o fabulista dirige-se ao leitor para chamar-lhe a atenção para o ensinamento moral que deseja transmitir com essa narrativa, como pode ser verificado

⁸⁶ Cf. ANEXO A - “O Lobo e a Garça” (ESOPO, 2013, p. 331).

⁸⁷ De acordo com Santos (2001), Bomsucesso foi um médico e escritor que viveu entre 1833 e 1899.

⁸⁸ Cf. ANEXO A – “O Burro e a Locomotiva” (BOMSUCCESSO, 1860, p. 27-28).

⁸⁹ Cf. ANEXO A – “As Moedas” (BOMSUCCESSO, 1860, p. 36-37).

⁹⁰ Cf. ANEXO A – “O Burro e a Locomotiva” (BOMSUCCESSO, 1860, p. 27-28).

no excerto “- Na carreira da vida/ Caminha, meu leitor, n’um justo meio” (BOMSUCCESSO, 1860, p. 27-28).

Em geral, o discurso moralizante de suas narrativas é composto por máximas, provérbios e ditos populares, ou seja, gêneros da literatura exemplar. Para exemplificar, encontramos no discurso moralizante da fábula “O Gallo e o Condor”⁹¹ a expressão popular “Desta água não beberei”. Desse modo, a fábula para Bomsucesso é uma forma de transmitir ensinamentos. Isso pode ser observado por meio do discurso moralizante da fábula “O Menino e o Passeio”:

Se a fábula cabe na lista
De proveitoso recreio,
Deixem ser o fabulista
O menino do passeio.

Sem ambições elevadas,
Ao povo dando lição,
Das inferiores camadas
Só deseja a perfeição (BOMSUCCESSO, 1860, p. 243 apud SANTOS, 2001, p. 71).

Neste trecho, o discurso moralizante é metadiscursivo, ou seja, aborda o próprio discurso da fábula e está expresso ao longo do conjunto de duas quadras. O fabulista compara-se ao menino do passeio da narrativa e, desse modo, deixa clara a sua intenção de ensinar o povo por meio de conselhos simples que o ajudarão a ser pessoas melhores.

Bomsucesso escrevia as fábulas visando ao público adulto, por exemplo, a fábula “O Negro e o Cavallo”⁹², segundo Santos (2001), tem uma temática abolicionista e foi lida no dia 8 de maio de 1888 no Instituto dos Bacharéis, ou seja, cinco dias antes da aprovação da Lei Áurea que libertava os negros do regime de escravidão no Brasil. Esta é uma das fábulas políticas deste fabulista.

A respeito de Bomsucesso ser considerado o precursor da fábula brasileira, Santos (2001) comenta que Bomsucesso publicou o texto “Os vulcões” em 1895 no “Jornal do Comércio” em Porto Alegre. Este fato fez que o jornal “ECHO Americano” o reconhecesse como criador da fábula brasileira. Embora alguns críticos questionem considerá-lo como precursor, Santos (2001) afirma que o próprio Bomsucesso em nota em sua segunda edição de “Fábulas” comenta que sua primeira coletânea foi

⁹¹ Cf. ANEXO A – “O Gallo e o Condor” (BOMSUCCESSO, 1860, p. 33-34).

⁹² Cf. ANEXO A – “O Negro e o Cavallo” (BOMSUCCESSO, 1895, p. 229-230).

publicada em 1860, enquanto a de outros fabulistas como Joaquim José Teixeira só publicou sua coleção de fábulas em 1861 e Veríssimo José do Bomsucesso apenas em 1864. Em outras palavras, esses três fabulistas podem ser considerados como pioneiros da fábula no Brasil, tendo em Anastácio Bomsucesso a publicação mais antiga.

Além desse fabulista que dedicou uma obra exclusiva ao gênero, podemos encontrar algumas fábulas em coletâneas de textos de Literatura Infantil, cujos autores dedicaram-se a escrever em outros gêneros como poemas, contos maravilhosos, lendas; mas também apresentaram suas composições fabulísticas como é o caso de João de Deus, autor português, cuja obra intitulada “Campo de Flores” (1893) circulava também no Brasil. Este livro é composto por dois volumes que reúnem fábulas e outros textos do gênero lírico como canções, odes, canções, elegias, idílios, dísticos, cânticos. Alguns textos expressam a ótica da educação religiosa como a fábula “Cão e presa”:

Um cão apanha um coelho
 À margem de uma ribeira;
 Mas vendo-o n'aquelle espelho,
 Larga-o, salta a ribanceira...
 E assim perde o que levava,
 E mais o que ambicionava!
 Abençoada prudência
 (E é esta a moralidade!)
 Quantos pela apparencia
 Perdem a realidade! (DEUS, 1893, p. 367).

Essa fábula em versos faz alusão a fábula esópica “A Cadela que carregava carne”. Ao invés da cadela ambiciosa por mais um pedaço de carne temos um cão, cuja presa é um coelho, ambos os animais ao verem seu reflexo na água perdem seu alimento. Aqui podemos observar o discurso religioso por meio da expressão “Abençoada prudência”, ou seja, o discurso figurativo serve para ilustrar o discurso moralizante de caráter religioso.

Alguns desses autores ao se aventurarem na composição de fábulas, fazem referência ao termo “fábulas de Esopo” para categorizar determinado texto como pertencente ao gênero fábula. A título de exemplo, temos o poeta brasileiro Olavo Bilac com seu livro “Poesias Infantis” (1904). Esta obra apresenta quatro fábulas em

formato de poemas: “A Rã e o Touro”⁹³, “O Soldado e a Trombeta”⁹⁴, “O Leão e o Camundongo”⁹⁵ e “O Lobo e o Cão”⁹⁶, todas com o título acompanhado pela expressão entre parênteses “fábulas de Esopo”. Segundo Dezotti (2017), esses poemas refletem maior inspiração nas fábulas de La Fontaine, as quais são de maior extensão do que as de Esopo com concisão na narrativa. Porém, como vimos nos capítulos anteriores, é comum na tradição das fábulas recorrer aos termos “esópica” ou “de Esopo” para identificar o texto como pertencente ao gênero ou, até mesmo, por questão de *status*.

Mas, coube a Coelho Netto⁹⁷ a missão de escrever o primeiro livro de fábulas brasileiras destinadas ao público infantil. Destacam-se as obras “Apólogos: contos para crianças” publicada em 1904 e “Fabulário” em 1907. A primeira reúne aproximadamente quinze fábulas e a segunda, dezoito fábulas. Vale ressaltar que, apesar dos nomes das obras, elas são compostas por textos de diferentes gêneros narrativos.

Santos (2001) afirma que Coelho Netto ao escrever livros para o público infantil tem a finalidade pedagógica de transmitir o culto e a devoção à pátria de modo a formar a criança de acordo com os moldes sociais vigentes. Vale lembrar que essa concepção didática era muito comum na Literatura Infantil da época.

Embora sejam destinadas ao público infantil, suas fábulas eram pouco lúdicas, havia uma maior preocupação com a exemplaridade e com a educação moralizadora, de modo que essas narrativas serviam de ferramentas para transmitir os valores da burguesia.

As fábulas de Coelho Netto apresentam, segundo Santos (2001), narrativas mais eruditas de cunho retórico e refinado, distanciando-se da linguagem mais simples e popular de Bomsucesso e dos fabulistas clássicos. Ao utilizar uma linguagem mais erudita, suas fábulas são mais alongadas e com características do estilo parnasiano. Para isso, o narrador faz descrições abundantes, com muitas adjetivações, floreios verbais e até termos arcaicos. Isso pode ser observado no discurso moralizante da extensa fábula “A Árvore que cantava”⁹⁸: “A verdade é como

⁹³ Cf. ANEXO A - “A Rã e o Touro” (BILAC, 1904, p. 118-119).

⁹⁴ Cf. ANEXO A - “O Soldado e a Trombeta” (BILAC, 1904, p. 120-122).

⁹⁵ Cf. ANEXO A - “O Leão e o Camundongo” (BILAC, 1904, p. 123-124).

⁹⁶ Cf. ANEXO A - “O Lobo e o Cão” (BILAC, 1904, p. 125-127).

⁹⁷ Maximiano Coelho Netto nasceu em 1864 e faleceu em 1924. De acordo com Santos (2001), ele foi deputado federal, jornalista, escritor e presidente da Academia Brasileira de Letras.

⁹⁸ Cf. ANEXO A – “A Árvore que cantava” (NETTO, 1924, p. 174-189).

a semente da árvore que cantava: traiam-na com os sofismas, abafem-na, releguem-na da luz, que ela rebentará fulgurante, dando a vitória à justiça e confundindo o traidor (NETTO, 1924, p. 189)”.

Os tipos de personagens das fábulas de Coelho Netto fazem que essas narrativas se aproximem mais dos contos maravilhosos orientais contidos na obra “As mil e uma noites”⁹⁹, do que das fábulas esópicas. Uma vez que esses contos são mais extensos que a fábula da tradição clássica greco-romana. Além disso, nas fábulas há um predomínio de personagens antropomorfizados. Já nos contos maravilhosos as personagens podem apresentar algum poder mágico ou misterioso como fadas, bruxas, místicos, duendes etc. Para exemplificar, observe este trecho da fábula “A Árvore que cantava”:

A princesa não desviava os lindos olhos da porta por onde devia entrar o ousado moço que, por seu amor, arriscara a vida entre gnomos e dragões, que tais eram os guardas das sete portas de bronze da capital do reino das fadas e sorriu, alegremente comovida, com duas rosas vivas nas faces, vendo aparecer o herói, que era jovem, formoso e senhoril (NETTO, 1924, p. 175).

Aqui podemos notar a presença de elementos do universo do maravilhoso como a princesa, gnomos, dragões, reino das fadas. Além disso, o fabulista utiliza-se de expressões metafóricas como “duas rosas vivas nas faces” para referir-se às bochechas coradas da princesa de modo a dar um tom de erudição ao texto. Também há uma descrição abundante por meio da adjetivação de vários elementos como os lindos olhos da princesa, as sete portas da capital do reino das fadas, o herói jovem, formoso e senhoril.

Apesar disso, Coelho Netto mantém os temas universais das fábulas antigas, em geral, a narrativa com conflito entre duas personagens e a moralidade. Ele também busca humanizar os animais e animalizar os seres humanos por meio de seus comportamentos expressos nas ações da narrativa. Na fábula “A Árvore que cantava” temos como personagens principais o mancebo em oposição ao fidalgo, ambos são caricaturas do mocinho e do vilão, respectivamente. O mancebo é a figurativização do bom, do correto, do verdadeiro, já o fidalgo representa o mau, o desonesto, o falso. Em outras palavras nesta fábula encontramos o jogo de valores humanos entre as personagens tipificadas.

⁹⁹ Coletânea de histórias da região do Oriente Médio e Ásia e compiladas em árabe.

As narrativas fabulísticas mais alongadas de Coelho Netto, segundo Dezotti (2017), permitiram uma expansão do conceito de “fábula” e “apólogo”, pois são longos textos em prosa, que ultrapassam a típica brevidade comum nas fábulas de Esopo.

As fábulas de Coelho Netto estão contextualizadas no período da Primeira República¹⁰⁰ (1889-1930). Durante este período, o ensino estava organizado em primário, secundário (também conhecido como ginásio), superior e profissionalizante. De acordo com Antunha (1986), não havia um sistema nacional de educação, ou seja, o ensino não era uniforme em todo o país; por exemplo, o ginásio não apresentava estrutura e duração definida, era composto por cursos e exames parcelados voltados para a preparação das elites ao ensino superior.

A educação brasileira no século XIX estava alicerçada em cinco pilares: nacionalismo, intelectualismo, tradicionalismo cultural, moralismo e religiosidade¹⁰¹. Esses valores nortearam a produção literária da época. A título de exemplo, temos a “Série Instrutiva” (1882) de Hilário Ribeiro de Andrada e Silva. Esta série era formada por quatro livros: “Cartilha Nacional: primeiro livro/silabário”, “Cenário Infantil”, “Na Terra, no Mar, no Espaço” e “Pátria e Dever: elementos de moral e cívica”.

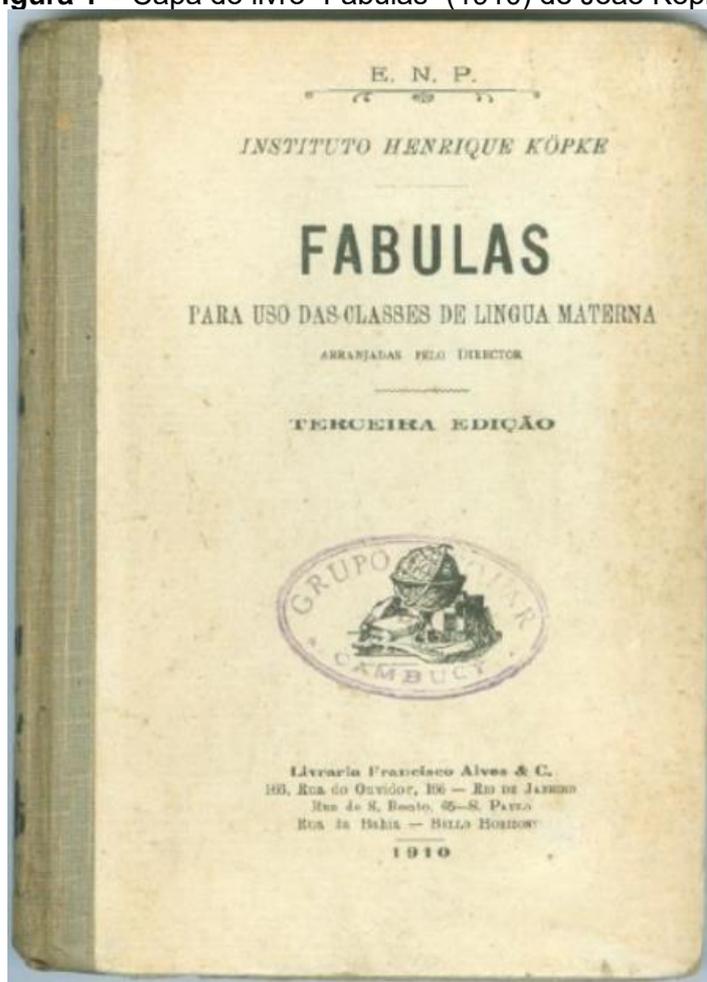
Coelho (1991) comenta que os livros de leitura foram a primeira produção consciente de literatura infantil no Brasil. Para exemplificar este tipo de literatura, destacamos o trabalho de João Kopke¹⁰². Ele escreveu a série “Livros de Leitura” (1895). Dentre os volumes desta série, encontramos o livro “Fábulas” (1910), cujos textos estão escritos em versos. Embora esteja escrito na capa do livro (Cf. Fig. 1) a finalidade para uso didático nas aulas de Língua Portuguesa, de acordo com Ferreira (2014), esta expressão pode ser uma forma de legitimação do produto, ou seja, uma maneira de atribuir um certo prestígio, pois um dos valores educacionais vigentes era o intelectualismo.

¹⁰⁰ Nesta época, o ensino era leigo e livre em todos os graus conforme o Art. 62, item 5º do Decreto 510 de 22 de junho de 1890. Além disso, o nível primário era gratuito.

¹⁰¹ Segundo Coelho (1991), o nacionalismo por meio da língua portuguesa falada no Brasil visava a valorização da pátria, das origens e a idealização da vida rural. O intelectualismo considerava o estudo como forma de ascensão econômica por meio do saber. Já o tradicionalismo cultural buscava nos grandes autores e obras literárias do passado um modelo de cultura. Por sua vez, o moralismo e religiosidade ressaltavam os valores e virtudes de acordo com o cristianismo.

¹⁰² João Kopke, que foi um dos educadores do Brasil de entre séculos, ou seja, período, que, segundo Coelho (1991), corresponde desde 1861 a 1919. Kopke fundou a Escola Neutralidade em 1895, sob a influência da Escola Nova, movimento do final do século XIX de educadores europeus e norte-americanos, que consideravam o aluno como centro do processo de construção de conhecimento.

Figura 1 – Capa do livro “Fábulas” (1910) de João Kopke.



Fonte: Ferreira (2014).

Outro livro desse período que apresenta algumas fábulas é “Contos da Carochinha” (1896) de Figueiredo Pimentel. Além das fábulas como “A Onça e a Raposa”¹⁰³, “O Cágado e o Urubu”¹⁰⁴ entre outras, há cerca de 60 contos populares, lendas, parábolas, contos exemplares entre outros estilos narrativos. A seleção dessas histórias estava baseada na transmissão de valores morais, além disso, essas narrativas faziam parte da tradição local ou eram traduções da literatura universal.

Neste primeiro período correspondente ao final do século XIX e primeira década do século XX, os autores buscavam adaptar as fábulas clássicas à realidade brasileira a fim de usá-las com finalidades didáticas. Desse modo, enfatizavam seu caráter moralizante. Vale ressaltar que, essas narrativas estavam sob a estética do Romantismo e do Parnasianismo predominantes na literatura brasileira da época. As

¹⁰³ Cf. ANEXO A - “A Onça e a Raposa” (PIMENTEL, 1896, p. 99).

¹⁰⁴ Cf. ANEXO A - “O Cágado e o Urubu” (PIMENTEL, 1896, p. 88-89).

fábulas, assim como outras narrativas desse período, refletiam o nacionalismo romântico brasileiro.

Ao questionar esse caráter moralizador das fábulas, Monteiro Lobato¹⁰⁵ inova a tradição da fábula brasileira ao encaixá-la em uma narrativa maior, cujas personagens despertam uma consciência crítica a respeito dos valores transmitidos.

Monteiro Lobato, segundo Santos (2001), foi o escritor brasileiro que mais escreveu¹⁰⁶ Literatura Infantil no início do século XX. Com narrativas que unem o real e o maravilhoso, de acordo com Coelho (1991), Lobato soube adequar as ideias e valores de sua época à matéria literária destinada ao seu público infantil. Dessa forma, suas obras mostram uma ruptura com o sistema de vida tradicional e a valorização do ser humano audaz, confiante e empreendedor. Exemplo disso é a boneca Emília, personagem das histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Desse modo, Monteiro Lobato pode ser considerado como um marco divisor na Literatura Infantil Brasileira. Além disso, ele foi um grande inovador na área editorial no Brasil.

A respeito de sua visão sobre o gênero fábula e seu projeto enquanto escritor, temos o registro de uma carta de 08 de setembro de 1916, em que Monteiro Lobato escreve ao seu amigo Godofredo Rangel partilhando sua proposta sobre a edição de fábulas. Observe:

[...] Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las ao amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora-domato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a

¹⁰⁵ De acordo com Coelho (1991), José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) era de família aristocrata. Desde jovem escreveu crônicas e artigos para a imprensa do interior e capital paulista. Em 1920, Lobato publica “A Menina do Narizinho Arrebitado”, cuja classificação como “Livro de Figuras” permitia sua inclusão na diretriz pedagógica da Escola Nova.

¹⁰⁶ Monteiro Lobato escreveu livros tanto para adultos quanto para crianças. Ao primeiro público destacamos “Urupês” (1918), “Ideias de Jeca Tatu” e “Cidades Mortas”, ambos publicados em 1919, “Negrinha” (1920) entre outros. Sua produção infanto-juvenil é bem vasta incluindo obras originais, adaptações e traduções. Citaremos um exemplo de cada tipo, respectivamente, “Fábulas” (1922), “O Minotauro” (1939) e “O Homem Invisível” (1930?) de H. G. Wells.

coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o *Coração de Amicis* – um livro tendente a formar italianinhos... (LOBATO, 2010, p. 161, *grifo do autor*).

Nesta carta de Monteiro Lobato, podemos observar sua opinião a respeito da Literatura Infantil de sua época e sua concepção de fábulas. Sua prioridade era dar um caráter nacional as histórias infantis. Desse modo, ele projeta e realiza isso sobre as fábulas de Esopo e La Fontaine. Para isso, o autor as escreve em prosa dando um formato uniforme para as narrativas de ambos os fabulistas e deixando-as mais acessíveis aos seus pequenos leitores. As lições de moral também são adaptadas aos valores morais da realidade das crianças brasileiras, de modo que fizesse sentido. Também as personagens passaram a ser animais da fauna brasileira dando um caráter mais nacional. Além disso, podemos verificar que as fábulas faziam parte das histórias transmitidas oralmente como é o caso das fábulas que sua esposa Purezinha contava aos filhos de Lobato. Outro aspecto mencionado é a persuasão da fábula, cuja moralidade ficava no inconsciente de quem ouvia a história e à medida que aumentava a compreensão, a lição de moral ficava mais clara e convencedora. Por fim, o trabalho realizado por Lobato com as fábulas expressa bem seu projeto e visão de Literatura Infantil Brasileira, isto é, uma literatura em que a criança está no centro, posicionando-se de modo crítico e reflexivo sobre aquilo que é lido/ouvido.

Assim, em 1922 é publicado “Fábulas”, livro que reúne setenta e cinco fábulas em prosa inspiradas em Esopo e La Fontaine. Estas narrativas aparecem na forma encaixada a uma narrativa maior vivida pelas personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Nesta narrativa de encaixe, a personagem Dona Benta conta as fábulas para seus netos Narizinho e Pedrinho, para a boneca Emília e outras personagens do sítio como a Tia Anastácia e o Visconde de Sabugosa. Em geral, é apresentado primeiro o texto da fábula e depois o diálogo da narrativa de encaixe. Na narrativa de encaixe, as personagens expressam suas opiniões e reflexões a respeito do gênero fábula, da moralidade, da relação com a realidade deles etc. A fábula “Os dois pombinhos”¹⁰⁷ apresenta tanto esta forma da fábula lobatiana quanto a metacrítica do discurso moralizante, de modo a mostrar o processo de desideologização das fábulas clássicas.

¹⁰⁷ Cf. ANEXO A - “Os dois pombinhos” (LOBATO, 2019, p. 92-93).

Dessa forma, Lobato utiliza-se da metaficção para criar uma consciência crítica e reflexiva a respeito das lições de moral das fábulas clássicas. Esse movimento metacrítico na obra de Monteiro Lobato pode ser percebido por meio de:

[...] a criação de neologismos, a pluralidade de vozes, a exploração da intertextualidade, a contestação de certas regras sociais, o rompimento com a literatura ufanista, a aproximação com a linguagem coloquial, a ruptura com as regras rígidas de construção literária, a ironia das idéias [sic] e das palavras, a fusão entre o real e o imaginário (SANTOS, 2001, p. 52).

Em outras palavras, Monteiro Lobato propicia o contato do jovem leitor com a literatura universal, mas utiliza-se dos recursos próprios da língua para gerar uma consciência nacional e reflexiva sobre a mensagem exposta.

Lobato utilizou-se do humor e da ironia para criticar as moralidades da tradição de fábulas ocidentais, de modo que, segundo Coelho (1991), revoluciona as “verdades absolutas” que as fábulas vem transmitindo ao longo das gerações, ou seja, o discurso moral apresenta uma forma de protesto de Monteiro Lobato contra as lições de moral presente nas fábulas clássicas e ditos populares. Suas fábulas não apresentam apenas uma lição de moral que deve ser aceita, mas, um discurso moralizante que gera reflexão crítica sobre o que é afirmado, ou seja, sobre aquela verdade transmitida. Isso pode ser observado no diálogo das personagens da narrativa de encaixe em que eles discutem a respeito da fábula “Os dois pombinhos” contada por Dona Benta:

— Não concordo, vovó! — disse Pedrinho. — Se toda gente ficasse fazendo romaria em casa, a vida perderia a graça. Eu gosto de aventuras, nem que volte de perna quebrada.

— Eu também! — berrou Emília. — E hei de escrever uma fábula ao contrário dessa.

— Como?

— Assim que o pombinho viajante partiu, um caçador aparece e dá um tiro no que ficou fazendo romaria em paz. Quando o viajante volta, todo estropiado, vê as penas do companheiro no chão, manchadas de sangue. Compreende tudo e diz: “Quem vai, volta estropiado; mas quem não vai, cai na panela”.

Dona Benta explicou que a sabedoria popular é uma sabedoria de dois bicos. Muitos ditados são contraditórios.

— Há um que diz: “Quem espera sempre alcança” e outro diz: “Quem espera desespera”.

Conforme o caso, a gente escolhe um ou outro — e quem ouve elogia a sabedoria da sabedoria popular (LOBATO, 2019, p. 93).

A fábula “Os dois pombinhos” narra a história de dois pombos, certo dia um deles deseja sair de sua zona de conforto e viajar pelo mundo. Apesar do companheiro adverti-lo dos perigos que correria, o pombo viaja pelo mundo e quase é morto diversas vezes até que consegue retornar ao ninho. A lição de moral vem expressa por meio da última fala do companheiro ao ver o pombo com a asa quebrada: “Bem certo o ditado: *Boa romaria faz quem em casa fica em paz.*” (LOBATO, 2019, p. 93, *grifo do autor*). O diálogo da narrativa de encaixe mencionado aparece após esta fábula. Nesse trecho podemos observar a contestação da moral da fábula feita por Pedrinho, além de Emília propor um novo final para a narrativa. Dona Benta também expressa o fato que os ditos populares são contraditórios e usados de acordo com o que convém ao momento.

Assim como outras obras do autor, de acordo com Santos (2001), essas fábulas expressam tanto uma reflexão crítica a estética do Modernismo brasileiro, ou seja, são metacríticas quanto expressam as críticas às injustiças sociais do século XX¹⁰⁸.

A forma encaixada das fábulas de Monteiro Lobato, segundo Santos (2001), permitiu que a fábula servisse como narrativa exemplar e despertasse a reflexão sobre o comportamento humano aludido pelas personagens antropomorfadas da narrativa. Além dessa marca, as personagens da narrativa de encaixe apresentam falas contestadoras por meio do humor, paródia da moral das fábulas antigas, uso da linguagem coloquial brasileira e reflexão sobre temas que as crianças costumam ter dificuldades para se posicionar.

De acordo com Coelho (1991), a década de 1920, ou seja, da publicação das fábulas lobatianas, foi marcada pelos debates sobre as reformas educacionais, as quais foram fomentadas pelos novos métodos pedagógicos difundidos na Europa e nos Estados Unidos. Além disso, o ensino primário passou por reformas administrativas sob a ótica das ideias de Lourenço Filho, Carneiro Leão, Francisco de Campos, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira entre outros. Na década seguinte foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública em 18 de novembro de 1930. Este fato permitiu a concretização de novas diretrizes da educação, as quais perpassavam pelo ensino primário, secundário e superior. Também nessa época discutia-se a

¹⁰⁸ Contudo, segundo Coelho (1991), o conjunto da obra de Monteiro Lobato popularizou-se pelo Brasil e mundo, mas começou a sofrer críticas à medida que seu ponto de vista se tornava mais crítico sobre o mundo, de modo objetivo, lúcido e feroz. Isso resultou-lhe em vários inimigos políticos e da aristocracia vigente, chegando a ser acusado posteriormente de comunista, racista etc.

respeito do ensino religioso nas escolas em oposição à neutralidade religiosa escolar. Neste contexto, a educação era vista como caminho para o indivíduo se preparar para a vida cidadã.

A estruturação do ensino brasileiro no período republicano começou a partir da Reforma Francisco de Campos em (1931). Após a reforma, o ensino secundário passou a ter duração de cinco anos e a finalidade formativa, de modo a se tornar independente do ensino superior.

A Lei Francisco de Campos (1931) instituiu o curso secundário em séries agrupadas em dois ciclos. O primeiro¹⁰⁹ era o ginásial com duração de cinco anos e, o segundo¹¹⁰, era o pré-universitário com dois anos de duração. Anos mais tarde, a Lei Orgânica (Lei Capanema de 1942) redefiniu a duração do ciclo ginásial para quatro anos e o pré-universitário passou a se chamar colegial com duração de três anos.

Essas Leis Orgânicas do Ensino Primário e do Ensino Normal buscaram dar uma base comum aos graus e tipos de ensino de modo a olhar também para as especificidades regionais.

Um passo importante para a sistematização da educação brasileira foi dado em 20 de dezembro de 1961 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional durante o governo do presidente João Goulart. Destacamos a questão da democratização do ensino, cuja lei assegurava a Educação como um direito de todos e uma obrigação do Estado em ofertá-la. Além disso, o ensino passa a ser obrigatório a partir dos oito anos de idade também houve uma descentralização do currículo.

O ensino superior na Primeira República, de acordo com Antunha (1986), era de caráter profissionalizante e com regime de cátedras. Ainda não havia universidades, apenas algumas escolas superiores isoladas. Foi a partir do Decreto 19851, de 11 de abril de 1931 que foi criado o Estatuto das Universidades Brasileiras o que permitiu a instituição do regime universitário e, conseqüentemente a fundação de universidades como a USP (Universidade de São Paulo) em 1934. Esse decreto mudou significativamente o cenário da educação superior brasileira, as escolas de

¹⁰⁹ O ensino primário tinha como objetivo introduzir o aluno no âmbito cultural, nacional, praticar as virtudes morais e cívicas, além de ensinar conhecimentos úteis para a vida familiar, cuidados com a saúde, desenvolvimento da personalidade e introdução à vida de trabalho, ou seja, a educação neste nível de ensino era voltada para a formação de cidadãos, os quais estando sob a perspectiva do progresso e da unidade nacional, possam estar aptos a contribuir com a comunidade social e os ideais cívicos.

¹¹⁰ Por sua vez, o ensino de 2º grau, em geral era formado por cursos de diversas modalidades como comercial, industrial, agrícola, regentes de classe etc.

nível superior passaram a ser mais centralizadas e integradas, houve um desenvolvimento das pesquisas universitárias, as universidades possuíam uma certa autonomia entre outros fatores de mudanças.

Outro marco de mudança no ensino superior ocorreu no período ditatorial com a legislação da Reforma Universitária de 1968, que extinguiu a cátedra substituindo-a pela carreira universitária aberta, a organização da universidade em Institutos e Faculdades. As faculdades também eram chamadas de Escolas e estavam voltadas para a formação profissional. Já os institutos destinavam-se à pesquisa e ao ensino básico.

O sistema escolar durante o período ditatorial brasileiro estava organizado em ensino para crianças com idade inferior a sete anos, ensino de 1º, 2º e 3º¹¹¹ grau.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 foi reformulada pela Lei n. 5692 de 1971. Uma das mudanças dessa lei significativa para o nosso trabalho diz respeito à concepção de leitura, que considerava a leitura como habilidade formadora básica, ou seja, o texto literário servia como porta de entrada para o ensino de outros conteúdos como os gramaticais, por exemplo. Isso refletirá no modo como os livros didáticos apresentavam os textos literários da época.

Neste período ditatorial brasileiro, encontramos fabulistas que desconstruem a fábula clássica, sendo seu principal expoente Millôr Fernandes¹¹², que se utilizava da ironia e da paródia para desconstruir a forma e o conteúdo da fábula clássica. Nesta época entre os anos 1970 e 1980 a estética Pós-Modernista da literatura brasileira visava romper com as estéticas anteriores e suas formas. Desse modo, segundo Santos (2001), pode-se chamar de antifábula os textos de Millôr Fernandes por romper com as fábulas tradicionais.

Millôr Fernandes escreveu “Fábulas fabulosas” (1973), “Novas fábulas fabulosas” (1978) e “Eros uma vez” (1987). Essas três obras totalizam juntas mais de cem fábulas, que, em sua maioria, foram publicadas em cadernos de revistas ou em colunas jornalísticas.

¹¹¹ Segundo Antunha (1986), o ensino para crianças menores que sete anos era composto por escolas maternais e jardins de infância. O ensino de 1º grau tinha a duração de oito anos letivos, era de caráter obrigatório e compreendia a faixa-etária dos sete aos quatorze anos. O ensino de 2º grau variava entre três e quatro séries anuais. Por fim, o ensino de 3º grau agrupava os cursos de graduação, pós-graduação (mestrado e doutorado), especialização e aperfeiçoamento.

¹¹² Milton Viola Fernandes, nome artístico Millôr Fernandes, nasceu no Rio de Janeiro em 16 de agosto de 1924. De acordo com Santos (2001), ele foi escritor, desenhista, jornalista, humorista, dramaturgo e tradutor.

Este fabulista utiliza-se da paródia e do humor para deslegitimar a fábula clássica, ou seja, ao criar a fábula contemporânea, ele revisita a fábula antiga propondo uma nova leitura por meio do processo de intertextualidade tanto de sua forma quanto de seu conteúdo de modo a parodiar a fábula clássica. Desse modo, ele consegue subverter os valores dessa e frustrar a expectativa do leitor acostumado com as versões esópicas. A título de exemplo temos a antifábula “O Lobo e o Cordeiro”¹¹³, a qual é uma paródia da fábula esópica “O Lobo e o Cordeiro”¹¹⁴. Na antifábula, o cordeiro ludibria o lobo com discursos filosóficos até o caçador chegar e matar o lobo. Já na versão esópica, o lobo devora o cordeiro independente desse estar com a razão na argumentação.

As fábulas de Millôr Fernandes têm como principal destinatário o público adulto, embora muitos jovens sejam atraídos pelo tom bem humorado e irônico de suas narrativas. As fábulas millorianas são acompanhadas por ilustrações paratextuais, ou seja, são desenhos no estilo de caricaturas realizadas pelo próprio fabulista, as quais contribuem para o efeito de humor.

O discurso moralizante nas fábulas de Millôr visa a desconstrução das verdades absolutas, ou seja, ele relativiza os ensinamentos morais tradicionais, de modo a propor um diferente ou múltiplos olhares sobre a situação. Para exemplificar, na antifábula mencionada temos como discurso moralizante “Quando o lobo tem fome não deve se meter em filosofias.” (FERNANDES, 1973, p. 21). Já na fábula esópica “A fábula mostra que, junto daqueles cujo propósito é praticar a injustiça, nenhuma defesa justa tem valor.” (ESOPO, 2013, p. 336). Em outras palavras, na versão esópica a força do instinto sobressai a justa razão. Contudo, no texto milloriano, é a persuasão que distrai o propósito inicial. Nas palavras de Santos (2001, p. 110): “A fábula de Millôr rompe convenções sociais, viola regras estéticas e questiona a essência humana e o seu valor, sob a ótica subversiva do satírico e do humorístico”.

O narrador das fábulas de Millôr Fernandes desconstrói a forma narrativa da fábula tradicional, ele dialoga com o leitor, faz comentários satíricos sobre o assunto abordado, apresenta notas paratextuais e finaliza a fábula com uma moral com forte tom humorístico.

Podemos afirmar que as fábulas de Millôr Fernandes são alegorias do Brasil das décadas de sessenta a oitenta, ou seja, do final da ditadura militar e início da

¹¹³ Cf. ANEXO A – “O Lobo e o Cordeiro” (FERNANDES, 1973, p. 21).

¹¹⁴ Cf. ANEXO A – “O Lobo e o Cordeiro” (ESOPO, 2013, p. 336).

redemocratização. Desse modo, para Santos (2001), são fábulas políticas, seus discursos moralizantes são atos políticos, que incitam à reflexão, à desestabilização, o questionamento dos valores, comportamentos propagados nas fábulas antigas e perpetuados na sociedade brasileira desse período.

Um fabulista contemporâneo a Millôr Fernandes é Eno Theodoro Wanke¹¹⁵. Ele publicou em 1993 “Fábulas”, a qual reúne aproximadamente oitenta narrativas sob a estética da desconstrução do modelo esópico de fábula. Wanke atualiza a fábula clássica de acordo com a realidade do leitor brasileiro trazendo um pouco de humor, crítica e reflexão. Isso podemos observar na fábula “O Camundongo da cidade e o do campo”¹¹⁶. Há uma inversão do valor da fábula esópica¹¹⁷, no texto de Wanke (1993) é a vida da cidade que é melhor que a do campo para o camundongo. Os elementos que tornam à vida boa na cidade para este animal descreve o cenário atual de poluição e urbanização da cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo que a situação irônica da fábula provoca o humor, seu discurso moralizante conduz o leitor para uma reflexão a respeito da situação alegorizada. O fabulista ainda finaliza criticando que as autoridades apenas ficaram preocupadas com a situação, mas não tomaram nenhuma atitude efetiva.

Vale ressaltar que, atualmente, há vários autores que produzem fábulas em diferentes formas e mídias. Alguns continuam adaptando as narrativas de fabulistas anteriores, outros criam novas histórias. Mas, talvez por serem escritores contemporâneos, suas obras ainda não foram consagradas pelo cânone literário. Contudo, as fábulas atuais continuam circulando, divertindo, entretendo, formando novas gerações.

Além do caráter de leitura como forma de lazer, o gênero fábula é utilizado pedagogicamente em diferentes níveis de ensino, veremos nas seções seguintes o reflexo disso em alguns materiais didáticos. O uso de fábulas no ensino atual é recomendado por Gonçalves (2020, p. 13): “pois as narrativas deste gênero possibilitam ao aluno o desenvolvimento de uma postura crítica sobre a realidade, por meio das alegorias”, ou seja, o trabalho com o gênero fábula permite uma abordagem prazerosa sobre os conflitos e problemas da vida real. Tendo a escola o papel de contribuir com a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres e que

¹¹⁵ Wanke (1929-2001) foi um poeta, pesquisador, biógrafo, ensaísta literário e trovador.

¹¹⁶ Cf. ANEXO A – “O Camundongo da cidade e o do campo” (WANKE, 1993, p. 50).

¹¹⁷ Cf. ANEXO A – “O Rato silvestre e o Rato caseiro” (ESOPO, 2013, p. 472-473).

atuem na construção de uma sociedade mais justa e solidária, o trabalho com fábulas em sala de aula torna-se pertinente e fundamental para alcançar essa finalidade.

Atualmente, o uso de textos pertencentes a este gênero na educação brasileira é recomendado oficialmente por documentos nacionais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A BNCC sugere a leitura de fábulas para bebês de zero a dezoito meses de modo a promover a experiência de escuta, fala, pensamento e imaginação (Cf. BRASIL, 2018, EI01EF08). Esta sugestão vem ao encontro do que o fabulista Jean de La Fontaine afirma em seu prefácio:

O que elas nos apresentam confirma as pessoas de idade avançada nos conhecimentos que a experiência lhes deu, e ensina às crianças o que é preciso que saibam. Como estas últimas são recém-chegadas ao mundo, não conhecem ainda os habitantes; não se conhecem a si mesmas: não se deve deixá-las nessa ignorância senão o menos que se possa; é preciso ensinar-lhes o que é um leão, uma raposa, bem como o mais; e porque se compara algumas vezes um homem a essa raposa ou a esse leão. É nisto que as fábulas trabalham: as primeiras noções das coisas provêm delas (LA FONTAINE, 2005, p. 39).

Em outras palavras, as fábulas são expressões do conhecimento transmitido das gerações mais velhas às mais novas, ou seja, por meio de uma linguagem lúdica o adulto vai apresentando o mundo, seu funcionamento, seus valores em uma linguagem que a criança compreenda.

A respeito do trabalho com fábulas na Educação Infantil, citamos o artigo de Marcante (2017), o qual apresenta os resultados de uma pesquisa que a autora realizou com vinte e cinco professoras de turmas de Educação Infantil de escolas da rede privada de ensino do município de Xanxerê/SC. Todas as participantes desta pesquisa já desenvolveram atividades com fábulas com seus alunos e algumas informaram a pesquisadora as estratégias utilizadas, as formas de trabalho e os benefícios da realização desse trabalho com o gênero fábula. Em geral, as entrevistadas desenvolveram atividades relacionadas as habilidades de leitura e produção textual. Para isso, optaram por estratégias como contação de histórias por meio de imagens, fantoches, dramatização; rodas de conversa; criação coletiva de novas fábulas; atividades lúdicas envolvendo máscaras, produção de dedoches, quebra-cabeças etc. Dentre os benefícios citados pelas professoras destacam-se o incentivo à leitura e produção textual, a aquisição de valores, o convívio em grupo, melhora da capacidade reflexiva e crítica do aluno.

A fábula é um dos gêneros sugeridos pela BNCC para um trabalho relacionado ao campo artístico literário nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental I. Segundo Brasil (2018), este gênero permite um trabalho de leitura/escuta tanto compartilhada quanto autônoma e de oralidade de modo a favorecer uma experiência estética pelos alunos.

Já no Ensino Fundamental II, principalmente com alunos do 8º e 9º ano, a BNCC recomenda usar fábulas em atividades de apreciação e réplica de leitura e que possibilitem os alunos usarem as estratégias de leitura nas aulas de Língua Portuguesa como a habilidade 33:

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BRASIL, 2018, p. 187).

As habilidades são aprendizagens essenciais que ajudam no desenvolvimento de alguma competência específica em um determinado componente curricular. Na citação anterior, temos a descrição da habilidade 33, identificada no documento da BNCC pelo código EF89LP33, as duas primeiras letras (EF) representam o nível de ensino da habilidade, no caso Ensino Fundamental, os dois números seguintes (89) representam as séries que essa habilidade deve ser desenvolvida, ou seja, no 8º e 9º anos, as duas letras seguintes (LP) indicam o componente curricular, neste caso, Língua Portuguesa e os dois números finais (33) indicam a ordem que esta habilidade aparece no texto da BNCC. Em outras palavras, a habilidade EF89LP33 envolve os processos cognitivos de leitura e compreensão para selecionar procedimentos e estratégias adequados a cada objetivo, gênero e suporte, de modo a posicionar-se criticamente e estabelecer preferências. Dentre os gêneros mencionados está a fábula. Uma atividade que contemplaria esta habilidade seria a leitura comparativa da fábula esópica “O Lobo e o Cordeiro” e da fábula brasileira “O Lobo e o Cordeiro” de Millôr Fernandes em que o aluno após a leitura de textos de diferentes fabulistas deveria observar e se posicionar criticamente a respeito do modo como é abordado o

tema em cada narrativa, como é desenvolvida a exemplaridade na fábula esópica e na versão brasileira etc.

Considerando que a fábula é um “gênero com predominância da sequência narrativa, que visa formar leitores críticos através das discussões que suas histórias provocam” (BEZERRA, 2020, p. 8), o uso de fábulas em séries mais avançadas do Ensino Fundamental II também é recomendável. Pois, esses textos já são familiares aos alunos, ou seja, eles já tiveram uma experiência com o gênero nas séries iniciais. O trabalho agora com as fábulas no segundo ciclo do Ensino Fundamental é voltado para uma leitura crítica e reflexiva de modo a propiciar o desenvolvimento argumentativo dos estudantes a respeito da temática abordada nas fábulas.

4.2 A fábula nos livros didáticos brasileiros

As fábulas estão presentes em livros literários, os quais podem estar contemplados na categoria de paradidáticos, e em livros didáticos de diferentes níveis de ensino. Como exemplo de livro paradidático temos a coleção “Fábulas completas” (2012) que reúne fábulas esópicas traduzidas para o português brasileiro por Neide Smolka. Na introdução dessa obra, a tradutora revela o desejo de que sua tradução permita a acessibilidade ao texto de Esopo aos estudantes do Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e de cursos da Educação Superior, ou seja, embora seja um livro para leitura, ele pode ser utilizado como um dos materiais de apoio em sala de aula.

Nesta seção pretendemos observar como as fábulas são usadas em materiais didáticos brasileiros. Para isso, selecionamos cinco livros, sendo três utilizados no ensino de Latim e dois nas aulas de Língua Portuguesa.

Podemos encontrar fábulas em materiais didáticos utilizados no ensino de diferentes línguas como inglês, espanhol, grego etc. Neste trabalho optamos por apresentar três materiais didáticos empregados no ensino da Língua Latina. Pois, o Latim fez parte da grade curricular do ginásio durante um período da educação brasileira. Além disso, muitos cursos de graduação em Letras ainda contêm a Língua Latina como componente curricular.

A presença das fábulas nos livros de português é justificada por ser um dos gêneros sugeridos pela BNCC para serem trabalhados no Ensino Fundamental, pois possibilita a exploração dos diferentes discursos em um exercício de interpretação de narrativas fabulísticas.

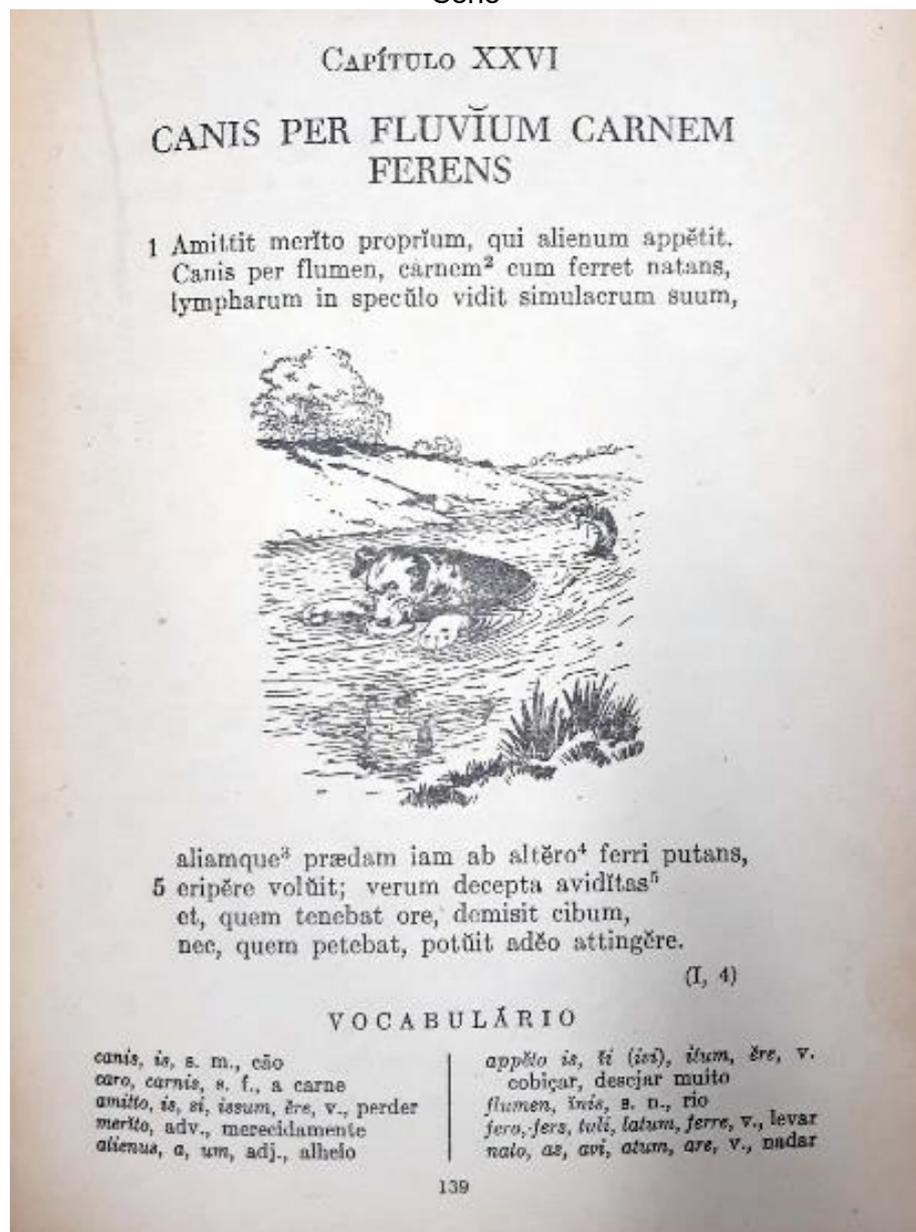
O primeiro livro de nossa análise foi utilizado por alunos da 3ª série do Ginásio durante o período da República Populista no Brasil (1945-1964). Nesta época, a Língua Latina fazia parte da grade curricular. A obra “O Latim do Ginásio para a Terceira Série” (1959) é o terceiro volume da coletânea de quatro livros organizada por Vandick Londres da Nóbrega.

Este volume está organizado em trinta e três capítulos (Cf. Anexo B). Cada capítulo apresenta um texto e um tópico gramatical, no caso uma fábula de Fedro. Vale ressaltar que, o autor não informa em qual edição crítica baseou-se para compor seu material. Além disso, o livro apresenta fábulas de Fedro em Latim para o aluno traduzir, sendo quatro fábulas do primeiro livro; dezenove do segundo livro; dezenove fábulas mais o prólogo e o epílogo do terceiro livro; treze fábulas, o prólogo e o epílogo do quarto livro e o prólogo mais três fábulas do quinto livro da Coletânea de “Fábulas de Fedro”. Também há um vocabulário geral, um índice alfabético das fábulas e um índice geral ao final do livro.

Para ilustrar como a fábula é abordada neste material didático, escolhemos o capítulo XXVI para analisar. O texto deste capítulo é a fábula de Fedro “*Canis per fluvium carnem ferens*”, em português seria “Um cão levando uma carne pelo rio” e o conteúdo gramatical é a conjugação do verbo “*fero*” (levar) e seus compostos.

Conforme podemos observar na Figura 2, a primeira página desta seção apresenta a numeração do capítulo no topo, o título e o texto da fábula em Latim. O texto está escrito em versos numerados. Além disso, as notas de comentário estão numeradas ao longo do texto. Quase no meio do texto da fábula há uma ilustração em preto e branco sobre a narrativa. Ao final da fábula, há a indicação “I,4”, ou seja, este texto é a quarta fábula do primeiro livro de Fedro. Após isso, é apresentado um vocabulário da fábula distribuído em duas colunas. A entrada está em Latim e o significado em Português.

Figura 2 – Primeira página do capítulo XXVI do livro “O Latim do Ginásio para a Terceira Série”



Fonte: Nóbrega (1959).

Na segunda página deste capítulo, encontramos a continuação do vocabulário e os primeiros comentários sobre a fábula. Na primeira nota o autor apresenta a versão esópica desta fábula escrita em português e, em seguida, a versão em francês de La Fontaine para esta história. As demais notas são observações a respeito de alguns termos gramaticais latinos e seus significados no contexto da fábula.

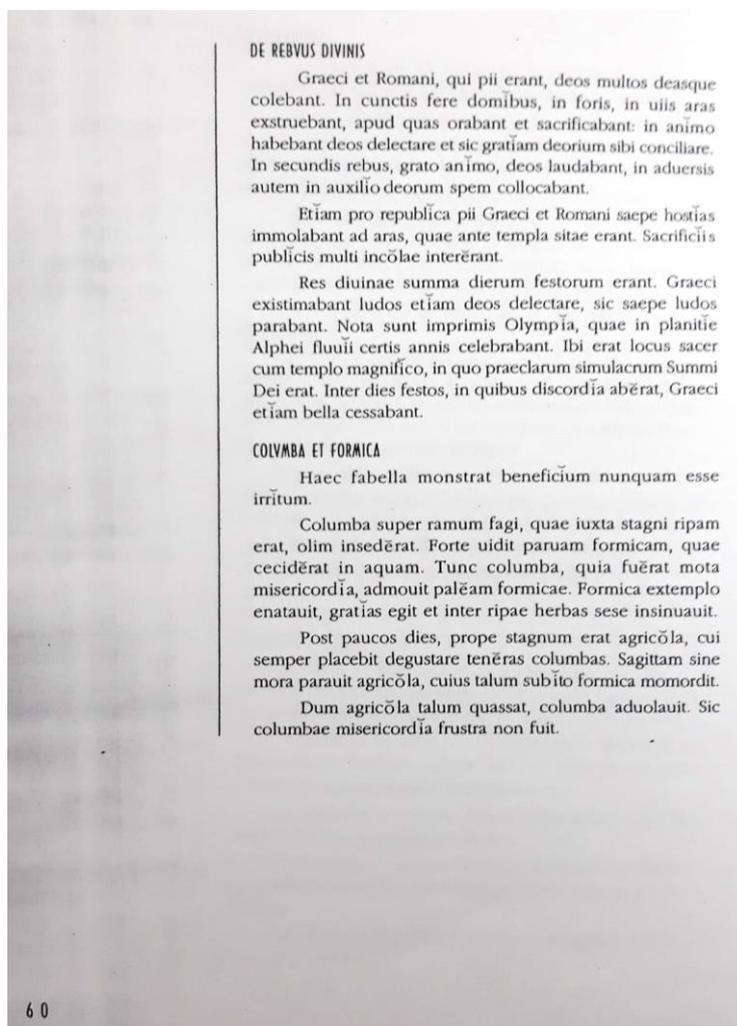
O foco do conteúdo gramatical deste capítulo é a conjugação do verbo “fero” (levar) e seus compostos. Este verbo aparece no texto da fábula sendo a principal ação da personagem. Podemos notar que o texto era usado como pretexto para introduzir o tópico gramatical. O ensino de Latim nesta época era baseado na

metodologia gramática-tradução, ou seja, o foco era aprender a gramática da língua para realizar traduções de pequenos textos. Não havia atividades de interpretação e análise do texto literário, cabendo ao professor realizá-la para além do livro-didático. Porém, neste período a concepção de ensino era a tradicional em que o professor transferia o conhecimento para o aluno, o livro didático era praticamente o principal material didático e o aluno era visto como uma tábua rasa, que deveria absorver todo o conteúdo por meio de práticas de memorização.

O segundo material didático de latim analisado é “*Latina Essentia: preparação ao latim*” (2005) de Antônio Martinez Rezende. Este é um material usado no Ensino Superior em cursos introdutórios de Língua Latina. Ele é composto por quatro unidades mais as referências bibliográficas e o glossário. Na primeira unidade intitulada “Generalidades” são abordados assuntos a respeito do alfabeto latino, a(s) pronúncia(s) e o gênero em latim. A segunda unidade é a mais extensa e aborda a morfossintaxe verbo-nominal. O apêndice está na terceira parte deste livro. Nele são apresentados alguns casos especiais de morfossintaxe. Já na unidade quatro “Vocabulário” há uma explicação sobre como os termos estão enunciados nos dicionários latinos.

Para o nosso trabalho, interessa-nos a segunda unidade. Nela podemos encontrar algumas fábulas de Fedro em exercícios de tradução. Em geral, primeiro Rezende (2005) apresenta a explicação do tópico gramatical, depois algumas frases descontextualizadas que envolvam o assunto de gramática abordado para serem traduzidas do latim para o português e, dependendo do conteúdo, são apresentados um ou mais textos em latim para o aluno traduzir para o português, dentre esses textos há algumas fábulas de Fedro. Observe o exemplo na Figura 3.

Figura 3 – Exemplo de página em que aparece uma fábula de Fedro como exercício de tradução



Fonte: Rezende (2005).

Na Figura 3, podemos observar que há dois textos escritos em Latim, o segundo é a fábula de Fedro “*Columba et Formica*” (A Pomba e a Formiga). Nas páginas anteriores há a explicação do tópico gramatical sobre as orações adjetivas e o início do exercício com oito frases descontextualizadas em latim para o aluno traduzir para o português. Ao fazer o exercício tradutório, o aluno poderá observar o uso prático dos pronomes relativos em orações adjetivas em um texto da literatura latina. Neste caso, não é realizado um trabalho sobre o gênero fábula. Ela serve apenas como exemplo para verificação da aplicação da teoria gramatical.

O terceiro livro analisado é “*Latinitas: leitura de textos em língua latina. Fábulas mitológicas e esópicas, epigramas, epístolas*” (2015) de José Amarante. Este é um livro recomendado para o ensino de Latim, em geral, nos cursos de Letras do Ensino

Superior. A proposta do autor é apresentar um estudo da língua latina por meio dos gêneros discursivos, utilizando textos para tradução e leitura, exercícios de análise linguística e aspectos da cultura literária romana.

Para nossa análise nos interessam os capítulos quatro, cinco e seis do primeiro volume, pois abordam o gênero fábula. No início do conjunto destes capítulos, há um texto introdutório a respeito do gênero abordado e dos autores dos textos presentes no volume.

Na unidade quatro são apresentadas as fábulas de Fedro “*Serpens ad fabrum ferrarium*” (A serpente para o ferreiro), “*Rana rupta et bos*” (A Rã arreventada e o Boi) e “*Canes famelic*” (As cadelas famintas). Os tópicos gramaticais abordados são: sistematização da 3ª declinação latina com tema em consoante, adjetivos de 2ª classe, grau dos adjetivos, ablativo de comparação, perfeito sincopado, verbos no presente do modo subjuntivo, verbo “esse” no presente do subjuntivo, particípio passado dos verbos. A atividade final é composta pela fábula “*De uitiiis hominum*” (Sobre os vícios humanos) de Fedro. Na seção “Outros latins” é apresentada a fábula “*De pardo et uulpe*” (O Leopardo e a Raposa) de Aviano e na seção “O latim no Brasil”, o texto “Vieira, leitor dos clássicos”.

A unidade cinco apresenta as fábulas de Fedro “*De uulpe et uua*” (A Raposa e a Uva), “*Cornu fractum*” (O Chifre quebrado) e “*Vulpes et simius*” (A Raposa e o Macaco). Os aspectos gramaticais estudados nesta unidade são: verbos no futuro imperfeito e perfeito do modo indicativo, verbo “esse” no futuro perfeito do modo indicativo, verbos defectivos, partícula enclítica “que”, pronomes pessoais, predicativo do objeto, preposições “a(ab)” e “ad” e preposições de acusativo e ablativo. A fábula “*Lupus et agnus*” (O Lobo e o Cordeiro) de Fedro é apresentada na atividade final da unidade.

Por sua vez, a unidade seis é introduzida pelas fábulas de Fedro “*Ouis, ceruus et lupus*” (A Ovelha, o Veado e o Lobo) e “*De capris barbatis*” (A Barba da cabra). A parte gramatical aborda os seguintes assuntos: duplo acusativo, acusativo de relação, ablativo complemento de verbos e de adjetivos, caso vocativo, verbos no presente do modo imperativo, particípio presente, voz passiva sintética, verbos depoentes. As atividades finais desta unidade estão relacionadas às fábulas de Fedro “*Mons parturiens*” (A Montanha dando à luz) e “*Vulpes ad personam tragicam*” (A Raposa e a máscara trágica). Na seção “Outros latins” é apresentada a fábula “*De serpente et uiatore et uulpe iudice*” (A Serpente, o Viajante e o grande Juiz) do fabulista italiano

Baldo e as fábulas da Coletânea de Rômulo “*Lupus et agnus*” (O Lobo e o Cordeiro) e “*Mus urbanus et rusticus*” (O Rato da cidade e o Rato do campo). Já a seção “O latim no Brasil” traz o texto “Portugueses e holandeses no Brasil: um acordo em latim”.

Selecionamos a unidade quatro para exemplificar como o trabalho com as fábulas é feito nesta obra. No início dessa unidade é elencado o título dos textos abordados acompanhados pela referência da coletânea que foram extraídos e o nome do autor desses textos. A primeira seção denominada “O autor” traz informações a respeito da biografia do fabulista Fedro e sua contextualização na literatura latina. Na seção “Texto”, Amarante (2015) explica a fonte dos textos utilizados na unidade e a informação de que não são adaptações do texto latino. Em seguida há a seção “Vocabulário prévio” em que são apresentados alguns vocábulos que o aluno precisa procurar no dicionário e registrar seu significado no quadro antes da realização da leitura dos textos.

Após isso, são apresentadas na seção “Textos” as três fábulas de Fedro já mencionadas. Entre o título da primeira fábula e o texto há uma ilustração sobre a fábula. Após isso, na seção “Vocabulário” são apresentadas todas as palavras e seus respectivos significados, desde que tal vocábulo não tenha aparecido nesta seção em capítulos anteriores. A seção “Salvar como” apresenta os termos gramaticais, suas traduções e um pequeno comentário a respeito de seu uso, no caso deste capítulo são mencionadas duas preposições, sete verbos e uma partícula interrogativa. Na seção “Compreensão” há dez perguntas escritas em latim relacionadas a interpretação de texto das três fábulas. Também há uma explicação sobre duas palavras interrogativas que aparecem nas perguntas e um comentário sobre a disponibilização de sugestões de tradução para as fábulas estudadas no *site* do livro (www.latinitasbrasil.org).

A próxima seção é “Anotações gramaticais”. Nela o autor explica o conteúdo gramatical, mas não o relaciona com os textos estudados. A parte “Sistematização” apresenta em tópicos um resumo dos conteúdos gramaticais aprendidos na seção anterior e na seção “O Latim e o Português”, Amarante (2015) faz dois comentários relacionando o conteúdo gramatical estudado com a Língua Portuguesa.

Nas “Atividades finais da unidade”, o gênero fábula é abordado novamente. Segue-se a mesma abordagem que o trabalho no início da unidade, mas com uma nova fábula de Fedro. Primeiro, o aluno deve registrar no quadro a forma dicionarizada e o significado de algumas palavras apresentadas na seção “Vocabulário prévio”,

depois é apresentada a fábula “*De uitiiis hominum*” (Sobre os vícios humanos) escrita em latim, seguido por uma lista de palavras e seus respectivos significados na parte “Vocabulário”. Depois, na seção “Compreensão” há cinco perguntas de interpretação de texto escritas em latim sobre a fábula. Também há um comentário sobre uma proposta de tradução para a fábula no *site* do livro. Observe a apresentação dessas atividades na Figura 4.

Figura 4 – Página com as atividades sobre a fábula “*De uitiiis hominum*”

De uitiiis hominum (IV, 10)

Peras imposuīt Iuppiter nobis duas;
 propriū repletam uitiiis post tergum dedit,
 alienis ante pectus suspendit grauem.
 Hac re uidere nostra mala non possūmus;
 alii simul delinquant, censores sumus.

VOCABULÁRIO

<p>alienus, -a, -um: alheio, alheia alius, alia, aliud: outro (<i>alii</i> é nom. pl.) ante: (prep. de acus.) em frente de, diante de ensor, -oris: (m) censor, crítico de: (prep. de abl.) sobre, acerca de delinquo, -is, -ēre, deliqui, delictum: errar, pecar duo, duae, duo: (num.) dois, duas grauis, -e: cheio(a), carregado(a) (no texto, subentende-se <i>uma outra cheia</i> ou <i>uma outra sacola cheia</i>) hic, haec, hoc: este, esta, isto (<i>haec</i> é ablativo) impono, -is, -ēre, imposui, impositum: impor, colocar sobre (constrói-se com dativo)</p>	<p>malum, -i: (subs.) mal, infortúnio, crime (por extensão, <i>vício</i>) pectus, -oris: (n) peito pera, -ae: sacola, alforge post: (prep. de acus.) atrás de, por detrás de proprius, -a, -um: próprio repletus, -a, -um: cheio, cheia (no texto, subentende-se <i>uma cheia</i> ou <i>uma sacola cheia</i>) simul: (conj.) logo que suspendo, -is, -ēre, suspendi, suspensum: pendurar tergum, -i: costas uitium, -ii: defeito, imperfeição, vício, imperfeição moral</p>
--	--

COMPREENSÃO

- 1 Quid imposuit Iuppiter nobis?
- 2 Quid post tergum dedit Iuppiter?
- 3 Quid ante pectus suspendit?
- 4 Quid fabula docet?
- 5 Verte fabulam lusitanam.

[Confira uma proposta de tradução do texto desta unidade em apresentação disponível no site www.latinitasbrasil.org]

Na página seguinte, é apresentado um exercício de tradução do português para o latim de sete frases descontextualizadas. Na seção “Salvar” é apresentada uma lista

de palavras em latim que aparecem com maior frequência em textos. O autor faz a sugestão para o aluno memorizá-las.

A última parte desta unidade é a seção “Saiba +”, a qual reúne as subseções “Outros latins”, “O latim no Brasil” e “Atividades optativas”. Em “Outros latins”, são apresentadas uma pequena biografia do fabulista Aviano, seguida pela fábula “*De pardo et uulpe*” (O Leopardo e a Raposa) e sua respectiva tradução. Já em “O latim no Brasil” há o texto “Vieira, leitor dos clássicos”. Por fim, em “Atividades Optativas” há a instrução para o aluno acessar o *site* do livro para realizar outras atividades de tradução, revisão gramatical e verificação das respostas das atividades propostas ao longo da unidade.

Com a análise desta unidade, podemos observar que, como o foco do livro é o estudo do Latim, não há um trabalho a respeito da composição linguística do gênero, esse é apenas apresentado como um dos gêneros que circulavam na Roma Antiga. O objetivo é apresentar algumas informações culturais e literárias a respeito do gênero. Os exercícios envolvendo as fábulas consistiam em traduções do latim para o português e algumas questões de interpretação de texto, que exigiam um conhecimento mínimo da língua latina para que o aluno conseguisse ler e respondê-las em Latim.

Como pudemos verificar nesses materiais didáticos de Latim, independentemente do nível de ensino e concepção de linguagem adotada na obra, não há um trabalho com o gênero fábula a respeito de suas características. Em geral, as fábulas foram utilizadas por permitir um trabalho com o texto completo sem precisar adaptar ou selecionar um fragmento como em outros gêneros. Desse modo, o aluno pode treinar a tradução do Latim para o Português ou verificar a aplicabilidade de alguns elementos gramaticais em um texto de circulação do período em que o Latim possuía falantes nativos. Mesmo no livro de Amarantes (2005), cujo objetivo é o ensino de Latim por meio de gêneros, são apresentadas apenas algumas características do seu contexto de produção, mas não conduz o aluno a refletir sobre os elementos que constituem as fábulas.

Agora, veremos dois exemplos de como o gênero fábula é trabalhado em livros de Língua Portuguesa do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático). Vale ressaltar que, esses livros são obras que fazem parte do PNLD 2023-2027 disponibilizados no *site* da editora e, até o momento da pesquisa, ainda estão

passando por processo de implementação nas redes de ensino. Contudo, eles refletem as recomendações da BNCC envolvendo o trabalho com o gênero.

A coleção “Aprender juntos Língua Portuguesa” de Silva, Silva e Abromovick (2021) é composta por cinco volumes, um para cada série do Ensino Fundamental I. Para o nosso trabalho, utilizaremos os livros do 2º e 5º ano, pois abordam o gênero fábula em algumas de suas atividades.

Cada volume analisado está organizado em oito capítulos. O volume do 2º ano é introduzido pelas seções “Boas-vindas!”, que consta os conteúdos que o aluno já sabe, e “Trilha de Retomadas”, que apresenta atividades de revisão de conteúdos de Língua Portuguesa. No final desse volume há as seções “Até breve!”, que apresenta atividades de revisão dos conteúdos aprendidos ao longo do ano; “Bibliografia comentada” com as obras teóricas de referência para a composição do livro didático e o “Encarte”, com material complementar para ser usado em algumas atividades. Já o volume do 5º ano apresenta no início apenas a seção “Boas-vindas!” e no final do volume “Até breve!” e “Bibliografia comentada”, todas com a mesma finalidade dos volumes anteriores.

Por sua vez, cada capítulo apresenta uma abertura com uma imagem e algumas perguntas sobre o tema do capítulo. Durante o desenvolvimento do capítulo, esse pode ter as seguintes divisões: “Navegar na leitura”, “Caminhos da língua”, “Jogos e brincadeiras”, “Estudo do dicionário”, “Dando asas à produção”, “Olá, oralidade”. Já o fechamento do capítulo pode apresentar as seguintes partes: “Vamos ler imagens!”, “Pessoas e lugares”, “Vamos compartilhar!”, “Leituras e leitores”, “Vocabulário”, “Sugestões de leitura”, “Aprender sempre”. Explicaremos sobre cada uma dessas partes ao longo da análise dos capítulos. Vale ressaltar que, há capítulos em que essas seções podem se subdividir em duas ou mais partes de modo a abordar diferentes conteúdos gramaticais, textos etc. Além disso, nem todos os capítulos apresentam todas essas partes.

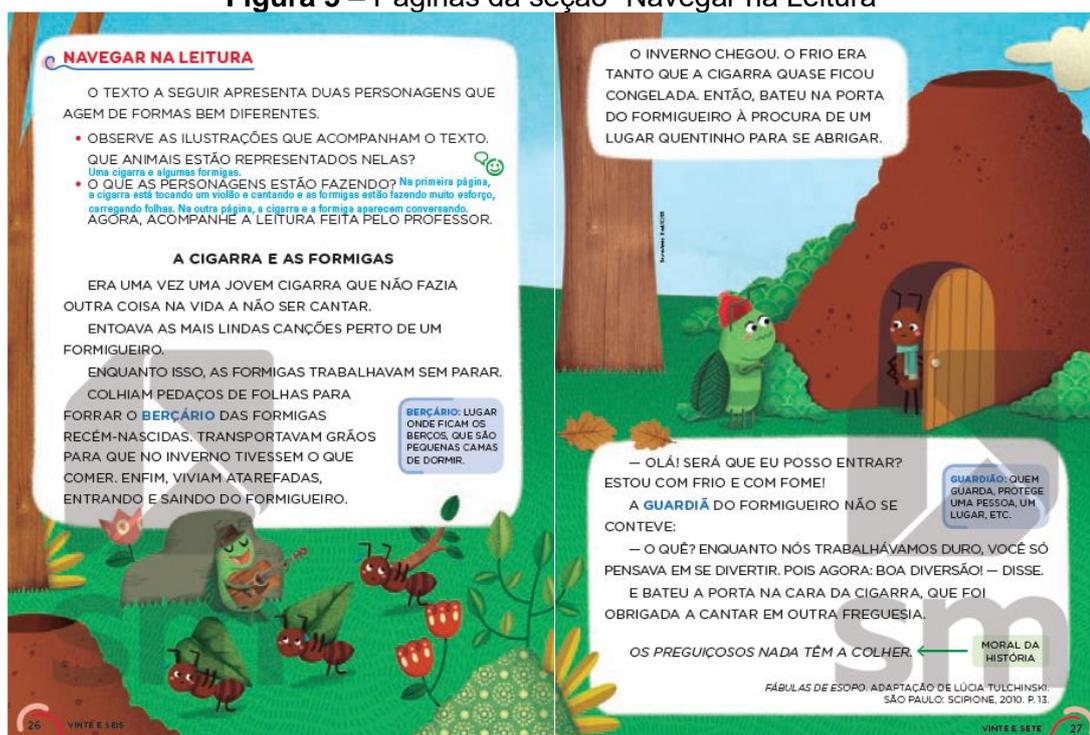
Selecionamos o capítulo um “Animais personagens” do livro do 2º ano e as seções “Até breve” e “Encarte” do fechamento desse volume para a nossa análise. Já no livro do 5º ano, analisaremos parte dos capítulos dois “Teatro, histórias e mamulengos” e seis “Identidade e conflito”.

O capítulo um “Animais personagens” está dividido em doze partes. A primeira parte é a seção “Navegar na leitura”, que apresenta o texto “A Cigarra e as Formigas” e atividades de leitura e interpretação de texto. Em “Caminhos da língua” é trabalhado

o conteúdo relacionado à gramática, no caso deste capítulo, o alfabeto, a sílaba e as letras “p” e “b”, cada um distribuído em uma parte. Após as atividades sobre o alfabeto, há a seção lúdica “Jogos e brincadeiras” que aborda o tema “álbum de animais”. Em seguida, vem a segunda parte do “Caminhos da língua” com as atividades relacionadas à sílaba. Após isso, são propostos exercícios de produção textual na seção “Dando asas à produção”, cujo foco consiste em recontar uma fábula. Depois disso, vem a terceira parte de “Caminhos da língua” com exercícios envolvendo o confronto das letras “p” e “b”. Em seguida, é apresentado o texto “Macaco comilão” na seção “Navegar na leitura”. Na sequência são desenvolvidas atividades que envolvem a habilidade oral por meio de dramatização na seção “Olá, oralidade”. Vale ressaltar que, comentaremos apenas aquelas seções que se relacionam direta ou indiretamente com algum aspecto da fábula.

Em “Navegar na leitura”, é apresentada em duas páginas seguidas a fábula “A Cigarra e as Formigas”, uma adaptação da fábula de Esopo feita por Lúcia Tulchinski (2010). Há duas perguntas a respeito da ilustração do texto e uma recomendação para acompanhar a leitura feita pelo professor. O texto aparece dividido em três blocos, a parte da moral da história está identificada. Além disso, há dois vocábulos destacados em azul, cujo significado é apresentado em um box, como podemos observar na Figura 5.

Figura 5 – Páginas da seção “Navegar na Leitura”



Fonte: Silva, Silva, Abramovick (2021a).

Na seção seguinte “Ler para compreender” são apresentadas sete perguntas de interpretação do texto, quatro na primeira página e três na segunda (Cf. Figura 6). Na primeira o aluno deve circular o nome dos animais que são personagens da história. Na segunda pergunta, o aluno deve dizer o que cada uma das personagens fazia no início da história. O exercício três explora o problema que a cigarra teve. Na pergunta A, o aluno deve identificar qual foi esse problema e na B dizer como ela tentou resolvê-lo. Já na C, o aluno deve esperar o professor reler a resposta da guardiã do formigueiro para explicar a reação da formiga. O quarto exercício apresenta um trecho da fábula com uma parte em destaque. O aluno deve ler e assinalar a resposta com o sentido da expressão destacada.

Figura 6 – Segunda página da Seção “Ler para compreender”

O TEXTO LIDO É UMA **FÁBULA**. TRABALHAR, FALAR E SE DIVERTIR SÃO ATIVIDADES QUE O SER HUMANO REALIZA. MAS NA FÁBULA QUEM PRÁTICA ESSAS AÇÕES SÃO OS ANIMAIS. A CIGARRA E AS FORMIGAS SÃO **PERSONAGENS** DESSA FÁBULA, PORQUE PARTICIPAM DELA.

5 RELEIA O FINAL DO TEXTO, CHAMADO DE **MORAL DA HISTÓRIA**.

OS PREGUIÇOSOS NADA TÊM A COLHER.

A. MARQUE UM X NA ALTERNATIVA QUE EXPLICA O QUE É A MORAL DE UMA HISTÓRIA.

A MORAL EXPLICA QUEM SÃO AS PERSONAGENS DA HISTÓRIA.

A MORAL TRAZ UM ENSINAMENTO TRANSMITIDO POR MEIO DA HISTÓRIA.

B. QUE ENSINAMENTO ESSA FÁBULA TRANSMITE?
Quem é preguiçoso não colhe os frutos do trabalho.

6 PARA VOCÊ, O QUE ACONTECEU NA HISTÓRIA PODE ACONTECER COM AS PESSOAS NA VIDA REAL? POR QUÊ?
Respostas pessoais.

7 A FINALIDADE DA FÁBULA É:

EDUCAR DIVERTINDO. CONTAR UMA HISTÓRIA ALEGRE. FALAR DA VIDA DOS ANIMAIS.

1. Esta atividade chama a atenção para a diferença de atitude das formigas em relação ao pedido de abrigo da cigarra. Elas foram solidárias na versão do autor brasileiro.

ENTRE NA RODA

O texto encontra-se no Manual do Professor.
O PROFESSOR VAI CONTAR OUTRA VERSÃO DA FÁBULA.

1. EM QUE A FÁBULA LIDA PELO PROFESSOR É DIFERENTE DA FÁBULA “A CIGARRA E AS FORMIGAS” DA PÁGINA 26?

2. QUAL PODERIA SER A MORAL DA FÁBULA “A FORMIGA BOA”? COM OS COLEGAS, CRIE UMA MORAL PARA ESSA HISTÓRIA.
Resposta pessoal.

VINTE E NOVE **29**

Antes da quinta questão, há no topo da segunda página um box dizendo que a história lida é uma fábula, cujos animais são personagens que realizam ações humanas. Tal box auxilia no processo de sistematização das informações obtidas por meio das respostas às perguntas anteriores. Em seguida, é apresentada a quinta pergunta, que solicita ao aluno a leitura do final do texto que é o trecho chamado moral da história. Em seguida, o aluno deve, na questão A, assinalar a opção que explica a finalidade da moral de uma história e na questão B dizer qual é o ensinamento que a fábula transmite.

A sexta pergunta pede a opinião do aluno a respeito do que aconteceu na história, se pode acontecer na vida real. Já, na última pergunta, o aluno deve assinalar a alternativa com a finalidade do gênero fábula. Nestas atividades de interpretação de texto podemos observar que o aluno é conduzido a interpretar o texto da fábula por meio dos aspectos relacionados ao elemento personagem. Após isso, destaca-se a reflexão sobre o discurso moralizante. Por último, a finalidade do gênero de modo que esta seja percebida pelo processo de observação das personagens do discurso narrativo, cujas ações desencadeiam uma reflexão sobre um discurso moralizante, efetivando, assim, a finalidade do gênero.

No final da página, há a proposta da realização de uma roda de conversa na qual o professor deve ler a fábula “A Formiga boa” de Monteiro Lobato, disponível no material de apoio do professor. Também há a sugestão de duas atividades. Na primeira, os alunos devem identificar as diferenças entre a fábula esópica e a de Monteiro Lobato e, na segunda, criar uma moral para a fábula de Monteiro Lobato. No material do professor é apresentado um recorte da fábula lobatiana. Pois, a fábula “A Cigarra e as Formigas” escrita por Monteiro Lobato apresenta duas partes “A Formiga boa” e “A Formiga má”, além de estar dentro de uma narrativa moldura. Embora que o trecho selecionado permite a percepção de um discurso moralizante diferente do apresentado pela fábula esópica. Trabalhar apenas com um recorte da fábula lobatiana dá margem para uma visão superficial sobre essa fábula brasileira, uma vez que está descontextualizando o texto¹¹⁸.

Após essa seção, a temática da fábula “A Cigarra e as Formigas” é abordada na atividade lúdica “Álbum de Animais”. Na seção “Jogos e Brincadeiras”, a ilustração de fundo do álbum é a cena da cigarra tocando violão enquanto a formiga está

¹¹⁸ No anexo apresentamos na íntegra o texto de Monteiro Lobato denominado como “A Cigarra e as Formigas” (LOBATO, 2019, p. 15-18).

trabalhando. Não há outras alusões ao gênero fábula, além dessa imagem nesta seção.

A próxima seção a desenvolver um trabalho com o gênero fábula é “Dando asas à produção”. Para o desenvolvimento das atividades dessa parte, o aluno utilizará os materiais complementares da seção “Encarte”. A primeira página desta seção apresenta a explicação e orientações sobre o desenvolvimento da atividade de recontar uma fábula. Já a segunda página apresenta uma ficha de avaliação e reescrita. A proposta é o professor ler a fábula “O Leão e o Ratinho” de Jean de La Fontaine, disponibilizada no material do professor, os alunos deverão recontar um trecho da história por meio de um livro ilustrado. Na seção “Encarte” há três páginas que os alunos deverão destacar para compor o livro ilustrado. Nelas há partes da história escrita ou ilustrada. Após ouvirem a narração da fábula acompanhando o encarte, os alunos deverão contar a fábula para um amigo e, em seguida, completar a história nas páginas do “Encarte”. Por último, os alunos deverão mostrar a atividade para o professor, responderem a ficha avaliativa e partilhar com os colegas e família sobre o livro ilustrado.

No fechamento deste capítulo, na parte “Leitura e leitores” há algumas dicas que incentivam hábitos relacionados à atividade de ler como participar de roda de leitura, organizar um caderno do leitor, dicas de livros e do que observar durante a leitura. A seção “Vocabulário” apresenta as definições de cinco palavras estudadas ao longo da unidade. Destacamos o termo “moral”¹¹⁹ relacionado à parte que compõe o gênero fábula. Sobre este termo são apresentadas duas definições, sendo a segunda relacionada à fábula. Na parte “Sugestões de leitura” há três dicas de livros, um deles é sobre o gênero em análise: “Fábulas de Esopo” de Ruth Rocha da editora Salamandra. Nesta parte há a imagem da capa do livro, o título da obra e um comentário sobre o conteúdo.

A última seção deste capítulo é “Aprender sempre”, que possui atividades de revisão dos conteúdos aprendidos ao longo da unidade. Ela é composta por quatro atividades distribuídas em duas páginas. No exercício um, o aluno deve ler a fábula

¹¹⁹ “Moral <mo.ral> 1. Ânimo, disposição para enfrentar dificuldades. *O moral da equipe estava muito alto. Todos estavam felizes.* 2. Lição, ensinamento adquirido por meio de uma história, real ou ficcional. *A história tinha uma moral muito bonita e emocionante*” (SILVA, SILVA, ABRAMOVICK, 2021a, p. 52, grifo do autor).

esópica “O garoto do ‘Olha o lobo’” e responder cinco perguntas de interpretação de texto, como podemos observar na Figura 7.

Figura 7 – Seção “Aprender sempre”

1 LEIA A FÁBULA ABAIXO.

O GAROTO DO “OLHA O LOBO”

UM PASTORZINHO QUE CUIDAVA DE SEU REBANHO PERTO DE UM POVOADO GOSTAVA DE SE DISTRAIR DE VEZ EM QUANDO GRITANDO:

— OLHA O LOBO! SOCORRO! OLHA O LOBO! DEU CERTO UMAS DUAS OU TRÊS VEZES. TODOS OS HABITANTES DO POVOADO VINHAM CORRENDO AJUDAR O PASTORZINHO E SÓ ENCONTRAVAM RISADAS DIANTE DE TANTO ESFORÇO. UM DIA APARECEU UM LOBO EM CARNE E OSSO. O MENINO GRITOU DESESPERADO, MAS OS VIZINHOS ACHARAM QUE ERA SÓ BRINCADEIRA E NEM PRESTARAM ATENÇÃO. O LOBO PÔDE DEVORAR TODAS AS OVELHAS SEM SER PERTURBADO.

MORAL: OS MENTIROSOS PODEM FALAR A VERDADE QUE NINGUÉM ACREDITA.

FÁBULAS DE ESOPHO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRINHAS, 1997. P. 70.

A. EXPLIQUE POR QUE O TÍTULO DA FÁBULA É “O GAROTO DO ‘OLHA O LOBO’”. *Porque o pastorzinho se distraía gritando “Olha o lobo!”, levando as pessoas a cair em sua brincadeira e a ir ajudá-lo.*

B. O MENINO CONTINUOU SE DANDO BEM GRITANDO DESSA MANEIRA? POR QUÊ? *Não. Funcionou algumas vezes, mas depois as pessoas deixaram de ajudá-lo por acharem que ele estava mentindo.*

C. CIRCULE A MORAL DA HISTÓRIA. EXPLIQUE O QUE VOCÊ COMPREENDEU DELA COM BASE NO QUE FOI NARRADO NA FÁBULA. *Resposta pessoal.*

D. O QUE VOCÊ ACHOU DA ATITUDE DO MENINO? *Resposta pessoal.*

E. EM SUA OPINIÃO, HÁ ALGUM TIPO DE BRINCADEIRA QUE PODE ACABAR MAL? POR QUÊ? *Respostas pessoais.*

54 CINQUENTA E QUATRO

Fonte: Silva, Silva, Abramovick (2021a).

As perguntas estão de acordo com a ordem na qual podemos encontrar as respostas no texto. São perguntas de interpretação e reflexão sobre o assunto abordado. Na pergunta A, o aluno precisa explicar o título da fábula, na pergunta B ele deve dizer se a atitude do menino funcionou e justificar sua resposta. A pergunta C pede para o aluno circular a moral da história e dizer o que compreendeu sobre essa. As questões D e E também exigem resposta pessoal do aluno, sendo a primeira sobre a opinião do aluno a respeito da atitude do menino e, a segunda, sobre algum tipo de brincadeira que pode ter uma consequência negativa. Nesta atividade de revisão do gênero fábula, podemos observar que o aluno é conduzido para uma interpretação de texto de modo a refletir sobre o tema desenvolvido na fábula, ou seja, as consequências de ações mentirosas. Por isso, o foco é na observação do título que

sintetiza a ação alegórica da narrativa, sobre o resultado da ação da personagem e a respeito da moral da fábula.

No exercício 2, o aluno deve escrever palavras que comecem com a letra “p” dentro de um quadro que apresenta dois exemplos de palavras retiradas da fábula. No exercício 3, há palavras com escritas parecidas dentro de quatro quadros, o aluno deverá lê-las e circular as sílabas que as diferenciam, depois precisará assinalar a ordem que as letras aparecem na sílaba, ou seja, vogal-consoante ou consoante-vogal. O quarto exercício apresenta três palavras que o aluno precisa completar as sílabas e indicar a quantidade dessas, para cada palavra há uma imagem. Vale ressaltar que todas as palavras dos exercícios 2, 3 e 4 foram retiradas da fábula do exercício 1. Aqui a fábula serviu como pano de fundo para a revisão dos conteúdos sobre os gêneros fábula, sílaba e letras “p” e “b”.

O gênero fábula volta a ser abordado no quinto volume da coleção “Aprender juntos Língua Portuguesa”. O gênero textual abordado no capítulo dois “Teatro, histórias e mamulengo” é a peça teatral. Apesar disso, este capítulo nos chamou a atenção, pois o texto trabalhado na seção “Navegar na leitura” é a peça teatral “O Vento e o Sol” retirada do livro “No palco todo mundo vira bicho: novas fábulas de Esopo” (2007) de José Carlos Aragão. Este texto é uma adaptação da fábula esópica “Bóreas e o Sol”¹²⁰, infelizmente não é explorado no livro didático a relação entre o texto esópico e o de José Carlos Aragão. Também no material de apoio ao professor, não há nenhuma nota a respeito. A única pista desta relação é o subtítulo do livro presente nas referências abaixo do texto teatral conforme podemos observar na Figura 8.

¹²⁰ Cf. ANEXO – “Bóreas e o Sol” (ESOPO, 2013, p. 73).

Figura 8 – Seção “Navegar na leitura”

Navegar na leitura

O que você vai ler agora é um texto teatral, também chamado de texto dramático, cuja principal característica é ter sido criado para ser encenado. Leia o quadro que aparece logo abaixo do título do texto. Ele contém algumas informações sobre a dramatização.

- Quem são as personagens da história? *O Sol, o Vento, o Menino, o Pombo 1 e o Pombo 2.*
- No título do texto, não é citada nenhuma personagem humana. Você imagina por quê? *Resposta pessoal.*
- O cenário refere-se ao lugar em que a história acontece. Imagine o lugar indicado. Que elementos você usaria para representá-lo? Agora, você e os colegas farão a leitura do texto. *Resposta pessoal. Incentivo às estudantes a explicar suas suposições indicando o que os fez chegar a uma ideia específica de lugar.*

O Vento e o Sol

Personagens: Sol; Vento; Menino; Pombo 1; Pombo 2.
Cenário: Um ponto de ônibus (ou uma praça).

Menino, com uma blusa amarrada à cintura e mochila nas costas, está no ponto de ônibus. Vento se aproxima dele e começa a soprar forte em sua direção. Afastado, o Sol observa a cena. Do lado oposto, dois pombos conversam.

POMBO 1: Mas... o que está acontecendo ali?
POMBO 2: O Vento e o Sol fizeram uma aposta pra ver quem é o mais forte.
POMBO 1: E como é essa aposta?
POMBO 2: Ganha quem conseguir arrancar a roupa do menino.

Menino começa a sentir frio e veste a blusa que tem amarrada à cintura. Inconformado, Vento começa a soprar ainda mais forte.

POMBO 1: Xiii!...
POMBO 2: Agora, complicou.

Menino, sentindo mais frio, retira da mochila um casaco bem grosso e o veste por cima da blusa. Vento tenta soprar mais forte ainda.

POMBO 1: Xiii!...
POMBO 2: Complicou mais ainda...
Exausto, Vento desiste.

VENTO (para o Sol): Desisto... Vai lá: sua vez.

Sol aproxima-se do Menino e permanece imóvel por alguns instantes. Menino começa a sentir um pouco de calor e se abana. Sol dá mais um passo em sua direção: o calor aumenta, e Menino desabotoa o casaco. Sol dá mais um passo; Menino tira o casaco. (Se houver iluminação adequada no local da encenação, a luz pode ficar progressivamente mais forte, a cada vez que o Sol se aproxima do Menino um pouco mais.)

POMBO 1: Xiii!...
POMBO 2: Complicou...
POMBO 1: Complicou o quê?!
POMBO 2: Complicou pro Vento, ué!
POMBO 1: Ah!...
Sol segue se aproximando do Menino passo a passo. O calor vai aumentando e, logo, o Menino está só de cueca, segurando as roupas numa das mãos, enquanto tenta se abanar com a outra.

VENTO: Ok, você venceu! É mesmo mais forte do que eu.
Sol afasta-se do Menino, e este fica aliviado.

POMBO 1 (para a plateia): É mais fácil conseguir o que se quer usando só a inteligência...
POMBO 2: ... e sem precisar de violência!

CAI O PANO. FIM.

José Carlos Aragão. No palco todo mundo vira bicho: novas fábulas de Esopo adaptadas para teatro. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007. p. 50-53.

Fonte: Silva, Silva, Abramovick (2021b).

Este texto “O Vento e o Sol” de José Carlos Aragão mostra-nos o enredo da fábula esópica “Bóreas e o Sol” no formato teatral. Há a manutenção da brevidade da fábula, do discurso moralizante, das personagens figurativizadas, mas expressos por meio de um texto teatral com suas especificidades como diálogos, rubricas etc.

Já o sexto capítulo, intitulado “Identidade e Conflito”, apresenta como primeiro texto da seção “Navegar na leitura” a fábula “O Alce e os Lobos” de Jean de La Fontaine e adaptada por M. Carneiro (1988). Antes do texto há um comentário a respeito do gênero fábula e duas perguntas pré-atividade de leitura. O texto é apresentado em uma página, há ilustrações sobre a história, também duas expressões estão destacadas em azul e seu sentido explicado no box ao lado do texto.

Na seção seguinte “Ler para compreender”, há sete atividades de interpretação de textos distribuídas ao longo de três páginas. A primeira pergunta é sobre o espaço da narrativa, o aluno deve descrever o lago do início da fábula. No exercício dois, há cinco perguntas sobre a sequência de ações da narrativa. Ao respondê-las o aluno identificará a situação inicial, o conflito e a resolução do conflito, além de observar os sentimentos e atitudes do protagonista da fábula.

No exercício três, o aluno deve escrever como a personagem Alce avaliava suas características físicas antes e depois do conflito. O quarto exercício é sobre a parte final da fábula, ela está dividida em três perguntas. Na primeira, o aluno deve copiar do texto o ensinamento da fábula, na segunda, ele deve dizer o nome da parte da fábula, a qual aparece o ensinamento e, na terceira, explicar a moral com base nos acontecimentos da narrativa. A quinta atividade é sobre a identificação dos diferentes discursos da narrativa, para isso, o aluno deve dizer qual é o sinal gráfico que identifica a fala da personagem e o pensamento dessa.

As atividades seis e sete são sugeridas para serem feitas pelo aluno em casa. No exercício seis, o aluno deve ler um trecho da fábula “O Alce e os Lobos”. Esse excerto está escrito utilizando o discurso direto e depois, o mesmo trecho é apresentado em discurso indireto. Na primeira pergunta, o aluno deve explicar as diferenças de sentido e as diferenças no modo como é apresentada a fala da personagem. Já na segunda pergunta, o aluno deve explicar em qual dos trechos dá para perceber melhor os sentimentos da personagem. A última atividade desta seção propõe que os alunos conversem sobre se eles conhecem pessoas que se sentem ou se comportam como o Alce da fábula.

Na seção “Caminhos da língua”, foram utilizados alguns trechos da fábula “O Alce e os Lobos” para a composição das atividades, porém o foco era o tópico gramatical conjunção e, não, a narrativa em si.

A seção “Olá, oralidade” propõe o desenvolvimento de uma atividade com o gênero oral júri simulado. Para isso, são apresentados os textos da fábula esópica “A Cigarra e as Formigas” e da fábula de Monteiro Lobato “A Formiga boa”. Cada texto é acompanhado por uma ilustração e ocupa o espaço de uma página, a única diferença é que no texto de Monteiro Lobato há algumas palavras destacadas em azul, cujo significado é apresentado em um box ao lado do texto. Após os textos são realizadas seis atividades de interpretação do texto de modo a compará-los. No exercício um, o aluno deve preencher um quadro para cada fábula com o comportamento da cigarra e da formiga durante cada estação do ano narrada. No exercício dois, o aluno deve assinalar a opção com o sentido do vocábulo “princípio”.

A terceira pergunta destaca uma fala da personagem formiga da fábula de Esopo e o aluno precisa escrever o que essa frase revela a respeito do comportamento da formiga. Já a quarta pergunta é sobre a fábula de Monteiro Lobato em que o aluno deve explicar se a cigarra ajudou as formigas durante a estação

quente. Nos exercícios cinco e seis, o aluno deve assinalar a opção com a moral mais adequada. O exercício cinco aborda apenas a fábula esópica “A Cigarra e as Formigas” e o exercício seis refere-se ao texto “A Formiga boa”.

Após as atividades de compreensão do texto, são apresentadas orientações para a realização do júri simulado, que propõe aos alunos avaliar oralmente a conduta da formiga com base nos textos apresentados.

Vale ressaltar que novamente a Coleção “Aprender Juntos” opta por trabalhar um recorte da fábula de Monteiro Lobato de modo a apresentá-lo como se fosse o texto na íntegra. A descontextualização do texto de Lobato pode prejudicar o processo de desideologização da fábula proposto por este autor. Além disso, limita o trabalho em sala de aula ao não informar que o texto apresentado é apenas um recorte, apresentando como sugestão a pesquisa do texto completo ao mencionar a fonte.

As cinco atividades da seção “Estudo do dicionário” são desenvolvidas em torno da fábula esópica “O Asno e o Leão” adaptada por Joseph Shafan. Após os alunos lerem a fábula, eles deverão observar o verbete “ignóbil” retirado do “Dicionário didático” (2009) e explicarem na primeira parte do exercício um o motivo pelo qual o narrador caracterizou o burro como ignóbil e, na segunda parte, sublinhar a definição apresentada no verbete que apresenta o sentido dessa palavra na fábula.

No exercício dois, o aluno deve dizer se a palavra “ignóbil” das frases é um adjetivo ou substantivo. Já no exercício três as perguntas estão relacionadas ao gênero das palavras “asno”, “raposa” e “ignóbil”. Por sua vez, no exercício quatro, o aluno deverá escrever que tipo de informação aparece no verbete de dicionário entre os recursos gráficos “<>” e, no último exercício, o aluno deve escrever que outros tipos de informações aparecem no verbete de dicionário “ignóbil”.

A próxima seção a abordar o gênero fábula é “Sugestão de leitura”, que indica a leitura do livro “Fábulas de Esopo” de Russell Ash e Bernard Higton, traduzido por Heloisa Jahn e publicado pela editora Companhia das Letras.

Por fim, a seção “Aprender sempre” utiliza a fábula “A Raposa e as Uvas” de Jean de La Fontaine, adaptação de Lúcia Tulchinski, para desenvolver atividades de revisão dos conteúdos aprendidos ao longo do capítulo (Cf. Figura 9). Após a leitura do texto da fábula, na primeira pergunta do exercício um, o aluno deve explicar o sentido figurado de uma expressão usada pela personagem da fábula e, na segunda pergunta, se essa mesma expressão poderia ser usada em seu sentido literal no contexto da fábula. No exercício dois, o aluno deve explicar se a personagem raposa

alcançou as uvas. Estes exercícios têm o foco no significado de expressões usadas na fábula em estudo.

Figura 9 – Primeira página da seção “Aprender sempre”



Aprender sempre

1 Leia a fábula a seguir e responda às questões.

A raposa e as uvas

A raposa vinha pela estrada quando viu uma **parreira** carregada de **suculentas** uvas vermelhas. “Essas uvas já estão no papo” — pensou. Doce ilusão. A raposa tentou de tudo, mas os cachos estavam tão altos que não conseguiu apanhar um **bago** que fosse.

Matreira, ela comentou para quem quisesse ouvir: — Reparando bem, essas uvas estão muito verdes. Raposas não comem uvas verdes, pois dão dor de barriga. E foi embora.

Quando já tinha percorrido algumas léguas, um vento forte começou a soprar. Então a raposa voltou depressinha e pôs-se a farejar o chão em busca de bagos de uva. *Quem desdenha quer comprar.*



Foto: BabyDCE

parreira: planta que produz uva.
suculento: que tem muito suco.
bago: cada uma das uvas que formam um cacho.
matreiro: esperto, astuto.

Jean de la Fontaine. Em: *Fábulas de Esopo*. Adaptação de Lúcia Tulchinski. São Paulo: Scipione, 1998. p. 18.

a. Ao ver as uvas, a raposa pensa que “estão no papo”. Essa expressão costuma ser usada no sentido figurado. O que ela quer dizer?

Quer dizer que algo está garantido, que está fácil de se conseguir.

b. Tendo em vista o contexto em que é usada, essa expressão também pode fazer referência a seu sentido literal? Explique.

Sugestão: Sim. O texto faz um jogo com os dois sentidos dessa expressão, já que a raposa está tão confiante de que vai conseguir as uvas como de que elas vão parar em seu papo, em sua barriga.

2 As uvas estavam mesmo no papo, isto é, a raposa as alcançou? Explique.

Não. Como os cachos estavam no alto, a raposa não conseguiu alcançá-los.



204 duzentos e quatro

Fonte: Silva, Silva, Abramovick (2021b).

O exercício três é composto por cinco perguntas a respeito de um trecho da fábula. Na questão A, o aluno deve escrever os adjetivos atribuídos ao termo “uvas” no trecho e no início da fábula. A questão B solicita que os alunos conversem entre si sobre o motivo pela qual a personagem raposa disse que as uvas estavam verdes. Na questão C, o aluno deve circular a conjunção que aparece no trecho. Já na questão D, o aluno deve assinalar a opção com a ideia expressa pela conjunção circulada. E,

na questão E, o aluno deve escrever outras conjunções que poderiam substituir a conjunção circulada. No exercício 4, o aluno deve ler um outro trecho destacado da fábula e explicar por que a palavra “léguas” é acentuada.

O exercício cinco é para o aluno explicar oralmente o que ele entendeu sobre a moral da história. Já o exercício seis, os alunos devem conversar entre si, porque mesmo as fábulas sendo textos antigos sua moral ainda faz sentido nos nossos dias.

Observamos que as atividades propostas na seção “Aprender sempre” têm um foco mais linguístico que literário sobre o gênero fábula de modo a observar aspectos da linguagem empregados, como o significado de alguns termos e expressões no texto em estudo.

A análise desses dois livros do Ensino Fundamental I permitiu-nos ter uma noção de como o gênero fábula é abordado nos materiais didáticos para crianças atualmente. Podemos observar uma concepção de linguagem mais interacionista em que o conteúdo abordado é contextualizado ao aluno, de modo a construir conhecimentos e, não apenas transmiti-los, com exercícios que envolvem o senso crítico e reflexivo dos estudantes. Além disso, é trabalhado tanto os aspectos linguísticos quanto os literários do gênero fábula de acordo com a proposta de atividade. Desse modo, a abordagem feita pela Coleção “Aprender sempre” permite que o aluno tenha uma experiência estética artístico-literária prazerosa com o gênero conforme a BNCC sugere.

Ainda sobre a presença das fábulas nos livros didáticos de Língua Portuguesa, queremos destacar o trabalho de Andrade (2018) denominado “A presença das fábulas de Monteiro Lobato em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (2002-2008)”. Nesta pesquisa, a autora analisa a presença das fábulas de Monteiro Lobato nos livros didáticos do PNLD 2002-2008. Andrade (2018) constata que os textos de Monteiro Lobato são os representantes do gênero que mais aparecem nos livros do Ensino Fundamental I e II.

Os dados utilizados na análise de Andrade (2018) foram coletados e organizados pelo projeto “O Livro Didático de Língua Portuguesa: Produção, Perfil e Circulação” – LDLP-PROPERFIL (PUC-SP / CEALE – UFMG /CNPq). Nos anos de 2004 e 2007 foram analisadas as coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa do I Ciclo do Ensino Fundamental, sendo 42 coleções em 2004 e a mesma quantia em 2007. Já nos anos 2002, 2005 e 2008, este grupo analisou as coleções do II Ciclo

do Ensino Fundamental. No ano de 2002 foram analisadas 35 coleções, em 2005 este número foi de 33 coleções e em 2008 aumentou para 37 coleções.

Embora o foco da pesquisa de Andrade (2018) sejam as fábulas de Monteiro Lobato em livros didáticos do PNLD no período de 2002-2008, a autora apresenta alguns dados interessantes sobre outros fabulistas como Esopo e Jean de La Fontaine. O Quadro 1 mostra a quantidade de ocorrências dos fabulistas Esopo e Jean de La Fontaine nas coleções de livros didáticos dos ciclos I e II do Ensino Fundamental no período de 2002 a 2008. Observe:

Quadro 1 – Ocorrências dos fabulistas nas coleções de livros didáticos do PNLD 2002-2008

Ano	2002	2004	2005	2007	2008
Número de coleções de livros de Língua Portuguesa	35	42	33	42	37
Ciclo do Ensino Fundamental	II	I	II	I	II
Esopo	23	61	31	96	53
Jean de La Fontaine	28	20	16	29	25

Fonte: Adaptado de Andrade (2018).

Optamos por analisar em conjunto os dados desses fabulistas com os de Monteiro Lobato que será apresentado no Quadro 2. Em relação ao fabulista Monteiro Lobato, Andrade (2018) apresenta não a quantidade de ocorrências do nome do fabulista, mas a quantidade de coleções que contemplam textos desse autor e a quantidade de fábulas de Lobato nessas coleções. Vale ressaltar que Andrade (2018) categorizou dezoito tipos diferentes de gêneros relacionados a esse autor. O Quadro 2 apresenta o número total de coleções com textos de Monteiro Lobato e a quantidade de fábulas encontradas nessas coleções de livros didáticos do PNLD 2002-2008. Veja:

Quadro 2 – Quantidade de coleções do PNLD 2002-2008 com textos de Monteiro Lobato e quantidade de fábulas desse autor

Ano	2002	2004	2005	2007	2008
Número de coleções de livros de Língua Portuguesa	35	42	33	42	37
Ciclo do Ensino Fundamental	II	I	II	I	II
Número de coleções com textos de Monteiro Lobato	28	36	22	29	21
Número de fábulas de Monteiro Lobato	29	41	18	30	12

Fonte: Adaptado de Andrade (2018).

Como podemos observar, das 35 coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II no ano de 2002, Esopo está presente em 23, Jean de La Fontaine em 28 e Monteiro Lobato também em 28. Essas vinte e oito coleções contemplam 29 fábulas lobatianas.

As próximas amostras analisadas por esse grupo são do ano de 2004, totalizando 42 coleções do Ensino Fundamental I. Há 61 ocorrências referentes ao nome de Esopo, 20 de La Fontaine e 36 de Lobato. Das coleções que mencionam

Monteiro Lobato há um total de 41 fábulas desse autor. Em 2005 o PROPERFIL volta a analisar as coleções do Ensino Fundamental II. Das 33 coleções analisadas, há 31 recorrências relacionadas ao nome de Esopo, 16 menções a Jean de La Fontaine e 22 apresentam textos de Monteiro Lobato, sendo dessas 18 pertencentes ao gênero fábula.

Em 2007 o PROPERFIL analisou 42 coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental I. Esopo foi mencionado 96 vezes e Jean de La Fontaine 29. Também 29 coleções apresentaram textos de Monteiro Lobato, que juntas reúnem 30 fábulas desse autor. No ano de 2008 foram analisadas 37 coleções do Ensino Fundamental II. Nelas há 53 ocorrências ao nome de Esopo e 25 ao fabulista francês Jean de La Fontaine. Nesse ano 21 coleções apresentaram textos de Monteiro Lobato, totalizando 12 fábulas.

Vale ressaltar que não há, no trabalho de Andrade (2018), a especificação do tipo de referência aos nomes de Esopo e La Fontaine, podendo este número representar suas fábulas, capas de livros, biografias, outros textos desses autores etc.

A autora também realiza a análise de quatro capítulos desses livros, que propõem atividades a partir da leitura das fábulas de Lobato. O primeiro capítulo analisado pertence ao terceiro volume da “Coleção Português Paratodos”¹²¹ do Ensino Fundamental I. Esta obra apresenta um projeto de leitura e escrita envolvendo fábulas esópicas como “A Raposa e as Uvas”, “O Lobo e a Cabra”, “O Cão que levava carne”, essa comparada a versão de Vivian French “O Cão e o Osso”. Da coletânea de fábulas de Jean de La Fontaine foram extraídos os textos “A Cigarra e as Formigas”, “O Galo que logrou a Raposa” e “O Lobo e o Cordeiro” para as atividades desse volume. Já de Lobato optou-se pelas fábulas “A Cigarra e as Formigas” e “O Lobo e o Cordeiro”. Em geral, de acordo com Andrade (2018), o trabalho com fábulas nesta coleção priorizou atividades de análise da linguagem em detrimento a estrutura do texto. Embora houvesse exercícios para os alunos manifestarem a opinião a respeito do discurso moralizante, essas não conduziam a uma reflexão aprofundada sobre a produção dessas impressões pessoais.

Andrade (2018) também analisou o primeiro volume da “Coleção Bem-Te-Li”¹²² para o Ensino Fundamental I, o qual apresenta atividades sobre a fábula esópica “A Cigarra e as Formigas” e a primeira versão escrita por Monteiro Lobato para a fábula

¹²¹ Esta coleção foi excluída do PNLD 2007.

¹²² Esta coleção foi avaliada como Recomendada com Ressalva pelo PNLD 2007.

“A Cigarra e as Formigas”. Estas atividades estão relacionadas ao desenvolvimento da argumentação, inferência e localização de informações, reflexão sobre o discurso moralizante e identificação dos alunos com as personagens. Para Andrade (2018), este livro não apresenta uma sequência de atividades com um objetivo específico, os exercícios propostos pouco contribuem para o desenvolvimento da habilidade de leitura e não abordam as especificidades do gênero. Há escassas atividades de apreciação estética e envolvimento afetivo com as fábulas.

Já a “Coleção Ler, Entender, Criar”¹²³ analisada por Andrade (2018) é o segundo volume do Ensino Fundamental II. Ela apresenta a fábula lobatiana “A Coruja e a Águia” sem a narrativa moldura. O texto é apresentado de modo descontextualizado e só para leitura. Não há exercícios que explorem o gênero.

O último volume analisado por Andrade (2018) foi o segundo volume da Coleção “Viva Português”¹²⁴. Este livro apresenta atividades sobre as fábulas lobatianas “A Coruja e a Águia” e “O egoísmo da Onça”. Também encontramos a fábula esópica “O Sapo e o Boi” e a versão de La Fontaine “A Rã e o Boi”, a fábula “A Perdiz e a Raposa de Fedro” de Renato Belo, a “Fábula da Raposa e do Mocho” de Teófilo Braga, a fábula “A Raposa e o Canção” de Gustavo Barroso, as fábulas “Hierarquia” e “A Rã e o Boi” de Millôr Fernandes. De acordo com Andrade (2018), as atividades propostas envolvem a análise da estrutura de fábulas, escrita e reescrita de textos desse gênero, reflexão sobre o discurso moralizante e, assim, apropriação do texto de modo a desenvolver a habilidade leitora.

Com essa análise, Andrade (2018) percebeu que há um déficit na abordagem de aspectos subjetivos da leitura. Além disso, das quatro coleções verificadas apenas uma apresentava as fábulas de Monteiro Lobato com o texto na íntegra. Por causa disso, ao final de sua tese, Andrade (2018) apresenta uma proposta didática para o estudo do gênero fábula a partir das fábulas desse autor. Seu objetivo é propor uma alternativa para um trabalho com o texto na íntegra das fábulas de Monteiro Lobato com atividades que valorizem também os aspectos subjetivos da leitura e contribuam para o desenvolvimento da habilidade leitora dos alunos.

Como vimos, na seção 3.1 “Dos primórdios à BNCC”, a fábula como gênero didático faz parte do rol de textos recomendados pela BNCC para o desenvolvimento

¹²³ Esta coleção foi avaliada como Recomendada pelo PNLD 2008.

¹²⁴ Esta coleção foi avaliada como Recomendada com Distinção pelo PNLD 2008.

de um trabalho principalmente nas aulas de Língua Portuguesa. Vale ressaltar que a principal finalidade desse componente curricular, segundo a BNCC é:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p. 67-68).

Sendo assim, as atividades de ensino-aprendizagem envolvendo fábulas têm o objetivo de contribuir com os letramentos do aluno, ou seja, tanto os letramentos da escrita quanto os multiletramentos, que englobam outras linguagens e mídias. Desse modo, na próxima seção abordaremos o uso didático da fábula no âmbito digital, o qual apresenta novas práticas de linguagem e, conseqüentemente, novos gêneros.

4.3 A fábula na era digital

Assim como outros textos de uso didático, as fábulas também estão presentes no suporte digital. Suas narrativas fazem parte do conteúdo de vídeos de canais no Youtube, séries em plataformas de *streaming*, aplicativos de celulares, *podcasts*, *sites*, *blogs* etc. Em geral, esse conteúdo é voltado ao público infantil tanto no intuito de entreter quanto no de ser uma ferramenta educacional.

É importante estudarmos a fábula em meio digital, porque sendo essa um gênero didático, há uma tendência cada vez maior da utilização de recursos didáticos digitais ou até mesmo do ensino híbrido ou *online*. Dessa forma, a fábula como ferramenta de ensino também se manifesta neste suporte de diferentes modos.

Além disso, o estudante atual pertence à geração alfa que, segundo G. Oliveira, (2019), é aquela composta por indivíduos que nasceram depois de 2010, ou seja, em plena era digital. Em geral, eles são filhos da geração Y, a qual compreende os nascidos entre 1981 e 1996, e são expostos e estimulados ao contato com as diversas tecnologias desde seu nascimento. Ademais, são crianças com pensamentos e habilidades mais rápidas que as gerações anteriores e estão mais adaptados às tecnologias devido ao fato de estarem cercados por elas nas diversas atividades de suas rotinas.

Portanto, os novos recursos didáticos precisam ser interessantes, estimuladores e atenderem a nova demanda dessa geração. Em outras palavras, a

geração alfa tem uma tendência para aprender melhor por meio da conectividade com o mundo digital e interatividade com as diversas formas tecnológicas modernas.

Sendo assim, o objetivo desta seção é verificar como este gênero narrativo está sendo utilizado em meio digital. Para isso, citaremos alguns exemplos de recursos digitais que incluem fábulas em seu conteúdo. Vale destacar que, por questões didáticas, não esgotaremos todas as possibilidades em que as fábulas circulam em meio eletrônico. Além disso, ressaltamos a necessidade de trabalhos futuros que realizem um estudo mais aprofundado sobre o gênero fábula em suas diferentes manifestações em meio digital.

4.3.1 Podcasts

O termo *podcast* é composto pelas palavras “iPod” e “broadcasting” (SAEED, 2010), ou seja, a união destas palavras inglesas remete ao fato de o *podcast* ser um tipo de transmissão de um conteúdo semelhante ao de difusão de rádios (broadcasting), acessado principalmente via iPod, isto é, um aparelho eletrônico da empresa Apple Inc. Em outras palavras, os *podcasts* são conteúdos audiovisuais ou apenas auditivos que podem ser acessados por meio de um aparelho eletrônico como celulares, tablets e computadores. Em geral, o usuário pode baixar ou acessar *online* o conteúdo por meio de uma plataforma de *streaming*, que é um serviço que possibilita a transmissão de conteúdos pela internet.

Podemos acessar vários *podcasts* por meio de plataformas de *streaming* de áudio e músicas como Spotify, Apple Music, Amazon Music, Deezer. Neste trabalho utilizamos a plataforma do Spotify por ser a plataforma de *streaming* de áudio e música mais popular no mundo, segundo pesquisa realizada pela MIDiA Research, cujos dados foram coletados durante o terceiro trimestre de 2021 (MULLIGAN, 2022). Além disso, citaremos apenas os *podcasts* e álbuns que focalizam as fábulas, cujo acesso seja gratuito e que estejam em língua portuguesa.

A título de esclarecimento, quando nos referirmos aqui ao termo “descrição”, estamos nos referindo ao texto escrito presente na plataforma do Spotify. Os números entre parênteses são referentes à duração dos episódios. Vale ressaltar que nosso objetivo aqui é exemplificar alguns *podcasts* cujo conteúdo envolve fábulas e não avaliar a qualidade do material ou discutir o emprego adequado do gênero.

Dentre os *podcasts* que abordam as fábulas como o gênero didático, temos o “Contos e Fábulas” narrado pela professora Erika Barreto. Segundo a descrição da produtora do *podcast*, o objetivo desse é recontar narrativas para uso de aulas remotas. Para isso, Erika Barreto gravou um trailer com a apresentação do *podcast* e mais três episódios: “História de João e Maria” dos Irmãos Grimm, “Rapunzel” também dos Irmãos Grimm e “O Ratinho da Cidade e o Ratinho do Campo” de Esopo. Vale ressaltar que este *podcast* foi publicado em setembro de 2020.

“O Ratinho da Cidade e o Ratinho do Campo” tem a duração de 2 minutos e 33 segundos. Neste episódio, Erika Barreto realiza apenas a narração da fábula de Esopo, de acordo com a descrição do episódio. Esta é uma fábula para interpretação. Este é um exemplo em que uma professora contribuiu com o processo de digitalização da narrativa, diante da realidade das aulas remotas provocada pela pandemia do COVID-19. A professora precisou utilizar os recursos digitais para que os alunos tivessem contato com alguns processos formativos, pois no cenário pandêmico o processo de ensino-aprendizagem necessitou ser passado do modo presencial para o remoto. Aqui a narração da fábula no formato de episódio de *podcast* manteve as características de uma leitura realizada por uma professora em uma sala de aula presencial. Possivelmente, este episódio foi usado como parte de uma atividade de leitura, que poderia englobar outros exercícios envolvendo a interpretação da fábula narrada pela professora.

O *podcast* “Fábulas” é narrado por Jose Gildo de Araujo Jr. No trailer, o locutor apresenta sua concepção para as histórias narradas em seu *podcast*, ou seja, “Fábulas para crianças, lições para adultos”. Jose Gildo apenas menciona essa frase, não há registros sobre a finalidade dos episódios do *podcast*.

Este *podcast* é composto por quatro episódios publicados entre novembro e dezembro de 2020. Em cada episódio, o autor narra uma fábula e informa que a fábula é de Esopo, mencionando também o período em que viveu o fabulista. Com exceção do primeiro episódio em que na descrição está a temática da fábula e do segundo episódio, cuja descrição é a mesma do *podcast*, os outros dois episódios trazem a lição de moral em sua descrição. As fábulas narradas são: “A Águia e a Raposa” (3min7s), “A Águia e o Escaravelho” (3min39s), “O Gato e o Galo” (2min26s) e “A Cabra e o Burro” (3 min6s).

O *podcast* “Fábulas” narrado por Juliana Kelly apresenta como descrição geral “Fábulas: valores morais e éticos” (FÁBULAS, 2021). Ele é composto por quatro

episódios. Em cada episódio, é narrada uma fábula. Vale ressaltar que não se menciona o(s) nome(s) do(s) fabulista(s) que compuseram as narrativas do *podcast*. Ao ouvir este *podcast*, ficamos com a impressão de que ele é parte de um trabalho com fábulas desenvolvido por uma professora com um grupo de alunos da escola Frei Guido, ou seja, este *podcast* pode ser considerado como um exemplo do uso pedagógico da fábula utilizando os gêneros digitais.

O primeiro episódio é “A Abelha e a Formiga. Valor moral: Honestidade” (2min9s). Na descrição do episódio é apresentado o título da fábula e o valor abordado na lição de moral. A autora introduz o episódio explicando para as crianças o que é uma fábula e uma lição de moral, em seguida narra a fábula e, por fim, revela qual valor está relacionado ao ensinamento da narrativa. O episódio seguinte é “O Leão e o Ratinho. Valor moral: Bondade” (1min38s). Nele a professora comenta que um aluno da escola do Grupo Escolar Frei Guido realizará a contação da fábula. Após a narração da história, o aluno faz um comentário sobre o valor da lição de moral. O “Episódio: 3 (O Pastor mentiroso)” (2min32s) apresenta um resumo da história e a lição de moral como descrição do episódio. A professora introduz o episódio cumprimentando a turma e apresentando o nome da aluna que fará a narração da fábula. Após a contação da fábula, a aluna comenta sobre o ensinamento moral. O último episódio “Episódio 4 (O Burro que vestiu a pele de um Leão)” (1min44s) também possui um resumo da fábula na descrição. Este episódio apresenta a mesma estrutura do anterior variando apenas a aluna que realiza a contação e a fábula narrada.

Diferente dos anteriores, o *podcast* “Fábula Falada” narrada por Juliana Rodrigues começou em janeiro de 2021 e ainda está em produção, até o momento da pesquisa. Há 60 episódios, sendo o último publicado em 11 de agosto de 2022. De acordo com a descrição do *podcast* e o trailer, as narrativas contadas são histórias originais ou adaptadas para crianças de todas as idades. Embora o nome do *podcast* seja “Fábula Falada”, os episódios são compostos por histórias de diferentes gêneros narrativos como fábulas, contos de fadas, poemas, lendas etc. Não é informada qual é a finalidade do *podcast*, contudo ele pode ser utilizado tanto para entretenimento quanto para uso didático.

A descrição de cada episódio é composta por uma resenha sobre a narrativa, com a indicação de se a história é uma adaptação de qual fábula, a faixa etária recomendada e ficha técnica. Nos episódios envolvendo fábulas Juliana Rodrigues narra fábulas adaptadas por Jesler Stievano, o qual é responsável também pela

edição, mixagem e roteiro final do *podcast*. Após a narração da história, Juliana Rodrigues apresenta uma “palavra fabulosa”, ou seja, ela apresenta a definição de uma palavra retirada da história. No total são 22 episódios com adaptações de fábulas de autores de diferentes países e fábulas criadas por Jesler Stievano.

A título de curiosidade, os episódios são: “#1 – Chamada Perdida” (5min17s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula esópica “O Galo e a Pérola”; “#4 - A Lebre e a Tartaruga” (7min13s) de Esopo; “#7 – O Belo Ninho” (8min) é uma fábula inspirada no conto zen budista “O Gato do Mestre”; “#8 – O Dragão e os Morcegos” (5min19s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula esópica “O Leão e o Rato”; “#9 – Um Mundo Diferente” (4min36s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula “O Reformador do Mundo” de Monteiro Lobato; “#10 – A Lebre da Páscoa” (6min46s) é uma adaptação em que Jesler Stievano cria uma continuação para a fábula esópica “A Lebre e a Tartaruga”, já narrada no episódio quatro, produzindo um programa especial de páscoa; “#13 – O Lago e a Rocha” (6min51s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula esópica “O Pinheiro e o Coqueiro”; “#15 – A Cigarra e as Formigas” (14min14s) de Esopo; “#16 – O Bolinho de Arroz Rolante” (5min46s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula japonesa “O Omosubi Rolante”; “#19 – Os Três Lobinhos” (10min19s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula “Os Três Porquinhos” de Joseph Jacobs; “#21 - Dobradura” (4min30s) é uma fábula em formato de poema escrita por Jesler Stievano para o Dia dos Namorados; “#22 – História da Gota D’Água” (6min4s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano de “A Gota D’Água” de Maria Montessori; “#24 – O Soldado e a Princesa” (20min27s) é uma história de Jesler Stievano inspirada na fábula “Caixa de Fósforos” de Hans Christian Andersen; “#27 – A Lenda da Mariposa (Parte 1)” (12min24s) e “#28 – A Lenda da Mariposa (Parte 2)” (12min22s) são dois episódios que contam a fábula “A Lenda da Mariposa” de Jesler Stievano; “#31 – Um Noivo para minha filha Ratinha” (3min46) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula coreana “Em busca do Noivo Rato”; “#32 – A Água e a Terra” (4min37s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula “A Água” de Leonardo da Vinci; “#34 – O Curumim Aborrecido” (4min54s) é uma fábula de Jesler Stievano; “#39 – A Teia da Aranha” (4min57s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula esópica “O Homem e o Leão”; “#40 – O Ogro, a Bruxa e o Príncipe” (7min6s) é uma fábula de Jesler Stievano inspirada na história “A Princesa e a Ervilha” de Hans Christian Andersen; “#43 – A Menina que nunca ria” (7min13s) é uma adaptação feita por Jesler

Stievano da fábula russa “A Princesa que nunca ria”; “#44 – Os Dois Burrinhos” (3min56s) é uma adaptação feita por Jesler Stievano da fábula esópica “Os Dois Burros”.

Vale ressaltar que “Fábula Falada” também possui uma conta na rede social do Instagram com o mesmo nome do *podcast*. Este perfil serve de divulgação do *podcast*. Em geral são realizadas publicações por Juliana Rodrigues e Jesler Stievano sobre assuntos relacionados ao “Fábula Falada” como produtos da marca, curiosidades sobre os episódios do *podcast*, materiais complementares sobre as narrativas etc.

Dentre os álbuns disponíveis na plataforma, cujas faixas são narrações de fábulas, temos “Fábulas de Esopo” interpretadas por diferentes artistas. Este álbum é de 1963 e foi digitalizado em 2001. Ele tem a duração de 14min 18s e é composto por seis faixas: “O Carvalho e o Junco” (1min50s), “O Golfinho e o Leão” (1min48s), “O Burro e o Sal” (3min30s), “O Burro e o Grilo” (2min), “Os Dois Sapos” (2min44s) e “A Formiguinha e a Pomba” (2min33s).

E o álbum “Fábulas de La Fontaine” também é de 1963 e foi disponibilizado na plataforma em 2001. Ele faz parte da coleção “Disquinho” e apresenta duas faixas interpretadas por Simone Moraes. A primeira narra a fábula “A Tartaruga e a Lebre” (5min5s) e a segunda, “O Leão e o Ratinho” (4min24s).

Como podemos observar, alguns professores têm unido o gênero didático fábula ao gênero *podcast*. Já em outros, as fábulas são apresentadas em episódios sem necessariamente terem como foco o fim didático, podendo ser aproveitados tanto para uso escolar, quanto para entretenimento e/ou formação humana da criança por meio da contação de histórias. Em suma, no gênero *podcast* a fábula manteve as características tradicionais do gênero, apresentando como diferença mais significativa apenas a gravação da narração e armazenamento em uma plataforma de acesso mundial. Também podemos observar que o gênero *podcast* contribui para a continuação da popularização das fábulas tanto de autores tradicionais quanto de novos fabulistas por todo o mundo.

Ao observarmos os trabalhos realizados com o gênero digital *podcast*, que envolviam fábulas, podemos notar que pode ser desenvolvido de diferentes maneiras desde a gravação do áudio da leitura da narrativa realizada pela professora para o desenvolvimento de outras atividades envolvendo a fábula até o registro da leitura da narrativa fabulística realizada por alunos.

4.3.2 Aplicativos e jogos para *smartphones*

A gama de aplicativos para dispositivos móveis é enorme e cada vez mais tem se investido na produção de produtos voltados para crianças. Como as fábulas fazem parte do rol de histórias contadas às crianças desde pequenas e, em geral, são um dos primeiros textos com que os pequeninos têm contato durante o processo de alfabetização, o mercado de *softwares* tem buscado produzir aplicativos infantis que possam contribuir com essas atividades de modo a alcançar a demanda da geração alfa.

Selecionamos alguns exemplos de aplicativos que abrangem o universo das fábulas, para mostrar como este gênero didático está expresso nessa mídia. Optamos por aplicativos que estejam em língua portuguesa, cujo *download* seja gratuito e que ofereçam os recursos que envolvem as fábulas de modo gratuito. Vale ressaltar que as informações técnicas sobre os aplicativos foram extraídas do *site* da loja virtual Google Play Store, que fornece o serviço de distribuição digital de aplicativos, jogos, filmes, programas de televisão, músicas e livros para dispositivos com sistemas operacionais Android. Ressaltamos que escolhemos esse serviço de distribuição de aplicativos por questões de familiaridade, mas alguns aplicativos também podem ser encontrados em outras lojas *online*.

O primeiro aplicativo que analisamos é o “Histórias Infantis para Ler” produzido pela Far Kingdoms – Stories and Fairy Tales em 2017. Este é um aplicativo de contação de histórias. Segundo as informações técnicas fornecidas pela Far Kingdoms – Stories and Fairy Tales, este aplicativo possui como recursos textos em português brasileiro, ilustração de capa para cada história, interface simples e intuitiva, configurações de fonte e tamanho de texto e recurso “seguir texto”, ou seja, o parágrafo fica em destaque enquanto o áudio da história é tocado. Também nas opções de áudio dá para recomeçar a ouvir a leitura, voltar ou adiantar a leitura por parágrafo.

Ele está organizado em seis abas “Todas Histórias”, “Para Ouvir Grátis”, “Para Ouvir Premium”, “Para Ler Grátis”, “Para Ler Premium” e “Recomendações de Livros” (Cf. Fig. 10). Para ter acesso aos recursos gratuitos, qualquer pessoa que tenha o aplicativo instalado pode acessar e no caso dos *premium*, é necessário pagar um valor para ter acesso aos benefícios do pacote. Destacamos a última aba. Nela encontramos a sugestão de seis livros de literatura infantil para comprar. No caso, o

aplicativo apresenta apenas a capa do livro e seu título acompanhado por um *link* de um *site* de compras. Encontramos a indicação de dois livros escritos em português sobre fábulas. O primeiro é “O Grande Livros das Fábulas” (2016) de tradução de Maria Luisa A. Lima Paz e o segundo, “Minhas Fábulas de Esopo” (2010), de Michael Morpurgo & Emma Chichester Clark.

Figura 10 – Imagem de algumas abas do aplicativo “Histórias Infantis para Ler”



Fonte: Far Kingdoms – Stories And Fairy Tales (2017).

A finalidade do aplicativo, segundo a empresa desenvolvedora, é ajudar no processo das crianças começarem a dormir após ouvirem a história e ser uma ferramenta auxiliar no processo de leitura e escrita.

Até o momento da pesquisa, o aplicativo apresentava vinte e duas histórias em prosa entre contos de fada clássicos, lendas e fábulas, que podem ser lidas ou escutadas. No caso, após baixar o “Histórias Infantis para Ler”, não é necessário ter acesso à internet para acessá-las, quatro histórias apenas apresentam o áudio disponível na versão gratuita.

A fábula “O Leão e o Rato” apresenta texto e áudio disponível na versão gratuita. Não há menção de autoria do texto. Apenas os recursos já mencionados.

Observe, na Figura 11, que o título da história é indicado no alto da tela, seguido por uma ilustração das personagens da história. O botão “Leia Para Mim” pode ser manipulado no caso de o usuário desejar ouvir a narração; tem-se, por último, o texto da história. Não há indicação do tipo de história que será ouvida, ou seja, não encontramos a informação de que se trata de uma fábula. Desse modo, a fábula é apresentada como se fosse uma historinha apenas com a finalidade de auxiliar a criança a dormir.

Figura 11 – Tela de celular mostrando a fábula “O Leão e o Rato”

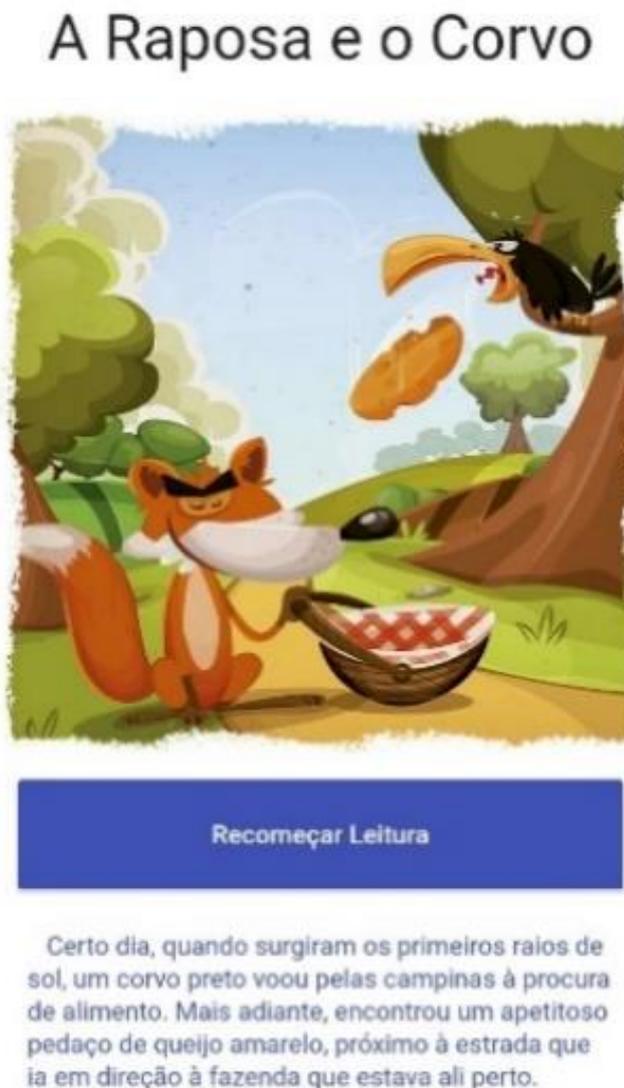


Certo dia, o leão Leônidas estava dando o seu

Fonte: Far Kingdoms – Stories And Fairy Tales (2017).

A fábula “A Raposa e o Corvo” (Cf. Fig. 12) também é apresentada do mesmo modo que a fábula anterior, porém há duas lições de moral; a primeira é “Cuidado com aqueles que fazem elogios exagerados” e a segunda, “A ganância pode fazer você perder aquilo que é muito importante em sua vida”. Em geral, o discurso moralizante nas fábulas variará de acordo com a intenção do fabulista e os aspectos socioculturais de seu tempo. Ele pode incidir sobre uma das personagens em um texto e em outra versão sobre a outra personagem. Aqui nos despertou a atenção aparecerem duas opções em um mesmo texto, desse modo, a criança pode começar a perceber que o texto da narrativa fabular é potencialmente rico de significados, podendo veicular mais de um ensinamento.

Figura 12 – Tela de celular mostrando a fábula “A Raposa e o Corvo”

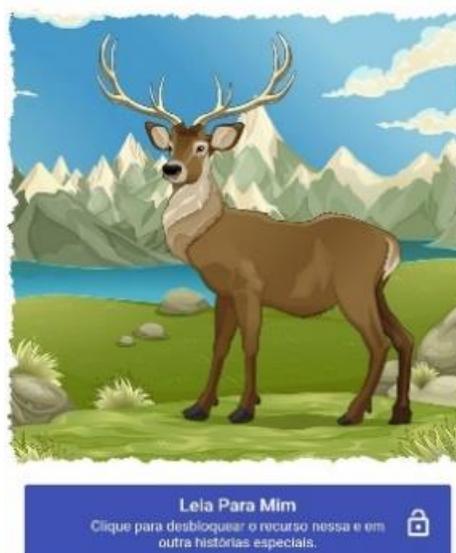


Fonte: Far Kingdoms – Stories And Fairy Tales (2017).

Na Figura 12, já havíamos selecionado a opção “Leia Para Mim”, por isso, mudou a frase do botão para “Recomeçar a Leitura”, para o usuário, se quiser, poder interromper a narração e ouvi-la novamente do começo. Também deixamos selecionado o recurso “seguir texto”, por isso, o texto deste parágrafo está em azul, pois o registro da imagem foi durante o momento em que estava sendo ouvido o áudio da leitura deste parágrafo. Também os botões de reprodução de áudio não estão visíveis, devido a opção tela cheia.

Já a fábula “O Cervo e o Seu Reflexo” apresenta apenas o texto em versão gratuita e o áudio na versão *premium*. Observe na Figura 13 que o botão “Leia Para Mim” vem com uma mensagem informando que a narração desta fábula faz parte do pacote *premium*; desse modo, ao clicá-lo o usuário é direcionado para a área de compras.

Figura 13 – Tela de celular mostrando a fábula “O Cervo e o Seu Reflexo”



Fonte: Far Kingdoms – Stories And Fairy Tales (2017).

A fábula “O Elefante e o Coelho” possui apenas o texto, não há o recurso de ouvir a narração em nenhuma versão, conforme indicado na imagem da Figura 14.

Figura 14 – Tela de celular mostrando a fábula “O Elefante e o Coelho”



* Essa história não possui narração.

Era uma vez, uma imensa e bela floresta. Nesta floresta moravam muitos animais, como leões, coelhos, elefantes, girafas, macacos e zebras.

Fonte: Far Kingdoms – Stories And Fairy Tales (2017).

“No mundo das fábulas” é um aplicativo desenvolvido pela CCTIC (Centro de Competência em Tecnologia da Informação e Comunicação) da ESE de Santarém em 2017 com a finalidade de ser um jogo educativo. Este aplicativo é uma adaptação do *site* “No Mundo das Fábulas”, o qual também foi criado e mantido pelo CCTIC da ESE de Santarém. Em geral, o aplicativo apresenta seis opções de fábulas com seus textos e narração (Cf. Figura 15), acompanhados por atividades de caráter lúdico relacionadas à fábula. Todas as áreas do aplicativo apresentam uma trilha sonora instrumental ou uma voz que explica os jogos e parabeniza o usuário por ter concluído a atividade com êxito. Essas atividades foram desenvolvidas principalmente para alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Fundamental, mas também há o “Jogo das Formas” que pode ser usado por alunos do Jardim de Infância.

Figura 15 – Tela com as opções de fábulas do aplicativo “No mundo das fábulas”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

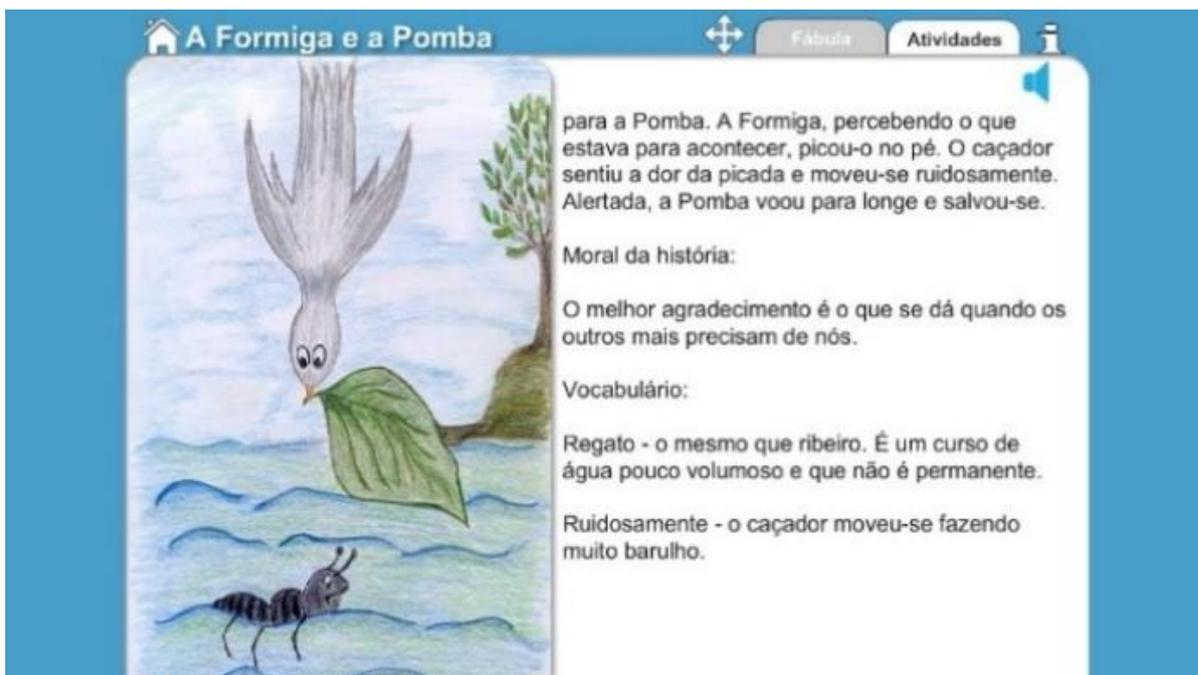
O aplicativo apresenta duas opções de idiomas, o português de Portugal e o inglês britânico. O usuário após escolher um desses idiomas é direcionado para uma tela com as opções de fábulas de La Fontaine.

As adaptações do texto de La Fontaine para o português foram feitas por Teresa Pacheco. Já as atividades de exploração das fábulas foram elaboradas por Teresa Pacheco em parceria com Pedro Reis. Os áudios com a narração das fábulas estão na voz de Teresa Pacheco, Nuno Grazina e João Grazina. Já a adaptação,

tradução das atividades e narração das fábulas em inglês foram todas feitas por Sofia Coelho.

Ao clicar no título de uma das fábulas surge uma nova tela com duas abas, a primeira intitulada “Fábula” apresenta a narrativa acompanhada pela moral e, às vezes, um vocabulário do texto, como pode ser observado na Figura 16.

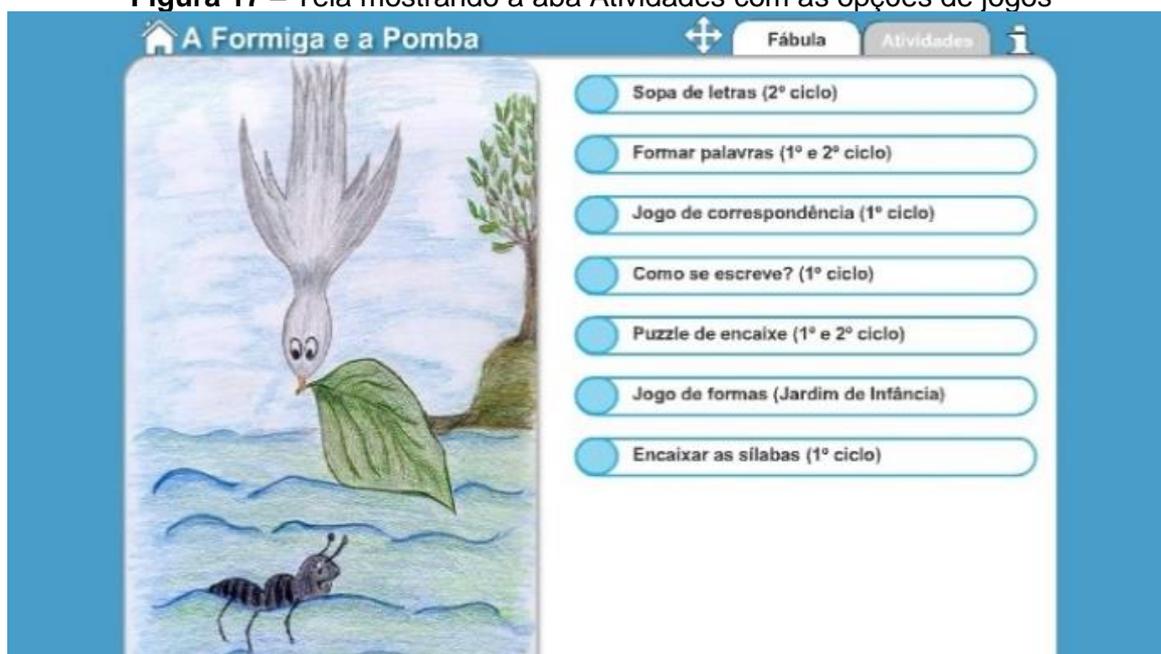
Figura 16 – Tela com o final da fábula “A Formiga e a Pomba”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

A segunda aba, denominada “Atividades” apresenta os jogos educativos relacionados à fábula (Cf. Figura 17). Também nesta tela há um botão para retornar à tela de configuração de idioma, outro para voltar a tela de escolha da fábula, um botão para ouvir a narração da fábula e outro com as informações do aplicativo. Além disso, há uma ilustração sobre a fábula feita por Helena Mascarenhas.

Figura 17 – Tela mostrando a aba Atividades com as opções de jogos



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

Após escolher a atividade, o usuário é direcionado para uma tela com um comentário com instruções sobre o jogo, após clicar no botão jogar, aparece a tela com a atividade, quando o aluno conclui com êxito a atividade o aplicativo o parabeniza. O usuário pode repetir a atividade várias vezes. Não há uma sequência para realizá-las, fica a critério do jogador escolher quais deseja fazer.

Ao lado do nome da atividade vem a indicação para qual nível ela é mais adequada. As atividades são classificadas para 1º ciclo, 2º ciclo, 1º e 2º ciclos e Jardim de Infância. Dependendo da fábula uma atividade pode ser adequada para um nível e em outra narrativa esse mesmo tipo de atividade é recomendado para outro nível. A quantidade de atividades varia de acordo com a fábula. Porém, o estilo das atividades se repete, podendo haver para uma mesma narrativa duas atividades no mesmo estilo, mas com ênfase em personagens diferentes. Cada atividade foi concebida como se fosse um jogo. Desse modo, os principais jogos são: “Letras Baralhadas”, “Sopa de Letras”, “Puzzle de encaixe” ou só “Puzzle”, “Puzzle de deslizar”, “Questionário”, “Encaixar as Letras”, “Encaixar as sílabas”, “Descobre as diferenças”, “Formar palavras”, “Jogo das Formas”, “Jogo de Correspondência”, “Como se escreve?” e “Quanto são?”. Alguns desses jogos abordam algum aspecto relacionado a pelo menos uma personagem da fábula, outros trabalham com aspectos linguísticos envolvendo o campo semântico de animais.

No jogo “Letras Baralhadas” (Cf. Figura 18) o aluno precisa ordenar as letras para formar o nome de um animal. São cinco palavras, uma por vez. Após desembaralhar as cinco palavras, aparece a imagem dos cinco animais correspondentes. Na Figura 18, o aluno precisa formar a palavra “cigarra”, que é a personagem da fábula “A Cigarra e a Formiga”.

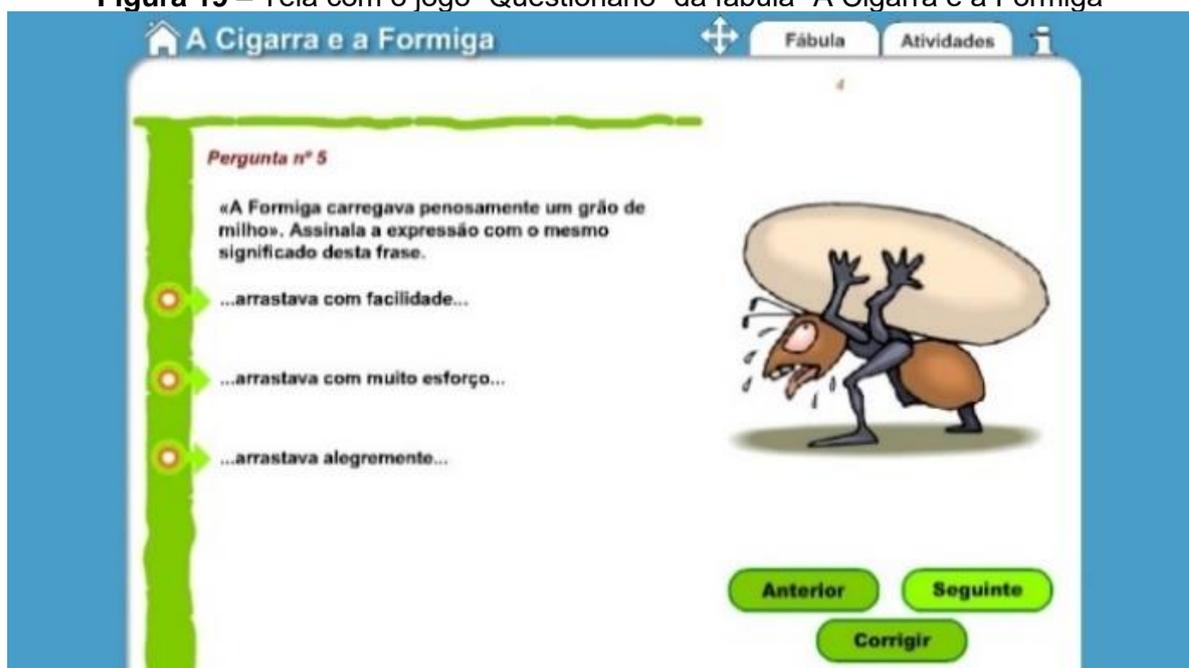
Figura 18 – Tela com o jogo “Letras Baralhadas” da fábula “A Cigarra e a Formiga”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

“Questionário” (Cf. Figura 19) é um jogo de interpretação de texto, nele há algumas perguntas sobre a fábula e o aluno deve marcar a alternativa correta. Após responder todas as perguntas aparece uma mensagem parabenizando o jogador por ter concluído a tarefa, mostrando a resposta correta para cada pergunta e o feedback dizendo se o aluno respondeu bem ou não.

Figura 19 – Tela com o jogo “Questionário” da fábula “A Cigarra e a Formiga”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

No “Jogo de Correspondência” (Cf. Figura 20), o usuário deverá relacionar a imagem do animal à palavra que corresponde ao grupo a que ele pertence.

Figura 20 – Tela com o “Jogo de Correspondência” da fábula “A Formiga e a Pomba”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

No jogo “Encaixar as Letras”, aparece na parte superior da tela todas as letras que o jogador utilizará, seguidas por quatro imagens relacionadas ao nome do animal que deverá ser formado. Ao lado da imagem há uma dica e a quantidade de espaço

para ser preenchido com as letras que formam o nome do animal como mostrado na Figura 21.

Figura 21 – Tela com o jogo “Encaixar as Letras” da fábula “A Cigarra e a Formiga”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

O jogo “Descobre as diferenças” é composto pela ilustração da fábula reproduzida duas vezes, porém em uma há sete diferenças que o jogador precisará achar, clicando para marcá-las. Após o clique, a imagem diferente fica circulada de vermelho como podemos observar na Figura 22.

Figura 22 – Tela com o jogo “Descobre as diferenças” da fábula “A Cigarra e a Formiga”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

“Formar palavras” é o jogo em que o usuário é desafiado a formar o maior número de palavras possíveis a partir das letras da palavra do nome de alguma personagem da fábula. Na Figura 23, o usuário precisa formar palavras com as letras da palavra “cigarra”.

Figura 23 – Tela com o jogo “Formar palavras” da fábula “A Cigarra e a Formiga”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

Um dos jogos voltados para o Jardim de Infância é o “Jogo das Formas” que o usuário precisará colocar o animal em cima de sua forma, sombra, como mostrado na Figura 24.

Figura 24 – Tela com o “Jogo das Formas” da fábula “A Cigarra e a Formiga”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

Outro jogo também para este público é “Quantos são?” (Cf. Figura 25). Nele o jogador deverá contar quantos animais há no grupo da imagem e clicar no número correspondente.

Figura 25 – Tela com o jogo “Quantos são?” da fábula “A Tartaruga e os Patos”



Fonte: CCTIC da ESE de Santarém (2017).

A primeira fábula é “A Cigarra e a Formiga”¹²⁵. Há dez opções de atividades sobre esta fábula, dessas cinco são voltadas aos alunos do 1º ciclo, uma para os alunos do 2º ciclo, três atividades podem ser utilizadas para alunos de ambos os níveis e uma aos menores que estiverem no Jardim de Infância.

A segunda fábula é intitulada como “A Formiga e a Pomba”¹²⁶. Nela há três atividades voltadas para o 1º ciclo, uma específica para o 2º ciclo, duas que podem ser utilizadas em ambos e uma para o Jardim de Infância.

“A Tartaruga e os Patos”¹²⁷ é a terceira fábula. Há sete jogos, dois para o 1º ciclo, dois para o 2º ciclo, dois para serem usados em ambos os ciclos e um para o Jardim de Infância.

A fábula seguinte é “O Conselho dos Ratos”¹²⁸, a qual apresenta duas atividades específicas para o 1º ciclo, quatro para serem usadas tanto no 1º quanto no 2º ciclo e uma para o Jardim de Infância.

¹²⁵ Cf. ANEXO A – “A Cigarra e a Formiga” (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

¹²⁶ Cf. ANEXO A – “A Formiga e a Pomba” (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

¹²⁷ Cf. ANEXO A – “A Tartaruga e os Patos” (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

¹²⁸ Cf. ANEXO A – “O Conselho dos Ratos” (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

“O Leão e o Rato”¹²⁹ é a próxima fábula, a qual possui três jogos para o 1º ciclo, quatro jogos para o 1º e/ou 2º ciclo e dois jogos para o Jardim de Infância.

A última fábula é “As Lebres e as Rãs”¹³⁰. Ela apresenta um jogo para o 1º ciclo, um para o 2º e um para o Jardim de Infância, mais quatro jogos que podem ser utilizados tanto por alunos do 1º quanto do 2º ciclo.

O aplicativo “Histórias Infantis” é um aplicativo de contação de histórias. Até o momento da pesquisa, há trinta histórias infantis dentre contos de fadas, fábulas etc. Há seis fábulas “A Formiga e a Cigarra” (2min22s), “A Lebre e a Tartaruga” (2min53s), “A Raposa e as Uvas” (2min6s), “A Raposa e a Cegonha” (2min10s), “O Leão e o Rato” (2min49s) e “O Menino que Gritava” (2min21s). Vale ressaltar que, o aplicativo não informa qual é o tipo de narrativa e nem o autor.

Ao abrir o aplicativo o usuário verá uma tela com a lista de histórias infantis acompanhadas por uma ilustração e a informação da duração do vídeo, conforme pode ser observado na Figura 26.

Figura 26 – Tela inicial do aplicativo “Histórias Infantis” com as opções de histórias



Fonte: Profissional (2018).

¹²⁹ Cf. ANEXO A – “O Leão e o Rato” (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

¹³⁰ Cf. ANEXO A – “A Lebre e as Rãs” (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

Após selecionar a história, aparece uma tela com um vídeo com imagens e textos da história narrada (Cf. Figura 27). Vale destacar que todos os vídeos do aplicativo estão disponibilizados no canal “Contos de Fadas com a Gigi” na plataforma do Youtube.

Figura 27 – Tela com a imagem do vídeo e exercício da fábula “A Formiga e o Gafanhoto”



Fonte: Profissional (2018).

Além disso, embaixo do vídeo há um exercício em letra cursiva em que aparece uma palavra da narrativa e o aluno precisa clicar nas letras que formam aquela palavra, como pode ser observado na Figura 27. Ao clicar nas letras, é pronunciado um áudio com a leitura dessas.

Este aplicativo não informa qual é a sua finalidade, porém pode ser utilizado tanto para entretenimento quanto para fins didáticos, desde que o professor realize a mediação, explicando o exercício proposto pelo aplicativo ou utilizando os recursos do aplicativo como ferramenta para outras atividades.

4.3.3 Sites e blogs

Os *sites* e *blogs* são importantes ferramentas digitais para o auxílio no processo de ensino-aprendizagem; eles permitem o acesso rápido aos textos de diferentes fabulistas ou a outras informações a respeito do gênero e dos autores de fábula, além de alguns recursos imagéticos como ilustrações, vídeos, músicas, *links* para a aquisição de outros materiais sobre fábulas ou para aprofundar seus conhecimentos.

“Fábulas e Contos”

“Fábulas e Contos” (<https://www.fabulasecontos.com.br/index.php>) é um exemplo de *site* que disponibiliza textos em diferentes idiomas de várias narrativas da literatura mundial. Segundo informações fornecidas pela página, o objetivo deste *site* é despertar o interesse em crianças e adolescentes pela literatura de modo que cresçam em caráter e em conhecimento.

Na página inicial, conforme Figura 28, podemos encontrar algumas histórias em destaque acompanhadas por uma ilustração e o botão de acesso ao texto. No topo da página há quatro abas: “Início”, “Nosso trabalho”, “Leituras”, “Cantinho do Aluno” e “Contato”. Logo embaixo, há os “Departamentos”, ou seja, as abas com as categorias de alguns conteúdos. São dezessete opções: contos, contos de fadas, fábulas, artigos, crônicas, piadas, poesias, trava-línguas, parábolas, lendas, folclore, parlenda, 1001 perguntas, ditados populares, charadas, biografias, mitologia greco-romana.

Figura 28 – Página Inicial do site “Fábulas e Contos”



Fonte: DF - Informática (s./d.).

No canto superior esquerdo da página está localizada a logo do *site* e no canto superior direito a informação do número total de visitantes, que no momento da consulta era de 6724439 visitantes, e a quantidade de leitores *online*. Já na parte inferior da página há a logo do *site* seguida pelo objetivo da página e o *link* para contato via redes sociais Twitter e Instagram. Também encontramos *links* de acesso rápido as abas, com exceção da “Leitura” e dos departamentos. No rodapé há a informação sobre os desenvolvedores da página, no caso, DF – Informática.

A aba “Início” retorna a página principal do *site*. Na aba “Nosso trabalho” o idealizador do *site* E. Pimentel expressa seu ponto de vista sobre a relação literatura e criança por meio do texto “Leitura: Fator de Educação, Formação e Informação”. A aba “Leituras” apresenta um submenu com as seguintes categorias: fábulas, contos, contos de fadas, artigos, contos, lendas, folclore, parlenda, trava-línguas, 1001 perguntas, ditados populares, charadas, piadas, mitologia greco-romana, poesia, religião, biografias, partituras e parábolas. A aba “Cantinho do Aluno” apresenta uma espécie de agenda eletrônica com calendário e espaço para registro de tarefas, contudo, até o momento da pesquisa ainda se encontrava em desenvolvimento. Também ressaltamos que alguns menus ainda não apresentavam conteúdo postado. Por último, a aba “Contato” apresenta um espaço para o internauta entrar em contato com o autor das postagens do *site* Edmilso Pimentel.

Na seção “Fábulas” (Cf. Figura 29) encontramos quatorze textos com narrativas de fábulas mais um texto explicando o que são fábulas. O texto “O que são fábulas?” aparenta ter sido produzido pelo idealizador do *site* Edmilso Pimentel; nele há algumas

definições sobre o gênero e uma explicação sobre o gênero contos de fadas ou contos de encantamento. Também há uma ilustração em preto e branco de uma raposa e um corvo com um pedaço de queijo na boca e, em um segundo plano, um casal observando a cena. Possivelmente seja uma gravura da fábula “A Raposa e o Corvo”, porém não há legenda na imagem e nem referência à fonte.

Figura 29 – Página do site “Fábulas e Contos” mostrando a seção “Fábulas”



Fonte: DF - Informática (s./d.).

Os outros textos dessa seção são: “Os 3 leõezinhos: Rax, Rix e Rex”, “A Formiguinha trabalhadora”, “O Homem, seu Cavalo e seu Cão”, “Os Porcos-espinhos”, “O Burro rico e o Burro pobre”, “A Raposa e o Galo”, “Fábulas diversas”, “A Joanhinha e o Escaravelho”, “Fábulas em alemão”, “A Casa velha”, “La Madre Nieve (Frau Holle)”, “La Zorra a la que se le llenó su vientre”, “Marita” e “Amigos (charge)”. O texto “Fábulas diversas” apresenta mais de cento e trinta fábulas, sendo que algumas são diferentes versões para uma mesma narrativa. Apenas duas dessas fábulas são acompanhadas por imagens, a maioria dos textos não apresentam identificação de autoria. Em relação ao texto “Fábulas em alemão”, algumas fábulas são da coletânea de Bábrío e traduzidas para o alemão. No total são quarenta e duas narrativas em alemão.

Vale ressaltar que, não há identificação do autor na maioria das fábulas, a maioria dos textos são acompanhados por pelo menos uma imagem relacionada a história, algumas narrativas apresentam a temática da fábula em destaque, o discurso moralizante está implícito ou explícito dependendo do texto, alguns textos apresentam um comentário religioso cristão ou citação bíblica, outros textos apresentam capítulos,

sendo esses compostos por pequenas fábulas que formam uma narrativa maior de caráter exemplar. A maior parte das narrativas estão em língua portuguesa, mas também há alguns exemplos em espanhol e em alemão.

Além disso, os textos não informam qual a faixa etária recomendada para ler determinada narrativa. Contudo, todos os textos são seguidos por um botão que direciona para a versão impressa. Também há a possibilidade de o internauta deixar registrados seus comentários e ler os comentários de outras pessoas. Destacamos um comentário postado abaixo do texto intitulado “Fábulas diversas” de uma internauta, a qual é professora e utilizou as fábulas e os contos publicados no *site* para compor atividades de leitura aos seus alunos. Observe:

Que tudo! Este *site* é maravilhoso! Tenho muitos livros de literatura infantil, mas esses dois gêneros (contos e fábulas) em um espaço único para impressão é muito bom! Eu aproveitei que muitas fábulas estavam disponíveis em um só lugar, fui logo ligando a impressora, imprimir e montei cadernos de leitura para os meus alunos que ainda não eram alfabéticos [*sic*] e mandava duas vezes para casa com algumas questões que deveriam ser respondidas e devolvidas com a assinatura dos pais... A ideia deu super certo e hoje ao contrário de sete eu tenho apenas um aluno que ainda não é alfabético [*sic*], mas está bem pertinho, afinal ele está na hipótese de escrita S.A. (DF – Informática, s./d., n./p.).

Tal comentário mostra tanto o uso de recursos digitais na composição de atividades escolares, quanto o uso de fábulas em sala de aula. No exemplo mencionado, a professora solicitou aos alunos para praticarem a leitura e, assim, melhorarem seu nível de alfabetização, por meio das fábulas presentes no caderno de leitura. Desse modo, o uso didático da fábula serviu para atingir um outro propósito de ensino, ou seja, desenvolver a habilidade de leitura.

“Era uma vez...”

O *blog* “Era uma vez...” (<http://byblosfera.blogspot.pt/>) possui o propósito de compartilhar narrativas como contos, lendas, fábulas etc. a fim de manter o gosto pela leitura nas novas gerações. Sendo assim, esse *blog* disponibiliza diversos textos organizados em nove categorias: “Contos de Grimm”, “Contos de Andersen”, “Mil e Uma Noites”, “Contos de Natal”, “Contos do Mundo”, “Contos diversos”, “Lendas”, “Fábulas” e “Fábulas – Monteiro Lobato”, conforme Figura 30.

Figura 30 – Página Inicial do blog “Era uma vez...”



Fonte: Blogger (2014-2015).

Cada categoria possui uma aba. A título de exemplo, ao clicar na aba “Fábulas” o usuário será redirecionado à página com textos dessa categoria, a qual apresenta *links* para “Fábulas do Mundo”, “Fábulas de Monteiro Lobato” e “Fábulas de Leonardo da Vinci”. Ao clicar no título de uma fábula, uma nova página se abrirá com o texto.

Em “Fábulas do Mundo” há sete fábulas com autor desconhecido, uma fábula hindu, duas chinesas, duas budistas, quatro africanas, uma fábula de Lima Barreto, uma fábula de Fernando Pessoa, uma fábula de Malba Tahan e uma fábula de May Christina de Paiva. Já em “Fábulas de Leonardo da Vinci”, o *link* direciona para uma página com a imagem desse fabulista seguida pelo título de trinta e cinco fábulas e seus respectivos *links* de acesso.

O menu “Fábulas – Monteiro Lobato” apresenta uma pequena biografia do autor, seguida pelo título de trinta e duas fábulas e seus respectivos *links*. Também há uma lista com o nome das principais obras de Monteiro Lobato e seus anos de publicação e o *link* para acessar trechos de três histórias desse autor.

As postagens desse *blog* foram realizadas entre outubro de 2014 e fevereiro de 2015. Embora a finalidade deste *blog* é disponibilizar uma coletânea de textos para leitura, ele pode ser uma fonte de pesquisa de textos para uso em sala de aula, como Feliciano (2017) realizou em sua pesquisa-ação em que os alunos acessaram o *blog* para entrar em contato com as fábulas de Monteiro Lobato.

“Fábulas Sonhadas”

Outro *blog* que apresenta conteúdo relacionado ao gênero fábula é “Fábulas Sonhadas” ou “*Fables rêvées*” em francês (<https://fabulassonhadas.wordpress.com/>). Este *blog* é bilíngue, ou seja, todo conteúdo está publicado em português e francês. Suas postagens são desde outubro de 2010 até janeiro de 2022. O menu principal é composto pelas abas “Início”, “Poesia”, “Fábulas” e “Outros textos”, conforme podemos observar na Figura 31.

Figura 31 – Página Inicial do blog “Fábulas Sonhadas”



Fonte: Fábulas sonhadas (2010-2022).

Para o nosso trabalho, interessa-nos a aba “Fábulas”, a qual apresenta os submenus “Fábula Mundo”, “Florian”, “ABC das fadas” e “Panchatantra”. Ao clicar em uma dessas opções, o usuário é direcionado para uma nova página. Em “Fábula Mundo” há um texto composto por citações de diferentes autores sobre o gênero fábula, seguida por uma explicação sobre o que são fábulas. Após isso, é apresentado um pequeno comentário sobre uma tradição fabulística ou a respeito da biografia de algum fabulista, sucedido pelo título de um texto ou obra relacionada a esse autor e suas respectivas referências. Ao clicar no título do texto, o internauta é redirecionado a uma página com o texto na íntegra. Os comentários feitos são a respeito dos seguintes autores: o poeta persa Saadi; o poeta português Bocage; Locman, o sábio, cuja origem é da região próxima a Etiópia e Núbia; o fabulista francês Florian; o sábio mítico da cultura mulçumana Hodja Nasrudine; o fabulista alemão Lessing; o poeta português Sá de Miranda; o fabulista grego Esopo; o poeta medieval Marie de France. Além das fábulas chinesas e do grande fabulário de Portugal e do Brasil de Vieira de Almeida e Luís da Câmara Cascudo.

Em “Florian” há uma pequena biografia do autor, seguida pelo título de cinco fábulas e seus respectivos *links*, além de algumas informações sobre algumas edições de fábulas do fabulista francês.

Por fim, a aba “Panchatantra” (Cf. Figura 32) apresenta alguns textos a respeito da tradição de fábulas indianas, como “Panchatantra ou fábulas de Bidpai”, “A história do Panchatantra com História dentro”, “O Panchatantra em Portugal”, “Como fomos enganados por um tradutor persa do Panchatantra!”, “Um ‘oceano de contos’”, “Fábulas de Calila e Dimna”. Também há *links* para acessar algumas fábulas da tradição indiana e outros textos com variações do tema do “Panchatantra” como no fabulário Português ou na obra de La Fontaine, por exemplo.

Figura 32 – Menu “Fábulas” com o submenu “Panchatantra” selecionado



Fonte: Fábulas sonhadas (2010-2022).

Estas fontes digitais de fábulas podem ser utilizadas tanto durante o processo de ensino na Educação Básica, quanto como fonte de pesquisa no Ensino Superior. Alguns desses recursos com fábulas são resultados de pesquisas desenvolvidas por alunos e professores do Ensino Superior. Na próxima seção veremos a fábula como objeto de pesquisa neste nível de ensino entre outros possíveis usos.

4.4 A fábula no Ensino Superior

As fábulas também podem ser usadas na educação de jovens e adultos em níveis de ensino mais avançados. Portella (1983) afirma que a função didática da fábula é importante tanto na transmissão de conhecimento moral e ético quanto no

ensino da língua e cultura latina. Verificamos que isso pode ser confirmado pelos exemplos encontrados nos livros didáticos analisados na seção 3.2 “A fábula nos livros didáticos brasileiros”.

A título de exemplo, uma atividade que pode ser realizada com esse público é a interpretação textual que ultrapasse o conhecimento dos elementos da narrativa e vise à exploração dos significados e, conseqüentemente, sua reflexão crítica sobre o assunto abordado, pois, a fábula é um gênero composto por um discurso figurativo que exige do aluno que não fique apenas no nível da compreensão da narrativa, mas avance para o nível de interpretação do percurso narrativo, de modo a observar as motivações presentes nesta enunciação.

Ao se explorar os diferentes discursos em um exercício de interpretação de narrativas fabulísticas pode-se estar proporcionando aos alunos uma atividade prazerosa de decifração enigmática ou de caça aos possíveis significados presentes nas entrelinhas dos discursos. Um exemplo de aplicação de atividades com fábulas no Ensino Superior está relatado no trabalho de Sossolote (2006) em que a autora propõe uma prática de ensino de fábulas aos alunos das disciplinas de “Prática de Ensino de Grego e Latim I e II” da Unesp/ Araraquara. Em “Prática de Ensino de Grego e Latim I”, os alunos refletiram sobre o ensino de línguas estrangeiras na Educação Básica e entraram em contato com as teorias sobre o gênero fábula. Já em “Prática de Ensino de Grego e Latim II”, eles preparam material pedagógico para o ensino do gênero fábula de modo a despertar a consciência linguística nos estudantes.

Este trabalho desenvolvido por Sossolote (2006) com os alunos de graduação em Letras Português/Grego e Letras Português/Latim ilustra o que Provenzo Jr (1976) afirma sobre o fato de as fábulas esópicas serem manifestações da consciência adulta de modo a permitir ao pesquisador investigar o que está implicado na educação das crianças nas diferentes culturas e sociedades ao longo da história. Tais textos são expressões de ideias e servem de exemplos didáticos.

O uso didático da fábula no Ensino Superior é variado. Podemos encontrar experiências em minicursos de eventos científicos, no ensino de Latim a estudantes de graduação em Letras, no uso do gênero para ensinar conteúdos de outros componentes curriculares, na utilização do gênero para verificar a aplicabilidade de métodos e teorias tanto em pesquisas teóricas quanto no ensino em outros níveis de educação etc. Mencionaremos, a seguir, alguns exemplos a fim de mostrar como o uso didático da fábula no Ensino Superior se expandiu e recebeu diferentes

proporções. Por fim, na última subseção apresentaremos a fábula como elo de ensino-aprendizagem entre o Ensino Superior e a Educação Básica por meio das pesquisas-ação do Mestrado Profissional.

4.4.1 A fábula em minicurso de evento científico

O trabalho de Dolz, Zani e Bacan (2020) relata a experiência da ministração de um minicurso sobre o gênero fábula em um evento científico no Brasil. Com base nessa experiência, os pesquisadores analisaram a funcionalidade do minicurso como dispositivo para a formação continuada de professores de Língua Portuguesa.

Vale ressaltar que o foco desses pesquisadores não era o gênero fábula em si, mas a verificação de se um minicurso cujo conteúdo fosse o ensino de gêneros por meio de itinerários seria válido como instrumento de capacitação de professores.

Este minicurso foi ministrado pelo professor Dr. Joaquim Dolz (UNIGE) na XXVII Jornada Internacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), a qual aconteceu na cidade de Recife/PE em 2018. Ele foi intitulado como “Da sequência didática ao itinerário para o ensino da expressão oral e escrita” e teve aproximadamente sessenta participantes dentre alunos de graduação, pós-graduação e professores da Educação Básica e Superior.

Vale ressaltar que, de acordo com Dolz, Zani e Bacan (2020), tanto a sequência didática quanto o itinerário são dispositivos de ensino por meio de gêneros textuais escrito ou oral. Na sequência didática as atividades estão organizadas em módulos. Parte-se de uma produção inicial para identificação das dificuldades dos alunos, em seguida, são realizadas atividades de intervenção para melhorar as habilidades relacionadas a esse gênero e, por fim, uma produção final para verificar se os alunos conseguiram dominar as capacidades de linguagem relacionadas ao gênero em estudo. Já os itinerários estão organizados em ateliês. Eles diferenciam-se das sequências didáticas por apresentarem atividades mais complexas, que exigem dos alunos se expressarem sempre que uma informação nova é apresentada. Além disso, uma atividade metalinguística é proposta antes de cada etapa a fim de refletir sobre a produção já realizada e gerar uma retextualização.

Durante o minicurso foram trabalhadas quatro dimensões do ensino com fábulas: “a) a construção da moral; b) a planificação dos personagens; c) a estrutura narrativa; d) as características linguístico-discursivas” (DOLZ, ZANI, BACAN, 2020, p.

259). Com base nisso, foi proposto um ensino por meio de itinerários, cujos ateliês contemplassem atividades de expressão escrita e oral. De acordo com os pesquisadores, verificou-se que o gênero em análise pode ser trabalhado em sala de aula por meio de itinerários, de modo a ampliar o letramento e incluir as experiências dos alunos ao gênero. Além disso, apesar da limitação de tempo do evento científico, o minicurso é um espaço favorável para discussões sobre ensino-aprendizagem, reflexão teórica e simulações didáticas que contribuem para a formação profissional docente.

Aqui vimos o uso da fábula como instrumento didático no Ensino Superior em um evento de divulgação científica. No caso, os participantes aprenderam uma metodologia de como trabalhar o gênero fábula em sala de aula. Por mais que o foco do minicurso fosse o ensino da expressão oral e escrita por meio de itinerários, a fábula serviu de ferramenta para que este conteúdo fosse ensinado a pessoas que estão no Ensino Superior ou já estão formadas neste nível. Além disso, o gênero fábula contribuiu para que se verificasse se a metodologia envolvendo itinerários é aplicável e se o formato de minicurso é um espaço adequado para auxiliar na formação profissional de professores.

4.4.2 A fábula nas Ciências Biológicas

A pesquisa de Menezes, Pantoja e Paixão (2020) analisa dezesseis fábulas produzidas por alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas à distância da Universidade Estadual do Ceará/ Universidade Aberta do Brasil (UECE/UAB) como material didático-pedagógico de divulgação científica tanto para a Educação Básica quanto para o Ensino Superior.

Durante a disciplina de Parasitologia do referido curso, foi proposto que os alunos criassem uma narrativa do gênero fábula, cujas personagens alegóricas fossem parasitas e/ou hospedeiros dialogando e a temática abordasse um dos assuntos da disciplina. O Quadro 3 mostra o título de algumas das fábulas, as personagens principais e a lição de moral. Observe:

Quadro 3 – Títulos de algumas das fábulas produzidas pelos alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas à distância da Universidade Estadual do Ceará/ Universidade Aberta do Brasil (UECE/UAB)

Título	Personagens principais	Lição de moral
Medo das férias! Por quê?	Boi Bumbá e Pingo	Prevenir é o melhor remédio
Um ciclo de amor ¹³¹	Nector e Améria	Com amor somos capazes de superar muitas situações da vida
João, o pé de açaí e o <i>Trypanosoma cruzi</i>	<i>T. cruzi</i>	É vivendo que se aprende
A vingança da lombriga	Ascari	Faça amor, não faça guerra
O parasita, o hospedeiro e o cientista	<i>Trypanosoma cruzi</i>	Sorte a nossa e azar do parasita
Verminilda uma genitora por excelência	Verminilda	Não deixe para amanhã o que se pode fazer hoje
Verminoses: a união faz a força	Lombriguete	Tudo se torna mais fácil quando percebemos que trabalhando juntos todos saímos ganhando
Embate entre o Barbeiro e o Aedes	Fígaro e Dengosa	A mulher sempre tem razão
O piolho que perdeu a cabeça	O piolho	Ninguém é o dono da verdade
Giárdia e Ameba: reinando no intestino	Os parasitos do intestino de Lili	Tamanho não é documento
Joãozinho e a esquistossomose	O casal de cercarias	Sempre obedeçam aos ensinamentos de seus pais

Fonte: Adaptado de Menezes, Pantoja e Paixão (2020).

Os alunos tiveram quinze dias para produzir o texto e postarem na sala de aula do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle 3.0. O objetivo dessa produção textual era mostrar aos alunos da licenciatura que, eles poderiam usar uma fábula como forma de atrair a atenção dos alunos na sala de aula para o conteúdo de parasitologia, de modo a ampliar a explicação dos conceitos científicos representados na fábula ao longo das aulas.

Como resultados, Menezes, Pantoja e Paixão (2020) observaram que a produção das fábulas pelos futuros professores contribuiu para a fixação de modo lúdico de conteúdos abstratos ministrados na disciplina de Parasitologia. Além disso, esses alunos tiveram a oportunidade de desenvolver a habilidade de transformar a teoria aprendida no curso em um modo aplicável em sala de aula. Neste exemplo, a forma da fábula foi utilizada para transmitir de um modo lúdico um conteúdo de uma disciplina da área de Ciências Biológicas. Isso reforça o fato de que a essência desse gênero é didática de modo que suas características contribuem para alcançar esse objetivo como a articulação discursiva, as personagens alegóricas, a lição de moral etc.

¹³¹ Cf. ANEXO A – “Um ciclo de amor” (MENEZES, PANTOJA, PAIXÃO, 2020, p. 671.673-674).

4.4.3 A fábula no processo seletivo de vestibular

A fábula também foi usada como forma de verificar a habilidade de um aluno compor um texto narrativo no processo seletivo 2007 do vestibular da Universidade Federal de Goiás (UFG).

O vestibular da UFG daquele ano estava organizado em duas etapas. A primeira etapa foi composta por uma prova com noventa questões de múltipla escolha dos componentes curriculares Biologia, Física, Geografia, História, Língua Estrangeira Moderna, Língua Portuguesa, Matemática e Química. Já a segunda etapa estava dividida em duas provas, cada uma realizada em um dia. No primeiro dia, todos os candidatos realizaram a prova de Língua Portuguesa com dez questões discursivas mais a elaboração de uma redação em um dos três gêneros apresentados. No segundo dia, os candidatos também realizaram uma prova com vinte e quatro questões discursivas, mas os componentes curriculares devem estar de acordo com a escolha do curso que o candidato desejava ingressar.

Para o nosso trabalho, interessa-nos a prova de redação deste processo seletivo, pois um dos gêneros que os alunos poderiam escolher para escrever a redação era a fábula. O tema da redação era “Há padrões para ser feliz?”, havendo oito textos motivadores diferentes e, com base neste tema, os alunos podiam escrever um artigo de opinião, uma fábula ou uma carta pessoal no máximo em trinta linhas, com exceção da linha do título. Para cada gênero textual havia uma definição do gênero seguida pela proposta de composição. Observe o comando da redação no gênero fábula:

Escreva uma fábula em que as personagens (animais) vivam um conflito ao saberem que só têm uma semana de vida. A história que você vai criar deve apresentar as personagens vivendo o drama da busca pela felicidade nos seus últimos momentos de existência. Isso deve ser evidenciado por meio de ações, convicções, comportamentos, relacionamentos e desejos das personagens. A moral da história deve transmitir um ensinamento a respeito do que significa ser feliz (CENTRO DE SELEÇÃO UFG, 2006, p. 7).

Aqui podemos observar que o candidato precisava escrever uma fábula sobre a temática da felicidade, cujas personagens fossem animais figurativizados que desempenhassem uma ação alegórica, que desencadeasse o conflito de buscar viver

a felicidade em seus últimos dias de vida. Além disso, a lição de moral deveria definir o que é ser feliz.

Para uma redação ser considerada ótima, segundo a banca examinadora (CENTRO DE SELEÇÃO UFG, 2007), o candidato deveria ter um projeto de texto consciente, cujo conflito deveria mover toda a trama da narrativa; saber utilizar as diferentes vozes enunciativas em discurso direto e indireto; haver organização e progressão temporal entre os episódios relatados; saber utilizar os elementos narrador, personagens, figuratividade, situações, tempo, espaço adequadamente e a moral deveria promover a reflexão sobre o tema.

Neste exemplo, quisemos mostrar que os conhecimentos adquiridos ao longo do Ensino Fundamental sobre o gênero fábula mais a habilidade de articulação reflexiva desenvolvida no Ensino Médio foram necessárias para que o aluno tivesse êxito nesta proposta de redação. Embora o mais comum é a exigência de composições do tipo dissertativo-argumentativo em processos seletivos de vestibular, aqui vimos uma exceção cuja composição narrativa era um dos primeiros gêneros que o aluno tem contato no início da sua vida escolar. Vale ressaltar que, no edital, explicava-se a possibilidade de serem exigidos diferentes gêneros textuais como crônica, editorial, artigo científico, conto, fábula entre outros.

4.4.4 Pesquisas do Mestrado Profissional: propostas de ações interventivas com fábulas

O Mestrado Profissional é uma modalidade de formação de pós-graduação *stricto sensu*. Ele tem como principal objetivo capacitar os estudantes a unir a teoria à prática profissional, aplicando o conhecimento científico de modo a atender as demandas e necessidades da sua sociedade em nível local, regional ou nacional, ou seja, segundo a Portaria Normativa nº 17, de 28 de dezembro de 2009:

A oferta de cursos com vistas à formação no Mestrado Profissional terá como ênfase os princípios de aplicabilidade técnica, flexibilidade operacional e organicidade do conhecimento técnico-científico, visando o treinamento de pessoal pela exposição dos alunos aos processos da utilização aplicada dos conhecimentos e o exercício da inovação, visando a valorização da experiência profissional (BRASIL, 2009, p. 21).

Com isso, podemos encontrar pesquisas que além de apresentarem um trabalho teórico (dissertação) elaboram um produto final. No caso do Mestrado Profissional em Educação, há a elaboração de um produto pedagógico como uma sequência didática, publicação de livros didáticos, desenvolvimento de sites, aplicativos, jogos didático-pedagógicos etc.

As dissertações produzidas pelos alunos dos programas de Mestrado Profissional contêm informações valiosas tanto sobre as metodologias e os conteúdos abordados em sala de aula quanto a respeito das pesquisas realizadas pelos professores-pesquisadores relacionadas à área educacional no Brasil.

Sendo assim, para alcançarmos o nosso objetivo, buscamos no “Catálogo de Teses e Dissertações” da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) disponibilizado *online* pela Plataforma Sucupira dissertações do Mestrado Profissional que abordassem a fábula enquanto gênero. Para isso, utilizamos a palavra-chave “fábula” e restringimos os resultados para dissertações do Mestrado Profissional no período entre 2017 e 2021¹³². Obtivemos 37 resultados. Desses selecionamos aquelas pesquisas que consideram a fábula enquanto gênero literário e/ou discursivo, obtendo 33 trabalhos como pode ser observado no Quadro 04:

Quadro 4 – Título das dissertações do Mestrado Profissional

Autor	Título da dissertação	Local e data de publicação
ARAUJO, Veronica Gilcineide	O tópico discursivo na aula de Língua Portuguesa: uma proposta de intervenção com o gênero fábula.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos/RN, 2017
FELICIANO, Claudia Queluz Batista	Estratégias de leitura do gênero fábula em ambiente digital.	Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/MG, 2017
MARCHIOLI, Valdirene Aparecida da Silva	Mafalda na sala de apoio à aprendizagem (SAA): uma proposta de trabalho de produção textual a partir das tiras cômicas e de outros gêneros quadrinísticos.	Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2017
MONZILLO, Vanessa de Barros Leite	Fábula: o desenvolvimento da escrita instrumentalizada pela metodologia das sequências didáticas de gêneros.	Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio/PR, 2017
MORAIS, Morgana Virginia Silva	Prática de leitura a partir do gênero fábula: um outro modo de ser leitor nos anos iniciais.	Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, 2017
MOREIRA, José Aparecido	Fábulas: a produção de um caderno pedagógico destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental.	Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio/PR, 2017

¹³² Vale ressaltar que consideramos apenas os trabalhos completos disponibilizados na plataforma Sucupira até 31 de agosto de 2022.

RODRIGUES, Maria Pereira	Os gêneros textuais na formação do leitor: enfoque nas habilidades de leitura da Prova Brasil.	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA, 2017
SILVA, Rejane Aguiar	O gênero fábula em ambiente digital numa proposta didática rumo aos multiletramentos: confabulando.	Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina/PR, 2017
SILVA, Vera Lúcia	A pontuação numa perspectiva discursiva da linguagem: uma proposta pedagógica com fábulas contemporâneas.	Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus/BA, 2017
SOARES JUNIOR, Eudes Barbosa	Fábulas em um contexto socioeducacional: a formação de leitores e a relação com a cidadania.	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Assu/RN, 2017
SOUSA, Rosimere Martins	Discursivização e didatização: aplicabilidades didático-pedagógicas do gênero fábulas no Ensino Fundamental II.	Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras/PB, 2017
CHAGAS, Alaine Livia Rocha	Fabulando em sala de aula: uma proposta para o letramento literário.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos/RN, 2018
DOIN, Onorival de Almeida	Leitura de contos e fábulas africanos, indígenas e europeus - uma proposta interdisciplinar para o 6º ano do Ensino Fundamental.	Universidade Metropolitana de Santos, Santos/SP, 2018
LOUZADA, Cristina Marques Cardoso	Leitura, análise e produção de fábulas: Monteiro Lobato na sala de aula	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA, 2018
RIBEIRO, Lucilene Costa	A informática educativa e o gênero fábula como instrumentos de ensino-aprendizagem para alunos com dificuldades de produção de texto.	Universidade Metropolitana de Santos, Santos/SP, 2018
SOUZA, Cristiane Macieira	Estratégias de leitura para o ensino de fábulas em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental.	Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2018
SOUZA, Luís da Silva	Os processos de ditongação e monotongação na escrita de estudantes de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.	Universidade Federal de Pernambuco, Nazaré da Mata/PE, 2018
AZEVEDO, Josiane Dias	O ponto e a vírgula nas produções escritas e na orientação da leitura de alunos do Fundamental Maior.	Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2019
FERNANDES, Keyvilane Kaline da Silva Rego	Experiência de leitura na Educação de Jovens e Adultos: o professor como mediador.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2019
LOPES, Quiteria Regina Pereira	O gênero fábula e sua estrutura narrativa: uma proposta de produção textual para o 3º ano do Ensino Fundamental.	Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns/PE, 2019
MELO, Fernando Aquino	A fábula como instrumento pedagógico à produção de textos comunicativamente eficientes.	Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2019
NASCIMENTO, Bianca Lacerda	Estudo do gênero fábula na obra de Vera Tylde: uma proposta de leitura e de elaboração de jogo didático-pedagógico para o Ensino Fundamental II.	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados/MS, 2019
OLIVEIRA, Amauri Morais	Formas simples na sala de aula: leitura de mitos e fábulas nos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.	Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras/PB, 2019

SILVA, José Carlos	Gênero fábula: uma proposta de leitura e produção textual no Ensino Fundamental.	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados/MS, 2019
BEZERRA, Renata Uchoa	A compreensão leitora de fábulas na perspectiva do ISD ¹³³ .	Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2020
GONÇALVES, Flaviane Faria	Fábulas na sala de aula: gêneros textuais e uma proposta de sequência didática para o Ensino Fundamental II.	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados/MS, 2020
JORDÃO, Vânia Rocha	A contribuição das estratégias de leitura com fábulas para a formação de leitores ativos.	Centro Universitário Vale do Cricaré, São Matheus/ES, 2020
PINHEIRO, Nazaré do Socorro Ferreira	A formação de leitores da EJA em sala de aula por meio da leitura de fábulas e cordéis.	Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2020
SANTOS, Jonathan Gonçalves	Da fábula ao roteiro: uma proposta de sequência didática para o letramento literário nas aulas de língua portuguesa.	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2020
SOUZA, Andréa Garcia	Lendo fábulas e ampliando a competência leitora: uma proposta para a educação de jovens e adultos.	Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape/PB, 2020
SOUZA, Carlos Vieira	Proposta de material didático para aulas de Literatura no Ensino Fundamental II: caminhos literários para o ciclo de leitura.	Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras/PB, 2020
MORAES, Rosemeire Lozano	Práticas de oralidade: O gênero debate e argumentação através das fábulas	Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis/SP, 2021
SILVA, Luciana	Leitura de fábulas na formação do leitor literário: caderno pedagógico para os anos iniciais do Ensino Fundamental (5º ano).	Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras/PB, 2021

Fonte: A autora (2022).

De acordo com as informações organizadas no Quadro 4, encontramos 11 dissertações publicadas no ano de 2017, 6 trabalhos no ano de 2018, 7 publicações no ano de 2019 e a mesma quantidade em 2020 e 2 pesquisas do ano de 2021.

A maior parte dos trabalhos (17 dissertações) foi desenvolvida por pesquisadores de universidades da região Nordeste. A região Sudeste apresentou 6 pesquisas e a região Centro-Oeste 4. Encontramos 4 trabalhos desenvolvidos por pesquisadores de universidades da região Sul e 2 da região Norte.

Todos os trabalhos que encontramos são de programas de Pós-Graduação em Mestrado Profissional relacionados com a área de Educação. A título de curiosidade, as dissertações analisadas pertencem aos seguintes programas de Mestrado Profissional seguido pelo número que indica a quantidade de trabalhos:

- Mestrado Profissional em Formação de Professores (1): Moraes (2017);

¹³³ ISD (Interacionismo Sociodiscursivo).

- Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (1): Silva, R. (2017);
- Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação (1): Jordão (2020);
- Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental (2): Doin (2018) e Ribeiro (2018);
- Mestrado Profissional em Letras (28): Araujo (2017), Feliciano (2017), Marchioli (2017), Monzillo (2017), Moreira (2017), Rodrigues (2017), Silva, V. (2017), Soares Junior (2017), Sousa (2017), Chagas (2018), Louzada (2018), Souza, C. (2018), Souza, L. (2018), Azevedo (2019), Fernandes (2019), Lopes (2019), Melo (2019), Nascimento (2019), Oliveira, A. (2019), Silva (2019), Bezerra (2020), Gonçalves (2020), Pinheiro (2020), Santos (2020), Souza, A. (2020), Souza, C. (2020), Moraes (2021) e Silva (2021).

Em relação ao público-alvo das intervenções pedagógicas, encontramos oito produtos pedagógicos para serem desenvolvidos com turmas do Ensino Fundamental I, vinte e dois para serem aplicados com alunos do Ensino Fundamental II e três produtos destinados aos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos, doravante). Vale ressaltar que, no período compreendido entre 2017 e 2021 não foram encontradas nenhuma pesquisa-ação cujo produto pedagógico fosse voltado para a Educação Infantil ou ao Ensino Médio. Desse modo, é recomendável pesquisas futuras que investiguem se há dissertações do Mestrado Profissional em outros períodos com o foco neste público.

Os principais produtos pedagógicos desenvolvidos são Sequências Didáticas. Dessas, 5 são para serem aplicadas no Ensino Fundamental I - Araujo (2017), Feliciano (2017), Monzillo (2017), Moreira (2017), Lopes (2019) -; e 12 para serem desenvolvidas no Ensino Fundamental II - Moraes (2017), Rodrigues (2017), Silva, V. (2017), Soares Junior (2017), Sousa (2017), Doin (2018), Louzada (2018), Melo (2019), Oliveira, A. (2019), Bezerra (2020), Gonçalves (2020), Santos (2020). Também encontramos algumas Sequências Didáticas produzidas para situações específicas como a de Silva, R. (2017) voltada para alunos do Ensino Fundamental II e disponibilizada no *Website* (Con)fabulando e a de Ribeiro (2018) desenvolvida para ser utilizada na plataforma digital Edmodo com uma turma do Ensino Fundamental I.

Jordão (2020) também desenvolveu uma Sequência Didática para ser utilizada em Oficinas de Leitura *online* em uma turma do Ensino Fundamental I.

Outros produtos pedagógicos relacionados ao Ensino Fundamental I são Conjunto de atividades para observação e reflexão da influência dos fenômenos fonológicos no processo de escrita elaborados por Souza, L. (2018), um Caderno Pedagógico com material para os professores e alunos (SILVA, 2021) e um Manual Didático para uso do professor (MORAES, 2021).

Em relação ao Ensino Fundamental II, também encontramos como produtos pedagógicos uma Sequência de atividades para serem aplicadas em Sala de Apoio à Aprendizagem (SAA) de Língua Portuguesa desenvolvida por Marchioli (2017), uma Sequência Expandida feita por Chagas (2018), um Conjunto de atividades sistematizadas elaboradas por Souza, C. (2018), uma Propostas de atividades sobre sinais de pontuação feita por Azevedo (2019), um Jogo didático-pedagógico desenvolvido por Nascimento (2019), uma Sequência de atividades de leitura e produção de texto elaborada por Silva (2019) e um Caderno de Leitura Literária (SOUZA, C., 2020).

As pesquisas de Fernandes (2019), Pinheiro (2020) e Souza, A. (2020) merecem destaque pois propõem uma intervenção pedagógica com os alunos da EJA. Fernandes (2019) desenvolveu como produto pedagógico Oficinas de compreensão leitora, Pinheiro (2020) elaborou uma Sequência básica de atividades de leitura e Souza, A. (2020) realizou Oficinas de leitura. Apesar de utilizarem estratégias diferentes, essas pesquisas têm em comum o uso de textos do gênero fábula para desenvolver as habilidades de leitura desses alunos. A existência desses três trabalhos vem ao encontro das informações teóricas que indicam a fábula como um dos primeiros gêneros literários com que os alunos têm contato. Embora os alunos da EJA sejam pessoas maiores de idade, muitos, por diversos motivos, não tiveram acesso ao nível escolar na idade recomendada ou pararam de estudar, necessitando terminar seus estudos quando adultos. Desse modo, há alunos em processo de alfabetização e de letramento, o que justifica a escolha pelo trabalho com o gênero fábulas.

O trabalho com o gênero fábula nas séries iniciais do Ensino Fundamental é recomendado pela BNCC. Além disso, este gênero faz parte do conteúdo programático da Prova Brasil, instrumento nacional de avaliação diagnóstica dos alunos do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental. Portanto, as dissertações cujo produto

pedagógico foi desenvolvido para turmas do Ensino Fundamental I exemplificam ações que atendem as diretrizes nacionais e auxiliam de certo modo os alunos a estarem preparados para esta prova.

Um dado que nos chamou a atenção foi a quantidade de intervenções pedagógicas desenvolvidas predominantemente em turmas do Ensino Fundamental II. Das trinta e três dissertações analisadas, 22 desenvolveram um produto didático, cuja aplicação fosse em alguma turma do segundo ciclo do Ensino Fundamental, principalmente para turmas de 6º e 7º anos. Talvez, essa quantidade esteja relacionada com o perfil do aluno do Mestrado Profissional, uma vez que, em geral, são professores da rede pública de ensino que buscam aperfeiçoar e complementar sua formação. Em relação ao Ensino Fundamental I, foram encontrados 8 trabalhos cuja intervenção pedagógica aplicam-se principalmente nos 3º, 4º e 5º anos desta etapa.

Independente da abordagem adotada, podemos observar que o uso pedagógico da fábula no Brasil está voltado para atividades de leitura e produção textual. Algumas dissertações desenvolveram um trabalho com o gênero focando ou na habilidade de leitura ou na de escrita. Porém, em sua maioria, as sequências didáticas desenvolvidas pelos pesquisadores contemplavam atividades que contribuíam para o desenvolvimento de ambas as habilidades. Esses trabalhos são um reflexo do que o texto da BNCC recomenda:

Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (BRASIL, 2018, p. 42).

Em outras palavras, os gêneros de tradição oral como as fábulas são excelentes portas de entrada para despertar o gosto pela leitura e motivar os registros escritos. Além disso, é uma possibilidade de “instrumento didático para fomentar a leitura e a produção textual na escola” (SILVA, 2019, p. 5). Por isso, o trabalho com esse gênero é sugerido principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, pois a criança está em processo de alfabetização.

A fábula mais utilizada com fins pedagógicos é “A Cigarra e a Formiga”¹³⁴. Por apresentar versões de diferentes fabulistas em vários contextos socioculturais, esta fábula permite um trabalho comparativo de observação de intenção discursiva. A análise dos livros didáticos realizada por Andrade (2018) também confirmou a predileção pelo uso desta fábula nos materiais didáticos. Embora alguns pesquisadores demonstraram conhecer fábulas com personagens diferentes de animais, em geral, eles optaram por trabalhar com narrativas mais populares e cujas personagens são animais.

As fábulas utilizadas nas intervenções pedagógicas eram de fabulistas como Esopo, Fedro e Bábrio (Antiguidade Clássica); Jean de La Fontaine, Boccage, William J. Bennett, Mansour Chalita e fabulistas brasileiros como Monteiro Lobato, Millôr Fernandes, Ruth Rocha, Sergio Capparelli, Eva Furnari, Maurício de Souza, Vaz Nunes, Theobaldo Miranda Santos, Vera Tylde, Rubem Alves, Nicéas Romeo Zanchett, Kaká Werá Jecupé, Adilson Martins, Pedro Bandeira, Rachel de Andrade, Carlos Pinheiro. Vale ressaltar que, embora os pesquisadores tenham mencionado como fabulistas, alguns desses autores apenas traduziram fábulas esópicas como é o caso de Boccage, Carlos Pinheiro entre outros. As fábulas atribuídas a Esopo, La Fontaine, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes compõem a maior parte desse *corpus* de análise.

Em relação à escolha de fábulas, encontramos trabalhos que abordavam os textos de um fabulista ou de vários. Sobre as pesquisas que utilizaram fábulas de diferentes autores, podemos organizar em alguns grupos: fábulas da Antiguidade Clássica e fábulas brasileiras; fábulas da Antiguidade Clássica e fábulas de La Fontaine; fábulas da Antiguidade Clássica, fábulas de La Fontaine e fábulas brasileiras; fábulas de La Fontaine e fábulas brasileiras e apenas fábulas brasileiras, mas de diferentes autores.

A preferência pela obra de determinado autor pode ser justificada pela facilidade do acesso aos textos, que poderiam estar disponíveis nos livros didáticos e principalmente nas bibliotecas das escolas envolvidas nas intervenções pedagógicas. Além disso, a preferência pelo uso de fábulas de Esopo pode estar relacionada com o fato de ele ser considerado um dos principais propagadores do gênero. Sendo assim, as fábulas esópicas estabelecem um certo padrão para o gênero de modo a

¹³⁴ Cf. Quadro 5 no ANEXO C com a relação das fábulas utilizadas nos produtos pedagógicos das dissertações do Mestrado Profissional.

facilitar um trabalho sistematizado ou comparativo. Destacamos a opinião de Souza (2020) a respeito dos fabulistas:

Enquanto Esopo e La Fontaine representam a antiguidade, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes evidenciam a contemporaneidade da fábula, demonstrando com isso a atemporalidade do gênero. Ao passo que desfrutamos da poesia com La Fontaine, dispomos da prosa com os demais autores. Temos, ainda, a forma de escrita sintética, de Esopo e a mais ampla, de Lobato. Assim como podemos perceber em Millôr um humor sarcástico que o destaca dos demais em sua maneira de ensinar e criticar por meio das fábulas (SOUZA, A., 2020, p. 108).

Como podemos observar, essa pesquisadora considerou os aspectos temporais e estilísticos desses autores quando selecionou as fábulas para o desenvolvimento de sua atividade interventiva. Ressaltamos que, embora Souza, A (2020) tenha considerado La Fontaine um fabulista da antiguidade, preferimos considerá-lo como um fabulista da tradição clássica da fábula junto com os fabulistas das tradições greco-romana e indiana. Já Monteiro Lobato e Millôr Fernandes são fabulistas mais contemporâneos que rompem com essa tradição.

A quantidade de fábulas utilizadas nas intervenções pedagógicas variava de uma até mais de vinte. Esse número altera de acordo com a necessidade e objetivos de cada pesquisa.

Neste capítulo pudemos observar o percurso que a fábula fez no Brasil, o qual esteve intrinsecamente relacionado com o início da Literatura Infantil Brasileira. Contudo, o gênero não se delimitou ao público infantil, mas alcançou jovens e adultos por meio das fábulas de Bomsucesso e as antifábulas de Millôr, Claudius entre outros. Sua flexibilidade permitiu que estivesse presente em diferentes materiais didáticos, podendo ser usada no ensino de várias disciplinas. Seu uso didático permitiu adentrar no âmbito digital de modo que possamos afirmar que o gênero continuará tendo uma vida longa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar o uso didático da fábula permitiu-nos compreender de um modo mais sistematizado o percurso que o gênero percorreu até chegar ao modo como é expresso nos dias de hoje. De tradição oral, as fábulas fazem parte da herança cultural de um povo e expressam seus valores, costumes e comportamentos. O primeiro contato com as fábulas nos nossos dias muitas vezes ainda é via oral por meio da contação de histórias feita por uma pessoa mais velha, seja com o objetivo de lazer ou educacional.

O percurso figurativo do gênero colabora com o desenvolvimento da imaginação daqueles que ouvem ou leem as fábulas. As imagens alegóricas atraem a atenção do ouvinte/leitor para o que é narrado, pois as personagens antropomorfizadas ou tipificadas são familiares ao ouvinte/leitor de modo a fazê-lo concentrar-se nas ações narradas e, assim, ser persuadido pelo discurso do enunciador.

O caráter breve da fábula reflete na unidade de ação. Há uma precisão na escolha vocabular, tudo acontece no instante em que a fábula é enunciada. O enredo é desenvolvido por completo, ou seja, seu enunciatário fica ciente do que acontece no começo, meio e fim da narrativa. Tudo que é preciso para transmitir o tema expresso no discurso moralizante foi apresentado ao longo do discurso narrativo. O discurso metalinguístico estabelece uma ponte entre os discursos narrativo e moralizante, indicando a força ilocutória do gênero alcançando o leitor de modo eficaz.

A fábula, segundo sua etimologia, é uma fala, desse modo, é um ato ilocutório que produz um enunciado composto por três discursos. O discurso narrativo ou figurativo é aquele que apresenta a história por meio de marcas enuncivas da linguagem. Já o discurso moralizante ou temático utiliza-se da instância enunciativa para expressar a lição de moral, ou seja, a narração já foi finalizada no discurso narrativo, esse discurso apenas apresenta a situação como possível, virtual. Por sua vez, o discurso metalinguístico ou pragmático introduz o discurso moralizante de modo a recuperar por meio do mecanismo de embreagem o aspecto enunciativo do discurso. É esse tipo de discurso que é responsável por instaurar esse gênero como discurso, pois é nele que encontramos a intenção comunicativa do falante.

Uma das intenções comunicativas é a transmissão de um ensinamento que pode ser observado em fórmulas metalinguísticas como “A fábula ensina...”, “Esta

fábula é oportuna para...”. Este caráter metadiscursivo indica o caráter didático do gênero, ou seja, sua finalidade, pois o enunciador utiliza-se de uma narrativa figurativizada para transmitir um discurso moralizante, sua intenção comunicativa sendo revelada por meio do discurso metalinguístico.

Ao explorar o caráter metalinguístico da fábula descobrimos algumas características do gênero como seu fim didático. A forma da fábula é autoexplicativa, ou seja, o discurso figurativo conta uma sequência narrativa ordenada, cujos argumentos são compostos por imagens alegóricas; em geral, ele vem seguido pelo discurso metalinguístico indicando quem está dizendo aquele discurso e para que. Por fim, o discurso moralizante atualiza o discurso narrativo ao expor a situação no tempo enunciativo. Nos casos em que o discurso figurativo vem posterior aos outros discursos, ele serve de exemplo ilustrativo do tema abordado no discurso moralizante. Independente da forma promítica ou epimítica da lição de moral, as características dos discursos não se alteram, o que varia é o modo como isso é apresentado ao enunciatário, ou seja, a ordem dos discursos pode até variar, com exceção do metalinguístico que só pode introduzir o discurso moralizante, mas a finalidade persuasiva é atingida em ambas as formas.

As fábulas ao serem registradas via escrita começaram a ser reunidas em coleções. Para isso, adotou-se diferentes critérios e finalidades para sua compilação, o que resultou tanto na variabilidade de sua forma, por exemplo, em prosa ou verso, com moral implícita ou explícita, essa na forma de epimítio ou promítio, em ordem alfabética ou temática. Muitas fábulas ao longo dos anos foram reunidas com a finalidade de serem usadas no ensino como a Coletânea de Aftônio usada no ensino de retórica e a “Coleção fábulas, imitadas de Esopo e de La Fontaine” de Justiniano Rocha usada nas escolas brasileiras durante o Brasil Império.

Algumas coleções que apresentam fábulas de apenas um fabulista como as coletâneas de Fedro, Bábrio, Aviano e La Fontaine possuem um ou mais prólogos que apresentam o programa poético do fabulista, a crítica pessoal sobre seu texto e seus comentários e reflexões sobre a produção e recepção de sua obra. Desse modo, esses prólogos são metadiscursivos, ou seja, discutem sobre seu próprio conteúdo.

No caso dos prólogos das coleções de fábulas, eles são didáticos, pois explicam ao seu leitor aspectos dos textos contidos no volume de modo a prepará-lo para a leitura. Eles apresentam uma espécie de conversa entre o fabulista e o destinatário de sua coletânea, por isso, é comum encontrarmos marcas do discurso

enunciativo. Contudo, percebemos algumas características presentes no gênero fábula nesses textos, por exemplo, o caráter metadidático, marcas do discurso enuncivo e enunciativo, o caráter persuasivo, discurso moralizante como o apresentado no final do segundo prólogo da coletânea de Fedro, o qual serve de promítio para a fábula que o sucede etc.

Desse modo, a análise dos prólogos dos fabulistas supracitados foi uma importante fonte de informações sobre assuntos relacionados à fábula. Em especial, os prólogos das coletâneas de fábulas do período do Início do Império Romano e o do renascentista La Fontaine possuem um caráter metadidático com pistas a respeito dos fabulistas, seu contexto social, possíveis influências e, principalmente, informações sobre o gênero fábula. Sabemos, por exemplo, que é a partir dos dados contidos nos prólogos que muitos estudiosos conseguem localizar espaciotemporalmente o autor e a obra como é o caso de Aviano.

A relação da fábula com o ensino é antiga e apresenta benefícios de ambas as partes. Pois, o propósito didático permitiu a variabilidade do formato dos textos da fábula, ou seja, muitos textos ao serem compilados para coleções didáticas foram prosificados. Seu conteúdo foi adaptado de acordo com a realidade de seu público, vimos exemplos de algumas fábulas esópicas cujas personagens, cenários foram abasileirados. Também o seu uso em materiais didáticos incentivou a produção de novos fabulistas como o retórico Aftônio que produziu fábulas para serem usadas por seus alunos ou a coletânea de fábulas de La Fontaine que foram traduzidas e compiladas para serem usadas nas escolas brasileiras durante o período imperial no Brasil. Além disso, muitas fábulas foram copiadas, reproduzidas, traduzidas, adaptadas por meio de atividades relacionadas ao ensino-aprendizagem; desse modo, o ensino possibilitou que o gênero se propagasse ao longo dos anos e culturas.

As características do gênero como caráter breve, sequência narrativa ordenada, argumentos construídos por meio de figuras, personagens conhecidos no universo do leitor permitiram que as fábulas fossem usadas no processo de alfabetização em diferentes línguas, no estudo de elementos da narrativa, na inserção em outros gêneros como as fábulas encaixadas usadas nos discursos de oradores, na prática de aplicação e verificação de teorias, métodos, técnicas e no ensino de outros conteúdos. Sendo assim, sua flexibilização e demais características permitem até hoje seu uso com êxito em diferentes atividades educacionais.

Como podemos observar, a fábula foi usada com fim didático em diferentes tradições e épocas. Em alguns casos ela era um dos gêneros presentes em materiais didáticos como os *progymnasmata* da Antiguidade Greco-Romana e os livros didáticos brasileiros de Ensino Fundamental do conteúdo curricular Língua Portuguesa. Em outros casos, ela pretendeu contribuir no ensino de valores, atitudes e comportamentos como na educação de príncipes durante o período do Renascimento e no desenvolvimento do pensamento, imaginação e apresentação de aspectos do mundo e sociedade por meio da contação dessas narrativas às crianças menores.

Na tradição indiana, esse caráter didático é evidenciado pelo fato de as fábulas fazerem parte do rol de textos do gênero *nitiṣāstra*, o qual é um tratado técnico sobre conduta, política e ciência moral usado na educação de governantes. Em outras culturas, ela faz parte do grupo de textos pertencentes ao gênero exemplar como a parábola, máximas, conto exemplar etc. Isso devido ao fato das imagens que compõem sua narrativa servirem de exemplo, ou seja, ilustrar uma determinada situação.

Com a sistematização do estudo por meio do fio condutor uso didático, podemos observar que essa exemplaridade está relacionada a concepção teórica das escolas retóricas, em particular da teoria aristotélica, a qual define a fábula como *exemplum*, isto é, um tipo de prova argumentativa no discurso retórico. Ao fazer esse estudo histórico sobre as definições do gênero fábula podemos observar que, embora o gênero tenha passado por flexibilizações de acordo com o contexto em que está inserido, a base de muitas atividades didáticas envolvendo fábulas no ensino brasileiro é muito próxima das que eram usadas na educação clássica.

A título de exemplo, as fábulas eram utilizadas em atividades com progressão de níveis desde a utilização de partes da fábula para ser aplicadas em ditados, memorização, emprego em diferentes contextos até o nível mais avançado que era a criação de uma fábula. Como podemos observar com as pesquisas-ação do Mestrado Profissional, muitos professores ainda utilizam essas e outras estratégias no ensino e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, principalmente, no Ensino Fundamental.

Uma das atividades comuns em livros didáticos desse nível de ensino relacionada às habilidades de leitura e escrita são os exercícios de interpretação de texto envolvendo fábulas. A partir disso, o professor pode realizar atividades orais e/ou

escritas que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo do aluno sobre aspectos do gênero como atitudes das personagens, discurso moralizante, temática etc.

Em relação à educação superior da Antiguidade Greco-Romana e também na Idade Média, ou seja, nas escolas de retórica, a fábula era um dos primeiros textos literários com que os alunos de retórica tinham contato. Ela era muito utilizada em exercícios para o desenvolvimento da oratória. Já na realidade do Ensino Superior brasileiro, podemos encontrar tanto pesquisas que estudam o gênero fábula em si quanto a utilização do gênero para o ensino de outros conteúdos como a Língua Latina e a utilização do gênero na aplicação de teorias como técnicas de leitura e produção textual etc.

Em suma, as fábulas fazem parte da herança cultural de um povo, estudá-las nos permite descobrir alguns aspectos sobre uma determinada cultura como hábitos, comportamentos, valores, modo de ensino etc. E o estudo de sua aplicação pedagógica pode possibilitar ao professor-pesquisador refletir como os valores dessa cultura estão expressos no texto literário de modo a viabilizar um verdadeiro letramento literário.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, J. N.. The latin of a learner (P. Amh. II.26): a case study. *In: ____*. **Bilingualism and the latin language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p.725-750.
- ADRADOS, Francisco R.. **Historia de la fabula greco-latina**: introducción y de los Orígenes a la idade helenística. v.1. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1979.
- ____. **Historia de la fabula greco-latina II**. v.2. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1985.
- AFTÔNIO. Ejercicios de Retorica. *In: TEÓN; HERMÓGENES; AFTONIO*. **Ejercicios de Retorica**. Traducción de Maria Dolores Reche Martínez. Biblioteca Clasica Gredos, n.158. Madrid: Editorial Gredos, 1991.
- ALCOFORADO, Maria Letícia Guedes. Fábulas de La Fontaine. *In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.)*. **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- AMARANTE, José. **Latinitas**: leitura de textos em língua latina. Fábulas mitológicas e esópicas, epigramas, epístolas. v.1. Salvador: EDUFBA, 2015.
- ANDRADE, Juliana Carli Moreira. **A presença das fábulas de Monteiro Lobato em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (2002-2008)**. 2018. 225f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- ANTUNHA, Heládio César Gonçalves. A educação brasileira no período republicano. *In: BREJON, Moysés (org.)*. **Estrutura e funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus**: leituras. 19.ed. rev. ampl.. São Paulo: Pioneira, 1986.
- ARAUJO, Veronica Gilcineide. **O tópico discursivo na aula de Língua Portuguesa**: uma proposta de intervenção com o gênero fábula. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2017.
- ARISTÓTELES. **Retórica**: obras completas. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Biblioteca de Autores Clássicos. 2.ed. rev., v.8, tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- AVIANO. Fábulas. Tradução de Lucas Consolin Dezotti. *In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.)*. **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- ____. Prólogo. Tradução de Lucas Consolin Dezotti. *In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.)*. **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

AZEVEDO, Josiane Dias. **O ponto e a vírgula nas produções escritas e na orientação da leitura de alunos do Fundamental Maior**. 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

BÁBRIO. Fábulas. *In*: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.). **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____. **Prólogos**. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. Edição digital organizada por Lucas Consolin Dezotti. Araraquara: s.n., 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7763266>. Acesso em 23 mar. 2023.

BARTHES, Roland. **A antiga retórica**. Martins Fontes, 2005.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. 243f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BEZERRA, Renata Uchoa. **A compreensão leitora de fábulas na perspectiva do ISD**. 2020. 213 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

BILAC, Olavo. **Poesias Infantis**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Francisco Alves & Cia., 1904.

BLOGGER. **Era uma vez...** Contos, Histórias, Lendas, Fábulas... para todos. [*blog*] set./fev., 2014-2015. Disponível em: <http://byblosfera.blogspot.pt/>. Acesso em 06 set. 2022.

BOMSUCCESSO, Anastácio Luiz. **Fábulas**. Rio de Janeiro: Typografia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1860.

_____. O Negro e o Cavallo. *In*: BOMSUCCESSO, Anastácio Luiz. **Fábula**. Rio de Janeiro: Companhia Impressora, 1895, p. 229-230.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia e religião romana**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria normativa nº 17, de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, n. 248, p.20-21. 29 dez. 2009, seção 1. Disponível em: <file:///C:/Users/Jade/Downloads/Portaria%20Normativa%20n%C2%BA%2017,%20de%2028%20de%20Dezembro%20de%202009.pdf>. Acesso em 11 mai. 2022.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASÍLIA. Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 de dez. de 1961. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, p.11429. 27 dez. 1961, seção 1. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Fixa%20as%20Diretrizes%20e%20Bases%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional.&text=a%20condena%C3%A7%C3%A3o%20a%20qualque r%20tratamento,de%20classe%20ou%20de%20ra%C3%A7a..> Acesso em 17 ago. 2022.

____. Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 11 de ago. de 1971. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, p.6377. 12 ago. 1971, seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 17 ago. 2022.

CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. **La Fontaine no Brasil: história, descrição e análise paratextual de suas traduções**. 2015. 166f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CCTIC da ESE de Santarém. **No mundo das fábulas**. Versão ver. 23 out. 2017. Aplicativo. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=air.lafontaine>. Acesso em 22 ago. 2022.

CENTRO DE SELEÇÃO UFG. **Língua Portuguesa e Redação**. Processo Seletivo 2007. 2ª etapa, 10 dez. 2006. Disponível em: https://centrodeselecao.ufg.br/ps2007/pa072fase/lingua_portuguesa.pdf. Acesso em 25 ago. 2022.

____. **Programa das provas**. Disponível em: <https://centrodeselecao.ufg.br/ps2007/arquivos/programas-provas.pdf>. Acesso em 25 ago. 2022.

____. **Respostas esperadas**. UFG-PS/ 2007. Disponível em: <https://centrodeselecao.ufg.br/ps2007/pa072fase/lp.pdf>. Acesso em 25 ago. 2022.

CHAGAS, Alaine Livia Rocha. **Fabulando em sala de aula: uma proposta para o letramento literário**. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2018.

CHAMPLIN, Edward. Phaedrus the Fabulous. **The Journal of Roman Studies**. v.95, p.97-123, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto-juvenil**. Série Fundamentos, n.8, 4.ed.. São Paulo: Ática, 1991.

CONTOS E FÁBULAS: O Ratinho da Cidade e o Ratinho do Campo. [Locução de]: Erika Barreto. [S.l.]: set. 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3rqMTXA2PYIdiwoJoYekhf>. Acesso em 22 ago. 2022.

DEUS, JOÃO. **Campo de flores**. Tomo I, 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1893.

DEZOTTI, Lucas Consolin. Aviano. *In*: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.). **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. A fábula grega: da prática discursiva ao gênero literário. **Organon**, Porto Alegre, n.27, p.137-146, jul./dez., 1999.

____. Os primórdios da fábula na literatura brasileira. **Itinerários**, Araraquara, n.44, p.211-228, jan./jun., 2017.

____. **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

____. Bábrio e a fábula pedagógica. *In*: BARACAT JR, José C.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (org.). **A escrita grega no Império Romano**: recepção e transmissão. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2020.

DF-INFORMÁTICA. **Fábulas e contos**. [site], [S.l.]: s./d.. Disponível em: <https://www.fabulasecontos.com.br/index.php>. Acesso em 06 set. 2022.

DIJK, Gert-Jan van. **Αἴνιοι, Λόγοι, Μῦθοι**. Fables in Archaic, Classical and Hellenistic Greek Literature. Leiden: Brill, 1997.

DOIN, Onorival de Almeida. **Leitura de contos e fábulas africanos, indígenas e europeus** - uma proposta interdisciplinar para o 6º ano do Ensino Fundamental. 2018. 182 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas docentes no Ensino Fundamental) - Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2017.

DOLZ, Joaquim; LIMA, Gustavo; ZANI, Juliana Bacan. Itinerário para o ensino do gênero fábula: a formação de professores em um minicurso. *In*: **Textura**, v.22, n.52, p.250-274, out./dez., 2020.

DORADO, Antonio Cascón. Introducción. *In*: FEDRO; AVIANO. **Fábulas**. Tradução de Antonio Cascón Dorado. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

DUARTE, Adriane da Silva. Esopo e a tradição da fábula. *In*: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. **Esopo**: fábulas completas. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 7-25.

DUARTE, Noélia. O poder da fábula. **Forma breve**, Aveiro, v.3, p.109-120, 2003.

ESOPO. Fábulas. *In*: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. **Esopo**: fábulas completas. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

____. **Fábulas completas** [livro eletrônico]. Tradução de Neide Smolka. Coleção Travessias. São Paulo: Moderna, 2012.

ESTEBAN, León. Las fábulas esópicas, texto escolar en la alta y baja edad media. **Helmántica**, v.45, n.136-138, p.485-509, 1994.

FÁBULA FALADA. [Locução de]: Juliana Rodrigues. [S.l.]: jan. 2021/ ago. 2022. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5JNb8WE4xIYQWzgcR8lbpq>. Acesso em 22 ago. 2022.

FÁBULAS. [Locução de]: José Gildo de Araujo Jr. [S.l.]: nov./dez. 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4EK9qPEIlgJxJSP7iupsckr>. Acesso em 22 ago. 2022.

FÁBULAS. [Locução de]: Juliana Kelly. [S.l.]: set./out. 2021. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4nrAzwARlpNuEA8U2EnG6Z>. Acesso em 22 ago. 2022.

FÁBULAS DE ESOPHO. Vários intérpretes. [S.l.], 1963, 6 faixas [14min18s]. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/07W1ZcfwcPOFtC80aWwtGo>. Acesso em 22 ago. 2022.

FÁBULAS DE LA FONTAINE. Vários intérpretes. [S.l.], 1963, 2 faixas [9min30s]. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/69mCzJIF2Gh6h723k1gxq4>. Acesso em 22 ago. 2022.

FÁBULAS SONHADAS. [blog] out. 2010/ jan. 2022. Disponível em: <https://fabulassonhadas.wordpress.com/bidpai/>. Acesso em 06 set. 2022.

FACAL, Javier López. Introducción general. In: **FÁBULAS DE ESOPHO, VIDA DE ESOPHO, FÁBULAS DE BÁBRIO**. Tradução de P. Bádenas de La Peña e J. López Facal. Biblioteca Clásica Gredos, n.6. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

FAR KINGDOMS – STORIES AND FAIRY TAILES. **Histórias Infantis para ler**. Versão 3.0.2. 8 jul. 2017. Aplicativo. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.farkingdoms.stories>. Acesso em 22 ago. 2022.

FEDRO. **Tradução das fábulas de Fedro**. Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves. 5.ed.. Rio de Janeiro: Liraria H. Antunes, 1957.

_____. **Fábulas esópicas**. Tradução de José Dejalma Dezotti. Edição digital organizada por Lucas Consolin Dezotti. Araraquara: s.n., 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7763266>. Acesso em 23 mar. 2023.

_____. **Prólogos**. Tradução de José Dejalma Dezotti. Edição digital organizada por Lucas Consolin Dezotti. Araraquara: s.n., 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7763266>. Acesso em 23 mar. 2023.

FELICIANO, Claudia Queluz Batista. **Estratégias de leitura do gênero fábula em ambiente digital**. 2017. 82f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.

FERNANDES, Keyvilane Kaline da Silva Rego. **Experiência de leitura na Educação de Jovens e Adultos: o professor como mediador**. 2019. 139 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

FERNANDES, Millôr. **Fábulas fabulosas**. 6.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1973.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **Um estudo sobre “Versos para os pequeninos”, manuscrito de João Kopke**. 2014. 316f. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, Campinas, 2014.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Introdução à linguística II**: princípios de análise. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FISHER, Bonnie F. **A history of the use of Aesop’s fables as a school text from the classical era through the nineteenth-century**. 1987. 218 f. Thesis (Doctor of Philosophy) - Indiana University, Indiana, 1987.

GONÇALVES, Flaviane Faria. **Fábulas na sala de aula**: Gêneros textuais e uma proposta de Sequência Didática para o Ensino Fundamental II. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2020.

GONÇALVES, Maximiano Augusto. Introdução. *In*: FEDRO. **Tradução das fábulas de Fedro**. Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves. 5.ed.. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1957.

HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. A instrução popular no Brasil, antes da República. *In*: BREJON, Moysés (org.). **Estrutura e funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus**: leituras. 19.ed. rev. ampl.. São Paulo: Pioneira, 1986.

HERMÓGENES. Ejercicios de Retorica. *In*: TEÓN; HERMÓGENES; AFTONIO. **Ejercicios de Retorica**. Traducción de Maria Dolores Reche Martínez. Biblioteca Clasica Gredos. n.158. Madrid: 1991.

HERÓDOTO. **História**. Tradução de J. Brito Broca. v.1, 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

JORDAO, Vânia Rocha. **A contribuição das estratégias de leitura com fábulas para a formação de leitores ativos**. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) - Centro Universitário Vale do Cricaré, São Matheus, 2020.

PORTELLA, Oswaldo O. A fábula. **Letras**, Curitiba, n.32, p.119-138, 1983.

LA FONTAINE, Jean. **Fábulas**: antologia. Vários tradutores. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. **Fábulas**. Adaptação de Teresa Pacheco. *In*: CCTIC da ESE de Santarém. **No mundo das fábulas**. Versão ver. 23 out. 2017. Aplicativo. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=air.lafontaine>. Acesso em 22 ago. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3.ed. rev. ampl.. São Paulo: Atlas, 1994.

LEITE, Priscilla Gontijo; DEZOTTI, Lucas Consolin (orgs.). **Vocabulário político da antiguidade: reflexões para o exercício da cidadania**. João Pessoa: CCTA, 2019.

LIMA, Alceu Dias. A forma das fábulas: estudo da semântica discursiva. **Significação**. n.4, p. 60-69, 1984.

_____. Prefácio. *In*: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.). **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Globo, 2010.

_____. **Fábulas**. São Paulo: Universo dos Livros, 2019.

LOPES, Quiteria Regina Pereira. **O gênero fábula e sua estrutura narrativa**: uma proposta de produção textual para o 3º ano do Ensino Fundamental. 2019. 116f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns. 2019.

LOUZADA, Cristina Marques Cardoso. **Leitura, análise e produção de fábulas: Monteiro Lobato na sala de aula**. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

MALTA, André. Apresentação às Fábulas de Esopo. *In*: ESOPHO. **Fábulas, seguidas do Romance de Esopo**. Tradução de André Malta e Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2017.

MARCANTE, Jéssica da Silva; FRESE, Rudinei Aldini. As fábulas de Esopo como estratégia para leitura e produção de textos na construção de valores na Educação Infantil. **Revista Conversatio**, v.2, n.4, p.372- 393, jul/dez, 2017.

MARCHEZAN, Luis Gonzaga. O fabular de Carlos Drummond de Andrade. **Forma breve**, Aveiro, v.3, p.229-238, 2003.

MARCHIOLI, Valdirene Aparecida da Silva. **Mafalda na sala de apoio à aprendizagem (SAA)**: uma proposta de trabalho de produção textual a partir das tiras cômicas e de outros gêneros quadrinísticos. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na Antiguidade**. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo: Herder, 1969.

MARTÍNEZ, Maria Dolores Reche. Introducción. *In*: TEÓN; HERMÓGENES; AFTONIO. **Ejercicios de Retorica**. Traducción de Maria Dolores Reche Martínez. Biblioteca Clasica Gredos. n.158. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

MELO, Fernando Aquino. **A fábula como instrumento pedagógico à produção de textos comunicativamente eficientes**. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

MENEZES, Jones Baroni Ferreira; PANTOJA, Lydia Dayanne Maia; PAIXÃO, Germana Costa. Fábulas como material didático-pedagógico no ensino de parasitologia. **Cocar**, v.14, n.29, p.666-679, mai./ago., 2020.

MONZILLO, Vanessa de Barros Leite. **Fábula**: o desenvolvimento da escrita instrumentalizada pela metodologia das sequências didáticas de gêneros. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2017.

MORAES, Rosemeire Lozano. **Práticas de oralidade**: O gênero debate e argumentação através das fábulas. 2021. 119 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

MORAIS, Ana Paiva. Histórias Do Ínfimo: Fabula e a Fábula na Idade Média - entre o Fabuloso e o Obscuro. **Forma breve**, Aveiro, v.3, p.11-20, 2003.

MORAIS, Morgana Virginia Silva. **Prática de leitura a partir do gênero fábula**: um outro modo de ser leitor nos anos iniciais. 2017. 174 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

MOREIRA, José Aparecido. **Fábulas**: a produção de um caderno pedagógico destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2017.

MORGAN, Teresa. **Popular morality in the early Roman Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MULLIGAN, Mark. Music subscriber market shares Q2 2021. *In*: MIDiA Research Ltda. **Blog MIDiA**. [S.l.], 18 jan. 2022. Disponível em: <https://www.midiaresearch.com/blog/music-subscriber-market-shares-q2-2021>. Acesso em 22 ago. 2022.

NASCIMENTO, Bianca Lacerda. **Estudo do gênero fábula na obra de Vera Tylde**: uma proposta de leitura e de elaboração de jogo didático-pedagógico para o Ensino Fundamental II. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2019.

NETTO, Coelho. **Apólogos**: contos para crianças. 4.ed.. Porto: Livraria Chardron, 1924.

____. **Fabulário**. 3.ed. Porto: Livraria Chardron, 1924.

NÓBREGA, Vandick Londres. **O Latim do Ginásio para a terceira série**. 38.ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1959.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979.

____. Noções sobre a história da escola média. *In*: BREJON, Moysés (org.). **Estrutura e funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus**: leituras. 19.ed. rev. ampl.. São Paulo: Pioneira, 1986.

OLIVEIRA, Amauri Moraes. **Formas simples na sala de aula**: leitura de mitos e fábulas nos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. 2019. 90 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2019.

OLIVEIRA, Genori da Silva. **Geração Alpha entre a realidade e o virtual: sujeitos digitais**. 2019. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2019.

PINHEIRO, Nazaré do Socorro Ferreira. **A formação de leitores da EJA em sala de aula por meio da leitura de fábulas e cordéis**. 2020. 152 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

PLATÃO. **Diálogos**. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PLATON. **Oeuvres completes**. Traduit par Léon Robin. Collection des Universités de France. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1967.

PEREIRA, Luciano. A fábula, um gênero alegórico de proverbial sabedoria. **Forma breve**, Aveiro, v.3, p.21-32, 2003.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. A educação romana até o final da República: o valor da eloquência. *In*: _____. **Estudos de História da Cultura Clássica**. v.2., 3.ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p.196-208.

PIMENTEL, Figueiredo. **Histórias da avozinha**. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1896. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000137.pdf>. Acesso em 20 set. 2022.

PORTELLA, Oswaldo O. A fábula. **Letras**, Curitiba, n.32, p.119-138, 1983.

PROFISSIONAL. **Histórias Infantis**. Versão 6. 20 set. 2018. Aplicativo. Disponível em:
<https://play.google.com/store/apps/details?id=infantis.historias.com.histriasinfantis>.
 Acesso em 31 ago. 2022.

PROVENZO JR., Eugene Francis. **Education and the aesopic tradition**. 1976. 404 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Graduate School of Arts and Sciences of Washington University, Saint Louis, 1976.

QUINTILIANO, Marcos Fábio. **Instituição oratória**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Tomo I. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

_____. **Instituição oratória**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Tomo II. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

RAMOS, Ana Margarida. As fábulas e os bestiários na literatura de recepção infantil contemporânea. **Forma breve**, Aveiro, v.3, p.169-194, 2003.

REZENDE, Antônio Martinez. **Latina Essentia**: preparação ao latim. 3.ed.rev.ampl.. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

RIBEIRO, Lucilene Costa. **A informática educativa e o gênero fábula como instrumentos de ensino-aprendizagem para alunos com dificuldades de produção de texto**. 2018. 188 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental) - Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2018.

RIO DE JANEIRO. Decreto-Lei nº 510, de 22 de junho de 1890. Publica a Constituição dos Estados Unidos do Brazil. Rio de Janeiro, 22 de jun. de 1890. **Sala das sessões do Governo Provisório dos Estados Unidos do Brazil**. Rio de Janeiro, RJ. 22 jun 1890. Disponível em:
<https://legis.senado.leg.br/norma/388004/publicacao/15722625>. Acesso em 15 mar. 2023.

_____. Decreto nº 19851, de 11 de abril de 1931. Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao systema universitario, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização technica e administrativa das universidades é instituida no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Rio de Janeiro, 11 de abr. 1931. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, RJ, p.5800. 15 abr. 1931, seção 1. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 19 ago. 2022.

_____. Decreto nº 19890, de 18 de abril de 1931. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Rio de Janeiro, 18 de abr. de 1931. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, RJ, p.6945. 1 mai. 1931. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html>. Acesso em 19 abr. 2022.

____. Decreto-lei nº 4244, de 9 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário. Rio de Janeiro, 9 de abr. 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20constituir%C3%A1%20nos,na%20forma%20do%20artigo%20anterior.&text=Art.,-20..> **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, RJ, p.5798. 10 abr. 1942, seção 1. Acesso em 19 ago. 2022.

ROCHA, Justiniano José. **Fábulas imitadas de Esopo à La Fontaine**. [S./]: Ridendo Castigat Mores, 2001.

RODRIGUES, Maria Pereira. **Os gêneros textuais na formação do leitor: enfoque nas habilidades de leitura da Prova Brasil**. 2017. 193 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

ROSSI, Bruno Faglioni; FARO, Eduardo Matheus Affonso. Estrangeiro. *In*: ROSA DE SARON. **Lunação**. 2020. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/rosa-de-saron/estrangeiro.html>. Acesso em 19 set. 2022.

SAEED, Nauman. **Integration and acceptance of Web 2.0 technologies in higher education**. 2010. 200 f. Tese (Doctor of Philosophy) - Swinburne University of Technology, Melbourne, 2010.

SANTOS, Ismael. **A fábula na literatura brasileira: de Anastácio a Millôr, incluindo Coelho Neto e Monteiro Lobato**. 2001. 162f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SANTOS, Jonathan Gonçalves. **Da fábula ao roteiro: uma proposta de sequência didática para o letramento literário nas aulas de língua portuguesa**. 2020. 91 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

SEVILLA, San Isidoro. **Etimologías**. Tradução de Jose Oroz Reta e Manuel A. Marcos Casquero. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

SILVA, Cícero de Oliveira; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira; ABROMOVICK, Márcia Cristina. **Aprender juntos Língua Portuguesa**. 2º ano, Ensino Fundamental, séries iniciais. 9.ed.. São Paulo: Edições SM, 2021a. Disponível em: <https://pnld.smeducacao.com.br/objeto-1/area-do-conhecimento/lingua-portuguesa-aprender-juntos/>. Acesso em 07 set. 2022.

____. **Aprender juntos Língua Portuguesa**. 5º ano, Ensino Fundamental, séries iniciais. 9.ed.. São Paulo: Edições SM, 2021b. Disponível em: <https://pnld.smeducacao.com.br/objeto-1/area-do-conhecimento/lingua-portuguesa-aprender-juntos/>. Acesso em 07 set. 2022.

SILVA, José Carlos. **Gênero fábula: uma proposta de leitura e produção textual no Ensino Fundamental.** 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2019.

SILVA, Luciana. **Leitura de fábulas na formação do leitor literário: caderno pedagógico para os anos iniciais do Ensino Fundamental (5º ano).** 2021. 113 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2021.

SILVA, Rejane Aguiar. **O Gênero Fábula em Ambiente Digital numa Proposta Didática Rumo aos Multiletramentos: Confabulando.** 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2017.

SILVA, Vera Lúcia. **A pontuação numa perspectiva discursiva da linguagem: uma proposta pedagógica com fábulas contemporâneas.** 2017. 233 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2017.

SOARES JUNIOR, Eudes Barbosa. **Fábulas em um contexto socioeducacional: a formação de leitores e a relação com a cidadania.** 2017. 107 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Assu, 2017.

SOSSOLOTE, Cássia Regina C. Um olhar enunciativo sobre o funcionamento do gênero fabular: alternativas para a produção de fábulas em contexto pedagógico. **Estudos Linguísticos XXXV**, Araraquara, 2006, p.439-447.

SOUSA, Rosimere Martins. **Discursivização e didatização: aplicabilidades didático-pedagógicas do gênero fábulas no Ensino Fundamental II.** 2017. 85 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2017.

SOUZA, Andréa Garcia. **Lendo fábulas e ampliando a competência leitora: uma proposta para a educação de jovens e adultos.** 2020. 211 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2020.

SOUZA, Carlos Vieira. **Proposta de material didático para aulas de Literatura no Ensino Fundamental II: caminhos literários para o ciclo de leitura.** 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2020.

SOUZA, Cristiane Macieira. **Estratégias de leitura para o ensino de fábulas em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental.** 2018. 175 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SOUZA, Luís da Silva. **Os processos de ditongação e monotongação na escrita de estudantes de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.** 2018. 115 f. Dissertação

(Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Nazaré da Mata, 2018.

TEÓN. Ejercicios de Retorica. *In*: TEÓN; HERMÓGENES; AFTONIO. **Ejercicios de Retorica**. Traducción de Maria Dolores Reche Martínez. Biblioteca Clasica Gredos. n.158. Madrid: 1991.

VARGAS, Maria Valéria A de Mello. Fábulas do Hitopadexa: elementos para a análise da estruturação das fábulas sânscritas. *In*: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin *et al.* **A tradição da fábula**. Coleção Textos. Araraquara: Editora Unesp, 1991.

_____. *In*: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.). **A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

VIEIRA, Ana Thereza Basílio. Aviano: uma nova perspectiva para as fábulas latinas. **Calíope**, Rio de Janeiro, n.11, p.51-61, 2003.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. [S.l.]: Centaur Editions, 2013.

WANKE, Eno Theodoro. **Fábulas**. Rio de Janeiro: Plaquette, 1993.

ANEXO A

Fábulas

Organizamos os textos das fábulas em dois grupos: fábulas estrangeiras e fábulas brasileiras. Seguimos a ordem em que os autores são apresentados ao longo do trabalho e suas fábulas encontram-se em ordem alfabética.

FÁBULAS ESTRANGEIRAS

Esopo - Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti

O Avarento

Um avarento vendeu todos os seus bens e transformou-os numa barra de ouro. Em seguida, enterrou-a diante do muro e depois passou a ir lá constantemente examiná-la. Mas um servo seu que se encontrava nos arredores ficou atento às suas idas e vindas e, ao atinar com o que se passava, aproveitou o momento em que o patrão estava distante para desenterrar a barra e roubá-la. E o avarento, quando retornou e encontrou o buraco vazio, começou a chorar e a arrancar os cabelos. Então uma pessoa que o viu, ao saber do motivo daquele sofrimento exagerado, disse: “Não se desespera assim, companheiro! Trate de pegar uma pedra, depositá-la no mesmo lugar do ouro e fazer de conta que é seu tesouro! Ela terá, para você, a mesma serventia. Pois, quando havia o ouro, você não tirava dele nenhum proveito!”.

A fábula mostra que de nada vale a riqueza se a utilidade não a acompanha (ESOPO, 2013, p. 60).

Bóreas e o Sol

O vento Bóreas e o Sol, numa disputa para ver quem era o mais forte, decidiram conceder a vitória àquele que fizesse um viajante tirar a roupa. Bóreas começou e soprou com violência. E, como o homem continuou com a roupa, reforçou a violência para pressioná-lo mais ainda. O homem, porém, cada vez mais castigado pelo frio, foi

se cobrindo com roupas sobressalentes, até que Bóreas, exausto, entregou-o ao Sol. Este, por seu turno, primeiro emitiu um brilho moderado. O homem começou a se despir das roupas sobressalentes. Então, o Sol foi intensificando cada vez mais a ardência até que o homem, não conseguindo resistir ao calor, tirou a roupa e foi tomar banho num rio que corria ao lado.

A fábula mostra que muitas vezes a persuasão é mais eficaz do que a força (ESOPO, 2013, p. 73).

A Cadela que carregava carne

Uma cadela atravessava um rio levando um pedaço de carne, quando observou na água sua própria imagem. Crente de que era outra cadela com um pedaço de carne maior, largou o seu e avançou para tomar o da outra. Sucedeu, porém, que ela ficou sem os dois; sem o que ela não alcançou, porque não existia, e sem o seu, que foi rio abaixo (ESOPO, 2013, p. 117).

O Javali e a Raposa

Um javali parou junto de uma árvore e começou a aguçar suas presas. Então, uma raposa lhe perguntou por que motivo estava limando as presas, se não havia a iminência de algum caçador ou de outro perigo qualquer. Ele respondeu: “Mas não é à toa que estou fazendo isso! É que, se algum perigo me surpreender, não terei o trabalho de afiá-las e elas já estarão prontas para o uso”.

A fábula ensina que devemos cuidar com antecedência dos preparativos contra os perigos (ESOPO, 2013, p. 277).

O Leão e o Onagro

Um leão e um onagro estavam caçando bichos, o leão recorrendo à sua força e o onagro, à rapidez de suas patas. Assim que caçaram alguns, o leão se pôs a fazer a partilha e separou três partes, dizendo: “A primeira eu vou pegar porque tenho prioridade, afinal, sou o rei. A segunda eu vou pegar porque sou seu sócio, com

direitos iguais. E essa, a terceira, vai lhe causar um grande mal se você não quiser fugir”.

(A fábula mostra) que o bom é medir-se em tudo segundo a própria força, e não se juntar nem fazer sociedade com os mais poderosos (ESOPO, 2013, p. 302).

O Lobo e o Cordeiro

Um lobo viu um cordeiro bebendo água de um rio e desejou devorá-lo com um pretexto bem articulado. Assim, postou-se mais acima e começou a recriminá-lo, dizendo que ele estava turvando a água e impedindo-o de beber. O cordeiro respondeu que bebia com a ponta dos lábios e que, de mais a mais, não podia ser que ele, que estava abaixo, estivesse turvando a água do lado de cima. E o lobo, fracassando nessa acusação, disse: “Mas no ano passado você injuriou meu pai!”. E, como o cordeiro revidou que naquela época ele ainda não tinha um ano de vida, o lobo lhe disse: “Ora, se suas defesas forem bem-sucedidas, eu não vou comer você!”.

A fábula mostra que, junto daqueles cujo propósito é praticar a injustiça, nenhuma defesa justa tem valor (ESOPO, 2013, p. 336).

O Lobo e a Garça

Engasgado com um osso, um lobo andava à procura de alguém que o curasse. Ao deparar com uma garça, propôs a ela que lhe retirasse o osso, mediante um pagamento. Então a garça enfiou a cabeça na garganta dele, extraiu o osso e, depois, exigiu o pagamento combinado. E ele respondeu: “Mas você, minha cara, não satisfeita de ter retirado incólume sua cabeça da goela de um lobo, ainda exige pagamento?”.

A fábula mostra que a maior recompensa de uma ação praticada em benefício dos perversos é não receber deles, em retribuição, uma crueldade (ESOPO, 2013, p. 331).

A Raposa e a Máscara

Uma raposa foi à oficina de um escultor e começou a fuçar nos objetos que lá estavam. Ao deparar com uma máscara de ator de tragédia, ergueu-a e disse: “Oh! Que cabeça! Mas não tem cérebro!”.

A fábula [é oportuna] para homens de corpo magnífico mas de alma irracional (ESOPO, 2013, p. 459).

O Rato silvestre e o Rato caseiro

Um rato silvestre era amigo de um rato caseiro. E o caseiro, ao ser convidado pelo amigo, foi ao campo sem demora para um jantar. E dizia, enquanto comia cevada e trigo: “Sabe, amigo, você leva vida de formigas. Pelo visto, eu é que tenho recursos fartos, e todos ao seu dispor, é só vir comigo”. E no mesmo instante se foram os dois. E o caseiro ofereceu ervilhas e trigo, junto com tâmaras, queijo, mel e frutas. Maravilhado, o outro muito o bendizia, enquanto protestava contra a própria sorte. Mas, quando quiseram começar a refeição. Uma pessoa abriu a porta de supetão. Com o rangido, os dois saltaram assustados e foram para dentro das fendas os pobres ratos. E quando de novo iam pegar figos secos, outra pessoa veio lá pegar um troço. Assim que de novo avistaram a pessoa, num salto se ocultaram dentro de um buraco. Então, o rato silvestre, apoucando a fome, soltou um gemido e disse para o outro: “Passe bem, amigo, e coma sua fartura, degustando seus manjares com deleite, e com perigos e também com sobressaltos. Comendo cevada e trigo, eu, o coitado, sem desassossegos vou viver e sem sustos!”.

A fábula mostra que levar vida frugal e viver sem cuidados vale mais que viver no luxo, entre medos e aflições (ESOPO, 2013, p. 472-473).

Fedro - Tradução de José Dejalma Dezotti

Esopo para um certo sujeito sobre o êxito dos maus

Um sujeito, ferido pela mordida de um cachorro bravo,

tacou para o maléfico um pedaço de pão tingido com seu sangue, porque tinha ouvido dizer que era o remédio para o ferimento. Então Esopo disse assim: “Não faças isso diante de mais cães, para que eles não nos devorem vivos, quando souberem ser tal o prêmio da má-ação.” O êxito dos maus alicia a muitos. (FEDRO, II, 3).

O Novilho, o Leão e o Ladrão

Um leão estava de pé sobre um novilho abatido.
Um ladrão intervém, reclamando uma parte.
“Eu te daria” diz “se não tivesses o costume de pegar por ti mesmo”;
e rechaçou o malandro. Casualmente, um inofensivo
viajante chegou ao mesmo local
e, ao ver o feroz animal, retrocedeu.
E aquele lhe diz pacificamente: “Não há por que temer;
e pega sem medo a parte que lhe é devida
por tua modéstia.” Então, repartida a presa,
dirigiu-se à floresta, para deixar o caminho livre ao homem.
Um exemplo perfeitamente egrégio e louvável;
porém a ambição é rica e o recato, pobre.” (FEDRO, II, 1).

A Raposa e a Cegonha

A ninguém se deve prejudicar; se alguém, porém, fizer algum dano,
a fabulazinha adverte que deve ser castigado na mesma moeda.
Diz-se que uma raposa convidou primeiro uma cegonha
para um jantar e lhe serviu num prato raso
um caldo líquido, que de nenhum modo
a cegonha faminta poderia degustar.
Quando esta retribuiu o convite à raposa, serviu uma garrafa
cheia de alimento triturado; inserindo nela o seu bico,
ela própria se sacia e atormenta de fome sua convidada.
Enquanto esta lambia em vão o pescoço da garrafa,

a ave peregrina, pelo que ouvimos, falou assim:
 “Cada um deve suportar com igual ânimo os seus próprios exemplos.” (FEDRO,
 I, 26).

As Rãs pediram um rei

Quando Atenas florescia sob leis justas,
 uma desenfreada liberdade tomou conta da cidade
 e a libertinagem soltou o antigo freio.
 Aí, tendo os partidos das facções conspirado,
 o tirano Pisístrato ocupa a cidadela.
 Como os atenienses chorassem a triste servidão,
 (não porque ele fosse cruel, mas porque toda carga é pesada
 para os não acostumados) e começassem a queixar-se,
 Esopo contou então a seguinte fábula:
 As rãs, que vagavam livres nos pântanos,
 com grande clamor pediram a Júpiter um rei,
 que reprimisse com energia os costumes dissolutos.
 O pai dos deuses riu e lhes deu
 um pequeno pedaço de pau, que, lançado repentinamente,
 aterrorizou, com o movimento e barulho da água, a medrosa espécie.
 Este permaneceu imerso no lodo por muito tempo, até que,
 casualmente, uma pôs silenciosamente a cabeça para fora do charco
 e, após examinar o rei, chama todas as outras.
 Aquelas, perdido o medo, chegam nadando em desafio,
 e a turba atrevida salta sobre o pedaço de pau.
 Depois de ultrajá-lo com todo tipo de afronta,
 enviaram rãs que pedissem um outro rei a Júpiter,
 visto ser inútil aquele que lhes havia sido dado.
 Então ele lhes enviou uma hidra, que, com seu dente cruel,
 começou a dilacerá-las uma a uma. Inertes,
 tentam em vão fugir da morte, o medo lhes apaga a voz.
 Então furtivamente dão a Mercúrio recados para Júpiter,
 para que ele socorresse as aflitas. Então o deus, em resposta,

disse: “ Porque não quisestes suportar o vosso bem-estar, suportai a desgraça.” “Vós também, ó cidadãos”, diz Esopo, aguentai este mal, para que não venha um maior”. (FEDRO, I, 2).

O rei Demétrio e o poeta Menandro

Demétrio que foi chamado de Falério
apoderou-se de Atenas com um governo tirânico.
O povo, como de costume, irrompe de todo lado e à porfia,
gritando “Viva!” Até mesmo os mais notáveis
beijam aquela mão, pela qual foram oprimidos,
lamentando, em silêncio, a triste vicissitude da fortuna.
Também os preguiçosos e os que buscam o ócio
se arrastam por último para a ausência não lhes causar dano;
entre esses, Menandro, famoso por suas comédias
que Demétrio, não o conhecendo pessoalmente, tinha lido
e tinha admirado o talento do homem;
untado de perfume, esvoaçando suas vestes,
ele vinha com passo delicado e malemolente.
Quando o tirano o viu no fim da fila:
“Quem é aquele bicha que se atreve a vir
à minha presença?” Responderam os mais próximos:
“Este é o escritor Menandro”. Mudado imediatamente,
disse: “Impossível existir um homem mais formoso”. (FEDRO, V, 1).

Bábrio - Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti

O Asno em pele de leão

Um asno estendeu sobre as ancas uma pele de leão
e presumiu que era temível para todos os homens.
Dava saltos e coices, causando a fuga dos homens
e também a fuga dos rebanhos todos.
Mas, com o sopro do vento, a pele de seu lombo

se despregou e ele se fez notar como asno.

E uma pessoa lhe disse, surrando-o com o porrete:

“Nasceste asno, não imites leão.” (BÁBRIO, 2018, p. 102).

O Lagarto e a Cobra

Conta-se que ao meio do dorso arrebentou-se

um lagarto ao tentar igualar-se em tamanho a uma cobra.

Nada farás além de causar prejuízo a ti próprio

se aquele que te é bem superior tentares imitar (BÁBRIO, 2018, p. 111).

Aftônio – Traducción de Maria Dolores Reche Martínez

Fábula moral de las hormigas y de las cigarras que exhorta a los jóvenes al trabajo

Era la época más calurosa del verano y las cigarras entonaban su música aguda, mientras que las hormigas trabajaban y almacenaban granos con los que pensaban alimentarse durante el invierno. Cuando sobrevino el invierno, las hormigas se alimentaban con los frutos de su trabajo, mientras que para las otras el placer desembocaba en necesidad.

De ese modo, los jóvenes que no quieren trabajar son desgraciados durante la vejez (AFTÔNIO, *Prog.*, 3).

Aviano - Tradução de Lucas Consolin Dezotti

O Burro vestido com pele de leão

Convém a todos ter noção de seu tamanho e contentar-se

com as próprias qualidades, sem usar os bens alheios,

para não virar motivo de piada quando for desmascarado

e passar a ostentar só os defeitos costumeiros.

Um burro encontrou por acaso a carcaça de um leão africano

e resolveu se vestir com a nova pele:

aos membros ajustou aquela roupa incompatível
e cingiu sua cabeça de tamanha distinção.

Mas sempre que um impulso assustador o dominava
e um vigor imaginário atingia-lhe os ossos preguiçosos,
ele saía dando coices pelo pasto e espalhava
os bois apavorados por toda a propriedade.

Então o camponês o reconhece por sua grande orelha
e o prende nas correntes e o amansa no chicote.

E enquanto vai despindo aquele corpo da pele roubada,
repreende o coitado do animal falando assim:

- Com esse rugido fajuto você até pode enganar ignorantes,

mas pra mim você sempre será o burrinho que era antes (AVIANO, 2018, p.

124).

Os Dois companheiros e a Ursa

Por vales tortuosos e serras desconhecidas,
um homem trilhava caminhos estreitos com um companheiro,
confiante de que juntos poderiam superar
qualquer dificuldade que o acaso lhes trouxesse.

E assim eles seguiam, jogando conversa fora,
quando, de repente, no meio do caminho surge uma ursa.

Logo o companheiro se agarra a um carvalho e sobre ágil,
ficando pendurado como um peso a chacoalhar no verde galho.

Já o homem sequer ameaçou dar mais um passo
e se deitou no chão, fingindo-se de morto.

Ávido, o selvagem animal correu até sua presa
e com suas garras curvas o coitado suspendeu.

Mas como os membros dele enrijeceram pelo medo congelante

- pois seus ossos tinham perdido o calor normal da vida -,

a ursa acreditou que era um fétido cadáver e o largou,

apesar de estar faminta, indo embora pra sua toca.

Sentindo-se seguros, pouco a pouco os dois voltaram a falar,

e o que fugiu primeiro perguntou, zombando além da conta:

- Diga, parceiro, o que a urso te contou enquanto você tremia?
 Pois muito tempo ela passou falando baixinho contigo...

- Realmente ela me deu grandes ensinamentos,
 principalmente este conselho, que eu vou seguir sempre à risca:
 “escolhe com cuidado as companhias,
 se não quiser virar presa de uma fera novamente” (AVIANO, 2018, p. 127).

As duas vasilhas

Arrancadas do barranco a desabar, duas vasilhas
 desciam lado a lado por um rio de insana correnteza.
 Cada qual tinha uma origem diferente quanto à arte e à natureza:
 uma, forjada no bronze; outra, moldada no barro.
 Também no padrão do movimento a frágil e a resistente discordavam,
 e aquele rio transbordante tinha um trajeto sinuoso.
 Para evitar que uma trombada fizesse a outra em pedacinhos,
 a de bronze jurava se manter o mais possível em sua rota.
 Mas a de barro, temendo que o mais pesado machucasse o que é mais leve
 (mesmo porque não há acordo entre um pequeno e um melhor), disse:

- Ainda que tuas palavras me passem tranquilidade,
 não vão extinguir o medo que carrego em minha alma,
 pois se a onda me jogar contra você ou vice-versa,
 serei sempre eu a única a sofrer os dois desastres (AVIANO, 2018, p. 128).

O Pinheiro e o Espinheiro

Um belíssimo pinheiro provoca um horrível espinheiro,
 num debate acalorado sobre suas aparências,
 dizendo que achava indigno competir com uma planta
 que nada tinha de bom que lhe valesse distinção:

- Vê meu corpo como cresce na direção das nuvens
 e eleva até as estrelas meus cabelos eriçados;
 eu fico nas popas largas que têm um banco no meio;
 é em mim que se suspendem as velas que o vento enfuna.

Já você só tem espinhos e essa forma emaranhada,
sendo assim ignorado e desprezado pelos homens.

- Agora você se alegra porque enxerga só vantagens
e, arrogante, tira sarro das minhas imperfeições.

Mas quando o machado afiado cortar teus membros tão lindos,
garanto que você vai desejar ter meus espinhos (AVIANO, 2018, p. 130).

Jean de La Fontaine

A Cigarra e a Formiga – Adaptação de Teresa Pacheco

Num dia soalheiro de Verão, a Cigarra cantava feliz. Enquanto isso, uma Formiga passou por perto. Vinha afadigada, carregando penosamente um grão de milho que arrastava para o formigueiro.

- Por que não ficas aqui a conversar um pouco comigo, em vez de te afadigares tanto? – Perguntou-lhe a Cigarra.

- Preciso de arrecadar comida para o inverno – respondeu-lhe a Formiga. – Aconselho-te a fazeres o mesmo.

- Por que me hei-de preocupar com o inverno? Comida não nos falta... – respondeu a Cigarra, olhando em redor.

A Formiga não respondeu, continuou o seu trabalho e foi-se embora.

Quando o inverno chegou, a Cigarra não tinha nada para comer. No entanto, viu que as Formigas tinham muita comida porque a tinham guardado no verão. Distribuíam-na diariamente entre si e não tinham fome como ela. A Cigarra compreendeu que tinha feito mal...

Moral da história: Não penses só em divertir-te. Trabalha e pensa no futuro (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

O Conselho dos Ratos – Adaptação de Teresa Pacheco

Há muito, muito tempo, os Ratos reuniram-se em assembleia para decidirem em conjunto o que fazer em relação ao seu inimigo comum: o Gato.

Depois de muito conversarem, um jovem rato levantou-se e apresentou a sua proposta:

- Estamos todos de acordo: o perigo está na forma silenciosa como o inimigo se aproxima de nós. Se conseguíssemos ouvi-lo, podíamos escapar facilmente. Por isso, proponho que lhe coloquemos um guizo no pescoço.

A assembleia recebeu estas palavras com entusiasmo. Foi então que um Rato Velho se levantou e perguntou:

- E quem é que vai colocar o guizo no pescoço do Gato?

Os ratos começaram a olhar uns para os outros, e não houve nenhum que se oferecesse para levar a cabo semelhante tarefa.

Então o Rato Velho terminou, dizendo:

Propor uma solução é fácil, o difícil é pô-la em prática (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

A Formiga e a Pomba – Adaptação de Teresa Pacheco

Estava uma Formiga junto a um regato quando foi apanhada pela corrente.

Uma Pomba que estava pousada numa árvore sobre a água viu que ela estava quase a afogar-se e teve pena dela. Para que se pudesse salvar, atirou-lhe uma folha. A Formiga subiu para cima da folha e flutuou em segurança para a margem do regato.

Pouco depois, apareceu um caçador e apontou para a Pomba. A Formiga, percebendo o que estava para acontecer, picou-o no pé. O caçador sentiu a dor da picada e moveu-se ruidosamente. Alertada, a Pomba voou para longe e salvou-se.

Moral da história: O melhor agradecimento é o que se dá quando os outros mais precisam de nós (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

O Leão e o Rato – Adaptação de Teresa Pacheco

Certo dia, estava um Leão a dormir a sesta quando um ratinho começou a correr por cima dele. O Leão acordou, pôs-lhe a pata em cima, abriu a bocarra e preparou-se para o engolir.

- Perdoa-me! – Gritou o ratinho. – Perdoa-me desta vez e eu nunca o esquecerei. Quem sabe se um dia não precisarás de mim?

O Leão ficou tão divertido com esta ideia que levantou a pata e o deixou partir. Dias depois, o Leão caiu numa armadilha. Como os caçadores o queriam oferecer vivo ao Rei, amarraram-no a uma árvore e partiram à procura de um meio para o transportarem.

Nisto, apareceu o ratinho. Vendo a triste situação em que o Leão se encontrava, roeu as cordas que o prendiam.

E foi assim que um ratinho pequenino salvou o Rei dos Animais.

Moral da história: Não devemos subestimar os outros (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

A Lebre e as Rãs – Adaptação de Teresa Pacheco

Certo dia, uma Lebre queixou-se amargamente às amigas:

- Vivemos uma vida pavorosa porque temos medo de tudo: temos medo dos homens, dos cães, das águias, das raposas... enfim, somos obrigadas a dormir com um olho aberto e outro fechado, prontas para fugir.

Todas concordaram e lamentaram-se dizendo que mais valia morrerem do que viverem sempre assustadas, com medo de tudo e de todos.

Nisto, passaram por um charco. Quando as Rãs que aí viviam sentiram a sua aproximação, saltaram espavoridas para a água, fugindo delas.

Então, disse uma das Lebres:

- Amigas, deixemo-nos de lamentos! Vejam como também nós podemos assustar outros seres!

Moral da história: Não há na terra um covarde que não encontre outro mais covarde ainda (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

A Raposa e a Cegonha – Tradução de Curvo Semedo

Quis a raposa matreira
 Que excede a todas na ronha.
 Lá por piques de outro tempo,
 Pregar um ópio à cegonha.

Topando-a, lhe diz: "Comadre,
Tenho amanhã belas migas,
E eu nada como com gosto
Sem convidar as amigas.

De lá ir jantar comigo
Quero que tenha a bondade:
Vá em jejum porque pode
Tirar-lhe o almoço a vontade".

Agradeceu-lhe a cegonha
Uma oferenda tão singela,
E contava que teria
Uma grande fartadela.

Ao sítio aprazado foi.
Era meio-dia em ponto.
E com efeito a raposa
Já tinha o banquete pronto.

Espalhadas em um lajedo
Pôs as migas do jantar
E à cegonha diz: "Comadre,
Aqui as tenho a esfriar.

Creio que são muito boas, —
Sansfaçon, — vamos a elas".
Eis logo chupa metade
Nas primeiras lambidelas.

No longo bico a cegonha
Nada podia apanhar;
E a raposa em ar de mofa,

Mamou inteiro o jantar.

Ficando morta de fome,
Não disse nada a cegonha;
Mas logo jurou vingar-se
Daquela pouca vergonha.

A dar-me o gosto amanhã
D'ir também jantar comigo".

A raposa lambisqueira
Na cegonha se fiou,
E ao convite, às horas dadas,
No outro dia não faltou.

Uma botija com papas
Pronta a cegonha lhe tinha;
E diz-lhe: "Sem cerimônia,
A elas, comadre minha".

Já pelo estreito gargalo
Comendo, o bico metia;
E a esperta só lambiscava
O que à cegonha caía.

Ela, depois de estar farta,
Lhe disse: "Prezada amiga,
Demos mil graças ao céu
Por nos encher a barriga".

A raposa conhecendo
A vingança da cegonha,
Safou-se de orelha baixa.
Com mais fome que vergonha.

Enganadores nocivos,
Aprende esta lição.
Tramas com tramas se pagam.
Que é pena de Talião.

Se quase sempre os que iludem
Sem que os iludam não passam.
Nunca ninguém faça aos outros
O que não quer que lhe façam (LA FONTAINE, 2005, p. 46-48).

A Tartaruga e os Patos – Adaptação de Teresa Pacheco

Era uma vez uma Tartaruga que queria conhecer o mundo. Confiou este seu desejo a dois Patos que viviam perto dela, numa lagoa.

Um belo dia, a lagoa secou e os Patos prepararam-se para partir. Antes, porém, foram despedir-se da sua amiga e fizeram-lhe um convite:

- Se quiseres, podes vir conhecer o mundo conosco. Cada um de nós segura a ponta de um ramo e tu agarras-te bem a ele com a boca. Assim, ficarás em segurança e poderás ver, lá do alto, cidades e reinos maravilhosos.

A Tartaruga nem pensou duas vezes: aceitou o convite e, nesse mesmo dia, partiram todos à aventura. Sobrevoaram aldeias, cidades e reinos de encantar. Quando passavam por cima de um campo, os camponeses admiraram-se com o que viram e gritaram:

- Vejam! Vejam! Uma Tartaruga a voar!
- Como sou extraordinária! – Gritou a Tartaruga cheia de orgulho.
Porém, assim abriu a boca, largou o ramo e estatelou-se no chão.

Moral da história: Aceita o triunfo com modéstia (LA FONTAINE, 2017, s./p.).

FÁBULAS BRASILEIRAS

ROCHA, Justiniano

O Cão e a Máscara

Procurando um osso que roer, encontrou um cão uma máscara: era formosíssima, e de cores tão belas quão animadas; o cão farejou-a, e reconhecendo o que era, desviou-se com desdém.

A cabeça é de certo bonita, disse; mas não tem miolos.

MORALIDADE: Sobram neste mundo cabeças bonitas, porém desmioladas que só merecem desprezo (ROCHA, 2001, p. 6).

A Raposa e o Socó.

Convidou a raposa a um socó para jantar em sua companhia; devia-lhe obrigações, dizia, e queria obsequiá-lo. O socó aceitou o convite, e foi-se preparando para fazer honra ao banquete de sua amiga. Essa, porém, fez servir uma espécie de sorda, posta em um prato raso. Devia estar saborosa, pois só o seu perfume despertava o apetite; mas como a sorveria o socó com seu comprido e agudo bico? Multiplicou bicadas, magoou-se todo, e ficou jejuando, entretanto a raposa foi lambendo, e deu com tudo no bucho. Desejoso de vingar-se, mas ocultando sua tenção, o socó agradeceu a raposa a fineza do convite, e disse que lho queria retribuir, convidando-a para daí a oito dias jantar em sua casa. A raposa, que é voraz, aceitou pressurosa. O vingativo socó apresentou-lhe em um vaso de comprido gargalo uma espécie de carne desfiada. No vaso não podia à raposa introduzir o focinho para alcançar a comida, e o socó de cada bicada arrancava e engolia um comprido naco. Quis enfadar-se a raposa, refletiu porém, e vendo que era uma justa desforra da sua graça, meteu o caso à bulha, e foi-se em jejum, ainda que não emendada.

MORALIDADE: Não zombes com os outros, pois achar-te-ás exposto a iguais zombarias (ROCHA, 2001, p. 24).

Bomsucesso, Anastácio

O Burro e a Locomotiva

Wagon formoso, do progresso filho,
N'uma veloz carreira que levava,
Zombando assim falou a pobre burro,
Que muito vagaroso
Duas feias canastras carregava.

«Dez viagens já fiz; — no mesmo ponto
Venho ainda encontrar-te, ó companheiro!
Nesse andar em que vais, quando chegares
Ao fim da tua empresa
O mundo terei visto, ó mau sendeiro!»

«Louvo muito, amiguinho, a vossa pressa,
Lhe diz o burro, que manhoso ria,
Pretendo em meu vagar chegar bem longe!
Andai, correi, voai,
Não vos quero impedir. — Até um dia.»

Onde a locomotiva? Eil-a voando,
Longo espaço percorre, oh maravilha!
Porém ouviu-se um grito, e fumo e fogo
Proclamação que expirava
Da industria moderna a bella filha!

Todos chorão seu fim tão prematuro:
Té o sendeiro maldizendo a sorte
Soluçando assim falia: «oh! pobre joven,
No meio da existência,
luda beijando a vida, abraça a morte!»

Para alcançar os bens que a vida encerra
 Não é bom, penso assim, ter a presteza
 Do ligeiro wagon dos nossos dias;
 Mas do manhoso burro
 Não penseis que eu applaudo a vagareza.

E dos extremos, que tão mal figuro
 Nos versos que público, com receio
 Atrevo-me a tirar esta sentença :
 - Na carreira da vida
 Caminha, meu leitor, n'um justo meio (BOMSUCESSO, 1860, p. 27-28).

O Gallo e o Condor

Em Sorata, que dos Andes
 E' muito elevado pico,
 Um condor por passatempo
 Amolava brincando o forte bico.

Depois, olhando as planícies,
 Viu algures n'um terreiro
 Um pobre gallo trepado
 Bem contente e alegre em seu poleiro.

O Condor de cima exclama:
 «Quem pode viver no chão!
 Pobre bicho, infeliz ave,
 Eu tenho de ti pena e compaixão!»

O gallo sosinho canta,
 E seu senhor que então passa
 Lhe diz, sorrindo contente,
 «Sabes, ó meu amigo, eu vou à caça».

Por este tempo descia
Lã dos altos o condor
Em busca de refeição.
Vendo-o, lhe deu um tiro o caçador.

Cahe por terra a soberana
Da cordilheira elevada,
Raivosa porque se via
Por humano poder aniquilada.

Cortão-lhe as azas, e dão-lhe
No chão humilde repouso,
E o tal caçador tranquillo
Afirma que aos mortaes nada é custoso.

Agora sem soberbia,
No mesmíssimo terreiro
O condor perto do gallo
Repousa muito humilde em um poleiro.

Desta agua não beberei,
E' adagio muito antigo,
Portanto, rico, ditoso,
Não blasones, te diz, o vate amigo (BOMSUCESSO, 1860, p. 33-34).

As Moedas

Um rei decretou um dia:
«Só se fabriquem moedas
De escuro, vermelho cobre».
Ao seu rei abençoou
Tudo que foi gente pobre.

«Mas os ricos se alvoroção,

Há barulho na cidade;
 O rei ordena ao thesouro:
 «Com a maior brevidade
 Circule somente o ouro».

«Guerra, guerra, o povo grita!»
 Vendo o rei então tous cousas,
 Muito depressa ordenava:
 «Circule o cobre e o ouro,
 Como d'antes circulava».

O Comunismo será
 (Hoje são as minhas crenças)
 Talvez um sonho jocundo:
 Resulta das diferenças
 A harmonia do mundo (BOMSUCESSO, 1860, p. 36-37).

O Negro e o Cavallo

Um cavallo movendo a linda cauda
 Em limpa e assejada estrebaria,
 Viu chegar a ração, que um pobre negro
 Com o pranto nos olhos lhe trazia.

- Porque choras? Pergunta-lhe o ginete.

A voz do negro soluçando falla:

- Tu tens prazeres, alegria, vida;

Eu – privações em lúgubre senzala.

Dás lucros ao senhor. N'uma corrida
 Ganhas contos de réis, - tens palmas, bravos;
 Eu não posso correr, faço despesas,
 Sustenta, meu patrão, milhões de escravos!

E' com o suor dos miseros captivos,
 Diz o cavallo, seus quadris movendo,
 Que teu amo sustenta cem corseis,
 Nas apostas do Prado se envolvendo?

Não chores mais. Segura-te ao meu dorso,
 Vamos buscar libérrimas campinas. –
 E o cavallo galopa, e rindo, o negro
 Vôa com elle, lhe beijando as crinas.

Quando chegou à terra abençoada
 Aonde não mais geme o captiveiro,
 O benfeitor contempla – um homem livre,
 Disse-lhe adeus! E some-se ligeiro.

Da carreira veloz voltando ufano,
 Cansado entrou em sua linda estala,
 E viu que um grande fogo crepitando,
 A cinzas reduzia a vil senzala!

*

Do meu corcel as patas generosas
 Dão fecunda lição à humanidade...
 Amanhã, hoje mesmo, a luz se faça: -
 - A galope, a galope, à liberdade! (BOMSUCESSO, 1895, p. 229-230).

BILAC, Olavo

O Leão e o Camundongo

Um camundongo humilde e pobre
 Foi um dia cair nas garras de um leão.
 E esse animal possante e nobre
 Não o matou por compaixão.

Ora, tempos depois, passeando descuidoso,
Numa armadilha o leão caiu:
Urrou de raiva e dor, estorceu-se furioso....
Com todo o seu vigor as cordas não partiu.

Então, o mesmo fraco e pequenino rato
Chegou: viu a aflição do robusto animal,
E, não querendo ser ingrato,
Tanto as cordas roeu, que as partiu afinal...

Vede bem: um favor, feito aos que estão sofrendo,
Pôde sempre trazer em paga outro favor.
E o mais forte de nós, do orgulho se esquecendo,
Deve os fracos tratar com caridade e amor (BILAC, 1904, p. 123-124).

O Lobo e o Cão

Encontraram-se na estrada
Um cão e um lobo. E este disse
«Que sorte amaldiçoada!
Feliz seria, se um dia
Como te vejo me visse.
Andas gordo e bem tratado.
Vendes saúde e alegria:
Ando triste e arrepiado,
Sem ter onde cair morto!
Gozas de todo o conforto
E estás cada vez mais moço;
E eu, para matar a fome,
Nem acho às vezes um osso!
Esta vida me consome...
Dize-me tu, companheiro:
Onde achas tanto dinheiro?»

Disse-lhe o cão:

«Lobo amigo!

Serás feliz, se quiseres

Deixar tudo e vir comigo;

Vives assim porque queres...

Terás comida à vontade,

Terás afeto e carinho,

Mimos e felicidade,

Na boa casa em que vivo!»

Foram-se os dois. Em caminho,

Disse o lobo, interessado:

«Que é isto? Por que motivo

Tens o pescoço esfolado?»

— «É que, às vezes, amarrado

Me deixam durante o dia...»

«Amarrado? Adeus, amigo!

(Disse o lobo) Não te sigo!

Muito bem me parecia

Que era demais a riqueza...

Adeus! Inveja não sinto:

Quero viver como vivo!

Deixa-me, com a pobreza!

— Antes livre, mas faminto,

Do que gordo, mas cativo!» (BILAC, 1904, p. 125-127).

A Rã e o Touro

Pastava um touro enorme e forte, à beira d'agua.

Vendo-o tão grande, a rã, cheia de inveja e mágoa,

Disse: «Por que razão hei-de-ser tão pequena,

Que aos outros animais só faça nojo e pena?

Vamos! quero ser grande! Incharei tanto, tanto,

Que, imensa, causarei às outras rãs espanto!»

Pôs-se a comer e a inchar. E às rãs interrogava:

«Já vos pareço um touro?» E inchava, inchava, inchava!..

Mas em vão! Tanto inchou que, num tremendo estouro,

Rebentou e morreu, sem ficar como o touro.

Essa tola ambição da rã que quer ser forte

Muitos homens conduz ao desespero e à morte.

Gente pobre, invejando a gente que é mais rica,

Quer como ela gastar, e inda mais pobre fica:

— Gasta tudo que tem, o que não tem consome,

E, por querer ter mais, vem a morrer de fome (BILAC, 1904, p. 118-119).

O Soldado e a Trombeta

Um velho soldado

Um dia por terra

A espada atirou;

Da guerra cansado,

Com nojo da guerra,

As armas quebrou.

Entre elas estava

Trombeta esquecida:

Era ela que no ar

Os toques soltava,

E à luta renhida

Tocava a avançar.

E disse: «Meu dono,

E justo que a espada

Tu quebres assim!

Mas que, no abandono,

Fique eu sossegada!
Não quebres a mim!

Cantei tão somente...
Não sejas ingrato
Comigo também!
Eu sou inocente:
Não piso, não mato,
Não firo a ninguém...

Nas horas da luta
Alegre ficavas,
Ouvindo o meu som.
Atende-me! Escuta!
Se então me estimavas,
Agora sê bom!»

E o velho guerreiro
Lhe disse: «Maldita!
Prepara-te! Sús!
Teu som zombeteiro
As gentes excita,
A guerra as conduz!»

Terrível, irado,
Jogou-a por terra,
Sem dó a quebrou...
E o velho soldado,
Cansado da guerra
Por fim repousou (BILAC, 1904, p. 120-122).

NETTO, Coelho

A Árvore que cantava

Certa manhã o rei, que prometera a mão da princesa a quem conseguisse chegar ao reino das fadas, foi avisado de que certo mancebo desejava falar-lhe para referir episódios maravilhosos da viagem que empreendera ao país encantado, onde mortal algum jamais chegara.

O rei ficou em alvoroçada curiosidade e todos os áulicos agitaram-se com a notícia, sendo imediatamente despachada ordem para que o mancebo fosse introduzido na sala do trono, onde o monarca o esperava entre os nobres da sua corte.

A princesa não desviava os lindos olhos da porta por onde devia entrar o ousado moço que, por seu amor, arriscara a vida entre gnomos e dragões, que tais eram os guardas das sete portas de bronze da capital do reino das fadas e sorriu, alegremente comovida, com duas rosas vivas nas faces, vendo aparecer o herói, que era jovem, formoso e senhoril.

Inclinando-se graciosamente diante do rei e d'aquela que seria sua, se as provas confirmassem o que alegara, pôs-se a narrar a sua viagem, longa e penosa, por entre penhascos, através de campinas eriçadas de espinheiros, cheia de episódios interessantes, aos quais nem faltaram combates que teve de travar com anões que surgiam, aos milhares, das moutas de violetas, com um somido impertinente que era a voz das suas tubas, enristando espinhos, que eram as suas lanças.

Descreveu os imensos e alfombrados jardins, as fulgurantes montanhas de cristal, os vastos palácios de jaspe e ônix sustentados por fortes colunas de pórfiro e ladrilhados a ágatas e topázios.

Falou dos gigantes, altos como torres, que guardavam rebanhos de carneiros de velo de seda lustrosa e chavelhos de ouro; falou das formosas mulheres, que tanta vez admirara nos prados floridos, banhando-se nas mansas ribeiras coalhadas de nenúfares, aderençando ginetes, mais alvos do que a neve ou remontando-se, em carros refulgentes que eram tirados por águias brancas.

Todos ouviam-no interessados e, ao cabo da narração, como o rei pedisse uma prova, porque não bastavam palavras, mostrou o moço uma romã de ouro, cujas bagas eram preciosos rubis, dizendo havê-la colhido no pomar do palácio da rainha das fadas.

O rei e a princesa admiravam o formoso fruto quando um dos cortesãos, homem invejoso e que também pretendia a mão da donzela real, adiantou-se dizendo:

— O fruto é lindo, senhor, mas bem pode ter saído da oficina de algum ourives. Se veio de galho d'árvore, outros iguais tenho eu visto em montras de joalheiros.

Todos os cortesãos concordaram com o fidalgo, mas o rei, que simpatizara com o mancebo, pediu-lhe outra prova do que dissera.

— Senhor, disse o jovem, tenho comigo o bastante para convencer, não só a V. M. como a todos os nobres da corte.

E, fitando os olhos no invejoso, perguntou:

— No vosso andar pelo mundo já vistes, por acaso, árvore que cantasse, desferindo acentos tão suaves como os desfere a mais afinada garganta?

— Confesso que ainda não vi, não pude deixar de responder o odioso fidalgo.

E todos entreolharam-se com visíveis sinais de dúvida, alguns sorriram, tomando, talvez, por louco ao moço pretendente. Ele, porém, tirando do bolso da vestia uma semente, apresentou-a ao rei, dizendo:

— Senhor, foi no parque do palácio da rainha das fadas que vi e ouvi a árvore que canta. Era linda a noite: de luar e animada pelos silfos luminosos, pequeninos como lavandiscas, que iam duma a outra flor. Uns sentavam-se nas pétalas, outros escondiam-se nas corolas, rindo. Eu caminhava quando ouvi o canto delicioso.

Julguei, a princípio, que era uma das fadas que desafiava os rouxinóis, mas um elfo esvoaçou sussurrando a uma pequenina sílfide: «É a árvore que canta.» E eu, seguindo-lhe o voo, cheguei ao sítio onde ficava a árvore e, toda a noite, deliciado, deixei-me estar a ouvi-la, até que a manhã rompeu e a árvore calou-se.

Trago comigo uma semente da árvore que canta. Plantai-a no vosso parque e, antes de uma semana, tereis a árvore frondosa, provando, com os seus gorjeios, a verdade do que vos disse.

Aceitou o rei a proposta. Mas o invejoso fidalgo, que só pensava em desfazer-se do rival, que tão depressa conquistará as graças da princesa, disse severamente:

— Senhor, é justo que se faça a experiência, mas para que se não diga que fostes vítima de um embusteiro, que se lhe dê um prazo improrrogável ao fim do qual lhe caiba o prêmio ou seja punido como merece ser todo aquele que mente ao seu rei.

— Dou-lhe um mês, disse o soberano.

— Dois, delongou a princesa. Mas o mancebo replicou:

— Basta-me uma semana, nem mais um dia requeiro. Se, ao fim do prazo, não se houver realizado o que eu disse, que o carrasco me venha buscar na prisão em que devo ficar.

E, assim dizendo, entregou ao rei a semente preciosa.

— Planta-a tu mesmo, disse o monarca ao invejoso. Planta-a no parque, perto das janelas dos meus aposentos, para que eu seja o primeiro a ouvir-lhe o canto.

E o mancebo, que se sujeitara à condição, desceu, entre guardas, para a prisão do palácio.

De posse da semente maravilhosa, o cortezão perverso desceu ao parque com toda a corte e, enquanto o jardineiro abria uma cova, pode, sorratamente, substituir a semente por um seixo que foi logo coberto sem que os do grupo dessem pela troca e, certo da vitória, voltou-se radiante, dizendo:

— Dentro de uma semana teremos uma árvore a cantar, se a não tivermos lá fora, ao sol, balançando um corpo no seu galho seco.

Referia-se à força em que devia ser justificado o seu formoso rival.

Recolhendo ao seu palácio, desceu ao subterrâneo e lá, bem no fundo, cavando um fosso, deixou ficar a semente, cobrindo-a com terra e pedrouços para que não vingasse, e, tranquilo — porque tinha por inevitável a morte do mancebo — subiu, dizendo que fora a adega escolher um vinho precioso para oferecer ao rei no dia do seu próximo aniversário.

Todas as manhãs a princesa, muito interessada na vitória do mancebo e também curiosa de ouvir o canto da árvore, abria a janela e, nada ouvindo, descia ao parque e ia examinar o sítio em que fora plantada a semente. Nada!

E a princesa chorava pesarosa, lamentando que tão guapo moço acabasse na força por seu amor.

Os cortesãos sorriam. O próprio rei, impaciente, não ocultava o seu despeito, louvando a subtileza do fidalgo que o ia vingar exemplarmente da mistificação do embusteiro. «Que morra!» bradava enfurecido.

E os dias passavam.

Na véspera de findar o prazo foram à prisão e acharam o moço dormindo tão tranquilamente que os próprios guardas tiveram pena de despertá-lo. Mas o fidalgo, para gozar a sua crueldade, chamou-o:

— Eh! amigo, expira amanhã o prazo que pediste e da árvore não há sinal na terra do parque. Andam operários na praça a levantar a forca em que, ao romper d'alva, se fará justiça ao teu procedimento vil.

Os olhos do mancebo relampejaram d'ódio. Logo, porém, contendo-se, respondeu serenamente ao fidalgo:

— Se a semente foi plantada, a árvore cantará antes da minha morte.

E, de novo, deitou-se nas palhas do cárcere.

Ao alvorecer do dia fatal as trombetas soaram chamando os burgueses a grande praça onde fora levantada à forca.

A tropa estendia-se em duas alas, desde o palácio real até o sítio do suplício. As janelas ficaram apinhadas de curiosos e era tamanha a aglomeração nas ruas que iam ter à praça que os soldados dificilmente mantinham as posições sendo, às vezes, forçados a repelir a turba com violência para contê-la à distância, deixando livre a passagem por onde devia transitar o sinistro cortejo.

O palácio do invejoso dava a frente para a praça, fronteiro ao paço em cujo balcão o rei e a princesa, cercados de camaristas e damas, esperavam o condenado.

Ao clangor das tubas o povo ondulou apertando-se a mais e mais e logo apareceu a carreta em que vinha o mancebo, d'alva, manietado, entre soldados que empunhavam lanças. Um esquadrão de cavalaria acompanhava o trágico veículo.

Justamente quando chegava à forca o mancebo estremeceu e, no silêncio comovido que se fizera, ouviram todos uma voz suavíssima, cantando. O condenado sorriu e, erguendo os olhos para o balcão real, disse:

— Senhor, é a árvore que canta. Escutai-a.

E todos, extasiados, procuravam a direção do canto.

O fidalgo, pouco antes alegre, triunfante, empalidecia à janela do seu palácio, e a voz, cada vez mais meiga, soava docemente.

De repente alguém disse na multidão, apontando o palácio do invejoso: «É d'ali que vem o canto!» E uma turba imensa avançou contra o palácio, aos brados; mas as portas, que eram de bronze, resistiram ao choque.

O rei, então, que começava a suspeitar do fidalgo, desceu à praça e, entre os seus arceiros, intimou o vassalo a abrir-lhe as portas. O miserável obedeceu, recebendo o monarca no vestíbulo, zumbido, com um suor gelado a escorrer-lhe da fronte. E a voz, cada vez mais suave, encantava com a sua melodia.

— Quem canta no teu palácio? Perguntou o rei serenamente. Dize a verdade se não queres que os meus archeiros te levem daqui arrastado ao patíbulo que fizeste levantar na praça.

— Senhor, é a árvore que canta.

— Onde a plantaste?

— No subterrâneo do palácio.

— Leva-me, quero vê-la.

Caminhando humilhado, o fidalgo desceu à adega tenebrosa e úmida, precedendo o rei e a sua comitiva, e lá estava a árvore frondosa, verde, florida e cantando.

— E que plantaste no parque real?

— Um seixo, senhor.

E, sem achar palavra para defender-se, o vilíssimo homem prostrou-se aos pés do rei pedindo apenas a vida.

O soberano desprezou-o e, subindo em passos ligeiros, atravessou a praça, ordenando que conduzissem a sua presença o moço condenado.

A princesa exultava e maior foi a sua alegria quando, ao aparecer o moço, o rei o levou ao balcão, apresentando-o ao povo como — o prometido noivo de sua filha.

Estrugiram aclamações e, não fosse a soldadesca, e o palácio do invejoso teria sido varejado pela multidão indignada.

E a árvore cantava docemente e o seu canto vencia o vozear da turba.

Bem dissera o moço:

«Se a semente foi plantada, a árvore cantará antes da minha morte».

A verdade é como a semente da árvore que cantava: traíam-na com os sofismas, abafem-na, releguem-na da luz, que ela rebentará fulgurante, dando a vitória à justiça e confundindo o traidor (NETTO, 1904, p. 174-189).

A Cobra e o Gaturamo

O tempo era de grande esterilidade e os animais andavam esfomeados.

Uma cobra, que se arrastara, todo o dia, ao sol, pelo areal abrasado, à procura de alguma coisa com que atendesse a fome que lhe roía as entranhas, perdida toda a esperança, enroscou-se em uma pedra e ali se deixou ficar à espera da morte.

lam-se-lhe fechando os olhos de fraqueza quando um passarinho pôs-se a cantar num ramo seco, lançando tão alegres vozes, que a cobra, que era matreira, logo percebeu que tinha de avir-se com um novato, porque passarinho velho não seria tão indiferente aos males que, em vez de procurar migalhas, andasse a rolar gorjeios em tempo tão infeliz.

Assim, instruída pela experiencia, imaginou uma traça astuta e, espichando o pescoço, pôs-se a gemer com altos guaiados:

— Ai, de mim, que vou morrer sem alguém que me valha. Ai, de mim!

Ouviu-a o gaturamo e, porque era curioso, voou do galho ao chão.

Pondo-se diante da cobra, interrogou-a:

— Que tendes, senhora cobra? Por que assim gemeis tão aflita?

— Ai, de mim! Fui ali acima à fonte, achei água tão fresca e pus-me a beber tão sôfrega, que engoli um diamante do tamanho de uma noz. Tenho-o atravessado na garganta e morrerei se não encontrar pessoa de caridade que m'o queira tirar. Vale um reino a pedra, e eu a darei por prêmio a quem me fizer o benefício de arrancar-m'a da goela, onde se encravou.

Tufou-se em arrufo pretencioso o enfatuado gaturamo e, pensando no tesouro que ali tinha ao alcance do bico, redarguiu à cobra:

— São é pelo que vale o diamante, mas pelo alto apreço em que vos tenho que me ofereço para aliviar-vos. Abri a boca.

Não se fez a cobra rogar e, tanto que sentiu entrar o passarinho, foi um trago.

Então, saciada e rindo — como riam as cobras — enrodilhou-se de novo e adormeceu contente (NETTO, 1924, p. 13-14).

PIMENTEL, Figueiredo

O Cágado e o Urubu

O cágado e seu companheiro urubu foram convidados para uma festa no céu. O urubu, querendo debicá-lo, disse:

— Então, compadre cágado, já sei que vai à festa e eu quero ir em sua companhia.

— Pois não, respondeu o outro, contanto que você leve a sua viola.

Separaram-se, ficando o urubu de ir à casa do cágado, para irem juntos.

No dia seguinte, logo muito cedo, o urubu apareceu. O cágado estava à janela, e assim que o viu voando, escondeu-se.

O outro entrou, e foi a mulher quem o recebeu. Convidou-o a passar para a sala de jantar.

– Venha cá para dentro tomar uma xícara de café. Deixe aí a sua violinha, que ninguém a quebra.

O cágado, assim que o urubu passou, meteu-se dentro da viola.

– E seu marido, comadre?

– Ora, mandou pedir mil desculpas, mas já foi adiante.

O urubu, acabando o café, pegou na viola sem nada desconfiar, abriu voo e chegou ao céu.

Perguntaram-lhe pelo cágado, sabendo que haviam combinado vir juntos.

– Qual! Pois vocês pensam que ele vem? Quando lá embaixo ele nem sabe andar, quanto mais voar!

Pilhando-o distraído, o cágado saiu da viola e apareceu no meio dos outros, que se admiraram muito ao vê-lo.

Dançaram e brincaram até tarde.

Acabada a festa, usando do mesmo estratagema, o cágado meteu-se dentro da viola.

O urubu descia voando, quando o cágado se mexeu sem querer.

– Ah! É assim que você sabe voar? Pois voa mais depressa, exclamou o companheiro virando a caixa.

O cágado despenhou-se daquela imensa altura, e, quando vinha chegando à terra, vendo que ia se esborrachar sobre uma pedra, começou a berrar:

– Arreda, pedra, senão eu te esborracho!

Quem caiu foi ele, que se achatou completamente, ficando com a forma que ainda hoje conserva (PIMENTEL, 1896, p. 88-89).

A Onça e a Raposa

Sendo inseparáveis amigas, a raposa e a onça brigaram um dia. Aquela, por ser ladina e esperta, conseguia fugir e evitar a sua inimiga, todas as vezes que se encontravam.

Por mais estratégias que empregasse, a onça nunca pôde agarrá-la. Lembrou-se, então, de se fingir de morta.

A notícia correu pelo mato, e os bichos foram ver o cadáver, deitado de barriga para o ar. Sabendo que a sua adversária morreria, a raposa quis certificar-se se era verdade. Dirigiu-se com muita cautela para o lugar onde o corpo se achava, e, chegando perto, perguntou:

– Então a onça está morta de verdade?

– Está, respondeu o macaco.

– Ela já arrotou? Perguntou a raposa.

– Ainda não, disse o lagarto. Por quê? Quando a gente morre, costuma arrotar?

– Pois você não sabia? O meu defunto avô, quando faleceu, arrotou três vezes, respondeu a raposa.

A onça ouvindo aquilo, arrotou.

– Os mortos não arrotam, exclamou a raposa, correndo.

Desesperada por ver que o seu plano falhara, a onça levantou-se, e desistiu da vingança (PIMENTEL, 1896, p. 99).

LOBATO, Monteiro

A Cigarra e as Formigas

I - A FORMIGA BOA

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu — *tique, tique, tique...*

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

— Que quer? — perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

— E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... — exclamou a formiga recordando-se. — Era você então quem cantava nesta árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

II - A FORMIGA MÁ

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou — emprestado, notem! — uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

— Que fazia você durante o bom tempo?

— Eu... eu cantava!

— Cantava? Pois dance agora, vagabunda! — E fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera, o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas — poetas, pintores, músicos — são as cigarras da humanidade.

*

— Esta fábula está errada! — gritou Narizinho. — Vovó nos leu aquele livro do Maeterlinck sobre a vida das formigas — e lá a gente vê que as formigas são os únicos insetos caridosos que existem. Formiga má como essa nunca houve.

Dona Benta explicou que as fábulas não eram lições de História Natural, mas de Moral.

— E tanto é assim — disse ela —, que nas fábulas os animais falam e na realidade eles não falam.

— Isso não! — protestou Emília. — Não há animalzinho, bicho, formiga ou pulga que não fale. Nós é que não entendemos as linguinhas deles.

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

— Sim, mas nas fábulas os animais falam a nossa língua e na realidade só falam as linguinhas deles. Está satisfeita?

— Agora, sim! — disse Emília muito ganjenta com o triunfo. — Conte outra (LOBATO, 2019, p. 15-18, *grifos do autor*).

Os dois Pombinhos

Eram felizes. Queriam-se muito e contentavam-se com o que tinham. Mas um deles perdeu a cabeça e, farto de tanta paz, encasquetou na cabeça a ideia de correr mundo.

— Para quê? — advertiu o companheiro. — Não é tão sossegado aqui neste remanso?

— Quero ver terras novas, respirar novos ares.

— Não vá! Há mil perigos pelo caminho, incertezas, traições. Além disso, o tempo não é próprio. Época de temporais.

De nada valeram os bons avisos. O pombinho assanhado beijou o companheiro e partiu.

Nem de propósito, uma hora depois o céu se tolda, os ventos rugem. O imprudente viajante aguenta o temporal inteiro fora de abrigo, encolhido numa árvore seca. Sofre horrores; mas salva-se, e quando veio a bonança pôde continuar a viagem. Dirigiu-se a um lindo arrozal, pensando:

— Que vidão irei passar neste mimoso tapete de verdura!

Ai...! Nem bem pousou e já se sentiu preso num laço.

Uma hora de desespero, a debater-se...

Foi feliz ainda. O laço, apodrecido pelas chuvas, rompeu-se e o pombinho safou-se. E fugiu, exausto, com várias penas de menos e um fio de barbante aos pés, a lhe embaraçar o voo.

Nisto um gavião surge e se precipita sobre ele com rapidez de flecha. O mísero pombinho, atarantado, mal tem tempo de abrigar-se no terreiro de um casebre de lavradores. Desse modo livrou-se do rapinante, mas não pôde se livrar de um menino que, de bodoque em punho, correu para cima dele e espeloteou-o.

Corre que corre, perereca que perereca, o mal-aventurado pombinho conseguiu ainda uma vez escapar, oculto num oco de pau.

E ali, curtindo as dores da asa quebrada, esperou pacientemente que o inimigo se fosse. Só então, com mil cautelas, pôde fugir para o ninho.

Ao vê-lo chegar, arrastando a asa, depenado, moído de canseira, o companheiro beijou-o por entre lágrimas e disse: “Bem certo o ditado: Boa romaria faz quem em casa fica em paz”.

*

— Não concordo, vovó! — disse Pedrinho. — Se toda gente ficasse fazendo romaria em casa, a vida perderia a graça. Eu gosto de aventuras, nem que volte de perna quebrada.

— Eu também! — berrou Emília. — E hei de escrever uma fábula ao contrário dessa.

— Como?

— Assim que o pombinho viajante partiu, um caçador aparece e dá um tiro no que ficou fazendo romaria em paz. Quando o viajante volta, todo estropiado, vê as penas do companheiro no chão, manchadas de sangue. Compreende tudo e diz: “Quem vai, volta estropiado; mas quem não vai, cai na panela”.

Dona Benta explicou que a sabedoria popular é uma sabedoria de dois bicos. Muitos ditados são contraditórios.

— Há um que diz: “Quem espera sempre alcança” e outro diz: “Quem espera desespera”.

Conforme o caso, a gente escolhe um ou outro — e quem ouve elogia a sabedoria da sabedoria popular (LOBATO, 2019, p. 92-93).

FERNANDES, Millôr

O Lobo e o Cordeiro

Estava o cordeirinho bebendo água, quando viu refletida no rio a sombra do lobo. Estremeceu, ao mesmo tempo que ouvia a voz cavernosa: “Vais pagar com a vida o teu miserável crime”. “Que crime?” – perguntou o cordeirinho tentando ganhar tempo, pois já sabia que com lobo não adianta argumentar. “O crime de sujar a água que eu bebo”. “Mas como posso sujar a água que bebes se sou lavado diariamente pelas máquinas automáticas da fazenda?” – indagou o cordeirinho. “Por mais limpo que esteja um cordeiro é sempre sujo para um lobo” – retrucou dialeticamente o lobo. “E vice-versa” – pensou o cordeirinho, mas disse apenas: “Como posso eu sujar a sua água se estou abaixo da corrente?” “Pois se não foi você foi seu pai, foi sua mãe ou qualquer outro ancestral e eu vou comê-lo de qualquer maneira, pois como rezam os livros de lobologia, eu só me alimento de carne de cordeiro” – finalizou o lobo preparando-se para devorar o cordeirinho. “Ein moment! Ein moment! – gritou o cordeirinho traçando lá o seu alemão kantiano. “Dou-lhe toda razão, mas faço-lhe uma proposta: se me deixar livre atrairei pra cá todo o rebanho”. “Chega de conversa” – disse o lobo – “vou comê-lo logo, e está acabado”. “Espera aí” – falou firme o cordeiro – isso não é ético. Eu tenho, pelo menos, direito a três perguntas”. “Está bem” – cedeu o lobo irritado com a lembrança do código milenar da jungle. – “Qual é o animal mais estúpido do mundo?” “O homem casado” – respondeu prontamente o cordeiro. “Muito bem, muito bem!” – disse o lobo, logo refreando, envergonhado, o súbito entusiasmo. “Outra: a zebra é um animal branco de listras pretas ou um animal preto de listras brancas?” “Um animal sem cor pintado de preto e branco para não passar por burro”. – respondeu o cordeirinho. “Perfeito!” – disse o lobo engolindo em seco. “Agora, por último, diga uma frase de Bernard Shaw”. “Vai haver eleições em 66”. – respondeu logo o cordeirinho mal podendo conter o riso. “Muito bem, muito certo, você escapou!”

– deu-se o lobo por vencido. E já ia se preparando para devorar o cordeiro quando apareceu o caçador e o esquartejou.

Moral: Quando o lobo tem fome não deve se meter em filosofias (FERNANDES, 1973, p. 21).

WANKE, Eneo

O Camundongo da cidade e o do campo

O camundongo da cidade foi para o campo a fim de mudar de ares e se refazer do “stress” do dia-a-dia. Hospedou-se na toca de um primo que vivia frugalmente. Quase que passava fome.

Depois de alguns dias, não aguentou mais aquilo.

- Vamos para a cidade, meu caro. Verá que é tudo melhor no Rio de Janeiro, a Cidade Maravilhosa!

Foram. Efetivamente, o ratinho do campo achou fartura e abundância. Jamais tinha passado tão bem. Em toda parte havia lixo e comida para escolher à vontade: nas ruas, nos bueiros, nas praças, nas fábricas, nas favelas... Era mesmo maravilhosa, a cidade!

E quando mandou notícias para os ratos amigos que deixara no campo, elas foram tão entusiásticas, encorajadoras e convincentes que, a partir de então, houve um êxodo rural de ratos em direção à cidade sem precedentes. Isso acabou por preocupar as autoridades. Mas só a preocupar, é claro, pois agir, quem disse? (WANKE, 1993, p. 50).

Autor anônimo

Um ciclo de amor

Ao serem eliminados nas fezes, Nector e Améria, dois parasitas da espécie *Necator americanus* causadores da ancilostomíase em humanos, quando ainda eram larvas de primeiro estágio já acreditavam no amor à primeira vista.

- Améria, é com você que quero viver o resto da minha vida parasitária. Sei que ainda somos jovens para pensar nisso, mas quando chegar no terceiro estágio, ou seja, na L3, quero morar contigo em um hospedeiro sadio e ali fazer do seu intestino delgado o nosso ninho de amor.

Améria muito emocionada, assentiu:

- Nector, desde a primeira vez que eu te vi, ainda no bolo fecal, me senti segura ao seu lado, e agora estamos juntos compartilhando na fase rabaditoides as bactérias e material orgânico como fonte de nutrição neste solo.

Chegou o sétimo dia de namoro, dia para comemorar, pois durante esse período Nector e Améria já passaram do primeiro estágio para o segundo, e agora estão amadurecendo seu amor e chegando no terceiro estágio.

Nector, feliz, declama:

- Améria, já estamos na forma infectante para o homem, agora vamos permanecer ativos por algumas semanas ou até meses, e antes da nossa reserva nutritiva acabar, já que não precisamos buscar mais alimentos no solo, eu tenho fé que vamos penetrar em nossa casa definitiva. - Concluiu - Não vejo a hora...

Já se passaram um mês e quase uma semana, Améria encontra um hospedeiro perfeito:

- Nector, olha só o hospedeiro dos meus sonhos! Ele está descalço, ou seja, de portas abertas para nos receber.

Nector muito animado:

- Améria, este é o momento. Quando penetrar tu pega a circulação linfática, até atingir os capilares pulmonares, ali vai ser nossa primeira parada, amor.

Chegou o momento, e muito ansiosa Améria foi a primeira a penetrar.

Nesta etapa eles atravessam a parede alveolar e entremeadas às secreções mucosas, ascendem [sic] pela árvore brônquica, passando pela laringe e faringe onde serão deglutidas chegando ao seu ninho de amor, o "intestino delgado".

Améria surpresa, comenta:

- Nector, amei toda a viagem, amei quando passamos pelo pulmão, depois faringe, e foi muito divertido a deglutição, completando o Ciclo de Loss.

- Ah! Amei, amei e amei...

Eles não imaginam, mas nesse momento o hospedeiro já sentia desconforto, ocasionando tosses.

Durante essa pequena viagem dentro do corpo do hospedeiro, o casal chegou na fase L4, ou melhor, no seu noivado.

- Améria, no intervalo de cinco a nove semanas vamos ficar adultos, seremos lindos vermes, e vamos nos casar!

Améria empolgada:

- Sim, seremos um lindo casal de vermes, vamos produzir muitos ovos... mas, agora estou com fome, depois dessa agitação, preciso comer e descansar um pouco.

Já passaram nove semanas e o momento L5 tão sonhado chegou:

- Nector, já somos adultos, não estou acreditando que vamos nos casar...

- acredite meu amor, não vejo a hora de lhe vê com um vestido “amarelão”, exclamou Nector.

Tudo preparado, Nector ansioso aguardava a entrada de sua noiva.

Améria entrou com um vestido “amarelão” de causar inveja aos parasitas convidados, e após a cerimônia, todos foram direcionados ao banquete:

Fiquem à vontade, disse Nector.

Ao se fixarem a mucosa e submucosa do intestino, o hospedeiro começava a perder sangue intestinal, sentindo sintomas gastrointestinais, como dor abdominal e vômito. Assim levando a uma anemia, deficiência de ferro por ingestão continuada de sangue pelos convidados parasitos.

Em lua de mel, Améria e Nector já comemorava sua grande produção de ovos, chegava a mais de 9.000 ovos por dia, e após o processo os seus filhinhos, os ovos, já queriam seguir cada um o seu caminho, pegando carona pelas fezes do hospedeiro para assim iniciar um novo ciclo, que seja mais um ciclo de amor (MENEZES, PANTOJA, PAIXÃO, 2020, p. 671.673-674).

ANEXO B

Figura 33 – Relação de todos os capítulos do livro “O Latim do Ginásio para a Terceira Série” com o título das fábulas de Fedro abordadas e os respectivos tópicos gramaticais

ÍNDICE GERAL	
	Pág.
PROGRAMA MÍNIMO	5
PROGRAMA ANALÍTICO.....	7
INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS.....	9
Capítulo I.	
Texto: <i>Prologo</i>	11
C. Iulius Phaedrus.....	11
Capítulo II.	
Texto: <i>Vulpes ad personam tragicam</i>	14
Primeira declinação ou palavras de tema em a... ..	16
Capítulo III.	
Texto: <i>Lupus et agnus</i>	18
Segunda declinação ou palavras de tema em o... ..	22
Capítulo IV.	
Texto: <i>Anus ad amphoram</i>	26
Adjetivos de primeira classe e adjetivos possessivos	27
Capítulo V.	
Texto: <i>Ranas ad solem</i>	31
Terceira declinação (temas em consoante).....	33
Capítulo VI.	
Texto: <i>Ovis, canis et lupus</i>	39
Terceira declinação (temas em vogal e temas mistos)	40
Capítulo VII.	
Texto: <i>Capella et hirci</i>	44
Anomalias da terceira declinação.....	45
Capítulo VIII.	
Texto: <i>Vacca, capella, ovis et leo</i>	47
Adjetivos de segunda classe.....	50
Capítulo IX.	
Texto: <i>Homo et colubra</i>	53
Quarta declinação.....	54
Capítulo X.	
Texto: <i>Ovis, cervus et lupus</i>	57
Quinta declinação e particularidades dos substantivos	58

Fonte: Nóbrega (1959).

Figura 34 – Continuação da relação de todos os capítulos do livro “O Latim do Ginásio para a Terceira Série” com o título das fábulas de Fedro abordadas e os respectivos tópicos gramaticais

Vandick Londres da Nóbrega	
	Pág.
Capítulo XI.	
Texto: <i>Rana rapta et lost</i>	60
Graus dos adjetivos. Formação irregular do comparativo e superlativo.....	62
Capítulo XII.	
Texto: <i>Mons parturiens</i>	66
Pronomes pessoais, reflexivos e possessivos.....	67
Capítulo XIII.	
Texto: <i>Graculus superbus et pavo</i>	70
Pronomes demonstrativos (<i>hic, haec, hoc, iste, ista, istud; ille, illa, illud</i>).....	73
Capítulo XIV.	
Texto: <i>Vulpes et hircus</i>	75
Pronomes <i>tu, tu, tui, idem, eadem, idem; ipse, ipsum, ipsum</i>	77
Capítulo XV.	
Texto: <i>Mustela et homo</i>	80
Pronomes relativos e interrogativos.....	81
Capítulo XVI.	
Texto: <i>Lupus et vulpes, iudice simio</i>	86
Pronomes indefinidos.....	88
Capítulo XVII.	
Texto: <i>Perae, sive de vitibus hominum</i>	92
Numerais cardinais e ordinais.....	94
Capítulo XVIII.	
Texto: <i>Asinus ad senem pastorem</i>	97
Numerais distributivos e multiplicativos.....	99
Capítulo XIX.	
Texto: <i>Taurus et vitulus</i>	101
Revisão das conjugações: o <i>inflectum</i>	102
Capítulo XX.	
Texto: <i>Calvus et quidam pili defectus</i>	112
Verbo. O <i>perfectum</i>	113
Capítulo XXI.	
Texto: <i>Vulpes et uva</i>	116
Paradigma das conjugações.....	118
Capítulo XXII.	
Texto: <i>Canis et musca</i>	123
Verbo <i>deponentes</i>	124

Fonte: Nóbrega (1959).

Figura 35 – Continuação da relação de todos os capítulos do livro “O Latim do Ginásio para a Terceira Série” com o título das fábulas de Fedro abordadas e os respectivos tópicos gramaticais

<i>O Latim do Ginásio – 3.ª Série</i>		279
Capítulo XXIII.	Pág.	
Texto: <i>Canes famelicis</i>	128	
Conjugação dos verbos chamados Irregulares.....	130	
Capítulo XXIV.		
Texto: <i>Vulpes et cornus</i>	132	
Verbo <i>no</i> e seus compostos.....	134	
Capítulo XXV.		
Texto: <i>Canes et crocodili</i>	136	
Verbos <i>no</i> e <i>malo</i>	137	
Capítulo XXVI.		
Texto: <i>Canis per fluvium carnem ferens</i>	139	
Verbo <i>fero</i> e seus compostos.....	141	
Capítulo XXVII.		
Texto: <i>Lupus et gruta</i>	144	
Verbo <i>eo</i> e seus compostos.....	146	
Capítulo XXVIII.		
Texto: <i>Dianum Socratis</i>	149	
Verbos <i>ho</i> e <i>edo</i>	150	
Capítulo XXIX.		
Texto: <i>Vulpes et aquila</i>	152	
Advérbios.....	154	
Capítulo XXX.		
Texto: <i>De fortuna hominum</i>	157	
Preposições.....	158	
Capítulo XXXI.		
Texto: <i>Musca et mula</i>	160	
Conjunções.....	162	
Capítulo XXXII.		
Texto: <i>Canis fidelis</i>	166	
Interjeições.....	167	
Capítulo XXXIII.		
Texto: <i>Vespera et lima</i>	170	
Sintaxe da oração independente.....	171	
OUTRAS FÁBULAS		
LIBER I		
<i>Rana regem petierunt</i>	174	
<i>Passer ad leporem consiliator</i>	176	
<i>Asinus et leo venantes</i>	177	
<i>Cervus ad fontem</i>	177	

Fonte: Nóbrega (1959).

ANEXO C

Quadro 5 – Relação das fábulas e fabulistas utilizados nos produtos pedagógicos das dissertações do Mestrado Profissional

Autor (Data)	Fábulas e fabulistas
Araujo (2017)	- Esopo: "A Lebre e a Tartaruga", "A Raposa e as Uvas", "A Cigarra e a Formiga", "A Assembleia dos Ratos", "O Pastor e os Lobos"; - Monteiro Lobato: "O Galo que logrou a Raposa".
Feliciano (2017)	- Esopo: "No tempo em que os bichos falavam", "A Raposa e as Uvas"; - Monteiro Lobato: "A Raposa e as Uvas", "Os dois Ladrões".
Marchioli (2017)	- Millôr Fernandes: "Os Animais e a Peste".
Monzillo (2017)	- La Fontaine: "A Cigarra e a Formiga", "A Raposa e a Cegonha", "A Liga dos Ratos", "O Lobo e o Cordeiro", "A Panela de Barro e a Panela de Ferro", "O Lobo e o Cachorro", "O Veado e a Videira", "O Galo e a Raposa", "A Águia e o Mocho", "A Raposa e as Uvas"
Morais (2017)	- Esopo: "A Lebre e a Tartaruga", "O Leão e o Ratinho", "A Cigarra e a Formiga", "O Burro e a pele de leão"; - La Fontaine: "A Raposa e o Galo", "A Galinha dos ovos de ouro"; - Monteiro Lobato: "A Cigarra e a Formiga"; - Ruth Rocha: "O Cão e a Carne", "A Raposa e as Uvas", "Fábulas de Esopo (livro)"; - Maurício de Souza: "A Cigarra e a Formiga", "O Pastor mentiroso", "A Tartaruga e a Lebre", "O Leão e o Ratinho", "A Assembleia dos Ratos", "A Raposa e o Corvo", "A Cegonha e a Raposa", "A Galinha dos ovos de ouro", "O Avarento", "A Raposa e as Uvas".
Moreira (2017)	- Esopo: "O Leão e o Rato"; - La Fontaine: "A Rã que queria ser do tamanho Touro", "As duas Mulas", "A Andorinha e os outros Passarinhos", "O Lobo e o Cordeiro", "O grande Congresso dos Ratos", "Os dois Touros e a Rã", "O Leão e o Mosquito", "O Leão e o Rato" "O Corvo e a Raposa" e "A Raposa e o Bode"; - Monteiro Lobato: "O Leão e o Ratinho"; - Sérgio Capparelli: livro "Fábulas".
Rodrigues (2017)	- La Fontaine: "Os dois amigos e o urso"; - Monteiro Lobato: "O Leão e o Ratinho"; - Eva Furnari: "O Coelho e a Tartaruga"; - Ruth Rocha: "A Cigarra e a Formiga"; - William J. Bennett: "O menino que mentia"; - Autor não identificado: "O Galo que logrou a Raposa".
Silva, R. (2017)	- Esopo: "O Rouxinol e o Gavião", "Assembleia dos Ratos", "O Leão, o Burro e a Raposa"; - Fedro: "O Lobo e o Cordeiro"; - La Fontaine: "O Leão, a Vaca, a Ovelha e a Cabra", "O Leão e o Rato".
Silva, V. (2017)	- Esopo: "O Avarento", "A Cigarra e a Formiga"; - Fedro: "O Lobo e o Cordeiro"; - La Fontaine: "A Pomba e a Formiga"; - Monteiro Lobato: "A Corrida de Sapinhos"; - Sérgio Capparelli: "A Galinha do mato e a Galinha da granja", "O Cachorro nervoso", "A raposa zoolímpica", "O Gambá invisível", "O Sabiá e o Quero-quero", "O medo da borboleta", "Pardal que come pedra...".
Soares Junior (2017)	- Esopo: "A Lebre e a Tartaruga", "Os dois Viajantes e o Urso", "A Raposa e a Cegonha";

	<ul style="list-style-type: none"> - Monteiro Lobato: "A Coruja e a Águia", "A Gralha enfeitada com penas de pavão", "O Galo que logrou a Raposa"; - Millôr Fernandes: "O Rei dos animais", "O Gato e a Barata", "O Lobo e o Cordeiro".
Sousa (2017)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "Os Lobos e os Cordeiros", "O Rato, o Gato e o Galo", "O Pescador e o Peixe", "O Javali e a Raposa", "A Tartaruga e a Lebre", "A Raposa e as Uvas", "A Reunião geral dos Ratos"; - La Fontaine: "O Lobo e o Cordeiro"; - Millôr Fernandes: "A Cigarra e a Formiga", "Partida amistosa", "O Leão, o Burro e o Rato", "O Jacaré e o Sapo: À maneira dos... chineses"; - Vaz Nunes: "A Cigarra e a Formiga".
Chagas (2018)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "O Leão e o Rato", "O Lobo e o Cordeiro", "O Cão e a Lebre", "O Lavrador e a Serpente congelada".
Doin (2018)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "O Lobo e o Cordeiro", "O Corvo e a Raposa", "O Cão e o Lobo".
Louzada (2018)	<ul style="list-style-type: none"> - Monteiro Lobato: "A Cigarra e as Formigas", "O Sabiá e o Urubu", "O Lobo e o Cordeiro", "O Cavalo e as Mutucas".
Ribeiro (2018)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "A Cigarra e a Formiga", "A Lebre e a Tartaruga"; - Monteiro Lobato: "A Cigarra e a Formiga Boa", "A Cigarra e a Formiga Má"; - Autor não identificado: "O lobo e o cachorro", "O pastor brincalhão", "A Raposa e as Uvas".
Souza, C. (2018)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "A Lebre e a Tartaruga"; - La Fontaine: "A Raposa e as Uvas", "O Lobo e o Cordeiro" e "A Raposa e o Corvo"; - Monteiro Lobato: "O Lobo e o Cordeiro".
Souza, L. (2018)	<ul style="list-style-type: none"> - La Fontaine: "A Cigarra e a Formiga"; - Autor não identificado: "A Lebre e a Tartaruga" e "Rui, o leão".
Azevedo (2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Coleção Disquinho: "A Cigarra e a Formiga".
Fernandes (2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Mansour Chalita: "O Conselheiro".
Lopes (2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "A Rã e o Touro", "A Raposa e o Corvo", "A Galinha dos ovos de ouro", "A Formiga e a Pomba", "A Lebre e a Tartaruga", "A Cigarra e a Formiga", "O Leão e o Rato", "O Corvo e o Jarro", "O Fasão vaidoso", "O Fazendeiro e seus Filhos", "O Urso e as Abelhas", "O Touro e a Cabra", "O Cachorro, o Galo e a Raposa".
Melo (2019)	<ul style="list-style-type: none"> - La Fontaine: "O Leão e o Rato", "A Lebre e a Tartaruga"; - Monteiro Lobato: "O Lobo e o Cordeiro"; - Theobaldo Miranda Santos: "O Cavalo e o Burro".
Nascimento (2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Vera Tylde: "Quixote sem Mancha".
Oliveira, A. (2019)	<ul style="list-style-type: none"> - La Fontaine: "A Cigarra e a Formiga", "O Conselho dos Ratos", "O Raposo e o Bode", "O Gato e o Rato velho", "A Mosca e a Formiga"; - Millôr Fernandes: "A Sorte e o Azar", "O Leão, o Burro e o Rato", "A Velhice e a Sabedoria ou Pra que serve a sabedoria?", "A Pança dos poderosos", "O Jatobá e os Juncos"; - Guilherme Figueiredo: "O Leão e o Ratinho".
Silva (2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "A Cigarra e as Formigas"; - La Fontaine: "A Cigarra e a Formiga"; - Monteiro Lobato: "A Formiga má" (A cigarra e as formigas); - Millôr Fernandes: "O Leão e o Rato"; - Rubem Alves: "Urubus e Sabiás".
Bezerra (2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "O Sapo e o Boi"; - La Fontaine: "A Cigarra e a Formiga";

	<ul style="list-style-type: none"> - Monteiro Lobato: "A Coruja e a Águia"; - Nicéas Romeo Zanchett: "A Galinha dos ovos de ouro"; - Autor não identificado: "O Galo que logrou a Raposa", "O Lobo e o Cabritinho", "O Alce os Lobos".
Gonçalves (2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "O Cavalo e o Asno", "O Lobo e o Cordeiro", "O Leão, o Lobo e a Raposa", "A Galinha dos ovos de ouro", "A Raposa e as Uvas", "O Estômago e os Pés", "O Corvo e a Raposa", "A Raposa e os Carrapatos", "A Cigarra e a Formiga", "O Leão velho e a Raposa", "O Abeto e o Cardo", "Os Bois e o eixo", "O Asno que se julgava leão", "O Caçador covarde e o Lenhador", "O Cabrito e o Lobo que tocava flauta", "O Bambu e a Oliveira", "O Veado e o Leão", "A Raposa e a Cegonha"; - Bábrio: "O Sol e as Rãs"; - La Fontaine: "A Cigarra e a Formiga"; - Monteiro Lobato: "A Cigarra e a Formiga", "A Menina do Leite", "A Coruja e a Águia", "O Corvo e o Pavão", "O julgamento da Ovelha", "O Galo que logrou a Raposa"; - Millôr Fernandes: "A Descoberta"; - Kaká Werá Jecupé: "Iauaretê e a Anta"; - Adilson Martins: "A Tartaruga e o Galo"; - Pedro Bandeira: "Contrafábula da Cigarra e da Formiga", "A Menina e o Sonho", "O Velho, o Menino e o Burro", "O Toco de Lápis", "O Burrico cantor"; - Raquel Gazolla: "A Baleia e o Tubarão".
Jordão (2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "A Cigarra e a Formiga", "A Lebre e a Tartaruga"; - Monteiro Lobato: "Assembleia dos ratos", "O Ratinho, o Gato e o Galo"; - Millôr Fernandes: "A Descoberta"; - Rachel de Andrade: "O Galo cantor".
Pinheiro (2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "A Cigarra e as Formigas", "O Leão e o Rato agradecido"; - La Fontaine: "A Cigarra e as Formigas", "O Leão e o Rato agradecido".
Santos (2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "A Raposa e as Uvas"; - La Fontaine: "O Galo e a Pérola"; "O lobo e o cordeiro"; "A Raposa e as Uvas"; - Monteiro Lobato: "A Raposa e as Uvas"; "A Formiga boa (A Cigarra e a Formiga)"; "A Formiga Má (A Cigarra e a Formiga)"; - Ruth Rocha: "A Cigarra e as Formigas"; - Boccage: "A Cigarra e as Formigas".
Souza, A (2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "A Tartaruga e a Lebre"; "O Vento e o Sol"; "Os dois Cães"; "O Leão e o Rato"; "O Gato e os Ratos"; "A Raposa e a Sarça"; "O Lobo e a Velha"; "O Leão e a Raposa"; "A Corça e o Leão"; "A Galinha dos ovos de ouro"; "A raposa e as uvas"; "O Leão apaixonado e o Camponês"; - La Fontaine: "O Homem e a Serpente"; "O Gato e o Velho Rato"; "O Leão doente e a Raposa"; "A Cigarra e a Formiga"; "A Raposa e as Uvas"; "O Asno e o Cavalo"; - Monteiro Lobato: "O Lobo e o Cordeiro"; "Burrice"; "A Onça doente"; "O Sabiá e o Urubu"; "A Raposa e as Uvas"; "A Coruja e a Águia"; - Millôr Fernandes: "A Causa da chuva"; "Hierarquia"; "O Rei dos animais"; "A Barata e o Rato"; "A Raposa e as Uvas"; "O Rato que tinha medo"; "O Gato e a Barata".
Souza, C. (2020)	<ul style="list-style-type: none"> - La Fontaine: "O Galo e a Raposa".
Silva (2021)	<ul style="list-style-type: none"> - Esopo: "A Cigarra e as Formigas", "A Formiga e a Pomba", "O Rouxinol e o Falcão", "O Leão apaixonado", "A Raposa e as Uvas", "A Raposa e a Cegonha";

	<ul style="list-style-type: none">- La Fontaine: "A Cigarra e as Formigas", "O Corvo e a Raposa", "A Lebre e a Tartaruga", "O Lobo e o Cordeiro", "O Corvo e a Raposa";- Monteiro Lobato: "A Cigarra e as Formigas", "A Galinha dos ovos de ouro", "A Coruja e a Águia", "A Assembleia dos Ratos".
Moraes (2021)	<ul style="list-style-type: none">- Esopo: "O Rato da cidade e o Rato do campo";- Autor não identificado: "O Colibri na floresta em chamas".

Fonte: A autora (2023).